UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

**LAZER, EDUCAÇÃO INFORMAL E TRAÇOS
CULTURAIS DO MIGRANTE BRASILEIRO QUE
PERMANECE TEMPORARIAMENTE
NO JAPÃO**

**DIÁLOGO DE TRAÇOS ÉTNICO-CULTURAIS
E DE LAZER ENTRE BRASILEIROS NO JAPÃO
E JAPONESES NO BRASIL**

LUCI TIHO IKARI

Tese apresentada no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Comunicação, como exigência para obtenção de título de Doutor, na área de Concentração “Relações Públicas, Propaganda e Turismo”, linha de pesquisa “Turismo e Lazer”

Orientador: Prof. Dr. Américo Pellegrini Filho

SÃO PAULO
2007

Comissão Julgadora

Presidente

Membro

Membro

Membro

Membro

Agradecimentos

Meus sinceros agradecimentos aos participantes da amostra, que, com boa vontade e paciência, responderam ao questionário e concederam entrevistas, despendendo seu precioso tempo. E também a todas as pessoas que, direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho, em especial, o CIATE, por ter permitido a aplicação da maioria dos instrumentos de coleta de informações.

Brasil e Japão,
mais um migrante parte
atrás de um sonho.
(haicai da autora)

LAZER, EDUCAÇÃO INFORMAL E TRAÇOS CULTURAIS DO MIGRANTE BRASILEIRO QUE PERMANECE TEMPORARIAMENTE NO JAPÃO:

Diálogo de traços étnico-culturais e de lazer entre brasileiros no Japão e japoneses no Brasil.

RESUMO: Pesquisa sociocultural quali quantitativa descritiva sobre o lazer, educação informal e traços culturais de brasileiros que permaneceram temporariamente no Japão, em busca de melhores condições de vida. Inicia-se elaborando uma discussão conceitual e teórica do lazer e de suas funções, tempo livre, tempo liberado e desemprego, educação não formal e informal, e faz um recorte de traços culturais. Apresenta aspectos do desemprego no Brasil e na Região Metropolitana de São Paulo, nas décadas de 1980 e 1990, com breve relato circunstancial do movimento migratório de brasileiros para o Japão. Caracteriza o público-alvo da amostra, com base na aplicação do questionário, e aborda a história de vida de brasileiros, mediante entrevistas gravadas, em fitas cassetes, com questões abertas padronizadas e estudo bibliográfico. Analisa as informações colhidas, apontando contribuições e impactos socioculturais de brasileiros na vida de japoneses. Esses resultados compõem o fio condutor nutrido com fatos semelhantes vivenciados pelos imigrantes japoneses no Brasil, anteriormente explanados na dissertação de mestrado¹, elaborando um diálogo sincrônico. Conclui-se que há evidências do imbricamento do lazer e educação informal na formação dos traços culturais dos migrantes brasileiros no Japão, assim como ocorreu com imigrantes japoneses no Brasil.

PALAVRA-CHAVE: Lazer, tempo livre, desemprego, educação informal, traços culturais, cultura solidária, migrante brasileiro, imigrante japonês.

¹ Ikari. “Lazer e tempo livre da comunidade nikkei na Região Metropolitana de São Paulo – estudo das atividades e eventos esportivos, culturais e sociais”. ECA – USP, 2002.

LEISURE, INFORMAL EDUCATION AND CULTURAL FEATURES AS FOR BRAZILIAN MIGRANTS WHO LIVE TEMPORARILY IN JAPAN:

A dialog between the ethnic/cultural features as well as the leisure activities of Brazilians in Japan and those of Japanese in Brazil.

ABSTRACT: This research encompasses qualitative and quantitative social-cultural aspects as to leisure, informal education and cultural features of Brazilians who lived temporarily in Japan in search for better living conditions. Firstly, a conceptual and theoretical discussion deals with issues such as leisure and its roles, free time, liberated time and unemployment, non-formal and informal education, and it outlines those Brazilians' cultural features. Additionally, it addresses unemployment in Brazil and in the Metropolitan Area of São Paulo in the 80s and 90s, with a short circumstantial report on Brazilians' migration to Japan. The target public which comprises the sample is assessed with basis on questionnaires, and their history is approached through interviews consisting of standardized open questions recorded in cassettes, and through a bibliographical study. An analysis of the information gathered is provided, showing the Brazilian contribution to the Japanese life and what its social and cultural impacts on the local people were. Such findings make up this study guideline, furnished with similar situations faced by Japanese immigrants in Brazil formerly reported in a master's thesis*, resulting in a synchronic dialog. It is apparent that both leisure and informal education have wielded considerable influence upon the cultural features of Brazilian migrants in Japan, likewise it happened to Japanese immigrants in Brazil.

KEY- WORDS: Leisure, free time, unemployment, informal education, cultural features, solidarity culture, Brazilian migrant, Japanese immigrant.

* Ikari. *"Lazer e tempo livre da comunidade nikkei na Região Metropolitana de São Paulo - estudo das atividades e eventos esportivos, culturais e sociais"* (Leisure and free time in the *nikkey* community in the Metropolitan Area of São Paulo – a study of their sporting, cultural and social activities and events). ECA – USP, 2002.

LISTA DE QUADROS

QUADRO I - Características dos sujeitos por gênero, idade, escolaridade, educação informal e lazer	16
QUADRO II – Atividades e eventos esportivos, culturais e sociais.....	17
QUADRO III – Atividades e eventos – seus benefícios.....	18

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 – Localidade da aplicação do questionário	83
FIGURA 02 – Composição dos sujeitos por gênero (M/F)	83
FIGURA 03 – Composição por faixa etária	84
FIGURA 04 – Faixa etária – gênero	85
FIGURA 05 – Escolaridade	85
FIGURA 06 – Escolaridade – gênero	86
FIGURA 07 – Escolaridade – Idade	88
FIGURA 08 – Presença de educação informal	88
FIGURA 09 – Educação informal – gênero	89
FIGURA 10 - Educação informal – idade	89
FIGURA 11 - Educação informal – escolaridade	90
FIGURA 12 – Lazer ativo/passivo	91
FIGURA 13 – Lazer – faixa etária.....	91
FIGURA 14 - Lazer – nível de escolaridade	92
FIGURA 15 – Lazer ativo/passivo – escolaridade	92
FIGURA 16 - Atividades e eventos esportivos, culturais e sociais	93
FIGURA 17 - Atividades e eventos esportivos.....	94
FIGURA 18 - Atividades e eventos culturais.	95
FIGURA 19 - Atividades eventos sociais.....	95
FIGURA 20 - Atividades e eventos esportivos – gênero.....	97
FIGURA 21 - Atividades e eventos culturais – gênero	97
FIGURA 22 - Atividades eventos sociais – gênero	97
FIGURA 23 – Benefícios das atividades e eventos	98
FIGURA 24 – Tempo de permanência no Japão	104

SUMÁRIO

Resumo/Abstract.....	v
1 Introdução	1
1.1 Problema do tema e justificativa.....	3
1.2 Hipóteses.....	9
1.3 Objetivos	10
1.4 Procedimentos metodológicos	11
1.5 Estrutura do texto.....	27
2 Lazer/tempo livre, educação informal e traços culturais	28
2.1 Lazer/tempo livre	28
2.1.1 Discussão do tempo de trabalho, tempo liberado e lazer.....	33
2.1.2 Funções do lazer	37
2.1.3 Tempo liberado e desemprego	49
2.1.4 Conceito do tempo livre e lazer	55
2.2 Educação informal e traços culturais	57
2.2.1 Traços culturais.....	65
3 Desemprego e perfil de brasileiros retornados do Japão	70
3.1 Desemprego no Brasil e na megalópole paulistana	70
3.2 Breve relato circunstancial do movimento migratório de brasileiros no Japão	78
3.3 Caracterização dos brasileiros retornados do Japão.....	82
3.4 Síntese das principais idéias	101
4 História de vida de brasileiros no Japão: diálogo de traços étnico-culturais e de lazer em relação aos dos imigrantes japoneses no Brasil.....	104
4.1 Experiência positiva e/ou negativa no Japão: pequeno relato;	105
4.2 Costumes:	114
4.2.1 valores culturais,	115
4.2.2 alimentação,	119
4.2.3 religião e crença,	129
4.2.4 língua e linguagens,.....	134
4.2.5 lazer no tempo livre;	139
4.3 Integração entre brasileiros e japoneses	145
4.4 Relações de amizade e formação do capital social	151
4.5 Valores individuais: ter ou vivenciar	154

4.6 Adoção da brasilidade pelos japoneses.....	156
4.7 O retorno ao Brasil: readaptação	158
4.8 Síntese das principais idéias	160
5 Cultura solidária, lazer e traços culturais étnicos	170
5.1 Cultura solidária.....	170
5.2 O “mutirão”: exemplo de cultura e lazer solidários.....	171
5.3 Cultura solidária e o lazer na formação das associações da comunidade nikkei	177
5.4 Ações e projetos de cultura solidária entre japoneses e brasileiros:	181
5.4.1 Centro de Informação e Apoio ao Trabalhador no Exterior (CIATE)	183
5.4.2 Grupo Nikkei de Promoção Humana	185
5.4.3 Instituto de Solidariedade Educacional e Cultural (ISEC).....	187
6 Considerações Finais	193
Referências Bibliográficas.....	199
Apêndices.....	208
Apêndice A – Questionário.....	209
Apêndice B – Roteiro da entrevista	210
Apêndice C – Características e dificuldades.....	211
Apêndice D – Atividades de lazer do imigrante japonês no Brasil	233
Anexos	251

This document was created with Win2PDF available at <http://www.daneprairie.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é, em parte, uma extensão da dissertação de Mestrado¹ da autora, na qual se estudou o processo de desenvolvimento do lazer através dos tempos, valores culturais étnicos e desenvolvimento do lazer nas associações e clubes da comunidade nikkei², como amenizadores e facilitadores no processo de conquista espacial dos imigrantes japoneses, no Brasil. No presente estudo pretende-se estudar e aprofundar o tema, num caminho inverso, com brasileiros no Japão, identificando os impactos e as contribuições socioculturais semelhantes ocorridas, no país de destino, e no retorno ao Brasil, elaborando diálogo entre traços culturais apresentados pelos brasileiros no Japão e imigrantes japoneses no Brasil.

No limiar do século XXI, vive-se em um mundo ambíguo. A globalização, o crescimento econômico, melhorias tecnológicas e de vida de alguns países e povos também estão criando uma distância maior entre os que podem e os que não podem competir em igualdade de condições. As diferenças são muitas: culturais, étnico-raciais, de crenças, sócio-econômicas e educacionais. Alguns não aceitam as imposições políticas autoritárias dos países mais fortes, tendo como exemplo os recentes atos de terrorismo em Nova Iorque, Madri e Londres. Essa situação mostra claramente a necessidade de investigarmos com maior cuidado as diferenças e as semelhanças inter-

¹ Ikari. “Lazer e tempo livre da comunidade nikkei na região metropolitana de São Paulo – estudo das atividades e eventos esportivos, culturais e sociais”. ECA – USP, 2002.

² Cf. Nakamaki, sobre a expressão nikkei: após a Segunda Guerra Mundial “os japoneses passaram de residentes estrangeiros no Brasil a nikkeis” (2002:50). E, conforme Fukasawa, sociólogo e jornalista japonês, sobre a expressão *nikkeijn*, ‘os japoneses que imigraram para o exterior e seus descendentes’ (2002: 168). *Jin*, em tradução literal significa pessoa, portanto, os japoneses que imigraram para outros países e seus descendentes, que vivem fora do Japão, seja no Havai (EUA), Peru, Bolívia ou Brasil. Dessa forma, com o passar dos anos a comunidade nikkei no Brasil passará a ser constituída de descendentes de japoneses, com a morte natural de isseis (primeira geração de imigrantes japoneses).

raciais, étnicas e culturais, pois os países ficam mais próximos pela tecnologia dos meios de comunicação de massa, que atualizam acontecimentos a toda hora, e alguns valores se internacionalizam com a desigual política de dominação. Da mesma forma, enquanto algumas pessoas vivem em condições econômicas, culturais, sociais, educacionais e até de lazer mais favorecidas, outras têm pouco acesso a esses setores e serviços, e seus costumes, crenças e padrões sociais não são considerados e valorizados. São contingentes excluídos do grupo dos mais fortes sobre os mais fracos. Tais situações estão presentes em todas as sociedades, assim como a riqueza em contraposição à pobreza, miséria, violência e segregação étnico-racial.

Nesse contexto, encontram-se brasileiros em busca de trabalho e/ou de estudos em diferentes países. Em 2002, já havia cerca de 268.332 trabalhando³ no Japão, que outrora encaminhou imigrantes japoneses para o Brasil, pois, a partir da década de 1980 passou a despontar economicamente no mundo, com alta valorização de sua moeda, *yen*, enquanto o Brasil mergulhava na alta inflação, com estagnação econômica, como veremos no capítulo 3. O Japão, com cultura étnica até então homogênea, passou a receber migrantes de vários países por absoluta falta de mão-de-obra⁴, tendo os brasileiros como 3º maior contingente de população do país, antecidos de chineses e coreanos, o que gerou uma nova realidade de composição complexa.

O Brasil encaminhou mais brasileiros para o Japão do que o número total de imigrantes japoneses recebidos no país. De 1908 (data da entrada dos primeiros imigrantes), até o início da Segunda Guerra Mundial⁵, tinham entrado no Brasil 196.737 japoneses, somando-se 53.555 após a guerra, até 1988⁶, num total de 250.292 pessoas,

³ Fonte: Japan Immigration Association – Heisei 15 (Ano 2002).

⁴ Índice de natalidade vem abaixando no país, desde 1968. “População tem pior crescimento”, in: *São Paulo Shimbun*, 28/07/2005, p.01.

⁵ Segunda Guerra Mundial ocorreu de 1939 a 1945.

⁶ Cf. Nakasumi e Yamashiro (1992: 423-429).

em 80 anos, de 1908 a 1988, enquanto, em menor tempo, considerando-se como início a década de 1980, quando os brasileiros passaram a procurar o Japão, até o ano de 2006, o total de brasileiros no Japão já era de 302.080 brasileiros⁷.

Alguns desses brasileiros, no Japão, tiveram sucesso nos esportes, nas artes, na música; porém, outros não tiveram a mesma sorte. Muitos tiveram dificuldade de adaptação, assimilação de costumes e aceitação de regras do país. Há vários estudos a respeito do assunto nos Anais de seminários e de simpósios, publicados pelo CIATE (Centro de Informação e Apoio aos Trabalhadores no Exterior), sob o auspício do governo japonês e de demais estudiosos constantes no presente tema.

1.1 PROBLEMA DO TEMA E JUSTIFICATIVA

Para circunstanciar o problema do tema observou-se a existência de impactos socioculturais de brasileiros no Japão, em situações semelhantes às encontradas na vida dos primeiros imigrantes japoneses no Brasil. Tanto uns como outros tiveram que enfrentar situações sociais desafiadoras, sendo levados a construir e reconstruir sua identidade. A identidade *“é um fator original redefinido mediante uma herança cultural submetida a situações desafiadoras”* (MEIHY, 2002:73). Por isso, *“grupos imigratórios expostos a uma cultura que os atrai tendem a viver processos duplos de identificação”* nas sociedades de destino, onde a *“adesão a outro meio não é absoluta nem harmoniosa”*, relacionando-os com os valores culturais de origem, procedendo *“diálogo que implica renúncias e escolhas, enfim, mudanças”*, conforme Meihy, (2002:75).

⁷ Cf. “Rumo ao Japão”, in: *Made in Japan*, n. 110, ano10 (nov.de 2006), p.18.

No caso estudado, *dekassegui*⁸ brasileiros no Japão têm sido protagonistas de problemas sociais, como indicam algumas referências e notícias:

- “Sobre criminalidade de brasileiros no Japão” (Ohkuma, 2004: 59-101)
- “Número de crimes cometidos por estrangeiros bate recorde” (*Nipo-Brasil*, 24 a 30 de março de 2004: 2-B)
- “Crimes de dekassegus trazem japoneses a São Paulo” (*O Estado de S. Paulo*, 20 de janeiro de 2004: C-3)
- “Número de estrangeiros acusados de crimes aumenta” (*São Paulo Shimbun*, 6 de setembro de 2003, p.4)
- “Dekasseguis são procurados pela Interpol após assalto” (*Jornal do Nikkey*, 19 de junho de 2003: p.2)
- “Brasileiro pega 15 anos por matar e queimar peruano” (*Nipo-Brasil*, 2 a 8 de abril de 2003: 3-B)
- “Sobe número de dekassegus ligados a crimes” (*O Estado de S. Paulo*, 23 de fevereiro de 2003, p.C-3)
- “Somos um problema” (*Folha de S. Paulo*, 13 de fevereiro de 2003)
- “Brasileiros criminosos no Japão” (Arai, *Made in Japan*, ano 3, n.25, p.24-35)

Por outro lado, quando o *dekassegui* volta para o Brasil também encontra problemas de readaptação, embora não chegue a ser noticiado em jornais. Todavia, esse problema aparece no presente estudo.

⁸ *Dekassegui*: termo de origem japonesa, utilizado para migração de pessoas que saem de um lugar em direção a outro, para ganhar a vida. A forma da escrita difere da encontrada no dicionário *Houaiss* de língua portuguesa, *decasségui*, pouco utilizada, o que fez decidir pela escrita *dekassegui*, mais conhecida no contexto social brasileiro, no singular, desde os estudos iniciados no mestrado da autora.

Será que os brasileiros tiveram experiências positivas, além das negativas, em suas experiências de vida no Japão? Será que os brasileiros procuram o Japão somente pelos fatores econômico-financeiros? Será que tinham momentos de lazer e tempo livre? Será que está ocorrendo integração entre brasileiros e japoneses, no Japão? Será que os brasileiros conseguiram fazer amizade com japoneses? Será que está havendo contribuições culturais de brasileiros no Japão, assim como ocorreu com o imigrante japonês? Enfim, quais as soluções encontradas pelos brasileiros para superar, administrar e conciliar a questão do trabalho e lazer e a diferença cultural?

Esses questionamentos originaram o roteiro das entrevistas, que contribuíram para o enriquecimento do assunto em pauta.

Hoje, sabe-se que, por meio de vivência de práticas cotidianas de interações sociais no contexto escolar e de lazer, há vários exemplos nacionais e internacionais, mostrando pessoas que têm a oportunidade de conhecer, participar, aprender e imbuir-se de saberes, aproximando-se e diminuindo distâncias culturais entre seu meio social e o de outros, que, até então, não faziam parte de sua vida, utilizando-se da aprendizagem e da educação informal que ocorrem nos momentos de lazer.

Observa-se igualmente a existência de vários projetos e ações privadas, públicas e mistas, nas interações sociais, nas áreas educacionais e econômicas, cujos resultados têm repercussão positiva na sociedade brasileira. São situações que se processam na trajetória de vida dos indivíduos, desde sua infância, por meio de jogo da imitação, acomodação, assimilação, adaptação, interação e representação simbólica, no seu meio ambiente, como colocado por Piaget (1978), desde os primeiros tempos da infância. Portanto, o lazer e a educação informal se acham estreitamente imbricados. A educação informal se processa mediante o acompanhamento dos pais, familiares e

sociedade em geral na formação de crianças, de jovens e, mais tarde, de adultos, no meio social onde estão inseridos.

Nessas situações vivenciadas pelas pessoas, elas têm a oportunidade de organizar suas leituras e releituras do mundo, abstraindo os valores que estão sendo passados, construindo seus saberes individuais e coletivos, elaborando reflexões, escolhas e decisões. São saberes construídos ao longo de toda a vida, de acordo com Freire (1984,1996). Portanto, iniciam-se no seio familiar e, posteriormente, desenvolvem-se nas relações sociais com parentes, amigos, colegas de estudo, de trabalho ou de lazer, ou valendo-se da leitura de revistas e livros, ou da TV etc. Esse conjunto de elementos do contexto social vai somando a constituição da educação informal, enriquecendo também o capital social de rede de relações sociais na formação de cada indivíduo e no estilo de vida de brasileiros que vão, voltam e retornam ao Japão. Esse movimento migratório vai construindo o contexto étnico-cultural do indivíduo, com novas leituras de facetas da vida, que vão se miscigenando e, por vezes, até se internacionalizando em alguns aspectos.

Desse modo, com a movimentação intensa de grupos étnicos e raciais nos espaços mundiais, o Japão também se internacionaliza e globaliza em seu território, passando a ter outra conotação na fronteira política e econômica trazida e movimentada pelas pessoas. Conseqüentemente, desse processo decorrem problemas étnicos, raciais e culturais das diferenças próprias de cada grupo social e humano, de seus costumes, valores, línguas e crenças, assim como ocorrem várias contribuições.

Faz-se, então, necessário conhecer essas transformações, que modificam e vão formatando atitudes, hábitos, aquisições, desuso de alguns costumes, modificados com as novas ordens mundiais, estabelecendo tendências e feições

cotidianas, pessoais e sociais, como do público-alvo, em sua ação dinâmica numa sociedade, objeto de estudo.

Assim, há mudanças na vida de brasileiros no Japão ao tentarem adaptar-se e assimilar-se a novas regras de uma sociedade diversa da sua, assim como ocorreu com os primeiros imigrantes japoneses no Brasil⁹. Esses, no intuito de amenizar os impactos socioculturais, foram introduzindo seus lazeres, como já estudado no texto referente ao lazer no Japão e no Brasil, na dissertação de Mestrado.

1.1.1 Justificativa:

Em vista dos fatos arrolados, verifica-se a existência de um contingente considerável de brasileiros no Japão, tornando importante o seu estudo, no atual contexto social, onde se originam conflitos e problemas próprios do contato das diferenças da diversidade cultural, racial e étnica, sem esquecer as várias contribuições advindas desse mesmo contato. Tais fatos podem interferir, não só nas condições de trabalho, mas também no atendimento ao bem-estar dos cidadãos aceitos na sociedade japonesa.

Portanto, torna-se imprescindível o conhecimento do perfil cultural característico dos brasileiros e da sociedade autóctone na ação dinâmica dos acontecimentos cotidianos, para a melhor compreensão de valores culturais aceitos, escolhidos e adquiridos informalmente, nos tempos liberados, livres e de lazer, buscando o bem-estar.

⁹ A imigração japonesa iniciou-se em 1908, e em 1973 chegaram os últimos navios com imigrantes japoneses ao Brasil (Nakasumi e Yamashiro, 1992: 434). A saga da vida de imigrantes japoneses no Brasil pode ser conhecida nos filmes “Gaijin 1 e 2”, sob a ótica da direção de Tizuka Yamazaki, e da produção da novela, “Haru to Natsu” pela estatal japonesa NHK (Nippon Hôso Kyokai), baseados em documentos, relatos e fatos reais vivenciados pelos japoneses no Brasil.

Conseqüentemente, faz-se necessária uma conscientização maior de ambas as populações para o desenvolvimento conjunto e também para o enriquecimento econômico, cultural e social para si e para sua sociedade. Elas necessitam uma da outra, para coexistência com interesses mútuos, numa sociedade multicultural, em que reine clima de ambiente sustentável e de respeito, na delicada relação de interculturalidade, com reflexos na situação trabalhista.

Dessa forma, há possibilidade de elaborar estudos em conjunto, de ambas as populações, relativos às várias contribuições, incluindo o lazer e a cultura, para seu bem-estar e integração.

Enfim, por não ter sido localizado nenhum trabalho semelhante, considera-se que o tema seja um vasto campo a ser pesquisado e estudado, em face do crescimento do tempo livre das pessoas e importância do lazer, da educação informal e de traços culturais, tanto nos países autóctones como alóctones, para compreensão e entendimento de ações e projetos de melhorias na vida desse segmento populacional.

Dispõe-se, portanto, de duas vertentes de resultados:

- Subsídio acadêmico sobre o tema - brasileiro no Japão e retornado ao Brasil - relativo a vários traços socioculturais que possam contribuir para o aprofundamento e a compreensão de traços culturais sobre adaptação, assimilação, costumes, relações de amizade, integração, adoção da brasilidade pelos japoneses, em consonância com educação informal e lazer.
- Subsídio com informações que visam a melhorar o bem-estar, como pessoa, do migrante brasileiro no seu ambiente social, por meio da cultura solidária, em ações e projetos bilaterais, japoneses e brasileiros, que possam facilitar a coexistência, o

respeito mútuo, a integração e a sustentabilidade das pessoas envolvidas no país de destino, para diminuir desgaste e impactos negativos.

1.2 HIPÓTESES

Com base no estudo efetuado na dissertação de mestrado e na bibliografia preliminar do presente trabalho constatou-se que nenhuma classe social dispensa formas de lazer em sua vida e, além disso, o estudo histórico mostrou que desde tempos remotos os seres humanos souberam despendar um tempo livre para as atividades voltadas para o próprio bem-estar e equilíbrio como pessoa com condições para enfrentar a dura realidade do trabalho, em relação a seus valores individuais e culturais. Portanto, a existência do uso do tempo livre para lazer, na vida de brasileiros no Japão e retornados ao Brasil, é também uma realidade. *Supõe-se que há evidência de atividades e eventos de lazer, exercendo benefícios na vida dessas pessoas, associados à educação informal, junto aos familiares e/ou ao grupo social onde estão inseridos, com suas semelhanças e diferenças culturais, como ocorrido com os primeiros imigrantes japoneses no Brasil.*

Foram também observadas, nos estudos do mestrado, várias contribuições dos imigrantes japoneses no Brasil, tanto do ponto de vista material (produtos alimentares, culinária, sementes de plantas, produtos artesanais, industriais e etc), como do imaterial (crenças, vocábulos, festas folclóricas, esportes típicos, etc). *Pressupõe-se que isso esteja ocorrendo com os brasileiros, no Japão, também.*

No Brasil, uma das características marcantes dos imigrantes japoneses era a constituição das associações para discutir problemas e encontrar soluções e mesmo para desenvolver atividades de lazer, baseadas na cultura solidária. Que soluções sociais

têm sido observadas na comunidade para esses problemas brasileiros? *Pressupõe-se que essas associações de brasileiros no Brasil e no Japão, atualmente, poderiam servir como uma das soluções dos problemas apresentados bem como para o desenvolvimento de atividades de lazer, cultura e educação informal em trabalho integrado entre Brasil e Japão, embora se presuma serem paliativas.*

Enfim, todos os pressupostos acima levam a *supor, pelas evidências, que os traços culturais, educação informal e lazer se encontram imbricados nos brasileiros que permanecem temporariamente no Japão.*

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo Geral

- O trabalho pretende conhecer aspectos étnico-culturais e de lazer que marcam o perfil de brasileiros na conquista do espaço japonês, elaborando diálogo com os apresentados pelos imigrantes japoneses no Brasil, focalizados na dissertação de mestrado.

1.3.2 Objetivos Específicos

- Discutir os conceitos de lazer e suas funções, tempo liberado, tempo livre, educação não formal e informal, e traços culturais;
- Caracterizar o perfil demográfico, as atividades e eventos de lazer, bem como seus benefícios nos brasileiros retornados do Japão (vide Quadro I, II e III dos procedimentos metodológicos);
- Relatar a cultura solidária em desenvolvimento entre japoneses e brasileiros.

1.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Pesquisa qualiquantitativa descritiva sobre lazer, educação informal e traços culturais de brasileiros que permaneceram temporariamente no Japão, representando o público-alvo da amostra.

Caracteriza o perfil demográfico desses sujeitos, com ênfase no lazer e seus benefícios. Posteriormente, identifica as vivências de brasileiros no Japão. Desta forma, pretende circunstanciar as duas situações, a do Brasil após seu retorno e a do Japão, durante sua permanência naquele país, para posterior diálogo cultural com fatos semelhantes ocorridos com os imigrantes japoneses no Brasil. Exemplifica ações e projetos existentes no Brasil, bem como as associações da comunidade nikkei aqui criadas, como tentativa para diminuir impactos negativos no Japão.

Para elaboração do conteúdo teórico realizou-se o estudo da revisão de referências bibliográficas, com base na citada dissertação de mestrado, que inclui leitura e técnica de fichamento de livros, revistas e jornais. Parte da referência se encontra nos acervos das seguintes bibliotecas: Centro de Estudos Japoneses (USP); Centro de Estudos Nipo-Brasileiros; Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP); Faculdade de Economia e Administração (FEA-USP); Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH-USP); Faculdade de Psicologia da Universidade de São Paulo; Fundação Japão; Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-USP); Pontífica Universidade Católica de São Paulo; Biblioteca do Itaú Cultural; Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, Sebrae e livros adquiridos pela autora.

Os artigos de jornais e revistas de circulação ao público da sociedade brasileira, em geral, e da comunidade nipo-brasileira, foram lidos, recortados, acondicionados e organizados em pastas suspensas, de acordo com os seguintes assuntos: desemprego no Brasil, *dekassegui* brasileiros no Japão, problemas de

migrantes, delitos de brasileiros no Japão, problemas sociais, bem-estar do cidadão, cultura solidária e responsabilidade social - para facilitar a consulta, coleta de informações e acesso, quando necessário.

Houve contatos com especialistas que cuidaram ou cuidam de assuntos ligados ao tema, como o diretor e presidente do CIATE¹⁰, o presidente do ISEC¹¹ e vice-presidente da Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, e coordenadora geral do Grupo Nikkei de Promoção Humana.

A autora participou de várias palestras, cursos, simpósios, encontros, seminários ligados ao assunto geral e partes do tema, promovidos pelo SESC em parceria com várias entidades, pelo CIATE, pela Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e pelo ISEC, estes três últimos desenvolvendo e enriquecendo com informações úteis a dinâmica da migração de brasileiros entre Brasil e Japão.

E, para a melhor compreensão e entendimento do trabalho desenvolvido pelo CIATE¹², a autora compareceu a palestras para preparação e capacitação direcionada aos que pretendem trabalhar no Japão, bem como assistiu a aulas de língua japonesa, para observação do desenvolvimento das atividades. Compareceu também a reuniões do ISEC, Grupo Nikkei de Promoção Humana, nesta última entidade como voluntária, por cerca de quatro meses.

¹⁰ Centro de Informação e Apoio ao Trabalhador no Exterior (CIATE).

¹¹ ISEC: Instituto de Solidariedade Educacional e Cultural, constituída e oficializada em 2004, desenvolvendo atividades em uma das salas da Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa (Bunkyo).

¹² O CIATE possui um *Guia para trabalhadores nikkeis*, bilíngüe (português e japonês), editada no Japão, com informações detalhadas sobre: papel do centro de assistência de empregos para nikkeis, lei trabalhista do Japão, seguro contra acidente de trabalho, seguro desemprego, seguro de saúde e de pensão dos assalariados, impostos variados, qualificação de permanência e demais informações para boa estada no Japão.

Fez visitas “in loco” a algumas ONG/NPO¹³ em andamento, que atuam no desenvolvimento da educação não-formal, com o objetivo de oferecer lazer social, educação informal e cultura solidária nas entidades metropolitanas paulistanas como: Projeto “Escola da Família” (cinco escolas da periferia da zona sul), “Monte Azul”, “Meninos de Morumbi” e “Associação Nacional de Assistência à Criança Santamarense”. Conversou e obteve, junto ao Itaú Cultural, material escrito sobre exemplos de projetos de desenvolvimento voluntário e educacional, cultura e lazer, em escolas de diferentes regiões brasileiras, exemplos que poderão servir como soluções paliativas para jovens fora da escola formal, no Japão, e para os retornados ao Brasil.

Para tomar ciência sobre bem-estar e conceito de ‘felicidade’, que as pessoas tanto buscam em suas vidas, foi ouvir palestras e ler alguns fascículos sobre o assunto, junto ao Instituto de “Ciência da Felicidade”, fundado em 1986 no Japão, portanto com cerca de 20 anos de existência e há quase 12 anos no Brasil, com filiais também nos Estados Unidos, Canadá, Inglaterra, Austrália, China e Coréia.

O estudo pretende construir o conhecimento do objetivo geral, valendo-se dos resultados das informações obtidas pela aplicação do questionário com questões fechadas, sobre o perfil demográfico dos sujeitos da amostra retornados do Japão, e da entrevista oral estruturada, com questões abertas, para dar maior liberdade de expressão aos sujeitos, em suas colocações sobre as vivências no Japão. Tanto os resultados dos questionários como também os das entrevistas foram condensados e quantificados em porcentagem, quando possível, a fim de dar uma noção mais precisa dos fatos observados na aplicação dos instrumentos de pesquisa¹⁴.

¹³ ONG: organização não governamental e NPO: *Non Profit Organization*, ou seja, organização sem fins lucrativos.

¹⁴ Cf. Costa, em seu texto “Receita para pesquisa: será que isso existe?”, In: *Revista Brasileira de Ciência & Movimento*, São Caetano do Sul, SP: CELAFISCS e UniABC, 1993, v.07, n.01,03,04, p. 57-70.

Posteriormente, o trabalho elabora diálogo cultural com características apresentadas no estudo efetuado no mestrado. São duas situações socioculturais separadas pelo espaço (Brasil/Japão) e pelo tempo (os brasileiros retornados ao Brasil, com experiência de vida no Japão, no contexto atual, e os imigrantes japoneses no Brasil); todavia permitem reflexões e comparações, feita a ressalva de diferenças naturais provocadas pelos dois fatores – espaço e tempo – indicados.

Embora se saiba de antemão que a história da imigração japonesa no Brasil é mais longa que a dos brasileiros no Japão, nota-se, pelas notícias veiculadas nos jornais, revistas e mesmo em alguns livros, que situações muito análogas estão acontecendo com brasileiros, em relação a dificuldades para adaptação aos costumes, em geral. Mesmo sendo filhos e/ou descendentes de japoneses, desconhecem muitos desses costumes, além da dinâmica de sua evolução, o linguajar e outros traços culturais que não correspondem mais ao que eram anteriormente.

Mesmo para o japonês imigrado e estabelecido por muito tempo no Brasil, as diferenças se tornaram muito grandes; e então o que se pode dizer de pessoas que nunca tiveram nenhum contato com japoneses? Os fatos e acontecimentos são mais fortes, e, em tempo, mais curtos. Portanto, o presente trabalho é um estudo sincrônico dos acontecimentos e transformações do Japão com os brasileiros e imigrantes japoneses no Brasil, sem a preocupação do fator tempo.

Dessa forma, este trabalho tentará apontar e caracterizar os comportamentos sócio-humanos, culturais e de lazer do perfil dos sujeitos advindos do fenômeno migratório. Tomando por base o resultado da aplicação do questionário, foi possível construir três quadros, na fase de tabulação, após a conferência das informações obtidas, organizadas de acordo com as necessidades para o estudo dos objetivos propostos, e apresentadas a seguir:

No primeiro quadro condensaram-se as características dos sujeitos, por data e local da aplicação, as variáveis como gênero (M/F), idade (classificadas em faixas etárias), escolaridade (do ensino fundamental ao ensino universitário), presença ou não de educação informal (acompanhamento dos pais na vida cotidiana) e presença de lazer ativo/passivo. Todos esses dados vão compor o **perfil demográfico** dos sujeitos da pesquisa e foram colocados num quadro único para facilitar a leitura.

O segundo quadro corresponde ao conjunto de atividades e eventos esportivos, e/ou culturais, e/ou sociais que os sujeitos praticam em seu cotidiano, escolhidos e assinalados livremente, no rol relacionado no questionário, e/ou citando a opção não constante (ao todo, no máximo, três).

O último quadro corresponde aos benefícios da prática das atividades e eventos, julgados e apontados pelos sujeitos da amostra, que assinalaram ou citaram, no máximo, três opções, no total. Os benefícios são os citados nas funções de lazer, baseadas em Joffre Dumazedier (1973: 400 e/ou 1976: 32-34), e outros freqüentemente mencionados pela sociedade em geral.

Valendo-se nesses três grandes quadros, foram elaboradas tabelas, seguindo as questões dos questionários, transformadas em porcentagens (%), construídas as figuras correspondentes para melhor visualização das respostas apresentadas pelos sujeitos participantes da pesquisa, que constam no capítulo 3.

Em seguida, passou-se para a descrição, análise e discussão dos resultados, associando-os com os das entrevistas orais e informações obtidas sob a ótica dos especialistas no assunto, na participação aos eventos ou atividades, jornais, revistas e livros a respeito do tema, costurando todas as informações com os conceitos teóricos da referência bibliográfica, elaborando diálogo com as características apresentadas no estudo do mestrado, e tecendo o texto, que se encontra no capítulo 4.

Realizou-se a seguir a produção escrita, com o intuito de atingir os objetivos propostos e responder às hipóteses, partindo da premissa de que as mudanças socioculturais ocorrem com as ações, escolhas e decisões dos seres humanos movidos por seus valores, que acontecem em todos os momentos da vida, mediante a educação informal. O tempo livre e o liberado são momentos importantes para a transmissão desses valores, não contemplados na educação formal.

1.4.1 Seleção da amostra¹⁵:

A maior parte da amostra foi constituída pelos sujeitos do CIATE, um centro de preparação e capacitação de referência da comunidade nipo-brasileira, para futuros brasileiros que pretendem trabalhar no Japão. Desse modo, há uma procura tanto de brasileiros nikkeis ou não, que nunca foram para o país, como de retornados, que freqüentam o curso de aprendizagem sobre costumes, maneiras e atitudes da vida cotidiana, como também vocábulos e frases de diálogos da língua japonesa mais comumente utilizados.

A amostra foi selecionada por sua importância e por acessibilidade (Gil, 1994: 97), além da permissão para que a pesquisa fosse feita, após um breve contato com a Direção do CIATE. Assim, constituíram-se os sujeitos da pesquisa (17) do CIATE, e de outros locais (07), estes últimos apresentados e indicados por contatos sociais de conhecidos. Os sujeitos enquadrados em ‘outros’ foram 2 senhoras, mães de alunas de uma escola municipal da zona sul, 3 sujeitos conhecidos particulares da autora do presente trabalho e 2 sujeitos que trabalham atualmente nas dependências do

¹⁵ Cf. Dencker (2001:102), a escolha do contexto e dos participantes é intencional, “*em função do interesse do estudo e das condições de acesso e permanência no campo e disponibilidade dos sujeitos*”.

“Bunkyo” (Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa). Ao todo foram aplicados 24 questionários e 20 entrevistas, pois 04 sujeitos não deram entrevistas.

Em relação à determinação do número de entrevistas a fazer, foram consideradas as colocações de Meihy (2002:124), de que, quando os argumentos começarem a se repetir e *“as indicações a serem as mesmas, significa que está na hora de acabar”* a série de entrevistas. Também foi colocado por Dencker (2001: 102), que *“o número é satisfatório, quando as informações novas vão se tornando cada vez mais raras, até deixarem de ser relevantes”*.

A amostra compôs-se de 24 sujeitos, selecionados para responder o questionário e passar por entrevista, porém 4 deles desistiram de submeter-se à entrevista por falta de tempo disponível, uma vez que ela poderia estender-se por muito tempo (45 minutos ou mais). A esses resultados foram acrescidas algumas informações obtidas de entidades (CIATE, SEBRAE, ISEC, Grupo Nikkei de Promoção Humana), obras especializadas no assunto e de publicações como:

- *Made in Japan*, revista de circulação mensal (70.000 exemplares, sendo de 20.000 no Japão e de 50.000 no Brasil, concomitantemente);
- *O Estado de S.Paulo*, jornal diário (270.179 exemplares);
- *São Paulo Shimbun*, jornal diário (30.000 exemplares);
- *Nippobrasil*, jornal semanal (53.000 exemplares);
- *Guia da cultura japonesa*, *Guia Japão para brasileiros*, *Guia da Japan International Press* e *Guia para trabalhadores nikkeis*, publicações voltadas para o público interessado em viver no Japão.

Outros subsídios foram obtidos mediante comparecimento da autora a encontros, cursos, simpósios, palestras, bem como por conversa informal com pessoas que cuidam do assunto, as quais confirmam e validam o resultado da amostra por suas coincidências e semelhanças.

1.4.2 Público-alvo da amostra:

O público-alvo da amostra foi representado por brasileiros retornados do Japão com permanência de no mínimo um ano¹⁶ no país, maiores de idade e de ambos os sexos.

E, como esses sujeitos, que freqüentavam o CIATE, tinham intenção de retornar ao Japão, passou-se a utilizar o termo “migrante brasileiro”, no presente trabalho, e não o termo “*dekassegui*”, que na tradução literal significa *migração de pessoas que saem de um lugar em direção a outro, para ganhar a vida*, como única opção, quando, durante o estudo perceberam-se opções de alcance muito mais amplos nesses movimentos, como as de “vivenciar”, conhecer o outro, tanto lugares como pessoas, aventurar-se, experimentar e testar potencialidades individuais, além do fato de muitos tornarem a migrar mais de uma vez, tornando-se migrantes, de fato.

Observou-se também que a maioria era constituída por filhos de japoneses e/ou descendentes mestiços (95%), pelas características físicas étnicas apresentadas, correspondendo a apenas 0,5%, os de tipos ocidentais.

Para a seleção do corte de sujeitos da pesquisa foram considerados os seguintes critérios:

¹⁶ Cf. verificado no resultado da aplicação de questionário, na questão “quantas vezes foi ao Japão?”, (CIATE, dezembro de 1999: 12), a maior parte respondeu como: “1 vez (43%), 2 vezes (35%), 3 vezes (13%), 4 vezes (5%), 5 vezes (3%) e mais de 5 vezes (1%)”.

- comunicação oral prévia e resumida do objetivo e finalidade da aplicação dos instrumentos da coleta de informações,
- convite para participação de livre e espontânea vontade,
- pré-requisito: sujeitos maiores de 18 anos, de ambos os sexos, com permanência mínima de um ano no Japão.

1.4.3 Instrumentos da coleta de informações: questionário e entrevista

Para a elaboração do questionário, como também da entrevista de questões abertas, considerou-se a corrente funcionalista em Ciências Humanas, citada por Gil (1994: 38), que “*ênfatiza as relações e o ajustamento entre os diversos componentes de uma cultura ou sociedade*” para atender as necessidades biológicas e psíquicas contínuas dos homens, como ‘necessidades básicas’ para satisfação de vida no meio social onde estão inseridos.

Dessa forma, tentou-se também estabelecer o período de permanência no Japão, para obter vivência de no mínimo um ano, considerando os ajustamentos necessários na sociedade de destino.

O período de aplicação do questionário e das entrevistas ocorreu de 18/09/2004 (data da primeira aplicação) a 19/03/2005.

Um exemplar do questionário (em branco), que serviu para o preenchimento pelo próprio brasileiro retornado ao Brasil, sobre o perfil demográfico, encontra-se no final do texto (**APÊNDICE A**).

Após o preenchimento do questionário pelos próprios sujeitos, eles foram convidados a participar da entrevista individual. O roteiro da entrevista foi

elaborado e organizado por assunto, focalizando o objeto de interesse do tema proposto para o estudo de maneira sucinta para não tomar muito tempo do entrevistado.

Um exemplar do roteiro da entrevista com questões abertas consta no final do texto (**APÊNDICE B**). As entrevistas foram gravadas em fitas cassetes, após uma breve explanação do que seria perguntado, e recebido o aval dos sujeitos. As questões foram elaboradas com o intuito de investigar diferenças e semelhanças dos traços culturais e de lazer dos brasileiros retornados ao Brasil, em relação a situações ocorridas com os imigrantes japoneses na conquista do espaço brasileiro, acrescentando outras, para obter informações de questionamentos levantados e constantes no item 1.1, no problema do tema.

Assim sendo, a entrevista teve como objeto os seguintes assuntos: tempo de permanência no Japão, relato de uma experiência positiva ou negativa, para dar ampla liberdade de expor sua estada como um todo, costumes e valores culturais, como: alimentação, religião, crença, língua e linguagem, lazer no tempo livre, para elaboração do diálogo cultural com os apresentados pelos imigrantes japoneses. Demais questionamentos para complementação e enriquecimento do tema versaram sobre: integração social, amizade, preferência em obter novidades à venda ou em conhecer pessoas e lugares no Japão, adoção da brasilidade pelos japoneses e readaptação, após o retorno ao Brasil.

1.4.4 Pré-teste:

Tanto o questionário escrito como as questões do roteiro da entrevista passaram pelo pré-teste, sendo ao todo em número de 10 para o questionário (incluindo três crianças) e 10 para a entrevista (incluindo três crianças).

De início, eram dois questionários; na fase de pré-teste, um deles evoluiu para roteiro de entrevista, por assuntos. Isso se mostrou conveniente ante a observação de dúvidas levantadas por parte dos entrevistados, além de dar possibilidade de conversa informal e liberdade de expressão. E, assim, foi possível assegurar a obtenção das informações necessárias ao trabalho.

Esses instrumentos foram testados para crianças (três meninos: um de 12 e dois de 10 anos de idade) que retornaram do Japão juntamente com os pais, tendo sido aplicados na presença das mães, mas logo foi observada a inviabilidade de entendimento de ambos os instrumentos de pesquisa por menores de idade, visto que não foram preparados para crianças, e nem pertinentes ao tema, pois não há informações suficientes para elaboração de um diálogo cultural com os filhos de imigrantes, quando menores de idade. Assim sendo, optou-se pela aplicação dos respectivos instrumentos para sujeitos acima de 18 anos.

Com dois instrumentos de coleta de informações distintos, o questionário e a entrevista, foi possível estabelecer dois momentos vividos pelos brasileiros retornados ao Brasil, sem a ocorrência de confusão: o questionário, para retratar o momento atual dos sujeitos no Brasil, e a entrevista, para o período de sua estada no Japão.

Assim, após as devidas modificações, os instrumentos de coleta de informações foram multiplicados e aplicados.

1.4.5 Da gravação:

Os registros da gravação foram, inicialmente, transcritos individualmente, tendo sido anexados ao formulário, e, após a análise do conjunto de

sujeitos, foram agrupados e reorganizados por questões e por assuntos, condensando idéias semelhantes. Em seguida, foram transcritos¹⁷ em documentos escritos, tomando-se o cuidado de não desvirtuar o sentido da mensagem e do significado do conjunto das mensagens dos sujeitos entrevistados. Optou-se por essa direção em virtude de as questões orais terem sido elaboradas para o estudo dialógico com o da dissertação de mestrado.

1.4.6 Dificuldade na coleta de informação

A grande dificuldade inicial foi a de onde buscar o público alvo, objeto da pesquisa para a coleta de informações, uma vez que os brasileiros retornados se encontravam espalhados em várias partes da Região Metropolitana de São Paulo, além de muitos não estarem disponíveis por vários motivos de ordem particular para despender tempo preenchendo questionário e dando entrevistas. Após vários contatos pessoais no “Bunkyo”, participação em palestras de grupos sociais da comunidade nikkei (CIATE, ISEC e Grupo Nikkei de Promoção Humana), e relações sociais de conhecidos, foi possível estabelecer um pedido informal aceito pelo CIATE.

Apesar do apoio em permitir a aplicação do questionário e a entrevista no CIATE, que deu acessibilidade aos sujeitos, era preciso contar com a sorte de encontrar brasileiros que tivessem permanecido pelo mínimo de um ano no Japão, fossem maiores de 18 anos (critérios estabelecidos), e de livre e espontânea vontade se prontificassem a colaborar com a pesquisa. Nem sempre nos dias de preparação e capacitação (todas as terças e sextas-feiras), com a programação repleta de informações úteis para a boa atuação na sociedade japonesa, ou nos dias da aula de japonês (todas as

¹⁷ Cf. O documento escrito pode ser tanto transcrição como transcrição (Meihsy, 2002:77).

segundas e quintas-feiras), ou mesmo nas palestras, que ocorrem aos sábados, bimestralmente, havia coincidência com sujeitos que pudessem participar da pesquisa.

Além disso, na entrevista, alguns não tinham muito tempo, pois só se poderia aplicar o questionário e a entrevista após o término da capacitação, e assim, precisavam ir embora, outros tinham receio ou não se sentiam muito à vontade. Assim, alguns preencheram apenas o questionário e não participaram das entrevistas (quatro sujeitos), ocorrendo defasagem entre o número de preenchimentos do questionário (24) e o número de entrevistas (20), porém, o que favoreceu a determinação do número de entrevistas, com segurança, foi a repetição das mesmas argumentações e respostas, que permitiram finalizar a série de entrevistas.

1.4.7 APÊNDICE¹⁸

Em vista da metodologia utilizada para elaboração do diálogo cultural com partes da dissertação de mestrado, optou-se por colocá-las como APÊNDICE, a fim de permitir a leitura dos itens do texto do mestrado, desenvolvido em na sua íntegra.

Dessa forma, anexaram-se os itens, 3.1.2 Características e dificuldades, e 3.2.2 Atividades de lazer do imigrante japonês no Brasil, da dissertação, como **APÊNDICE C** e **APÊNDICE D**, respectivamente, que se encontram após referências bibliográficas, para checar o que está sendo utilizado para a elaboração do diálogo cultural, com o presente trabalho.

¹⁸ Apêndice: “texto ou documento elaborado pelo autor, a fim de complementar sua argumentação, sem prejuízo da unidade nuclear do trabalho” (ABNT, 2002).

1.5 ESTRUTURA DO TEXTO

O texto se inicia com a apresentação do projeto temático do trabalho, no capítulo 1; em seguida se desenvolve a discussão conceitual de lazer/ tempo livre e suas funções, tempo liberado e sua relação com o desemprego, no capítulo 2.

No capítulo 3, aborda-se o desemprego e o perfil dos brasileiros retornados do Japão, com breve relato circunstancial do movimento migratório para o Japão. E, no capítulo 4, expõe-se a história de vida dos brasileiros no Japão, num diálogo cultural e de lazer, com a dos imigrantes japoneses no Brasil, estes estudados no mestrado da autora.

Estuda-se no capítulo 5 o aparecimento e desenvolvimento das associações, baseadas na cultura solidária, fundadas pelos imigrantes e multiplicadas em toda a comunidade nikkei, até os tempos atuais. Hoje, umas das preocupações é o movimento migratório de brasileiros para o Japão. Finalmente, no capítulo 6, são feitas reflexões e considerações sobre hipóteses formuladas e apresentadas no projeto do tema, constantes na introdução.

2 LAZER/TEMPO LIVRE, EDUCAÇÃO INFORMAL E TRAÇOS CULTURAIS

Este capítulo se inicia com base no estudo efetuado no mestrado, aprofundando os conceitos teóricos de lazer, tempo livre e tempo liberado, as funções do lazer, acrescentando duas outras, não indicadas por Dumazedier - a da amizade, relações sociais e formação do capital social, e a da felicidade; lucubrando o significado do tempo liberado do desemprego e, posteriormente, realizando um estudo sobre a educação informal, por meio da qual ocorre a transmissão de valores e aspectos culturais específicos e característicos da comunidade.

2.1 LAZER/TEMPO LIVRE

Os estudos mostraram, mediante a história, que, desde os tempos antigos, tanto do mundo Ocidental como Oriental, o lazer esteve presente na vida cotidiana, fazendo parte integrante da vida societária das pessoas, passando-se a distinguir o tempo de trabalho do tempo de lazer, com o advento da Revolução Industrial. Conforme Dumazedier (1999: 236), o lazer não deve ser confundido com ociosidade, pois ele supõe a presença do trabalho e a ociosidade nega a presença dele. Também não é tempo extraprofissional, pois faz parte do tempo de que dispõe o ser humano, junto com o tempo liberado para atividades familiares e outras, assim como o tempo profissional. Corresponde a *“liberação periódica do trabalho, no fim do dia, da semana, do ano ou da vida de trabalho”*, de acordo com Dumazedier (1999: 28), sendo intitulado ‘tempo desocupado’ o tempo sem trabalho das pessoas que conseguem apenas

empregos esporádicos de curta duração, conforme o referido autor (1999: 27). Atualmente, esse termo está sendo substituído por 'tempo de desemprego'.

Hoje, na era pós-industrial, com a passagem cada vez maior dos trabalhos físicos e pesados para as máquinas, robôs e automações, a dicotomia trabalho/lazer está-se integrando, novamente. É um retorno à valorização das atividades intelectuais, relegando-se o trabalho braçal para as máquinas. Além disso, a expansão tecnológica e a introdução da Internet foram ocupando, por meio de uma parafernália de máquinas, a vida cotidiana das pessoas, substituindo e muitas vezes até descartando os seres humanos de suas funções, aumentando, assim, também o tempo livre doméstico. Dumazedier (1999: 241-242), reflete sobre o assunto, da seguinte maneira:

Toda política global da melhoria daquilo que ontem era chamado de estilo de vida e hoje é chamado de 'qualidade de vida', por um novo arranjo do tempo e do espaço, deve começar por uma reflexão sobre as implicações do lazer em todos os domínios da vida social e pessoal. São estes fatos que nos levaram a falar do nascimento possível de uma civilização do lazer.

Conforme alguns estudiosos, esse aumento do tempo livre pode estar ocorrendo de maneira positiva ou negativa. Positiva para aqueles que têm emprego, possuem renda e podem usufruir desse tempo como bem quiserem. Negativa para os que não dispõem de renda ou mesmo não têm emprego.

Assim, Sader e Kurz (2000) observam o aumento do tempo livre, negativamente. Para o primeiro autor, o tempo livre do desempregado é sinônimo de desmoralização, em que o tempo é gasto à procura de emprego, enquanto o rico tem tempo livre para si, num mundo onde a riqueza mundial é mal distribuída. Para o segundo autor, o sistema capitalista não consegue transformar o crescimento da produtividade em mais tempo livre para o trabalhador, mas em mais trabalho rentável para aqueles que podem e desemprego para outros, numa relação cada vez mais

desigual. Assim, a jornada de trabalho se converte em mais horas de trabalho para obter maior capital, a fim de satisfazer gastos que demonstrem capacidade pecuniária com o fito de obter prestígio social, numa escala cada vez mais ostentatória, intitulada ócio conspícuo, por Veblen (1983).

Já Friedmann (1972: 157-159) utiliza a denominação consumo conspícuo, como resultado de tarefas fragmentadas do trabalho manual repetitivo e enfadonho dos operários especializados *“engaiolados no sistema de racionalizações autoritárias e constrangedoras”* nas grandes fábricas, como a de Detroit, EUA. Nelas os trabalhadores tentam compensar a frustração provocada por esse tipo de trabalho com o *“uso de excitantes de toda espécie, dos jogos de azar e de apostas, do álcool”*, de divertimentos brutais e de espetáculos de massa, pretensamente ‘esportivos’ e outros. Hoje, existe idéia de reverter o pensamento; *‘antes de mais nada o dinheiro para o conforto, diversão ou prazer da vida’*, a exemplo de clubes de grandes empresas ou do desenvolvimento de *hobbies* de operários e empregados, como acontece na Inglaterra.

Mas esse autor não é muito otimista, dizendo que, mesmo que haja transformações radicais, com a coletivização dos meios de produção e a *“integração do operário como membro de pleno direito na empresa não poderiam dar a essas tarefas uma substância e um interesse, que permitissem aos que as efetuam torná-las o centro de sua existência e o lugar de sua realização”* (FRIEDMANN, 1972: 183), requisitando, assim, uma nova recondução para lazeres que sejam divertidos, enriquecedores e orientados para uma cultura de nível mais adequado.

“O lazer é mais e mais concebido, por sua vez, como meio de satisfazer novas necessidades da personalidade em qualquer nível cultural que seja”, conforme Dumazedier (1999:240), com a introdução e reelaboração de novos valores com a dinâmica natural das sociedades.

Rodrigues (1997:110) designa o tempo livre como *tempo discricional*, que deveria ser o tempo “*realmente pertencente ao indivíduo, como um direito único e do qual pudesse dispor como bem entendesse*”. Coloca a existência de tempo de trabalho e tempo liberado do trabalho, sendo que este último abrangeria o tempo biológico como tempo para atender as necessidades de alimentação, de sono, de higiene pessoal etc., e o tempo social como tempo gasto nos transportes, na procura de emprego e outros. Portanto, subtraindo o tempo de trabalho e o tempo liberado, o restante seria o tempo discricional, um tempo realmente íntimo, *pertencente* somente àquela pessoa.

Conforme Huizinga (2001: 07), uma das atividades iniciais do jogo é a linguagem, com a “*finalidade de comunicar, ensinar e comandar*”, que permite ao homem “*distinguir coisas, defini-las e constata-las*” e elevá-las ao domínio do espírito, brincando com a faculdade de designar a matéria e as coisas faladas, na criação da fala e da linguagem, ocultando, nas expressões abstratas, a metáfora do jogo de palavras pertencente ao mundo poético.

Baseada nessa premissa, uma das primeiras formas lúdicas observadas entre os imigrantes japoneses no Brasil, assim como no Japão ancestral foi a das formas poéticas, dentre as quais o *tanka*, com a métrica específica de 5, 7, 5, 7, 7, que passou a ser muito praticado para externar o que se passava em seu âmago.

Portanto, essa noção de lazer do estudo de Huizinga (2001:39) vem acrescentar a noção de jogo na expressão da linguagem da sociedade japonesa, por meio do “*substantivo asobi e o verbo asobu*”, aspecto característico, com o significado de jogo em geral, distração, recreação, preguiça, passatempo, entre outros, noções que complementam o conceito amplo do lazer no que se refere a uma das funções, que é a de entreter ou a de divertir. O autor coloca que a festa e o jogo têm estreita ligação, porque fogem da mesmice da vida cotidiana (2001: 25).

Ao transpor essa idéia do jogo de brincadeiras de palavras, sob o olhar de Kenkō (2001), pode-se adentrar ao mundo estético oriental de ler a vida mundana e transitória dos pensamentos e efemérides retratados em uma coletânea de rara beleza, colhidos em inusitados momentos do tempo livre, um recorte de vida desse monge errante do século XIV, mas não tão distante do atual mundo contemporâneo no modo de encarar a vida. Nota-se que esse divertimento lúdico evolui, no século XVII, para uma série de versos poéticos como *tanka* e posteriormente, o *haikai*¹⁹, mais curtos, como entretenimento lúdico trazido e praticado pelos imigrantes japoneses no Brasil, alguns exemplos já citados na dissertação de mestrado.

Assim, no antigo Japão o lúdico estava presente, entre outros divertimentos, no jogo de palavras, que, ao engendrar o caminho do aperfeiçoamento, leva ao *Do* (caminho) até se tornar mestre, fazendo esquecer as tensões cotidianas e entretendo as horas tediosas e repetitivas do círculo da vida.

Alguns estudiosos ocidentais tentam analisar e refletir esse modo de olhar dos orientais, como Maffesoli, que reconhece, na intemporalidade, o ritmo da “*estabilidade e movimento*”, paradoxo da vida breve, do efêmero, da transitoriedade da vida, daí a idéia “*de gozá-la ao máximo*”, considerando-a “*como uma sabedoria prática e astuta*”, e hedonista também. E reconhece similitude nessa “*impermanência própria das filosofias orientais*”, o ideal do homem grego, quadro não impossível de ressurgir na pós-modernidade (2003: 99).

Semelhante valorização do tempo livre é observada em Lin Yutang, de pensamento taoísta: ele diz que “*o gozo de uma vida ociosa não custa dinheiro*”, mas é encontrado nas coisas simples da vida, que as atividades de lazer “*devem ser tão sagradas como suas horas de negócios*” (1997: 129). Nota-se que o lazer, sob o olhar

¹⁹ Hai-kai: verso com 5,7,5 sílabas.

oriental, parece estar focado na reflexão espiritual profunda, segundo os ensinamentos taoístas, que se encontram no livro do Sentido e da Vida de Lao Tsé (2002).

Tais idéias se contrapõem às de Kurz (2000), Padilha (2000), e Sader (2000), que analisam o tempo livre e o lazer do ponto de vista do capitalismo, que os regula como mercadoria de consumo, assim como ocorre com os produtos da industrialização. Riesman (1995: 379) observa a perda da liberdade social e da autonomia individual, porque as pessoas procuram se parecer entre si, em busca de paradigmas dominantes na sociedade, na ânsia de pertencer a determinada classe social, incluindo o consumo. Da mesma forma, como este último autor, Marcuse (2001:131-151) também critica a perda dessa liberdade dos indivíduos pelo controle social exercido pela classe dominante e tecnicista, que cria falsas necessidades, restando apenas optar por um dos possíveis produtos ofertados, extensivos a todas as classes subjacentes, que compartilham e se satisfazem com os mesmos produtos, pela mimese, manipulados e impostos mediante a economia de produção de consumo de massa.

2.1.1 Discussão do tempo de trabalho, tempo liberado e lazer

O mundo tecnicista do trabalho passa a estabelecer dicotomia: tempo de trabalho e tempo liberado do trabalho. O tempo liberado do trabalho chega com o advento da Revolução Industrial, com a pressão dos partidos operários, sindicatos e legislação social, passando a jornada de trabalho para um período de 8 horas, 5 dias da semana, principalmente nos países anglo-saxões, com a conquista de tempo liberado maior, o que faz surgir o 'homem após o trabalho'.

Esse tempo se caracteriza pela disciplina longe dos olhos do capataz, divisão de tarefas, estrutura das empresas, que pela natureza de suas funções se reduz a

um tempo 'vazio', sem significação, uma vez que a sociedade nascida da Revolução Industrial não possui nenhuma instituição de lazer para preencher o 'vazio' criado pela semana de 40 horas. Essa insuficiência das instituições sociais do lazer explica a fragilidade da conquista do tempo liberado, e em muitas zonas urbanas e suburbanas ainda esse tempo é corroído e degradado durante o transporte (FRIEDMANN, 1968: 115-130).

Desde 1930, os trabalhadores passaram a ter descanso remunerado, tornado uma realidade dos países industrializados desenvolvidos, com férias para o lazer. Porém, esse tempo é restrito aos trabalhadores com poucos rendimentos, além de muitos estarem desempregados, portanto, sem direito a nada.

Russel (2002: 37-43) critica essa situação de uns trabalharem demais para serem valorizados, enquanto outros ficam excluídos, chamando-a de 'moral do Estado escravo', pela falsa moralidade do trabalho. E afirma que o aviltamento do trabalho cria mal estar, e uma diminuição organizada dele traria melhores e mais benefícios e felicidade aos homens. Para esse autor, o tempo ocioso não era prejudicial, bastando 4 horas de trabalho para o operário e distribuição eqüitativa de trabalho para todos, suficiente para a sobrevivência. Para ele, o uso adequado do lazer é uma questão de civilização e de educação, e não há motivo para insistir num trabalho excessivo como um dever, cuja necessidade já nem existe tanto no mundo atual. Portanto, são assuntos de reflexão de sociólogos, demógrafos, psiquiatras, economistas e urbanistas.

Por outro lado, nas sociedades camponesas, pela natureza do trabalho com estrita dependência do ritmo das estações do ano, e pela característica social dos habitantes no meio rural, o tempo liberado e o tempo de trabalho se acham mais integrados, de maneira mais harmônica e significativa.

Friedmann (1968) coloca a importância das atividades de lazer na vida social, mas critica interferências da “mass media” como uma maneira grosseira, levando indivíduos à busca do lazer, o que pode ocasionar a inversão de valores, isto é, a busca de lazer, antes mesmo de terem sido alcançados bens materiais básicos, como alimentação, vestimenta, alojamento e instrução básica para sobrevivência, nos países subdesenvolvidos como o Brasil e países da África.

O autor ainda chama a atenção para a pobreza das atividades culturais ou mesmo a ausência delas, durante o tempo liberado, ao lado da divisão e repetição das tarefas. Não há atividades adequadas ao temperamento, ao meio familiar ou ao meio cultural e mesmo energia disponível após o trabalho e transporte pesados, que uns tentam compensar pelo absenteísmo e outros pela indiferença e alienação.

A produção operária, após jornada de trabalho, não consegue fazer superar o cansaço do trânsito, o esgotamento da cadência de trabalho rotineiro, privado de responsabilidade, como o de um autômato, tornando o indivíduo apático, pela fadiga psíquica e física, que não lhe permite divertir-se ou reparar-se, muitas vezes afastando-o da vida de lazer enriquecedor, que o conduza a nível cultural considerado mais “elevado”. Formas como as atividades diversas - a bricolagem, jardinagem, música, pintura, leitura, arte, e outras tantas - poderiam exercer papel compensador de reparação de cansaço, causado por tarefas repetitivas e fragmentadas.

Porém, em muitos países, essas atividades de lazer transformam-se em bicos ou em outro trabalho após o trabalho, dando a origem ao que Friedmann chama de corrupção do tempo liberado do trabalho, intitulado “semilazer” ou lazer parcial, pelo estudioso Dumazedier (1999:95), pois o *“lazer obedece parcialmente a um fim lucrativo, utilitário ou engajado, sem se converter em obrigação”*, mas deixa de ser

inteiramente lazer. É uma atividade mista com uma obrigação institucional, segundo o autor.

Friedmann (1968:124) questiona os processos e modalidades da civilização tecnicista, que busca a felicidade produzida e influenciada pela “mass media”, como a indústria americana, que trabalha baseada no lema: “o cliente é o rei”, exercendo sobre o consumidor uma ação multiforme e imperiosa, inclusive a de bens culturais, tentando criar um meio honorífico para consumo do lazer.

Assim também as festas de arte popular, recreação secular, são alteradas pela onipresente publicidade com suas informações produzidas e atraentes, conduzindo sociedades inteiras a idênticas utilizações do tempo liberado, por meio dos meios de comunicação, decidindo e conduzindo o tempo livre das pessoas, muitas vezes até manipulando seu gosto mediante a produção de imagens estereotipadas com esse fim.

Dessa forma, vertem ou impõem modelos pré-fabricados, transformando o homem em produtor-consumidor de doutrinas, crenças, ideologias, segundo os interesses do momento de alguns líderes ou de grupo de pessoas, ou simplesmente para vender produtos não tão necessários à sobrevivência da humanidade, nivelando populações com as mesmas músicas, canções, filmes, lugares turísticos etc., e reproduzindo o sistema capitalista de produção, consumo e circulação de capital. O referido autor supra cita exemplos de experiências de regimes ditatoriais em outros tempos como o do Terceiro Reich, Itália fascista ou República Popular da China, impondo ideais político-ideológicos, autoritariamente.

Desse modo, o homem médio de nosso tempo está condenado, ao sair do trabalho, à apatia e ao embrutecimento, facilmente controlado pela mídia, pois ele se vê rodeado de TV, rádio, outdoors, jornais e revistas, que estimulam todos os seus

valores, em um universo infinito de possibilidades materializadas. Além de os trabalhadores estarem treinados para dar respostas para a produtividade programada, tornando-se indivíduos ausentes de si próprios, distanciam-se da vida coletiva, política, cultural e de instituições de lazer, onde poderiam questionar, engajar-se e conduzir sua própria vida.

E a busca do lazer material, regulado pela “mass media”, transforma o trabalhador em consumidor de novas necessidades manipuladas, mesmo no tempo voltado para o lazer, corrompendo-o. Portanto, para que não ocorra a corrupção do tempo liberado torna-se necessário criar o tempo livre e lazer, de fato, com a mudança no sistema de instituições e de valores.

Seriam precisos também grupos sociais preparados e impregnados por mentalidades hedonísticas, para promover jogos e festas e colocar barreira contra a corrupção do tempo liberado e controlado, a exemplo do que ocorre em sociedades tradicionais e consuetudinárias, da África, Ásia e Oceania, onde ainda o trabalho se encontra integrado e equilibrado à vida cotidiana, em harmonia com as atividades ritualísticas, cerimoniais, festas e magia, não superestimando a produtividade ou o consumo, conforme estudos de Friedmann (1968).

Todas essas atividades voltadas para o lazer exercem uma ou mais funções, supostamente benéficas ao praticante. Dessa forma, estudaram-se, inicialmente, as funções citadas, lucubradas e ratificadas em vários livros de Dumazedier (1972: 26-28; 1973: 400; 1976: 32-34).

2.1.2 Funções do lazer

Desta feita, seguem as funções sociais do supra citado autor:

- a) Descanso,
- b) Divertimento, recreação, entretenimento,
- c) Desenvolvimento da personalidade,

a) **Função de descanso:** o lazer exerce a função de reparar a fadiga física e psíquica das pessoas, com *“repouso, silêncio, farniente e pequenas ocupações sem objetivo”* (1976: 32).

b) **Função de divertimento, recreação, entretenimento:** o lazer exerce a função de acabar com o tédio das pessoas, como um meio de dar equilíbrio e suportar pressões sociais, compensados, mediante *“divertimento e evasão para um mundo diferente, e mesmo diverso, do enfrentado todos os dias”*, como viagens, jogos, esportes, cinema, romance, teatro, etc., (1976: 33).

c) **Função de desenvolvimento da personalidade:** essa função, dentre as várias citadas pelo autor, desenvolve *“a prática da sensibilidade e da razão, além da formação prática e técnica”*, que oferece *“possibilidades de integração voluntária à vida de agrupamentos recreativos, culturais e sociais”*, e o *“desenvolvimento livre de atitudes adquiridas na escola”*, uma educação permanente e continuada de aperfeiçoamento para novas criações e inovações, comportamento livre e escolhido para *“desenvolvimento da personalidade, dentro de um estilo de vida pessoal e social”* (1976: 33-34).

Dessa forma, para esse autor, existe ‘lazer completo’ quando as três funções estão presentes em inter-relação, para satisfazer as necessidades dos indivíduos e ‘lazer incompleto’, quando não se oferece a alternância possível desses três gêneros de escolha, *“do ponto de vista das exigências específicas de realização da personalidade*

por si mesma, fora da rede de obrigações institucionais que a sociedade moderna propõe ou impõe” (DUMAZEDIER, 1999: 97).

Em vista da indicação maciça dos sujeitos da amostra, para o item, - *‘favorecem a amizade’* - , dentre as funções de lazer relacionadas e constantes no capítulo 3, foi feita uma busca bibliográfica, tendo-se observado algumas idéias a respeito do assunto, em Maffesoli (1995: 57 e 54), que, além de citar o sentimento de pertencimento do mesmo grupo, reflete a respeito das *“formas de simples sociabilidades, elaboradas nas salas de ginástica, aos vínculos estreitos que se constituem nos grupos de esportes de risco, passando pelas amizades, pelas relações induzidas pelos clubes, viagens e circuitos de grupo”*, que, juntamente, com *“outros mimetismos corporais, gestuais e de linguagens”*, marcam as sociedades contemporâneas em seu estilo estético, que induz ao hedonismo.

O autor afirma que essa *“conjunção do material com o imaterial tende a favorecer um ‘estar-junto’ que não busca um objetivo a ser atingido, pois não está voltado para o devir”*, mas empenhado, simplesmente, em *‘usufruir bens deste mundo’*,em *“buscar no quadro reduzido das tribos, encontrar o outro e partilhar do ideal societário”*. Também desenvolve a idéia de que as pessoas agem em função da existência do outro, para *“possibilidades de um novo vínculo social”* (MAFFESOLI, 1995: 56-57), para a roda viva societária com parafernália de criações estéticas, para agradá-lo com mimos hedonistas. Desta feita, pode-se acrescentar também a função da amizade.

d) Função da amizade: Exerce a função do desenvolvimento das relações sociais de amizade pela aproximação de pessoas, por meio de mimetismos, onde elas se identificam pelas características de semelhança e de pertencimento a determinados grupos sociais, o que também pode levar à formação do capital social.

Essa qualidade da amizade também se liga à felicidade, pois leva ao bem estar e traz benefícios às pessoas e a longevidade²⁰, por dar significado e objetivo à vida.

Por outro lado, as relações de amizade e relações sociais dão oportunidades para a construção do **capital social**, estudado por Bourdieu (1980: 2-3), como um poder de relações humanas, em vários níveis, segundo categorias sociais de famílias, de profissões, de trabalho, de status num grupo social, entre companheiros de escola de elite, clubes seletos, nobres e ou de lazer/entretenimento, mediante conhecimento e reconhecimento mútuos, conquistados por respeito, amizade, aceitação, entre outras qualidades.

- **capital social:** No seio da rede de ligações sociais, ocorre por aproximações entre as pessoas com identidades culturais homogêneas, estabelecendo hierarquias sociais e econômicas, em espaços físicos ou sócio-econômicos de uma dada sociedade, arrumando e assegurando trocas materiais e outros serviços garantidos pelas relações úteis e benefícios simbólicos, em efeito multiplicador, como se fosse um investimento. Situações circunstanciais vão sendo construídas por meio de atuações de indivíduos, principalmente nos grupos sociais de 'prestígio', produzindo ocasiões, como cruzeiros marítimos, caçadas e rally, para criar ambientes de aproximações homogêneas de interesses e de sociabilidades, como estratégias de construção de rede de ligações duráveis.

São estratégias de investimentos sociais conscientes ou inconscientes como meio de ascensão de algumas pessoas. Dessa forma, o capital social vai sendo trabalhado e criado para a manutenção das posições dos próprios indivíduos e de seu grupo, sendo beneficiados aqueles inseridos em um grupo com maior capital social, pelos efeitos multiplicadores positivos, enquanto outros ficam com efeitos negativos.

²⁰ Cf. "Bons amigos ajudam a viver mais" in: *O Estado de S. Paulo*, VIDA&. 17/06/2005, A27.

Para exemplificar, conforme estudos efetuados por Granovetter (1973:3-22), nas mais variadas cidades americanas, nos dados levantados por vários autores, desde 1930, com *blue-collar* (trabalhadores braçais, sem muita especialização, em geral trabalhando nas fábricas), houve similitude nos mecanismos formais de colocações no trabalho, raramente ultrapassando 20%, em contraste com os mecanismos informais de colocações de trabalho efetuadas por amigos, parentes e por pedidos diretos, que corresponderam a porcentagens de 60 a 90%.

Dessa forma, o capital social pode interferir na busca do trabalho, em parte até conduzindo e manipulando indivíduos e grupos sociais, porém sua dinamicidade vai depender da maior ou menor consciência política e interesses das pessoas que constituem seu grupo, na trajetória de conquista espacial e em diferentes fases da vida.

Na trajetória do estudo sobre o tema, mais especificamente nos resultados obtidos na aplicação de questionários, verificou-se a procura do lazer pelas pessoas, não só para o atendimento das funções preconizadas por Dumazedier, mas também para elevação da auto-estima, da auto-realização e da felicidade, como, - fazem você se sentir realizado e feliz - qualidades que as pessoas buscam em suas vidas, no atual contexto social, além da função da amizade e relações sociais supramencionadas. Esse fato levou à pesquisa bibliográfica dos estudos sobre 'Felicidade'.

Russell (1956: 145-146) considera importante ter interesse pelas coisas impessoais, às vezes não tão valiosas como ingredientes na felicidade cotidiana, concentrando-se em algo de interesse verdadeiro, como o que "*um geólogo sente pelas rochas, ou que um arqueólogo sente pelas ruínas*", esquecendo suas preocupações. Assim, quando as pessoas voltarem do seu mundo impessoal para enfrentar o problema, estarão mais seguras e calmas, por ter "*experimentado uma felicidade genuína, embora*

passageira”, terão interesses os mais amplos possíveis ante as coisas e serão *‘mais cordiais do que hostis’* para com os outros, pois o mundo é vasto e nossos poderes individuais, limitados, dando indícios da importância das relações sociais.

E acrescenta que *“as manias e os passatempos não são, todavia, em muitos casos, uma fonte de felicidade fundamental, mas um meio de se fugir à realidade, de se esquecer, por um momento, algum sofrimento demasiado difícil de ser enfrentado”* (Russell, 1956: 143-144).

Dumazedier (1999: 95) não considera a busca da felicidade como uma das funções sociais do lazer, pois para ele a *“felicidade não se reduz ao lazer”*. De fato, constata-se que a expressão felicidade tem uma conotação mais ampla, pois todas as funções citadas pelo autor, como descanso, divertimento ou aprimoramento da personalidade podem levar ao estado de felicidade. Conforme o autor, o lazer tem caráter hedonístico, isto é, busca prazer ou felicidade na vida, pois *“se define positivamente no tocante às necessidades da pessoa”, “busca estado de satisfação, tomado como um fim em si”*. Assim, ele prefere empregar a expressão *“satisfação”* a *“utilizar a expressão felicidade ou prazer ou alegria, por ser menos carregada de conotações incontroladas”*.

Para o autor, a *“procura do prazer, da felicidade ou da alegria é um dos traços fundamentais do lazer da sociedade moderna”*, como um fim em si, e, quando o *“estado de satisfação cessa ou se deteriora, o indivíduo tende a interromper a atividade”*.

Mas Giannetti (2002: 156) coloca o assunto sob outra ótica, pois, para ele, a felicidade são momentos subjetivos, fugazes e efêmeros como a letra da música *“tristeza não tem fim, felicidade sim”*. Portanto, segundo ele (2002: 177),

felicidade, em suma, jamais será um 'estado final' que se possa adquirir e dele tomar posse de uma vez por todas. Ela é uma atividade – algo que se cultiva e constrói, algo que, por alguns momentos, se conquista e se desfruta, que é fonte de contentamento, mas que está sempre a exigir de nós empenho e amor, sempre recomeçando outra vez.

Dessa forma, os momentos de felicidade não têm um fim em si, pois, uma vez conquistados, passam-se a desejar outros, numa busca frenética pelo hedonismo.

E, retomando a idéia de parágrafos anteriores, mesmo para o praticante de uma atividade, se não está atingindo a finalidade almejada, seja pelo descanso, divertimento ou aprimoramento da personalidade ou da felicidade ou da amizade, ele cessa sua prática. E as pessoas buscam atingir esse estado de satisfação e felicidade, mesmo que seja momentâneo, da mesma forma que buscam o descanso ou relaxamento, divertimento ou entretenimento, aperfeiçoamento da personalidade ou mesmo da amizade. Enfim, não são eternos.

Assim, essas buscas cumprem suas funções, considerando-se, no âmbito deste trabalho, a função do sentido da felicidade na prática da atividade, que pode levar o indivíduo a se sentir realizado e feliz, como mostrou o resultado da aplicação do questionário (capítulo 3), ficando a felicidade em terceiro lugar entre os benefícios citados.

Por outro lado, Klein (2002:188) coloca que a expressão satisfação “*é aquilo que permanece na mente; portanto, tem uma origem retrospectiva*”. Para exemplificar, a felicidade seria o que se sente durante a projeção de um filme, enquanto a satisfação corresponderia à breve opinião que pode ser dada sobre o filme, após o término da projeção, dando conotação diferenciada para as expressões ‘satisfação’ e ‘felicidade’.

E em relação aos principais preceitos encontrados em livros como os de Okawa (2006) e em vários fascículos utilizados em encontros do Instituto da Ciência da Felicidade do Brasil²¹, entidade fundamentada essencialmente nos ensinamentos do budismo, encontram-se também outros pensamentos filosóficos religiosos, como os do Cristianismo. O tema ‘felicidade’ atrai, por constituir assunto de interesse comum das pessoas, em grande parte do mundo. Em suma, as instruções e ensinamentos da supracitada entidade e seu material bibliográfico cuidam de temas relativos à saúde mental e física, e ao desenvolvimento da espiritualidade, por meio do aprimoramento da alma, para, assim, atingir o bem-estar dos indivíduos.

Nos encontros e palestras, a citada instituição estuda o conjunto de princípios religiosos e ensinamentos filosóficos, sempre acompanhados de depoimentos e reflexões de várias pessoas, relatando suas experiências e dificuldades, suas superações, caminhos encontrados e escolha das decisões, mediante a doutrina, meditação, sabedoria, desenvolvimento da fé e espiritualidade. Portanto, há uma preocupação em dar indicações para a solução de problemas, no combate à infelicidade.

Giannetti (2002), por sua vez, sob a ótica do capital, coloca que a felicidade não depende de maior ou menor ganho monetário, mas a sua falta pode trazer transtornos e sofrimentos às pessoas, em relação à sociedade ou comunidade onde estão inseridas, com todos os encargos necessários para a sobrevivência em seu meio social. Portanto, quando uma dada sociedade progride, a vida individual de cada pessoa também deveria melhorar, com os benefícios advindos dela. Mas, em geral, isso não ocorre, pois há distribuição desigual dos bens materiais e nem todos respondem da

²¹ Instituto da Ciência da Felicidade do Brasil (The Institute for Research in Human Happiness); sem fins lucrativos, situada à R. Gandavo, 363 – V. Mariana. E-mail: ciencia@uol.com.br Tel: 5574-0054/Fax: 5574-8164. Possui sede em Tokyo (Japão), Nova York, São Francisco, Havaí e Los Angeles (EUA), Toronto (Canadá), Londres (Grã-Bretanha), Seoul (Coreia), Melbourne (Austrália). E, no Brasil, além de São Paulo, possui sede em Jundiaí.

mesma maneira em relação a seus desejos e necessidades. Assim sendo, deve haver ajustes em níveis sustentáveis e considerados razoáveis para todos, dependendo das políticas de concessões.

Klein (2005: 226), acrescenta que: *“viver em países onde a distribuição de renda é mais equilibrada”* apresenta índice de satisfação mais elevada. Porém, Zaoual (2003:75) alerta que a ajuda externa ou um financiamento só terá sucesso com a emancipação do bem-estar das pessoas, da capacidade de *“poder mudar sua situação (building capacity)”*, com própria aquisição endógena para uma evolução autônoma; pressupondo a existência de consciência e nível de conquista humana mais elevada, sem paternalismos e assistencialismos.

O *“bem-estar do ser humano é, em parte, objetivo, mas é também subjetivo – dependendo muito de como as pessoas estão se sentindo e avaliando as suas vidas à medida que o mundo à sua volta se transforma”* (GIANNETTI, 2002: 32), portanto, o significado da felicidade para cada indivíduo depende da dinâmica em tempo e espaço, sendo única para cada pessoa. Assim, há níveis diferenciados do mais intenso ao menos intenso, em graus de satisfação na realização de uma atividade para cada pessoa. Klein (2005: 202) coloca que *“satisfação é como um mosaico de muitos e pequenos momentos felizes, e tomar consciência deles é a maneira mais eficaz de afugentar a infelicidade”*.

É a razão da existência de pessoas diferenciadas, pois cada qual enfrenta de maneira diferente o mesmo problema. Assim, há pessoas sempre bem humoradas e felizes, enquanto outras sempre estão emburradas. Todo ser humano tem suas falhas, vulnerabilidades, fraquezas, mas também tem suas competências, inteligências e esforços pessoais. Assim como alguns têm como meta o sucesso

financeiro, outros dão valor às relações pessoais, portanto existem ideais diferentes de felicidade, que dependem unicamente da pessoa.

Giannetti (2002: 102-103) acrescenta ainda que o processo civilizatório trouxe benefícios, mas trouxe o reverso dessa conquista, pois estes têm efeitos imprevistos para a humanidade, e são *“freqüentemente danosos ao bem-estar subjetivo do próprio homem”*, por exemplo: a poluição do meio-ambiente, advinda da evolução tecnológica do trabalho humano com a finalidade de trazer facilidades na vida cotidiana e criação de empregos. Assim, defende a tese da permuta civilizatória, que *“é a idéia de que não há uma harmonia preestabelecida entre o progresso e a felicidade humana”*, e que o progresso econômico resultou em aumento do estresse, esgotamento pela pressão competitiva e pelo ambiente tecnológico e organizacional mais exigente, acarretando pressão psíquica, em troca de benefícios materiais (2002: 117).

Klein (2005:11) diz que: *“Os dons naturais só se desenvolvem quando interagem com o nosso estilo de vida”*, portanto, *“ser feliz depende dos genes, mas também depende muito do meio ambiente, da cultura em que vivemos”*, portanto, de nossos valores, escolhas e decisões de cada dia, em cadeia. E esse sentido de satisfação pode combater o estresse e os prejuízos que ele causa à saúde, fortalecendo até mesmo o sistema imunológico e a longevidade, como consequência.

Da mesma forma que os estudiosos citados neste texto, Klein (2005:157) também defende a prática de atividades, pois sem elas e sem algum objetivo na vida, o indivíduo acaba sendo conduzido à depressão, devendo fazê-las, no entanto, dentro de seus limites e capacidades. Afirma o autor que a ânsia pela fama e fortuna reduz o grau de satisfação com a vida, assim como a busca do sucesso, boa forma física, dinheiro e poder. Sugere às pessoas que dêem prioridade ao cultivo de amizade,

desenvolvimento de talentos, participação em projetos sociais, e que sejam donas da sua própria vida.

Como coloca Zaoual (2003:92), “*o homem moderno precisa de sentido, de ancoragem e de vínculo social*”, que a “*economia do capital não lhe oferece*”, muito pelo contrário, oferece a competição e o reinado da quantidade, destruindo “*fundamentos morais e solidários da sociedade*”, mostrando a necessidade de desenvolvimento de relações societárias, em detrimento do individual, característica das sociedades capitalistas.

Por outro lado, verifica-se uma onda de interesses para a construção dos ambientes, supostamente voltados para o ‘bem-estar’ das pessoas, como também da multiplicação de uma parafernália de produtos, como alimentos saudáveis, roupas de algodão orgânicas ou para prática das atividades de esportes, artigos intitulados ‘zen’ para banho de relaxamento, numa tentativa de adequação às novas tendências de desejos e à criação de novas necessidades, pelos empresários e criadores de ambientes hedonísticos²².

Assim, está surgindo um mercado bilionário, para abastecer academias de ginástica, com bicicletas ergométricas, esteiras e outros artefatos. O culto conspícuo à saúde cria ambientes alternativos como clínicas e *spas* de relaxamento, com banhos de ‘ofurôs’²³, e outras atividades, como ioga, que levam à aquisição de uniformes, sapatilhas e materiais adequados para sua prática.

Enfim, observa-se uma busca frenética pelo hedonismo, criado pela indústria, visando ao capital, e, por outro lado, encontra-se uma população ávida, na

²² Cf. “Grandes empresas entram na onda bilionária do bem-estar”, in: *O Estado de S. Paulo*. Negócios. 09/10/2006, p. B10.

²³ Furôs ou ofurôs: banho de imersão em água quente, introduzido pelos primeiros imigrantes japoneses, no Brasil, para higiene e tirar o cansaço do duro trabalho rural, utilizando tambor vazio de pinga. Hoje, confeccionados em madeira ou fibra de vidro.

expectativa de novos lançamentos para preencher os vazios deixados pelas horas tediosas do tempo liberado e livre, acostumada a receber pacotes prontos, sem grandes preocupações, e que pressupõem a sua inclusão social por meio de mimetismos. Essa busca faz criar e movimentar o capital, pessoas e produtos da maneira mais variada possível. Mas, por outro lado, trazem novas frentes de serviços e trabalhos para muita gente. De qualquer forma, há procura constante dos seres humanos pela felicidade, pelo bem-estar físico, mental, material e imaterial.

e) Função da felicidade: exerce a função de levar o indivíduo ao bem-estar físico e mental, atendendo as necessidades salutaras, podendo atingir até o lazer completo, por meio da prática de atividades que exerçam todas as funções, sejam elas de descanso, de divertimento ou de entretenimento, de aperfeiçoamento da personalidade, de relações de amizade e de felicidade.

Após o estudo dessas funções, e associando-as às características culturais das atividades praticadas pela comunidade nikkei, e hoje pela sociedade brasileira em geral, verifica-se, que, em sua maioria, algumas atividades de origem japonesa se enquadram nessas funções, como o tradicional cerimonial da arte de servir o chá²⁴, um ritual cultural artístico e estético, considerado como um evento social de aproximação das pessoas, e usado como momento de relaxamento, desde os tempos dos samurais, também para encontros da classe aristocrata, e, mais tarde, da população em geral. Tem as funções de relaxar, entreter, aperfeiçoar a personalidade, de aproximar e de manter relações sociais, num ambiente onde reina tranquilidade, harmonia, sobriedade e simplicidade, longe das preocupações mundanas externas, deixadas fora do

²⁴ Referido anteriormente no mestrado (p.65-67), introduzido pelos monges budistas como bebida medicinal, inicialmente, e, posteriormente, como auxílio para a meditação e difundido para atenuar o estresse da vida, da luta pelo poder e espaço, das pessoas da época, baseado na filosofia e estética Zen.

recinto cerimonial, o *chashitsu*²⁵. Nesses momentos efêmeros da vida, seus praticantes podem sentir momentos de alívio, realização e felicidade, filosofia que reina na prática do *kendô*²⁶, *aikidô*, *sadô*²⁷ e outros.

Esse cenário exemplifica e ratifica a realização das funções do lazer, preconizado por Dumazedier (1973: 400 e/ou 1976: 32-34), como também outras duas funções: a da amizade e relações sociais e a da realização e felicidade pelo praticante, num exemplo de lazer completo. Outros exemplos, como práticas de esportes (futebol, vôlei, ginástica, etc.), de música e de arte podem ser analisados no contexto social das pessoas, com a finalidade de verificar o alcance das funções sociais do lazer.

Faz-se também necessário refletir sobre o fato de a atividade praticada ter uma única, duas ou todas as funções, exercidas em maior ou menor grau de intensidade, o que pode variar conforme o estado de espírito do praticante, num dado momento de sua vida, associado a fatores exógenos.

.

2.1.3 Tempo liberado e desemprego

Segundo os estudos de tempo livre, liberado e de lazer, os mesmos poderão ser vistos como oportunidades para uso adequado, com novas perspectivas e como fontes criadoras potenciais de trabalho formal ou informal do tempo de desemprego. O tempo liberado para a procura de trabalho poderá ser utilizado, como preconizado por Dumazedier, em uma das funções, como qualificação, aperfeiçoamento e/ou desenvolvimento das potencialidades para a construção da empregabilidade das pessoas desocupadas. São momentos de experimentos de competências e novas

²⁵ *Chashitsu*: sala de chá pequena e simples, mas planejada nos mínimos detalhes, cuidadosamente.

²⁶ *Kendô* e *aikidô* são artes marciais.

²⁷ *Sadô* é o mesmo que *ikebana*.

descobertas para abertura de outros horizontes, seja para empregos formais ou informais ou para puro lazer.

Sugere, também, as práticas de atividades de lazer para atingir suas funções sociais, que permitam e levem ao relaxamento ou descanso, tirando as tensões e o estresse, para restabelecer o equilíbrio físico e mental, que proporcionem o divertimento e/ou entretenimento, e façam esquecer momentos de sofrimento, tristeza, problemas e aborrecimentos. E também que levem ao aprimoramento da personalidade, do conhecimento do outro, das relações de amizade e da formação do capital social; enfim, que conduzam o indivíduo ao bem estar físico e mental, elevando sua auto-estima e estado de felicidade.

Se desempregados ocuparem seu tempo liberado do desemprego para atingir uma das funções citadas acima, de maneira espontânea, de acordo com seus valores e sua preferência, eles podem representar uma parcela de pessoas, ocupando uma área que fica na intersecção entre tempo livre/lazer e tempo liberado.

Friedmann (1973: 459) coloca que:

É indispensável, desde a escola primária, assegurar a todas as crianças das cidades e dos campos, conjugando-a com a formação profissional delas, uma formação que as prepare para a vida de não trabalho, que lhes estimule a sede de conhecer, de admirar, que lhes desperte o gosto, e lhes proporcione, de acordo com os seus interesses e aptidões, instrumentos de escolha.

O autor dá sugestões e princípios para uma educação permanente e continuada, desde a infância, que prepare as pessoas para outros horizontes de opções e escolhas em suas vidas, de uma maneira mais ampla.

Portanto, subentende-se o despertar e a construção de ampla competência nos indivíduos, permitindo-lhes conquistar espaços não somente

conhecidos, mas também desconhecidos. Assim, em que pese a globalização estar levando países a maior poder no mundo, dominando todos os setores das atividades humanas, impondo e estabelecendo regras para o restante dos países, conduzindo a era do crescimento produtivo sem o aumento proporcional do emprego, alguns brasileiros também estão ocupando e tentando conquistar seu espaço, buscando seu lugar nos Estados Unidos, Portugal, Japão e outros centros mundiais, nas mais diversas atividades econômicas, alguns mesmo em atividades consideradas pesadas, perigosas e sujas. Outros, porém, estão conquistando cenários internacionais por meio do esporte, da música, da moda e de outras atividades do setor terciário da economia.

De acordo com essa premissa, pressupõe-se que as pessoas precisam e devem estar cada vez mais preparadas para viver em qualquer espaço terrestre e escolher livremente lugares e sociedades, onde seus valores pessoais se coadunem melhor com os valores culturais da sociedade escolhida para viver melhor. Conseqüentemente, a educação informal e a formal têm papel fundamental na preparação dos cidadãos do futuro, seja no Brasil ou em qualquer nação do mundo.

Pelos estudos efetivados por Gallie, Marsh e Vogler (1994: 22-25), as atividades de lazer e a rede social dos desempregados na Grã-Bretanha mostraram interferências negativas, isto é, como desinteresse generalizado pelas atividades de lazer como frequência ao clube de teatro, empréstimo de livros da biblioteca e ida ao parque público.

Os homens desempregados, por exemplo, permaneciam passivamente em casa, onde a falta de atividade estruturada começava a transformar-se em tempo sem sentido, saíam menos para barzinhos, clubes noturnos, mas faziam visitas sociais nas casas de conhecidos como uma maneira de não fazer gastos. As atividades de lazer

desses desempregados eram mais passivas, como hobbies e lazer doméstico, além de ocuparem o tempo com serviços de casa.

Porém, o declínio da sociabilidade variou consideravelmente, de acordo com o caráter da pessoa desempregada, acentuando-se quando se tratava de pessoas sozinhas, sem companheiros. Além disso, os desempregados que dependiam totalmente da rede social, quando empregados ficavam numa posição de desvantagem com a perda do contato social, ao ficar em suas casas.

Os autores ratificaram também a idéia de que as pessoas devem se dedicar a várias outras atividades, não só as de casa ou de trabalho, mas de estudos, aperfeiçoamentos, esportes, música, artes e outras, que possam ser exercidas com outras pessoas, para criar sua rede social quaisquer que sejam as situações, empregadas ou não. Podem descobrir também as múltiplas opções de aprendizagens, aperfeiçoamento da personalidade, ocupações e até novas potencialidades e habilidades até então ocultas, ou mesmo a busca pelo puro entretenimento e/ou contribuição na construção do capital social.

Por sua vez, Demazière (1995: 97-98) faz estudo das várias dimensões do desempregado, analisando as experiências subjetivas e psicológicas de seu perfil, e como utilizam o seu tempo: numa primeira dimensão, o desemprego é visto de maneira menos negativa e o desempregado aproveita o tempo para colocar em prática sua vocação; numa segunda dimensão, o autor verifica a intensidade e a forma de sociabilidade, em que o desempregado, independentemente de sua atividade profissional, é integrado na rede social. E, na última dimensão, mostra a integração familiar, dando suporte ao período de desemprego.

Mediante essas dimensões, Demazière tenta mostrar como as pessoas podem enfrentar períodos de desemprego, embora de maneira subjetiva, pois isso

depende de como tudo pode se processar em cada indivíduo e de como cada um pode enfrentar e sentir o sofrimento internamente, diante de problemas diversos. Uns tentam aproveitar qualquer oportunidade que aparece em sua vida para melhorar sua rede de relações sociais, assentar suas bases vocacionais e valorizar suas relações familiares, encarando as situações-problema de maneira otimista, enquanto outros ficam deprimidos.

Analisa também o perfil do desempregado inverso, que se caracteriza como tendo aversão ao trabalho regular, rotineiro, executado sob a dependência de uma hierarquia, preferindo estar na informalidade. Assim, engaja-se de maneira relaxada na prática das atividades adaptadas a seus próprios passos, como as artísticas, adotando o próprio ritmo de sua vida, como de estudante, construindo uma situação variante livre de emprego/desemprego. O trabalho assalariado fica no plano secundário, pois esse desempregado procura o prazer da realização pessoal, indo contra o sistema de valores impostos pelo trabalho.

Cita, também, o exemplo do desempregado que procura ocupação plena equivalente à atividade exercida no quadro do emprego, mas preenche seu tempo de desemprego com várias modalidades de atividades como: participação em estágios de aperfeiçoamento de suas competências, engajamento nas atividades para o acréscimo e aumento dos conhecimentos exigidos na marcha do trabalho. Essas atividades permitem resistir às desvalorizações sociais e mantê-lo com status de ativo a despeito da privação do emprego.

Os exemplos dos tipos de desempregados citados mostram como a situação poderá ser atenuada, vista de maneira diferente, flexibilizando-se e adaptando-se ao meio social de acordo com o perfil psicológico e de personalidade de cada um, da aceitabilidade e da maneira como cada qual enfrenta e organiza o tempo de

desempregado. Supõe-se que casos análogos aos exemplificados pelos estudiosos devam fazer parte da nossa realidade brasileira, servindo de parâmetros para futuras comparações.

Esses exemplos apresentados a respeito dos desempregados no enfrentamento do problema mostraram também as probabilidades subjetivas determinadas no campo da educação e suas trajetórias reais. Colocam em xeque até que ponto a educação e seus programas têm colaborado para prepará-los para o mundo em sua ação dinâmica, e mesmo para lhes permitir perceber e responder aos requisitos do mundo em transformação, de modo a torná-los menos traumatizados com as adversidades encontradas, sabendo contorná-las diante das abstrações, injustiças, desigualdades e violências.

Na França, os movimentos de desempregados (Demazière, 1995: 111-113) são ações que visam a dar apoio a seus pares em atividades coletivas, trabalhos sociais dos sindicalistas com o intuito de organizar os espaços de convívio, onde desempregados podem se reunir, lutar pela retirada de impostos locais, pela obtenção do transporte gratuito, pelo movimento contra suas marginalizações e pelo retorno das garantias para todos, em qualquer situação de dificuldade.

Também o citado autor mostra preocupações na organização das atividades sociais como bricolagem, cozinha, costura e outros, e no encontro de soluções individuais, como garantir direitos coletivos, ver propostas de outros modos de repartição das riquezas, constituindo uma dialética de assistência e de reivindicação difícil de administrar, pressupondo complexidade das forças políticas existentes entre eles. Nota-se que algumas preocupações e ações desses movimentos coletivos são semelhantes às dos trabalhadores brasileiros estudados por Gonn em educação não

formal, o que será elucubrado no item sobre educação não formal e informal, infracolocados.

Desta feita, ‘viver e existir no desemprego’ não só depende de fatores exógenos, como a macro e micro economia mundial e nacional para a sobrevivência do desempregado, mas também de fatores endógenos, como o sistema organizacional de cada indivíduo como pessoa. Depende do empenho de cada um na construção de sua empregabilidade, do capital social e do aproveitamento de suas experiências e da dos outros, sejam negativas ou positivas, resignificando-as e usando o tempo livre/liberado adequadamente para qualificação profissional específica e/ou geral, participando de outras tantas atividades sejam esportivas, culturais, artísticas ou sociais oferecidas na área do lazer, ou mesmo, aproveitando várias iniciativas de sindicatos, associações, centros de treinamento, oferecidas na educação não formal, como reciclagem profissional.

De qualquer forma, os desempregados urbanos podem aproveitar as várias opções existentes, pois, como mencionados anteriormente, são também momentos de descobertas das habilidades ocultas e oportunidades de experimentos das potencialidades de cada um.

2.1.4 Conceito do tempo livre e lazer

Retomando o conceito trabalhado anteriormente no mestrado e acrescentando novas reflexões, o **tempo livre** pode ser compreendido como o tempo realmente livre de todas as obrigações, sejam estas referentes ao trabalho, às obrigações sociais e familiares, ou ao atendimento das necessidades biológicas e fisiológicas. É o tempo discricional, que cada indivíduo preenche, de livre e espontânea vontade, com as

mais variadas atividades, consideradas pela sociedade como *saudáveis* para os seres humanos e com duração variável (minutos, meses ou anos). Pode corresponder até ao *trabalho*, desde que, de livre e espontânea vontade, sem sofrer qualquer tipo de pressão ou coação e que seja gratificante, podendo ser de atividades voluntárias remuneradas ou não, desenvolvidas em entidades, associações, clubes, em casa ou em qualquer espaço. Não se considera, no âmbito deste trabalho, o tempo livre preenchido com atividades que possam prejudicar a saúde física e mental do indivíduo, como vícios e outros males.

O **lazer** compreende atividades que levam à diversão, ao entretenimento, ao relaxamento, à aprendizagem para aprimoramento da personalidade, ao desenvolvimento de relações de amizade e/ou de relações sociais, de realização e da felicidade, que conduzam ao bem estar físico e mental, atividades prazerosas, para satisfação das necessidades individuais, supostamente *salutares ou benéficas* e que não causem stress. As escolhas das atividades devem ser espontâneas, não obrigatórias, coagidas ou impostas pela moda, mídia ou por um determinado grupo com interesses particulares, e coadunar-se com os limites físicos e mentais das pessoas, com valores de preferência ou gosto aceitáveis para si e para os outros. Aquilo que é divertimento, entretenimento, aprendizagem, gosto, amizade ou felicidade para alguns, nem sempre o é para todos, além de o nível de satisfação e de prazer serem diferenciados para cada indivíduo.

Enfim, *lazer deve ser desenvolvido no tempo de que a pessoa dispuser, por livre e espontânea vontade, sem pressão ou qualquer tipo de coação, no espaço de sua escolha, podendo ser completo ou não, e até mesmo parcial. E que eleve a auto-estima para enfrentar e viver melhor em sociedade.*

2.2 EDUCAÇÃO INFORMAL E TRAÇOS CULTURAIS

Para iniciar, elaborou-se um pequeno esclarecimento sobre a educação **não formal, informal e formal**, em seguida caracterizando-as, no contexto social.

Em relação à **educação informal**, que tem como paradigma principal a instituição familiar, esta representa importante papel como a primeira transmissora do conjunto de valores atitudinais individuais, sociais e juízo de valores, segundo Campos (1985). Sendo assim, todo ser humano recebe dela um conjunto de valores culturais, incluindo normas, valores morais e éticos. Portanto, ela ocorre de maneira espontânea, natural e informal, mesmo que impregnada de “*valores e representações*”, por meio da educação familiar (GONN, 1999:100), e de outros que fazem parte do grupo social, ou no seio de uma comunidade ou outro agente formador do qual o educando faz parte, portanto, ao longo da trajetória de vida pessoal e individual²⁸.

A autora Gonn (1999) trabalha a educação **não-formal**, que foca a cultura política do associativismo do terceiro setor, desenvolvendo intencionalmente, nos sujeitos, atividades e ações para criar e/ou buscar qualidades e/ou objetivos determinados, organizados sempre coletivamente, em movimentos e associações sociais, ONGs etc.

Existe também outra conotação, a de dar acesso aos adultos ou aos jovens que deixaram seus estudos por algum motivo, prematuramente, retornando em outra época, à continuidade dos estudos, superando etapas da educação formal, de acordo com suas competências. Naturalmente, isso deve ser feito com metodologia, conteúdos curriculares flexíveis em sequência cronológica diferenciada, como vem

²⁸ Freire (1996: 44) ressalta “*a importância das experiências informais nas ruas, nas praças, no trabalho, nas salas de aula das escolas, nos pátios dos recreios, em que variados gestos de alunos, de pessoal administrativo, de pessoa docente se cruzam cheios de significação*”, para que sejam dadas as devidas considerações para esses conhecimentos que cada indivíduo traz consigo.

ocorrendo com a educação de jovens e adultos (EJA), prevista na legislação, mediante cursos e exames Supletivos, a fim de levar à *“plena participação de todos nas decisões dos diversos setores da vida social, política e cultural”*, com o intuito de incluí-los, socialmente (GELPI,1983:27).

A **educação formal** caracteriza-se pela sistematização do saber acumulado na sociedade e seriado com terminalidade, no sistema de ensino público ou privado, estabelecida pela Lei 9394 das Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996, com as devidas alterações posteriores. Essa educação ocorre no seio da instituição denominada escola, direcionada para a educação básica (ensino infantil, fundamental e médio) e ensino superior (faculdades e universidades), porém em vista da rapidez das mudanças nos contextos sociais, há uma necessidade constante de adequações dos paradigmas pré-existentes, como bem colocado por Lima (1971).

Conforme Gonn (1999: 92-94), no Brasil, a educação não formal passou a ter destaque na década de 1990, visando a mudanças na economia e no mundo do trabalho na sociedade, com enfoque *“aos valores culturais que articulam as ações individuais”*, pois a nova cultura organizacional *“exige a aprendizagem de habilidades extra-curriculares”*, com a intervenção de organismos internacionais como a ONU e a UNESCO.

Criaram-se, dessa forma, programas de educação em várias regiões da América Latina, pelas experiências das ONGs, traçando novas possibilidades básicas de aprendizagem, dando ferramentas e seus ‘conteúdos básicos’ teóricos e práticos, *“valores e atitudes para viver e sobreviver, e a desenvolver a capacidade humana”*, ampliando o *“campo da educação para outras dimensões além da escola”*, para fomentar a equidade e diminuir as desigualdades individuais e sociais. Portanto, os espaços onde se exercita a educação não formal vão desde simples associações de

bairros até, *“organizações que estruturam e coordenam os movimentos sociais, nas igrejas, nos sindicatos e nos partidos políticos, nas Organizações Não-Governamentais, nos espaços culturais, e nas próprias escolas, nos espaços interativos dessas com a comunidade educativa etc”* (GONN, 1999: 101).

Assim, quando os educandos passam por instituições, sejam escolas, associações comunitárias, igrejas e outros, onde há preocupação em dar acesso a mecanismo de apropriação e emancipação humana, começam a receber contribuições da educação não formal, baseados no diálogo, liberdade, autonomia, na construção de saberes educativos, como foi colocado pelo renomado educador Paulo Freire (1984,1996). Franco (1988) sugere que a escola não só leve os alunos ao conhecimento e habilidades, como agente formador da mão de obra disponibilizada para o mercado, mas prepare o educando para a vida como cidadão, tornado-o apto a responder à sociedade com ampla formação educacional.

Porém, Gonn (1999:95-97) critica que alguns cursos desenvolvidos *“distorcem a realidade atual do mundo do trabalho, onde o maior problema é o desemprego”*, com necessidade de alterar essas políticas públicas, *“de forma que priorize a retomada do desenvolvimento e a expansão do setor produtivo”*, pois, enquanto o educando faz o curso, recebe bolsa para se *‘habilitar’* em uma nova função, passando a ser computado como empregado nas estatísticas, não conseguindo recolocação no emprego, mas podendo entrar no mercado informal, em trabalhos alternativos. São verbas internacionais, financiadas principalmente pelo Banco Mundial, que subsidiam tais programas, distribuídas pelo governo federal para as instituições e sindicatos a fim de promoverem cursos, portanto *exercendo “um controle sobre a distribuição das verbas segundo seus interesses”*. Os *“excluídos vagam e migram em diferentes áreas e espaços porque são ‘sobrantes’, não há mais vagas ou lugar para*

eles no mercado de trabalho”. Emergem de múltiplos campos, situando-se na área de atuação das ONGs, associações ou outras iniciativas do terceiro setor. Nesse contexto sócio-econômico, a violência também passa a fazer parte da vida cotidiana de familiares, nas escolas e na vida social.

Portanto, a educação não formal, segundo Gonn (1999: 98-99), atua em várias dimensões, como formação da cidadania, aprendizagem e desenvolvimento das habilidades e potencialidades, aprendizagem da escolarização formal escolar, mas em formas e espaços diferenciados, educação pela mídia e eletrônica, a educação para a ‘arte de viver bem’, para o auto-conhecimento, baseada em filosofias e técnicas orientais de relaxamento, meditação, alongamentos etc., mostrando que esta última dimensão e a do desenvolvimento das habilidades e potencialidades se encontram na intersecção com as funções do lazer, estudadas também na linha de pesquisa de ‘turismo e lazer’.

Em relação à educação informal, os pais e familiares têm papel fundamental, pois, segundo Lacan (1993:13), ela representa o principal transmissor de valores culturais, entre outros, dos costumes, dos ritos e da primeira educação, e pressupõe a permanência em maior parte do tempo, no seu ambiente, tendo-os como referência e recebendo deles, tanto carga positiva como negativa de atitudes sociais, que constituem paradigma, que orientam e reorientam no enfrentamento de problemas e de sobrevivência, perante a sociedade.

Posteriormente, recebem as influências e interferências em contato e convívio com outros parentes, vizinhos, amigos, com associações, clubes, grupos e demais instituições sociais, onde se inserem, como os grêmios estudantis de escolas, associações, clubes, igrejas, materiais divulgados pelos meios de comunicação como

TV, rádio, filmes, livros, revistas e outros, que vão formatando um conjunto de valores socializadores.

Luria, ao comentar sobre os estudos de Vigotski (2001b: 27), diz que *“as crianças estão em constante interação com os adultos”* desde a sua infância, e que os adultos procuram ativamente *“incorporá-las à sua cultura e à reserva de significados e de modos de fazer as coisas que se acumulam historicamente”*. Portanto, os adultos *“são agentes externos servindo de mediadores do contato da criança com o mundo. Mas à medida que as crianças crescem, os processos que eram inicialmente partilhados com os adultos acabam por ser executados dentro das próprias crianças”*, em processo interpsíquico. Assim, nessa constante mediação com o mundo, vão formatando o processo psicológico, partilhado em interação entre pessoas, das crianças com os adultos, com a *“interiorização dos meios de operação das informações, meios estes historicamente determinados e culturalmente organizados, que a natureza social das pessoas tornou-se igualmente sua natureza psicológica”*.

Conforme Vigotski (2001a: 78), a *“educação faz a seleção social da individualidade necessária”*, selecionando e transformando o homem biótipo em sociótipo, pois apreende, e aprende a reagir ao mundo, por meio do complexo processo de inter-relação com seu meio social, pela adaptação. Em outras palavras, os seres humanos educam a si próprios mediante aprendizagens informais individuais, ou seja, lançam mão da educação informal para selecionar elementos sociais necessários à sua vida. Como diz o autor, retro (2001: 65), *“o conhecimento que não passou pela experiência pessoal não é conhecimento coisa nenhuma”*, pois a experiência vai estabelecendo formas de comportamentos internos e externos, pela reação social, destacando aquelas aceitas pela sociedade. Nesse sentido, pode transformar a sua educação *‘em uma criação de vida’* (2001a: 457).

Dessa forma, a educação vai-se processando para a reeducação do indivíduo na sociedade onde se insere e ele vai adquirindo um conjunto de sistema de valores, que vai conduzir seu modo de pensar, de ser e de agir.

Isso vem ratificar o perfil dos sujeitos da pesquisa com a forte presença de educação informal familiar²⁹ e comunitária, com seus costumes, linguajar e demais valores étnicos, característicos, que, se, por um lado causaram dificuldades no meio social brasileiro, por outro, trouxeram algumas vantagens em sua aventura de trabalho no Japão.

Porém, quando o jovem é obrigado a mudar-se para um novo país, com cultura diferente, enfrentará com hostilidade o novo conjunto de valores, conforme Lewin (2001: 205), pois em geral os jovens acostumados com seus valores são leais a eles, e, quando a reeducação ocorre contra sua vontade, respondem com hostilidade às ameaças de mudanças, que devem ser concebidas gradualmente, para que a hostilidade se transforme em cordialidade (LEWIN, 2001:206).

Então, ele passa a aceitar o novo sistema de valores e crenças, *“quando aceita pertencer a um grupo”* e quando passa a se identificar com ele, pois *“os fatos se tornam verdadeiramente fatos ‘deles’”*, princípio de solidariedade grupal, segundo Lewin (2001: 207 e 208).

Conforme Campos (1985: 08), os pais selecionam o que querem transmitir aos filhos como herança cultural do seu grupo. Desta feita, notam-se diferenças nos comportamentos culturais dessa ou aquela criança ou jovem, ou, mais tarde, de um adulto. Assim, valores materiais e espirituais passam a fazer parte da vida cultural cotidiana das pessoas em relação à maneira de encarar realidades diversas da

²⁹ Não houve intenção de verificar, no âmbito deste trabalho, tipo de estrutura familiar: formalizada ou não, nuclear ou outros. Considerou-se, apenas, como família: pais, filhos e parentes próximos.

sociedade, baseadas e interpretadas de acordo com o significado dado e aprendido, tendo como paradigma e parâmetro valores herdados e constituídos na família e em seu grupo social, de maneira natural e espontânea.

Assim, algumas famílias, jovens ou adultos ou grupos sociais apresentam maior ou menor intensidade de características culturais étnicas, que se reproduzem em seu meio social e se diferenciam de outros grupos e indivíduos. Estão sempre presentes em todas as sociedades, e algumas pessoas, famílias e grupos sociais fazem questão de passar esses valores. Aqueles que querem manter seus valores tentam acompanhar e construir a trajetória de vida, junto e, em conjunto com seus familiares, grupos sociais e comunidades, às quais pertencem, definindo seus propósitos, a fim de evitar o relativismo cultural.

Um exemplo é o da família Schürmanns³⁰, que resolveu realizar o sonho de dar a volta ao mundo. O casal tinha três filhos, à época com 7, 10 e 15 anos de idade, e, mais tarde, adotou uma menina. Partiram de Florianópolis (SC), num veleiro, em direção ao alto-mar, em uma viagem que durou cerca de 10 anos, entre o mar e a terra, numa convivência cotidiana intensa de parceria, para que a embarcação andasse a contento, com uma boa administração, divisão adequada de tarefas, de responsabilidade, de confiabilidade, de independência, de interdependência e de cumplicidade entre os membros da família.

Se assim não fosse, o sonho seria impossível de ser realizado ou mesmo teria esmaecido como bolha de sabão. O sucesso de sua realização dependeu da formação humana familiar sólida, muito particular dos Schürmann³¹. Sabe-se que a construção de uma cultura familiar no contexto social, hoje, não é nada fácil, porém eles

³⁰ Cf. artigo “A aventura de ser pai”, in: *Veja São Paulo*, Ano 39, n.31, 9 de agosto de 2006.

³¹ Cf. Cançado, “Filho dos Schürmanns cria negócio alternativo”, in: *O Estado de S.Paulo*, NEGÓCIOS, 06/11/2006, B11. Um dos filhos cria e vive, vendendo as experiências adquiridas com sua família.

conseguiram mostrar seu estilo de vida, que pressupõe um exemplo de educação baseada em diálogo, em troca de idéias, opiniões, escolhas e decisões no cotidiano, num veleiro, e em contato com várias culturas de países por onde passaram e que conheceram, não abrindo mão de ser um porto seguro para seus filhos.

Sabe-se, também, que esse exemplo de educação informal é inusitado, que não é para todos, mas os exemplos que mais se notam, comumente, nos dias atuais, são os de pais que nunca têm tempo sequer para um diálogo entre si, para conferir como vai a vida dos filhos, ou para fazer ou construir, ou mesmo desenvolver algo em conjunto, em parceria e com cumplicidade, com possibilidade de conhecer, descobrir qualidades e habilidades que sirvam como paradigmas. Estão substituindo e delegando essa convivência tão importante para as máquinas, TV, *walkman*, Internet, DVD, que vão ocupando espaços, antes ocupados pelos seres humanos, pais e familiares.

Portanto, a educação informal deverá constituir uma sólida base de formação do indivíduo, em conjunto com a educação formal, e mesmo da não formal, dependendo das circunstâncias de cada um, que leve a um contínuo e permanente aperfeiçoamento como pessoa, incluindo a formação da cidadania, na constituição do capital humano, visto que o ser humano é dinâmico, e em contínua transformação, exigindo adaptação a novas situações por ele criadas, como ocorre com os migrantes brasileiros no Japão.

Nesse sentido, o capital humano passa a constituir um patrimônio individual e coletivo de uma nação, de uma comunidade e de uma empresa, visando à criação de sociedades, quaisquer que sejam, sempre de forma atualizada, desenvolvida em ambientes sustentáveis, sejam físico-naturais ou sociais, numa contínua aprendizagem e construção do saber pela qualidade, em que todos os que fazem parte de

uma dada sociedade têm a sua parcela de responsabilidade pela construção desse capital, com a finalidade de um mundo melhor a todos. O processo educacional deve ser aperfeiçoado continuamente, sendo capaz de enfrentar os desafios de um mundo em constante transformação.

Autores como Furter (1975), Collet (1976) e Gelpi (1983) defendem e incentivam a educação permanente e contínua por toda a vida, para o desenvolvimento individual e grupal, tanto dos educandos como dos educadores, sem a obrigatoriedade de uma terminalidade, como ocorre com a educação formal, até para a preparação e possibilidade de auto-formação, com o aumento do tempo livre. Portanto, *“uma educação que não termina com o encerramento dos diferentes períodos escolares previstos”*, visando ao desenvolvimento global e permanente do ser humano, como colocado por Gelpi, (1983:30).

E, no atual contexto social em que está ocorrendo a democratização do ensino, da educação formal para todos, o que vai diferenciar um indivíduo do outro é a formação integral da pessoa, acentuada pela educação informal, dando a característica pessoal e individual.

2.2.1 Traços culturais

Em relação aos traços culturais será feito um recorte sobre alguns processos que ocorrem no contato entre diferentes culturas, como o exemplo do processo de hibridação estudado por Canclini (1998:346-347), em que a cultura de países hegemônicos e de subalternos necessita uma da outra, pois vão expressando as transações indispensáveis nos intercâmbios cotidianos, no entrelaçamento de umas

com as outras, conscientes da diversidade cultural existente, como no caso entre o Japão e o Brasil.

Embora exista em qualquer parte do globo a mercantilização cultural, que tenta a homogeneização e imposição de valores com a venda de produtos em colaboração com a mídia, acontece também um diálogo cultural com vários povos, seus choques, aceitações, escolhas e decisões individuais. Estas últimas são as que se movem conforme a filosofia de vida de opção deles, às adesões, e/ou às aquisições, e/ou às adaptações, e mesmo ocasionando mudanças sociais, portanto, quanto mais conscientes e melhores visões de mundo tiverem as pessoas, elas farão as escolhas mais adequadas a seu conceito de valores, sem serem conduzidas pela mídia ou propaganda ou vontade de alguns vendedores de ilusões.

Isso pode ocorrer também com relação aos costumes, em geral, e crenças diversas, que podem gerar intolerância, mas quando há maior conhecimento e aceitação das diferenças, na coexistência e convivência, num mesmo espaço multicultural e de diversidade de povos, raças, costumes e credo, há menores possibilidades de desentendimento no nível de tolerância entre pessoas. Essa cultura miscigenada vai sendo construída, no cotidiano da vida e ao longo dos tempos históricos, como vem acontecendo, por exemplo, em vários bairros da cidade de São Paulo, com a presença multicultural de etnias que convivem com a diversidade.

Por outro lado, Hall (2005:69) discute questões de identidades nacionais que, com a homogeneização cultural do 'pós-moderno global', vão 'desintegrando' o paradigma existente, substituído, com a adoção, aquisição e mudança para novas identidades, por vezes híbridas, que vão ocupando seu lugar, enquanto outros tentam reforçar suas identidades particulares ou 'locais', resistindo a essa globalização.

Essa situação também faz que surjam novas identidades e fragmenta o indivíduo unificado por suas identidades de ‘pertencimento’ *“a culturas étnicas, raciais, lingüísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais”* (HALL, 2005:07-08), compondo um indivíduo com várias identidades, muitas vezes até *“contraditórias e não resolvidas”* (Hall, 2005:12). Para o autor (2005:13), *“a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia”*, pois *“nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas”*, assumidas em diferentes momentos históricos de vida, o que muitas vezes se verifica com migrantes brasileiros no Japão.

Esse panorama está tomando espaço na nova ordem mundial com a composição cada vez mais miscigenada de povos migrantes, que se movimentam para todos os espaços mundiais. E, em todos os lugares, *“as pessoas sentem a necessidade de crer e de ser”*, inserindo-se em locais de pertencimento. Assim, à medida que cresce o sentido global, também cresce o sentimento do local. Dessa forma, há necessidade de reconhecer a diversidade e intercâmbios culturais, abolindo *“a supremacia das categorias econômicas, mecanicistas e excludentes”*, reconhecendo a existência do multiforme, plural e indeterminado na globalização (Zaoual, 2003:21).

Isso leva a entender que o apego ao local e ao particular vão gradualmente mudando *“para valores e identidades mais universalistas e cosmopolitas ou internacionais”*, por meio do diálogo, pois *“a globalização não parece estar produzindo nem o triunfo do ‘global’ nem a persistência, em sua velha forma nacionalista, do ‘local’”*, mas transformando a paisagem com a inserção das diferentes identidades migratórias. Os deslocamentos e desvios da globalização estão levando às mais variadas contradições *“do que sugerem seus protagonistas ou seus*

opponentes". E, coloca Hall (2005:97) que *"a globalização pode acabar sendo parte daquele lento e desigual, mas continuado, descentramento do Ocidente"*.

Tal fato pode explicar as grandes mudanças na paisagem urbana e social do Japão, com o contato e a entrada de vários povos, alguns deles com maior força hegemônica do que outros, negociando e impondo suas culturas, ocorrências que vão sendo produzidas naturalmente, como reflexo das escolhas das pessoas no seu conjunto de valores culturais. Além disso, existem cidades no mundo, como Nova Iorque, Tóquio, Londres, Paris, São Paulo e outras, que possuem bairros com intensa relação social, práticas e culturas transnacionais, em meios avançados de comunicação, que superam o tempo-espaço, estabelecendo, como colocado por Featherstone (1997:159), *'culturas desterritorizadas'*, que pressupõem zonas de atuação de todos e ao mesmo tempo de não pertencimento a nenhum país.

Gessner e Schade (apud Featherstone, 1997: 129-130) afirmam que a globalização ocasionou o desenvolvimento de *'terceiras culturas'*, - encontros multiculturais num mesmo espaço - , desse modo, esses encontros acabam tendo função mediadora, *"a exemplo do que ocorre com disputas legais entre pessoas de diferentes culturas nacionais"*. E que os *"Estados-Nação do Ocidente tiveram de aprender a tolerar maior diversidade no interior de suas fronteiras, que se manifestam através de maior multiculturalismo e polietnicidade"*, que *"aumenta a demanda por uma participação igual, direitos de cidadania e maior autonomia por parte das minorias regionais, etnias e outras"*.

Segundo Zaoual (2003:104), *"a estrutura cultural do planeta constitui-se de um 'imenso tapete de sítios' que, mesmo sendo singulares, estão imbricados uns com os outros"*, o que dá um *"aspecto extremamente emaranhado"* à humanidade, a qual encontra *"equilíbrio na diversidade e não na uniformidade"*, pois

no centro dela está o ser humano indivisível e único, com suas características próprias, que merece respeito em relação à variedade de vida social e econômica. Portanto, existem “*histórias plurais*” no mundo, conforme Featherstone, (1997:127), com culturas e particularidades diversas, concebidas pela diferença cultural existente entre as pessoas.

Esse panorama mostra que, se de um lado há tentativa de homogeneização, uniformização e hegemonia de certos espaços, paisagens e culturas, por outro, há comportamento de valorização da cultura particular, característica e local, exercendo sua força, e resistência de valores, que afloram e criam outros, num diálogo multicultural, como vem ocorrendo em certos bairros das cidades japonesas, com a miscigenação de populações e culturas endógenas e exógenas.

3 DESEMPREGO E PERFIL DOS BRASILEIROS RETORNADOS DO JAPÃO

Este capítulo focaliza o desemprego no Brasil nas décadas de 1980 e 1990, quando se inicia a saga de brasileiros que passam a procurar outros espaços mundiais para trabalho e uma possível melhora de condições de vida.

Em seguida, caracteriza o perfil demográfico de brasileiros retornados do Japão, em gênero, idade, escolaridade, presença de educação informal, presença de lazer ativo (prática e participação em eventos esportivos, culturais e sociais) e/ou lazer passivo, e benefícios do lazer nos sujeitos da amostra.

3.1 DESEMPREGO NO BRASIL E NA MEGALÓPOLE PAULISTANA

Conforme a literatura de vários autores sobre desemprego, a década de **1980** apresenta mudanças estruturais na dinâmica social de emprego/desemprego em razão da globalização que atingiu o mundo e o Brasil. Paul Singer (1996) intitula esse período de Terceira Revolução Industrial, visto que o mundo ficou imerso em transformações radicais, tanto no modo da industrialização como também quanto aos lugares espaços de produção de intensa racionalização do trabalho, mecanização, robotização, tendo, como consequência, a grande produção, sem, contudo, aumentar o número de mão de obra.

O Brasil, então, estava mergulhado na crise da dívida externa de alta inflação, com estagnação econômica e desempenho de cerca de 2,9% de expansão

média anual, conforme Mattoso (1999:11), abaixo da economia mundial e com pouco desenvolvimento. Assim, o pólo industrial e econômico deixou a América Latina, e se transferiu para os centros asiáticos como Hong-Kong, Taiwan, Coreia do Sul e Cingapura, com oferta de mão de obra disponível, treinada, e de baixo custo. Esses países viram, portanto, sua produção e crescimento econômico se expandirem, passando a exportar e servir seus produtos para o hemisfério Norte Ocidental.

Essa situação levou ao fechamento de muitas fábricas da Europa e da América do Norte, ocasionando o aparecimento de desempregados industriais urbanos, do subemprego, deterioração das condições do trabalho e crescimento da informalidade. Como consequência, ocorreram as baixas remunerações, a precarização do trabalho e da vida, a rotatividade de mão de obra e a terceirização como estratégia de diminuição de custos para o empregador. A desvalorização do ser humano como mão-de-obra tornou-se, portanto, uma realidade em países centrais do Ocidente.

Circunstância semelhante atingiu o Brasil, causando o aparecimento de desempregados de longa duração, com a exclusão social definitiva do emprego.

Houve também a multiplicação de pequenas firmas, que passaram a ocupar os trabalhadores autônomos, terceirizados, que vendiam seus serviços, descentralizando a força de trabalho humano. Por outro lado, surgiram novas tarefas ligadas à informatização, com qualificação, mas de poucos postos de trabalho, pois ela executa tarefas equivalentes às de muitas pessoas. Tais transformações não atingiram diretamente os pobres, mas os que perderam a força do trabalho, que, no Brasil, correspondia à dos ricos, abrangendo os assalariados formais.

Os pobres sempre careceram de empregos, vivendo “*de bicos, do comércio de ambulantes, de trabalhos sazonais, da prestação de serviços*”, que não exigiam “*qualificação, incluídos a prostituição, a mendicância e assemelhados*”

(SINGER, 1996:3). Portanto, o desemprego veio acentuar a pobreza dessa gente, puxando para baixo seus ganhos em virtude da concorrência, com a entrada de novos desempregados na sociedade.

Já na década de **1990** ocorria uma retração produtiva, com reestruturação econômica e financeira preexistente, crescente endividamento e altas taxas de juros, acentuados pós-1994, segundo Pochmann (2001:116). Adicionou-se a tudo isso a abertura comercial para importação, que levou à competição dos produtos e preços, à acentuação do desemprego em algumas regiões metropolitanas, ultrapassando a marca de 20% da população economicamente ativa, e 2,4 vezes maior que em 1989, conforme Mattoso (1999:14), gerando situação incapaz de criar novos postos de trabalho.

As empresas passaram a subcontratar e terceirizar a produção de atividades, desistindo, até, de algumas linhas de produtos, com fechamento de algumas unidades. Buscaram, ainda, fusões, parcerias e transferência de controle acionário, mediante a flexibilização de contratos de trabalho, redução de custos, acentuando a diminuição de empregos e de hierarquias funcionais. A mão de obra tornou-se muitas vezes descartável, comprometendo a qualificação futura, pois esta *“exige formação básica e tempo”* (MATTOSO, 1999:20).

Além disso, para saneamento de parte das dívidas públicas, as privatizações de setores econômicos da nação levaram a configuração do Brasil à situação antinacional, submetendo-o ao capital financeiro.

Portanto, uma das causas principais do desemprego é revelada como processo de reestruturação produtiva e organizacional, *“como mecanismo para enfrentar a recessão”* e *“ampliar a capacidade competitiva frente ao maior grau de abertura externa da economia”* (MONTAGNER e BRANDÃO, 1996:36). Mas, essa

situação de concorrência internacional entre as décadas de 1980 e 1990 fez o país perder “*perto de um milhão e meio de empregos no setor de manufatura*” (POCHMANN, 2001:56).

Acresce-se a isso o aumento numérico natural da população, a cada ano, como mão-de-obra potencial, que entra na competição do mercado de trabalho na sociedade, e não sendo absorvida de todo, o que agrava cada vez mais o problema do desemprego e precarização, que atinge um em cada cinco habitantes nas regiões metropolitanas, e a informalidade, que atinge duas em cada cinco pessoas. Tal fato levou, na década de 1990, cerca de 57 milhões de brasileiros (35% da população) a viverem abaixo da linha de pobreza, como colocado por Mattoso (1999:22), o que coincidiu com o aumento da criminalidade, passando a violência a fazer parte integrante da vida cotidiana comum dos cidadãos.

Verifica-se, então, que o crescimento econômico não acompanhou na medida certa o crescimento populacional, uma vez que a má política histórica de distribuição de riqueza, renda e salário, assim como a divisão inadequada da jornada de trabalho, intensificaram ainda mais a exclusão social.

Somada a essa situação, a inserção cada vez maior de mulheres no mercado de trabalho, antes de ocupação espacial essencialmente de homens, aumentou a concorrência à já reduzida oferta de trabalho. Cresceu, também, o número de desempregados da faixa etária mais elevada e com maior escolaridade na Região Metropolitana de São Paulo. Em 1995, homens na faixa etária de 40 anos ou mais, com escolaridade de oito ou mais anos representavam 41% dos desempregados, embora as mulheres ainda representassem a maioria dos grupos de desempregados, com 65,4%, segundo Montagner e Brandão (1996:43). O retrato bem detalhado da penúria

ocasionada pela recorrência do desemprego pode ser obtido em Relatório Científico da CNPq, de Guimarães et alii (2000).

Na Grande São Paulo o crescimento do desemprego se intensificou a partir de 1990, passando do patamar médio de 9,9% da População Economicamente Ativa (PEA), no período de 1985-89, para 13,2% da PEA, em 1990-95 (MONTAGNER e BRANDÃO, 1996:36). Além disso, entre 1985-1995, parte dos desempregados com experiência anterior de trabalho permaneceram sem emprego em tempo igual ou superior ao tempo de procura, oscilando entre 72% e 80% do total de 100% (MONTAGNER e BRANDÃO, 1996:41).

Todas essas mudanças vieram afetando a megalópole de São Paulo, por ser a grande metrópole industrial que responde com 1/3 dos empregos, conforme Singer (2001:34 e 35), ocasionando queda de quase 50% no ritmo de crescimento da ocupação na Região Metropolitana de São Paulo, o que expulsou parte da população, com o esvaziamento econômico. Assim, entre 1980 e 1991, um milhão de pessoas deixaram a capital (SINGER, 2001: 38), causando saldo migratório negativo. Esse período coincidiu com a entrada de brasileiros no Japão à procura de emprego.

Portanto, a dificuldade econômica financeira brasileira empurra os brasileiros a procurarem outros espaços mundiais. Situação semelhante foi vivenciada pelos imigrantes japoneses, que passaram a procurar os Estados Unidos e o Brasil, em vista das dificuldades em seu país, com a revolução política e social na era Meiji (1868-1912), com baixa produtividade agrícola e industrial, desemprego e dificuldade econômica de sobrevivência, como já aventado no trabalho de mestrado (2002: 32-33). As altas taxas de tributos sobre as terras e a inflação (Okubaro, 2006: 60-66) provocaram a saída de japoneses de seu país para trabalhar no Brasil, enriquecer e voltar ao Japão, tendo vindo, portanto, como *dekassegui*, inicialmente. “*Essa fortuna só existiu*

no sonho da imensa maioria dos que tinham emigrado com o objetivo de enriquecer” (Okubaro, 2006: 59).

No entanto, no contexto atual, tanto no Japão como nos Estados Unidos, o desemprego está atingindo índices alarmantes. No mês de maio de 2003, o Japão apresentou índice de 5,4%, representando 3,75 milhões de pessoas desempregadas, entre homens, mulheres e recém-formados³², e os Estados Unidos, no mesmo mês e ano apresentaram índice de 6,1% e em junho, de 6,4%, com cerca de nove milhões de pessoas sem emprego³³.

A situação da Região Metropolitana de São Paulo só não foi pior entre 1985-93 porque cresceu nos três setores dos serviços terciários (comércio de mercadorias, prestação de serviços e social) em 522,1 mil, para compensar perda de 454,1 mil no setor industrial e financeiro, setores que, em 1976, representavam 35,59% e passaram, em 1993, a 47,27% (SINGER, 2001:40).

Dessa forma, foi-se acentuando a precarização do trabalho, desalentadora situação familiar, transformando os empregos formais, com carteira assinada e conquistas trabalhistas de longos anos, em empregos informais ou atividades informais, cuja porcentagem, em 1981, era de 17,51%, tendo passado para 23,93% em 1993; por outro lado, a porcentagem de empregos formais, que era de 62,69% em 1981, passou a 51,84% em 1993 (SINGER, 2001:46). Aos poucos os empregos formais foram sendo substituídos pela desindustrialização e pela globalização, que foram reestruturando a produção com mecanização, robotização, automação, subcontratações e prestadores de serviços, ou mesmo substituindo produtos nacionais por importados, para diminuição de custos.

³² Cf. “Desemprego”. *São Paulo-Shimbun*. 28/06/2003, p.05.

³³ Cf. Dow Jones Newswire e Reuter. “Desemprego nos EUA é o maior em 9 anos”. *O Estado de S.Paulo*, 04/07/2003, p.B16.

Que caminhos têm tomado os deserdados da indústria, ou desempregados? Trajetórias dos demitidos são exemplificadas em Cardoso, Comin e Guimarães (2001) e em Guimarães (2002).

Nos referidos textos, alguns dados despertam atenção, pois quase metade dos demitidos não só perderam empregos nessas indústrias estudadas como também foram excluídos do mercado formal de trabalho, com registro e amparo legal. Apresentou-se alta taxa de rotatividade de trabalho, significando que a demanda de mão de obra existente é maior que a oferta do emprego, sendo facilmente substituída e ocasionando a reconversão profissional e migração para outras áreas, como as de serviços, comércio e outras atividades.

Neste último aspecto, os jovens de maior escolaridade, menos tipicamente especializados, portanto de fácil adaptação às novas situações, foram os que encontraram seu espaço de emprego mais facilmente. E a situação foi pior para jovens com pouca escolaridade e de renda baixa.

Uma das características que marcam a transformação no contexto social sem emprego diz respeito às mudanças dos tipos de emprego nas sociedades. Essa situação denota que em alguns casos sobram empregos, porque surgem novos tipos de empregos com a dinâmica da evolução, seja tecnológica ou da própria necessidade da sociedade, ao passo que outros caem em desuso ou mesmo apresentam contingentes de populações acima do exigido em determinadas áreas ou setores, ocasionando perdas de ambas as partes da sociedade envolvida; a população, pela carência da mão de obra necessária para o funcionamento de determinados campos de produção ou de serviços e, por outro lado, uma massa de mão-de-obra em excesso, sem trabalho e sem condições de vida.

Portanto, há urgência em melhorar, prever e organizar de maneira mais eficiente a preparação da mão-de-obra³⁴, assim como em informar com dados mais precisos, otimizando a sociedade em geral, os sindicatos de trabalhos e secretarias de educação, para que não haja desperdício de tempo e dinheiro na aplicação de seus recursos. Urge preparar os estudantes sempre para situações-problema e imprevisíveis, treinando-os para adaptabilidade e flexibilidade diante de circunstâncias diferentes, com bases técnicas e conhecimentos gerais holísticos em todos os campos do saber e obtidos mediante ricos recursos e canais disponíveis no atual contexto social de comunicação.

Assim, a iniciativa do governo federal em estender a obrigatoriedade de estudos, hoje de 8 anos de escolaridade de Ensino Fundamental, ao Ensino Médio (mais 3 anos) é uma solução paliativa boa no sentido de munir os jovens para carreiras futuras, além de mantê-los ocupados, pois, nessa faixa etária, os índices de desemprego são grandes e coincidem com altos índices de marginalidade e criminalidade.

Pastore (2006: B2) coloca que jovens com curso médio completo e mesmo os diplomados no ensino superior só conseguem trabalhos de nível mais baixo, uma vez que o Brasil formou, em 1995, 1 milhão de pessoas no curso médio e, em 2004, 2 milhões, mas não dobrou o número de empregos. Assim, o autor sugere, a exemplo do que vem acontecendo em muitos países, a admissão de jovens em 'contratos de formação', que permitem às empresas contratar recém-formados universitários e estudantes de nível médio com menos burocracia e despesas, por um tempo determinado de um a dois anos. Isso daria oportunidade de trabalho aos jovens, sem a complicada legislação brasileira para contratação de pessoas, bastando o governo aprovar o expediente.

³⁴ Cf. o *Estado de S.Paulo*, a política do programa "Primeiro emprego" do governo Lula teve resultado praticamente nulo, pois "não alcançou nem 1% da meta de gerar 260 mil empregos por ano para jovens" e "foi silenciosamente abandonado", hoje defendendo "idéias mais modestas de qualificação profissional dos jovens" (24/12/2006: p. A3).

Pelo exposto, verifica-se que a pós-industrialização enfatiza cada vez mais o setor terciário das atividades. Segundo Pochmann (2000: 101), o setor do segmento terciário organizado cresceu anualmente, em média, 3,9% em 1985/90 e 1,3% no período 1990/96 enquanto, no segmento não organizado, o crescimento passou de 5,8% em 1985/90 para 6,4% em 1990/96. E, nesse conjunto de atividades, o lazer faz parte de ocupações de serviços, tomando espaço cada vez maior de nossa economia, pelo que se observa na vida cotidiana das pessoas.

Hoje, a taxa de desemprego total geral na Grande São Paulo gira em torno de 17% (julho de 2006) conforme PED-Pesquisa de Emprego e Desemprego, da Fundação Seade e Dieese, dos quais, 27,2% são jovens de 18 a 24 anos. Estes representam o dobro dos desempregados na faixa etária de 25 a 39 anos, que é de 13,4%, e que constitui a chamada ‘força de trabalho plena’, formando a mão-de-obra principal de trabalhadores. E, conforme pesquisa nacional com oito mil jovens entre 15 e 24 anos, sob a coordenação do Instituto Polis e Ibase, em sete regiões metropolitanas do país, mais o Distrito Federal, o desemprego de jovens na nação atinge 60,7% (BRITO, 2006: B5).

3.2 BREVE RELATO CIRCUNSTANCIAL DO MOVIMENTO MIGRATÓRIO BRASILEIRO PARA O JAPÃO

A situação demonstrada no item anterior reforça a persistência do problema de desemprego no país, com a saída de muitos brasileiros para outros espaços mundiais à procura de oportunidades de trabalho, tendo o Japão como uma dessas opções.

Segundo estudos demográficos feitos pela ONU, o Japão terá o número da população de 126.869.397 habitantes reduzido em 30% até o ano 2050, com 1 milhão de pessoas na faixa de 100 anos de idade e com perda por morte de 800.000 pessoas a mais do que o número de nascimentos. Assim, o país necessitará de cerca de 400 mil estrangeiros, algo em torno de 17 milhões de novos imigrantes até 2050, porém, em vista do pensamento conservador sobre pureza étnica, tornar-se japonês será difícil³⁵. A professora nikkei americana Yamashita³⁶ diz que o Japão quer manter a homogeneidade étnica, por meio da entrada de nikkeis *dekasseguis* no país.

Enquanto a taxa de crescimento populacional japonesa tem permanecido desde 1968, em 0,04%, com a gravidez adiada pela maioria das mulheres³⁷, o país vem desenvolvendo estudos para aumentar a produtividade com alternativas como o uso da tecnologia dos robôs, o emprego maior das mulheres, e a manutenção dos idosos no trabalho, além da impopular imigração num país etnicamente coeso³⁸.

Conforme o diretor do Departamento de Política de Recrutamento de Estrangeiros do Japão, o país precisará de trabalhadores estrangeiros qualificados, principalmente nas áreas de tecnologia de informação, nanotecnologia e biotecnologia³⁹. Portanto, há maior exigência do governo japonês para a entrada de estrangeiros no país, principalmente com o aumento do índice de criminalidade envolvendo brasileiros, com

³⁵ Cf. Horikawa, “ONU defende mais estrangeiros para Japão retomar crescimento”, in *Nippobrasil*. (27/08 a 02/09/2003, 5A). E “ONU: Japão precisará de mais imigrantes”, *O Estado de S.Paulo*. (25/07/2003: A15).

³⁶ In: “Escritora vê racismo na ‘importação’ de nikkeis”. In: *O Estado de S.Paulo*, (10/08/2003: A22).

³⁷ Cf. “População tem pior crescimento”, in *São Paulo Shimbun*, (28/07/2005: 5).

³⁸ Cf. Hiatt, “População do Japão está encolhendo”, in *O Estado de S.Paulo*, (25/11/2006: A35).

³⁹ Cf. Horikawa, no artigo “ONU defende mais estrangeiros para Japão retomar crescimento” *Nippobrasil*. (27/08 a 02/09/2003, 5A).

sugestão de extinção de visto especial até então concedido a nikkeis⁴⁰. Além disso, o número de imigrantes chineses e filipinos, que aceitam trabalhar recebendo menos, tem aumentado consideravelmente. Assim, “*entre 2001 e 2002 a imigração filipina teve um aumento de 9,1%, e a chinesa, de 11,3%*”, enquanto a brasileira cresceu apenas 0,9%.

A procura pelo trabalho no Japão intensificou-se, principalmente na segunda metade da década de 1980. Segundo dados do Consulado Geral do Japão em São Paulo, até 1987 eram concedidos cerca de 5000 vistos anuais, com aumento, em 1988, para 8.602 casos, em 1989, para 18.328 casos, e em 1990, para 48.189 casos, correspondendo a 97% de vistos concedidos a interessados de ascendência japonesa, conforme Ishigaki (1992: 21). E conforme Ninomiya (1999: 01), em dezembro de 1998 havia cerca de 222.000 brasileiros registrados no Ministério da Justiça do Japão, sem contar pessoas de dupla nacionalidade e japoneses com residência “*em caráter permanente no Brasil*”, que voltaram ao Japão para trabalhar, o que configura um número “*bem maior*”.

Hoje, há cerca de 302.080 de brasileiros no Japão⁴¹, como mencionado na Introdução do presente trabalho, e muitos deles pensam na naturalização japonesa, porém, para isso, é preciso atender a “*pré-requisitos como ter residência*”⁴²

⁴⁰ “Vereadores iniciam movimento de manutenção do visto para nikkeis”, e engajam-se em favor da extinção da exigência do conhecimento da língua japonesa para trabalhadores no Japão. In: *São Paulo Shimbun*, 07/11/2006. p.5.

⁴¹ Cf. palestra organizada pelo CIATE (São Paulo/Brasil), realizada a 29/08/2004 e proferida por Ozaki, que vem desenvolvendo estudo sobre a situação do movimento de kasseguai na província de Mie, o número de brasileiros cadastrados na província aumentou consideravelmente, de 521 pessoas (1989) para 17.619 (2003), em vista da instalação da fábrica “Sharp”. Detalhes poderão ser observados no “*Paper*” em japonês publicado pela Universidade de Mie, em março de 2005.

⁴² Cf. Yoshinaga, no artigo “Casa própria”, muitos casais brasileiros estão decidindo fixar residência no Japão. As prestações podem “*custar o mesmo valor, ou até menos, do que se pagaria pelo aluguel*”, e mesmo “*quitar o imóvel em prazos longos, que podem chegar até a 40 anos*”, além de empreendimentos de venda tentarem ajustar-se à demanda brasileira, nas áreas de grande concentração de brasileiros, nas províncias de Aichi, Gifu e Mie, ao “*gosto desse novo público*”. In: *Made in Japan*, n.105, ano 9. p.74

fixa no Japão; estar no arquipélago há, no mínimo, cinco anos e ter bons antecedentes”⁴³.

Segundo Yoshioka (1995:132), os primeiros que seguiram para o Japão entre 1985 e 1988 eram japoneses de pós-guerra, migrados ao Brasil, que retornaram a seu país de origem, o Japão, portanto, eram *dekassegui* japoneses no Brasil. Já entre 1989 e 1991, eram nisseis e, posteriormente, sanseis e cônjuges não-nikkeis, que partiam para solucionar problemas financeiros, ou de desemprego ou subemprego. Desse modo, os primeiros, por serem isseis ou japoneses não tiveram “*maiores problemas de adaptação ao modus vivendi japonês*”, pois conheciam a língua, a alimentação, e assim a readaptação não era difícil.

A faixa etária dessa população ativa era de “*16 a 55 anos, 77,4% no primeiro ano de funcionamento do CIATE e 81,9% no ano seguinte*” (abril de 1992 a março de 1994), representando a perda “*de um contingente de mão-de-obra que recebeu considerável investimento da sociedade brasileira em termos de educação, alimentação e saúde*”, de acordo com Yoshioka (1995: 115).

Conforme os estudos de Suguita⁴⁴, entre 1977 e 1997 houve modificação considerável para o emprego por ocupações no Japão, com o aumento dos ‘*operários qualificados e técnicos, gerentes e supervisores*’, que passou de 4,7% para 13,3%, enquanto a taxa dos ‘*artesãos, mineiros, operários de produção, (sic) construção civil e ajudantes gerais*’, “*diminuiu de 42,7% para 34%*” (2002: 357).

⁴³ Cf. “Dekasseguis querem se tornar japoneses”. In: *São Paulo Shimbun*, 06/03/2004, p5.

⁴⁴ Cf. Suguita, cap. 8, CNPq 01/2000, “Emprego atípico e desemprego na sociedade japonesa”, conforme informações no rodapé, capítulo preparado para discussão com os membros da equipe do projeto comparativo do workshop internacional “*Chômage: approches institutionnelles et biographie. Une comparaison Brésil, France, Japon*”. Realizado em Paris, sob o patrocínio do *Direction d’Animation de la Recherche, des Etudes et des Statistiques/ Department du Marche du Travail do Ministère de l’Emploie et de la Solidarité*, 14-15 de fevereiro de 2002. Posteriormente, apresentado no Brasil pela autora, no dia 29 de agosto de 2002, promovido no Cebrap. Tradução de Clevi Rapkiewicz e revisão de Helena Hirata.

Portanto, os brasileiros e migrantes de outras nações foram ao Japão para preencher justamente a lacuna da falta de mão-de-obra, e trabalhar nas atividades supracitadas, nesse período.

3.3 CARACTERIZAÇÃO DE BRASILEIROS RETORNADOS DO JAPÃO

Os resultados da aplicação do questionário retratam o contexto social da vida dos sujeitos da amostra, que permaneceram por um período de no mínimo um ano no Japão, alguns com a perspectiva de retorno àquele país.

Os dados obtidos foram tabulados em três quadros, que se encontram no item dos procedimentos metodológicos, na Introdução. As figuras foram elaboradas baseados neles, retratando o perfil do público alvo⁴⁵. Essas respostas complementam as questões abertas, obtidas nas entrevistas gravadas (período correspondente à estada no Japão), para elaborar uma análise mais acurada do conjunto, tecendo-as com informações obtidas nos trabalhos de outros estudiosos, a fim de tentar responder aos objetivos propostos no presente tema. Seguem abaixo as figuras:

1 – Localidade da aplicação do questionário

A grande parte dos sujeitos da pesquisa é composta de pessoas que estavam freqüentando o CIATE (Centro de Informação ao Trabalhador no Exterior),

⁴⁵ Foram mantidas as figuras com associações de alguns dados, para que leitores possam fazer suas leituras e interpretações que levem a outras reflexões.

portanto, constituindo mão-de-obra potencial ao Japão, pois o centro é local de capacitação e preparação⁴⁶, como já referido anteriormente.

2 - Composição dos Sujeitos por Gênero (M/F)

Em relação à composição dos sujeitos por gênero (M/F), apresentou-se o seguinte resultado: pouco mais da metade, 62%, composto de gênero feminino e 38%, de masculino. Talvez a maior frequência e procura de mulheres do que de homens ao CIATE, se deva ao fato de que as capacitações acontecem durante o dia e em dias de

⁴⁶ Procurado, tanto pelas pessoas que estiveram ou não a trabalho, estudo e por outros motivos.

semana⁴⁷, e apenas uma vez por mês, aos sábados à tarde, com palestras de assuntos gerais do movimento "*dekassegui*", quando há uma afluência maior de pessoas. Assim sendo, é possível que alguns sujeitos do gênero masculino estejam procurando emprego ou ocupados com outros afazeres durante os dias úteis, quando, então, a frequência deles é menor⁴⁸.

3 – Composição por faixa etária

Do total da amostra, composta de 24 sujeitos, a representatividade da faixa etária variou do mais jovem com a idade de 22 anos ao mais velho, de 62 anos. A faixa etária dominante dos sujeitos (32%) é de 20 a 29 anos e corresponde a jovens de ambos os sexos, enquanto, a faixa de 30-39 anos de idade a (21%), apresenta o gênero masculino com maior número de sujeitos que o feminino. Essas duas faixas etárias somadas correspondem a 53%, referentes à faixa etária ativa maior interesse como mão-de-obra no país de destino⁴⁹. Já as faixas etárias de 30 a 39 anos e de 40 a 49 anos de idade apresentam um número maior no gênero feminino que no masculino (vide figura 4 – *Faixa etária - gênero*).

⁴⁷ Em duas tardes da semana acontecem palestras de assuntos variados e em outras duas, aulas de língua japonesa.

⁴⁸ A título de ilustração, numa pesquisa de campo realizada em Curitiba (SEBRAE, p.30), em dois dias de novembro de 2003, para brasileiros com a intenção de ir ao Japão, verificou-se uma proporção um pouco maior de mulheres (50,5%) do que de homens (49,5%).

⁴⁹ Pelo SEBRAE, de 06/07/2005, observa-se predominância de jovens, 70% têm menos de 40 anos de idade.

4 – Faixa etária - Gênero

5 - Escolaridade

Em relação à escolaridade dos sujeitos, observou-se:

- Escolaridade menor: 4% no Ensino Fundamental Incompleto
- Escolaridade maior: 4% cursando o Mestrado

Portanto, a representatividade do nível de escolaridade variou do ensino fundamental incompleto ao mestrado cursando, com a predominância do ensino médio completo⁵⁰ (42%). Em seguida, o ensino superior completo (25%), e ensino

⁵⁰ Cf. SEBRAE, o perfil de brasileiros antes da partida ao Japão apresentou a predominância do ensino médio, de 46% para homens e 55,1% para mulheres, com a média no ensino médio de 50,55%.

superior incompleto (17%), o que demonstra boa escolaridade formal⁵¹. Se somarmos a porcentagem do ensino médio e universitário, teremos 84% da amostra⁵², mencionado por Mizukami (1998: 30) como “*evasão de cérebros, uma vez que eles possuem escolaridade muito alta*”, em comparação à escolaridade geral do Brasil.

6 - Escolaridade - Gênero

Em relação à **Escolaridade - Gênero** observou-se no gênero masculino a escolaridade maior, com presença de sujeitos cursando o Mestrado.

No ensino superior completo, o gênero masculino apresenta 66,60% dos sujeitos, ao passo que o feminino corresponde a 33,40%. Porém, no gênero masculino há presença de sujeitos com ensino fundamental e médio incompletos,

⁵¹ Cf. Mori (1992: 145), embora a porcentagem seja diferente, apresenta-se com os mesmos níveis de predominância de escolaridade, com o ensino médio em sua maior parte, com 35%, o ensino superior com 21% e os que trancaram o curso superior correspondem a 15%, portanto, a proporção é a mesma de alta escolaridade.

⁵² Observou-se na elaboração de *paper* realizado no Centro de Solidariedade ao Trabalhador da Força Sindical de São Paulo, sobre o tema: “Stress e desemprego”, no curso de Pós-graduação de Psicologia Social do Trabalho, na Universidade de São Paulo (2004: Ikari et alii), que 68% dos sujeitos que estavam à procura de empregos na cidade de São Paulo apresentaram a soma desses mesmos tipos de ensino (médio completo, universidade incompleta e completa), o que mostra que o nível de escolaridade vem melhorando entre os desempregados, no centro urbano paulistano.

enquanto no gênero feminino há presença de sujeitos com o ensino superior incompleto e cursando o ensino médio. A maioria dos sujeitos que possuem ensino médio completo é do gênero feminino (80%), e apenas 20% pertencem ao gênero masculino. Vide a figura n.6.

7 – Escolaridade – Idade

Em relação à *Escolaridade – Idade*, os sujeitos, com ensino fundamental incompleto, médio incompleto e médio cursando encontram-se na faixa de idade acima dos 40 anos de idade, o que denota algum motivo que não permitiu a continuidade de estudos na idade correspondente à escolaridade normal, embora isso não atinja a maioria dos sujeitos. A escolaridade melhora à medida que a idade passa a corresponder à faixa etária mais jovem, o que pressupõe a existência de condições para tal ocorrência, bem como a exigência da sociedade japonesa por maior escolaridade, assim como pela necessidade de atender ao mercado de trabalho em escala cada vez mais crescente no mundo atual. Com ensino médio completo nota-se a presença de sujeitos de todas as faixas etárias, de 20 a 60 anos ou mais. Com o ensino superior completo há igual distribuição de sujeitos entre as faixas etárias de 20 a 29 anos, de 30 a 39 anos e de 50 a 59 anos de idade. Já com ensino superior incompleto há 50% de sujeitos na faixa etária de 20 a 29 anos de idade, o que pressupõe jovens que tiveram que interromper estudos universitários para trabalhar, e 50% de sujeitos entre 40 e 49 anos de idade, o que pressupõe sujeitos que não puderam mais retornar aos estudos universitários.

8 – Presença de educação informal

A questão tem a intenção de verificar se os sujeitos da pesquisa tinham acompanhamento de seus familiares nos estudos, no lazer, na amizade e/ou aconselhamento comportamental. A grande maioria respondeu que sim, o que ratifica a transmissão de valores culturais, tais como costumes, estilos e modos de vida, linguagens e crenças de seus familiares, parentes, comunidade à qual pertencem, além da aquisição de outros valores, como os éticos e morais. É por meio desses momentos de convívio cotidiano em suas vidas, incluindo o lazer, que ocorre a transmissão e assimilação desses valores, de maneira informal, que surgem nas entrevistas orais, no capítulo seguinte.

9 – Educação informal – Gênero

Em relação à *Educação informal – Gênero*, a maioria dos sujeitos pesquisados apresenta a característica da referida educação tanto para o gênero masculino como para o feminino.

10 – Educação informal – Idade

Em relação à presença de *Educação informal – Idade*, a grande parte da resposta positiva corresponde a jovens de faixa etária de 20-29 anos e adultos de 40 a 49 anos de idade, o que coincide com os 50% dos sujeitos que interromperam ou não puderam dar continuidade aos estudos universitários.

Se houve procura desses sujeitos ao CIATE, que faz anúncios em jornal japonês da comunidade, possivelmente a rede de relações sociais, o chamado ‘capital social’, está presente na vida dessas pessoas, portanto há interferência de familiares, parentes e /ou de amigos, de maneira informal, uma vez que a grande maioria das pessoas não lê ou tem dificuldade em língua japonesa escrita, principalmente os jovens, que aprenderam a língua oral por meio dos familiares, mas não praticaram a língua escrita, o que leva a reforçar a existência de aconselhamento de pessoas mais próximas dos sujeitos.

11 –Educação informal – Escolaridade

A educação informal está presente em todos níveis de escolaridade, exceto entre os sujeitos cursando o mestrado.

12- Lazer - ativo/passivo⁵³

A maior parte dos sujeitos participa de lazer ativo, isto é, são praticantes de atividades esportivas, e/ou culturais, e/ou sociais, e/ou de eventos.

⁵³ Considere-se lazer ativo quando os sujeitos são praticantes de alguma (as) atividade (s), enquanto no lazer passivo os sujeitos assistem, torcem ou contemplam atividades praticadas por outros sujeitos.

13 – Lazer – faixa etária

14 - Lazer – Nível de escolaridade

O lazer ativo sobressai na faixa etária mais jovem, de 20 a 29 anos de idade, ao passo que o passivo domina a faixa etária dos 60 anos ou mais, o que caracteriza a presença de lazer mais ameno.

E em relação ao *lazer - nível de escolaridade*, com exceção dos sujeitos com o ensino fundamental incompleto, o lazer ativo está presente em todas as outras faixas etárias.

15- Lazer ativo/passivo – escolaridade

Com exceção dos sujeitos com ensino fundamental incompleto com o lazer passivo, todos os sujeitos dos demais níveis de escolaridade praticam algum lazer, o que denota maior consciência em manter-se com prática ou participação em atividades e ou eventos.

16 – Atividade e eventos esportivos, culturais e sociais

Solicitados a apontar, no máximo, três práticas ou participações, dentre o rol de atividades e eventos esportivos, culturais, e/ou sociais relacionados, e/ou outros não citados, podendo mencioná-los, os sujeitos apresentaram as seguintes opções:

As atividades e eventos culturais (49,15%) são os mais procurados pelos sujeitos no contexto social brasileiro. Em seguida, procuram as atividades e eventos sociais (38,98%) e, em último lugar, as atividades e eventos esportivos (11,86%). Isso coincide com a pouca participação dos demais brasileiros⁵⁴ em atividades físicas, interferindo na saúde e bem-estar do público em geral.

Dentre as atividades e eventos esportivos praticados, exemplificados na figura 17 e associados à figura 20, de atividades e eventos esportivos por gênero, a ginástica foi a mais praticada pelo gênero feminino, seguida de vôlei, enquanto o gênero masculino teve preferência pelo futebol, seguido de *aikidô*, atividade desportiva de origem japonesa, de desenvolvimento físico e mental.

⁵⁴ Conforme estudo realizado pela UNESCO, num universo de cerca de 10.000 jovens de 15 a 29 anos de idade, de ambos os sexos, em 26 Estados e Distrito Federal do Brasil, 57% deles não praticam nenhum esporte. Palestra proferida pelo pesquisador Leonardo de Castro Pinheiro, no seminário “Esporte, lazer e juventude”, 5 e 6 de abril de 2005, SESC/São Paulo.

17 – Atividades e eventos esportivos

No trabalho realizado no mestrado (2002:115) observou-se que, para o gênero masculino, as três modalidades de preferência eram: futebol (1º lugar), basquete (2º lugar) e sumô ⁵⁵(3º lugar), esta última de origem japonesa, enquanto, para o gênero feminino, sobressaíam a yoga (1º lugar), a hidroginástica (2º lugar) e a ginástica (3º lugar), práticas de condicionamento físico que não necessitam de adversário. A ginástica continua a ser praticada pelo público feminino da amostra dos retornados do Japão, e o futebol aparece como o preferido do público masculino, tanto no presente trabalho, como na dissertação de mestrado.

18 – Atividades e eventos culturais

Dentre as atividades e eventos culturais, são apontados, em ordem de preferência, o cinema (1º lugar), o estudo de língua estrangeira (2º lugar), o teatro (3º lugar), a culinária e a música com a mesma porcentagem, e por, fim, visitas culturais, artesanato e dança, com a mesma porcentagem.

⁵⁵ Sumô: esporte de origem ancestral japonesa, que emprega a força física para homenagear deuses xintoístas e a família imperial. Em razão disso, é apresentado em datas comemorativas importantes do país.

Na dissertação de mestrado (2002:120), dentre as atividades culturais, apareceu com destaque, em 1º lugar, o estudo da língua japonesa, em 2º, desenho e pintura, e em 3º, o kirigami⁵⁶.

Portanto, o estudo de língua estrangeira, que inclui japonês e outros idiomas, continua tendo destaque dentre as três preferências culturais, no atual contexto dos retornados. Em relação à preferência de atividades e eventos culturais por gênero (M/F), destacam-se, no gênero masculino, visita cultural, música, teatro e estudo de língua estrangeira, e, no gênero feminino, culinária, dança, artesanato e estudo de língua estrangeira.

19 – Atividades e eventos sociais

⁵⁶ Kirigami: trabalho artesanal com o uso do papel *washi* e estilete para as criações de desenhos recortados, com padrões geométricos, mas também de paisagens, animais e outros.

Nas atividades e eventos sociais estão: encontro com amigos (1º lugar), voluntariado (2º lugar), em seguida, passeio e festas com igual porcentagem (3º lugar), o karaokê (4º lugar), e, por fim, o show e o baile com a mesma porcentagem (5º lugar). A maioria dessas atividades ajuda na formação de relações sociais e do capital social, que pode colaborar no momento da procura de emprego, como veremos adiante.

De acordo com o trabalho de mestrado (2002: 129), destaca-se, em 1º lugar, o karaokê, em 2º, o escotismo, em 3º, o seinen-kai ou clube de jovens, em 4º, o coral e, em 5º lugar, a dança de salão. Essas atividades, além de colaborarem para melhorar as relações sociais, levam também ao aperfeiçoamento das habilidades e capacidades individuais e ao divertimento. O clube de jovens e escotismo, criados pelos pais com a intenção de acompanhamento e desenvolvimento de seus filhos, portanto de educação informal, de formação de valores em trabalho conjunto com a comunidade, desenvolvem o voluntariado e a formação da cidadania, conforme o relato de pais “*para complementação educacional e comunitária, constituindo tripé básico, juntamente com a educação dada pela família e escola*” (mestrado:130). Desse modo, tanto no trabalho do mestrado como no presente estudo, o resultado da mostra aponta a presença do voluntariado.

Quanto às atividades e eventos sociais (fig.19) relacionados ao gênero (fig.22), têm destaque no gênero masculino o show, o karaokê e o voluntariado, na sequência de preferência, enquanto para o gênero feminino destacam-se os encontros de amigos, bailes, festas, passeios e voluntariado. Vide as figuras que se seguem:

20 – Atividades e eventos esportivos – Gênero

21 - Atividades e Eventos Culturais – Gênero

22 – Atividades e eventos sociais – Gênero

23 – Benefícios das atividades e eventos

Os sujeitos demoraram um pouco para indicar os benefícios (no máximo três) das atividades e eventos que praticam e de que participam. Alguns queriam assinalar todos, outros ficaram em dúvida para selecionar ou citar outros que não constavam da relação. Estes são os benefícios das atividades e eventos mais indicados:

Ordem	Benefícios	Núm.	%
1º	Favorecem a amizade	12	50,00%
2º	Relaxam ou descansam	10	41,66%
3º	Fazem você se sentir realizado e feliz	9	37,50%
4º	Divertem e/ou entretêm	8	33,33%
5º	Fazem descobrir habilidades e/ou capacidades	8	33,33%
6º	Melhoram o seu estado de espírito	7	29,16%
7º	Permitem sair da rotina e da mesmice	7	29,16%
8º	Melhoram seu relacionamento familiar	4	16,66%
9º	Outros: (Fazem bem socialmente)	1	4,16%
10º	Outros: (Fornecem informações)	1	4,16%

Observa-se, na seqüência, como ficam essas preferências:

Dentre os cinco benefícios mais indicados nos resultados do questionário encontram-se as três funções do lazer citadas por Dumazedier (1973: 400 e/ou 1976: 32-34): relaxar e/ou descansar (2º lugar), divertir e/ou entreter (4º lugar) e desenvolver potencialidade e/ou capacidade (5º lugar). Mas o benefício mais indicado (1º lugar) foi favorecer a amizade, referente, portanto, à constituição da rede de relações sociais ou do capital social. E, em 3º lugar se encontra: fazer sentir-se realizado e feliz, referente, portanto, a auto-estima, realização e felicidade. Se observarmos as três funções de Dumazedier, somente a de descanso aparece em 2º lugar, enquanto, a de divertimento e a de desenvolvimento da personalidade fica fora. Apresentaram-se, portanto, as seguintes funções:

- Amizade, rede de relações sociais e de capital social
- Descanso
- Realização e felicidade

Essa amostra faz repensar sobre as três principais funções preconizadas por Dumazedier, que são: a função do **descanso**, a **do divertimento** e a **do desenvolvimento da personalidade**, pois a dinamicidade das relações de trabalho, lazer e bem-estar manifestam-se na maneira de considerar os benefícios das práticas de atividades e participação em eventos, e o que estas representam na vida. Deve, porém ser levada em consideração a faixa etária dos sujeitos da amostra, constituída principalmente por população potencialmente ativa, com interesse pela colocação no mercado de trabalho e pelo conhecimento do outro, portanto, pela amizade. Em outro momento ou em diferentes fases de vida e de maior idade, o resultado das funções das práticas e participações em lazer poderia ser diferente.

Vale lembrar que, conforme relatório científico de Guimarães et alii (Edital CNPq 01/2000⁵⁷ p. 92), em relação aos mecanismos de procura e eficácia na colocação de trabalho, na Região Metropolitana de São Paulo, os mecanismos privados como *“as redes de parentes, amigos ou conhecidos constituem-se nas fontes provedoras mais importantes na busca de trabalho”* e ampliando em seqüência *“as agências privadas, o recurso a anúncios em jornais ou a contatos individuais e diretos junto às empresas”*.

E, para a obtenção da recolocação ocupacional do desempregado, a *“rede social e familiar foi responsável pela obtenção do último trabalho realizado pelo desempregado”* (GUIMARÃES et alii, 2000: 94). Isso mostra a importância da formação do capital social, por onde as pessoas circulam e/ou fazem parte de instituições, clubes, comunidades e outras entidades.

Mesmo no Japão, segundo Kawamura (s/d: 69-71), verificou-se a rede de relações informais no recrutamento de novos trabalhadores entre amigos e parentes dos empregados, pois *“as próprias empresas contratantes, seja pela confiança adquirida em alguns trabalhadores, seja pelo elevado custo da intermediação”* passaram a recorrer a esse tipo de iniciativa. Por outro lado, alguns brasileiros começaram a sentir maior segurança em seu cotidiano, no seio dos iguais, com a ajuda mútua, num país alóctone, onde os sistemas organizacionais da sociedade são diversos dos do Brasil.

Outro autor, Mori (1992:144), também, ao referir-se ao recrutamento da mão de obra no início da década de 1990, diz que *“os anúncios em jornais não são eficientes em recrutar dekasegui, e passaram a fazê-lo através de redes pessoais, ou*

⁵⁷ Guimarães et alii, “Vivendo a recorrência do desemprego: trajetórias e biografias dos desempregados na Região Metropolitana de São Paulo” (cap.4), in *São Paulo: primeiros resultados do Relatório Científico*.

seja, por intermédio de parentes, amigos ou conhecidos”, complementando que 96% desses candidatos tinham parentes trabalhando no Japão.

Pelo exposto acima, verifica-se que o contexto social atual leva as pessoas a valorizarem a rede de capital social, mesmo quando estão em seus momentos de lazer, pois ela exerce papel importante para conseguir um emprego ou trabalho ou até uma recolocação no mercado de trabalho brasileiro. Assim sendo, em parte, a vida dessas pessoas vai sendo conduzida e/ou decidida conforme o andamento de suas relações sociais, onde são passadas noções e ferramentas que lhes permitem navegar no círculo social, no seio familiar ou na comunidade da qual fazem parte por opção ou não, noções e ferramentas essas, transmitidas por meio da educação informal.

Quanto à função de realização e felicidade, é uma busca natural das pessoas para o bem estar físico e mental, embora seja bastante subjetiva e internalizada em cada indivíduo, devendo apresentar suas diferenciações, pois cada um considera e sente esse fato a seu modo. O resultado da amostra, em que essa função aparece como a terceira mais indicada, demonstra que os momentos de lazer e as atividades neles desenvolvidas exercem papel importante como função social, sejam esportivos, e/ou culturais, e/ou sociais, pois, conforme alguns estudiosos anteriormente citados, permitem o alcance das funções supracitadas.

3.4 Síntese das principais idéias

Em resumo, o perfil demográfico apresentado pelos sujeitos da amostra foi constituído principalmente pelo gênero feminino (52%), com maior predomínio da faixa etária de 20 a 29 anos de idade (32%), portanto de população com idade potencialmente ativa para o trabalho. Mas, em especial nessa faixa etária foi

observado o domínio do gênero masculino, o que vem comprovar o preenchimento do vácuo da falta da mão-de-obra ativa e produtiva em solo japonês.

O perfil dos sujeitos da amostra apresentado é de alta escolaridade, uma vez que as porcentagens do ensino médio completo, ensino superior incompleto e completo, representam, somadas, 84% da amostra. Mas não há correspondência do crescimento econômico brasileiro em relação à melhoria do nível de escolaridade da população paulistana e da comunidade nikkei, o que dará continuidade à fuga da mão de obra para o exterior.

75% dos sujeitos da amostra indicaram a presença da educação informal, que confirma a presença de costumes, hábitos e valores conhecidos e/ou aprendidos, e/ou recebidos de familiares, parentes e comunidade da qual fazem e fizeram parte, como veremos no capítulo seguinte. Houve também o predomínio do lazer ativo (87%), tendo nas atividades e eventos culturais a maior participação, (49,15%) e, nos esportivos, a menor (11,86%), o que pode interferir na saúde do trabalhador, principalmente se cruzarmos com o predomínio dos sujeitos na faixa etária de 20 a 29 anos de idade, no gênero masculino.

Em relação à preferência cultural, sobressaiu o cinema (41,66%) e, em atividades sociais, o encontro com amigos (25%), ambos correspondentes ao lazer mais passivo, o primeiro, como, espectador, e o segundo, como sujeito da comunicação. O estudo da língua estrangeira também tem papel importante, pois, tanto no estudo do mestrado como no presente trabalho, está presente, entre os três mais indicados dentre as atividades culturais desenvolvidas, uma vez que corresponde a uma ferramenta a mais na conquista do espaço japonês. E em relação a atividades e eventos sociais o “encontro com os amigos”, indicado como o mais importante, vem ratificar não só a amizade, mas criar a rede de relação social ou da formação do capital social.

Quanto aos benefícios das funções exercidas pelo lazer, na amostra destacou-se: “favorecem a amizade”, evidenciando a função da rede de relações sociais e da formação do capital social como a mais importante na vida dos sujeitos, e destacando o valor a ela atribuído pelo atual contexto da sociedade. Resta saber se, com a dinâmica da sociedade, as três funções preconizadas por Dumazedier sofreram alterações em outros grupos sociais e se têm relações com a rede de relações sociais ou de capital social, de realização e felicidade, como constou no presente estudo.

4 HISTÓRIA DE VIDA DE BRASILEIROS NO JAPÃO: diálogo de traços étnico-culturais e de lazer em relação aos dos primeiros imigrantes japoneses no Brasil

Aqui se aborda a história de vida dos sujeitos da amostra, durante o período de permanência no Japão, elaborando diálogo com situações semelhantes vividas por imigrantes japoneses no Brasil, com breve relato de aspectos positivos e negativos, os costumes e o lazer no tempo livre. Em seguida, relatam-se aspectos temáticos como integração entre brasileiros e japoneses, amizade, ter ou vivenciar, adoção da brasilidade pelos japoneses, o difícil retorno ao Brasil e síntese das principais idéias do capítulo.

O tempo de permanência dos entrevistados no Japão variou de no mínimo um ano (pré-requisito para fazer parte da pesquisa), a 15 anos. A grande parte dos sujeitos permaneceu por um período de um a três anos (40%) no Japão, outros ficaram de 3 anos e um mês a 6 anos (25%) e de 6 anos e um mês a 9 anos (25%). A figura em sequência mostra esses dados; o que pode supor uma assimilação natural maior dos costumes e de valores com o maior tempo de permanência.

24 – Tempo de permanência no Japão

A seguir, descrevem-se vivências dos migrantes brasileiros no Japão, reportando aos exemplos descritos sobre imigrantes japoneses no Brasil (mestrado, 2002), considerando as naturais diferenças do contexto sociocultural e espacial entre Brasil e Japão, separados pelo fator tempo. Em que pese esse fator, a imigração japonesa no Brasil - prestes a comemorar 100 anos em 2008 - e considerando o início da ida de brasileiros ao Japão, a partir da década de 1980, - prestes a completar 28 anos em 2008 - , os resultados desse estudo podem ser úteis para a compreensão do fenômeno de transição migratório de trabalhadores temporários, entre Brasil e Japão, em vista da existência de vários pontos análogos em situações de similitude, diferenças e percalços entre japoneses no Brasil e brasileiros no Japão.

Desse modo este item será acompanhado com partes da dissertação do mestrado, que se encontra em APÊNDICE:

APÊNDICE C – Características e dificuldades

- Formação das associações,
- Costumes e valores,
- Alimentação,
- Religião e crença,
- Língua e linguagem,

APÊNDICE D – Atividades de lazer do imigrante japonês no Brasil.

4.1 EXPERIÊNCIA POSITIVA E/OU NEGATIVA NO JAPÃO: PEQUENO RELATO

Após a leitura e o estudo de todos os relatos transcritos da gravação verificou-se maior proporção do número de experiências positivas do que de negativas,

porém as positivas se repetiram algumas vezes, principalmente as que se referem ao enriquecimento cultural, que inclui a língua e conhecimentos de linguagens, amadurecimento e crescimento individual, resultando uma lista menor, pois as características semelhantes foram condensadas, ao passo que as negativas eram por vezes únicas, passando a constituir uma lista maior e diversificada, dando a impressão contrária.

Entre as experiências levantadas ressaltaram-se as de relações sociais e humanas, 55%, sendo 30% positivas e 25% negativas, seguidas daquelas de enriquecimento cultural, 40%, aprendizagem da língua e linguagens, 30%, e conscientização do crescimento individual como pessoa e desenvolvimento de potencialidades, 25%. Segue abaixo o resumo condensado das experiências:

“Foi uma experiência viva de aprendizagem”, disse um dos entrevistados, porque aprendeu a falar corretamente o japonês, a expressar-se melhor e a enfronhar-se na vida cultural japonesa. Como exemplo de expressão afetiva foi citado por outro entrevistado um encontro entre pai e filha no aeroporto, que lhe pareceu por demais formal em relação ao costume brasileiro de abraçar, beijar, gesticular, dar gargalhadas altas e até chorar ao rever seus entes queridos, o que demonstra que os japoneses não costumam expor seus sentimentos publicamente, mas existe toda uma estética especial, com algumas poucas palavras, gestos discretos e sorrisos plenos, para dizer tudo isso.

O jovem entrevistado observou a diferença na maneira de expressar-se e disse: eu entendi o sentimento, no âmago daquele pai, ao rever sua filha, compreendendo um dos códigos de linguagem culturalmente construídos, expressões não verbais *“em geral aprendidas, inconscientemente, numa dada sociedade”* (Hinata,1995:14).

No atendimento médico foi observado que médicos não gostam de ser questionados, muito menos de dar explicações, dando a entender que os pacientes devem ouvir bem e obedecer às instruções dadas por eles, num atendimento distante e frio em relação ao recebido no Brasil. A cultura de atendimento no Japão é mais técnica, de menor envolvimento amistoso com o cliente.

No cotidiano, percebeu-se um país cumpridor de horários, regras, limpeza, disciplina e muita organização, atitudes consideradas '*corretas*'. Os costumes, um pouco da cultura e valores incutidos por seus pais no Brasil ajudaram na adaptação de brasileiros à sociedade japonesa, e a convivência com japoneses permitiu conhecer e entender melhor o povo, seus costumes e cultura. Por outro lado, a convivência enriqueceu sua vida com experiências válidas, interessantes e diferentes, além de passarem a dar outra conotação e valor à cultura de seus ancestrais aprendida no Brasil. O resgate do elo de contato perdido com parentes foi significativo para um outro entrevistado.

Outros aprenderam a viver sozinhos, a tornar-se mais responsáveis, amadurecidos, ao trabalhar em grupo e a lidar com as diferenças, em contato com pessoas de etnias diversas, tanto com as populações locais como com outros migrantes, em igualdade de condições. Outros descobriram suas potencialidades por ter conseguido aprender e trabalhar, testando sua capacidade, dando maior valor a si próprios, a seu esforço, elevando sua auto-estima e não sentindo tanta dificuldade de adaptação. Aprenderam a dar valor à sua família e à amizade de alguns, a 'se virar' sem ter a quem recorrer e a se tornar independentes. Aprenderam muito em todos os sentidos, e também a dar valor ao dinheiro ganho, pois nunca haviam trabalhado, fato importante para compreender a situação de desemprego, principalmente entre jovens no Brasil e mesmo no mundo.

Houve oportunidade de conhecer o país no tempo livre e nas folgas, viajando quando havia condições. Foi experimentada, também, a vida dura cotidiana na fábrica, sem retrucar às ‘*brincas*’, por erros não cometidos por eles, uma vez que as chamadas de atenção costumeiramente sempre são feitas de maneira coletiva, não se apontando diretamente os culpados, mas alguns brasileiros recém-chegados, mais jovens e ousados eram ‘*responções*’.

Uma das entrevistadas narrou que seus filhos nasceram no Japão, vivenciaram o cotidiano escolar como nativos ao freqüentar o correspondente ao ensino fundamental brasileiro até a 4ª e a 5ª séries respectivamente, o que, além da aprendizagem da língua, permitiu a participação em várias atividades extra-classe, como teatro, dança e *undokai*⁵⁸. Portanto, saíram-se muito bem no Japão por serem de tenra idade, mas, ao retornar ao Brasil, essas crianças tiveram certa dificuldade de adaptação, hoje superada, já que se encontram integrados no meio social brasileiro. Ela, como mãe, também participou da organização de atividades com outras mães japonesas, o que considera uma oportunidade valiosa para si e para seus filhos, pois a vivência trouxe experiências válidas, interessantes, e melhorou o entendimento dos costumes, cultura e aprendizagem da língua, por meio da prática.

Alguns, porém, perceberam certo preconceito étnico-racial no trabalho, também observado no grupo de crianças, uma vez que os adultos, ao ver crianças diferentes e/ou estrangeiras, afastavam seus filhos e estes passavam a praticar *ijime*⁵⁹. Uma das mães não gostou da atitude de uma mãe japonesa que viu em um parque público, aonde levava seu filho para brincar, quando ela afastou o filho ao descobrir a presença de criança de outra origem. Esse exemplo leva algumas crianças a

⁵⁸ Undôkai: Gincana poliesportiva.

⁵⁹ *Ijime*: Judiar e maltratar crianças, o que em geral ocorre com os da mesma faixa etária ou série do ensino fundamental.

se retraírem, dependendo das circunstâncias e situações em que se inserem. Todas essas práticas e valores transmitidos pelos pais ou outros adultos vão servir de exemplo para as crianças, que reproduzirão e multiplicarão as mesmas atitudes em relação às crianças consideradas ‘*diferentes*’⁶⁰. Uma outra jovem entrevistada sentiu preconceito ao ser tratada como sub-raça na empresa onde trabalhou, como se fosse uma peça de engrenagem para fazer funcionar uma máquina.

Alguns japoneses não olham com apreço os trabalhadores que deixaram o país em épocas difíceis do Japão e retornaram em outra época, muitas vezes tirando o emprego daqueles que permaneceram no país, embora um entrevistado tenha observado que os japoneses contemporâneos não querem trabalhar muitas horas seguidas, como costumam fazer os brasileiros. Mesmo assim, alguns japoneses querem saber quanto os brasileiros estão ganhando para comparar com seus ganhos.

Um dos entrevistados trabalhou num setor onde só havia trabalhadores brasileiros, que competiam entre si e havia muita ciúmeira contra alguns que se destacavam, tendo observado que alguns tentavam ‘*puxar a perna*’ de outros. Havia desunião e desonestidade entre brasileiros, pois fofocas não faltavam nos bastidores⁶¹.

Há empresas que separam a ala de brasileiros da ala de japoneses, mesmo em refeitórios. Fukasawa (2002: 67), no item que trata da demarcação territorial no refeitório, onde há a mesa dos ‘japoneses’ e a dos brasileiros, comenta que, num território pequeno, pessoas que falam idiomas diferentes acabam criando “‘segregação’ no local que habitam, e que “*os funcionários japoneses, para reforçar sua autoridade*

⁶⁰ Cf. “ONU destaca problema de racismo no Japão”. *São Paulo Shimbun*. 26/07/2005. p.5. Problema já pesquisado pela ONU, encabeçado por Doudou Diene, no Japão, que vê necessidade de nova legislação para combater discriminação contra minorias étnicas e tratamento diferenciado para pessoas de nacionalidades diversas da sua. Os que mais sofrem são as ‘tribos indígenas chinesas e grupos coreanos’ pelos ressentimentos históricos de guerra (*São Paulo Shimbun*, 2005: 5).

⁶¹ Situação semelhante observada entre os cinco repórteres, que foram trabalhar no arquipélago, por três meses, como *dekasseguís*. “Rumo ao Japão”, *Made in Japan*, n.110, ano10, nov. de 2006. p.18-24

sobre os estrangeiros, tratavam-no com frieza, criando essas paredes implícitas de segregação”. Esse fato confirma a pouca oportunidade de fazer amizade com japoneses, conforme um entrevistado. Porém, segundo ele nem todas as empresas são assim, algumas têm outra mentalidade. Alguns fizeram amizade a ponto de manter contato após o retorno, como veremos no item amizade, situação também observada nas experiências de repórteres retro mencionadas.

Um entrevistado contou que, no início, experimentou um deslumbramento com o país, depois viu o quão pouco sabia da língua japonesa e do Japão, e logo percebeu o quanto precisava estudar, mas, ao mesmo tempo, sentiu-se estimulado, porque nada era impossível de ser conseguido.

Uma experiência amarga foi a de um sujeito que perdeu o emprego por ter comprado um carro de uma fábrica concorrente daquela onde trabalhava. Os japoneses levam em consideração a lealdade de seus empregados em relação à sua empresa.

“Viver e trabalhar em outro país traz sempre experiências válidas, mas não sinto saudade!”, disse outro dos entrevistados.

Observa-se que os japoneses são mais fechados historicamente, os brasileiros são mais comunicativos e esperam ter a mesma correspondência. Essa atitude comunicável dos brasileiros parece estampar uma marca registrada no mundo todo, mas alguns japoneses e brasileiros não cientificaram essa natureza de ambos, e esperam que um responda ao outro como se julgam, no seu imaginário.

Portanto, o resultado condensado da entrevista com questão aberta, onde os sujeitos podiam expressar-se livremente mostrou a primeira impressão do Japão que sobrevivera na memória após o retorno ao Brasil fora a referente aos

relacionamentos sociais, pois eles haviam convivido diretamente com populações autóctones no local de trabalho e no cotidiano fora do trabalho, nas cidades ou vilas, residências e/ou alojamentos, no lazer e em outros afazeres⁶². No entanto, a situação vivida pelos imigrantes japoneses no Brasil fora bastante diversa, pois eles haviam entrado em áreas distantes de aglomerações de pessoas, confinados e isolados nas colônias agrícolas, tendo poucos contatos com camaradas brasileiros, como populações autóctones. Assim, à característica normal dos japoneses, considerados mais fechados, somou-se o isolamento das estruturas de colonização de imigração da época.

Dessa forma os primeiros imigrantes japoneses no Brasil foram considerados de *“difícil assimilação tanto pelas autoridades, quanto pela imprensa”* brasileira e pelo povo em geral, pois eram portadores *“de língua, hábitos e costumes dos quais não se desligavam dada sua pequena capacidade de assimilação”* (Nogueira, 1984:150)⁶³. Segundo o estudo documental do historiador Dezem (2003:224-225), após o desembarque dos primeiros imigrantes japoneses no Brasil, o jornal de Santos *‘A Tribuna’* considerou-os *‘refratários aos usos e costumes alheios’*, enquanto o jornal *‘Correio Paulistano’* publicava artigo de J.Amâncio Sobral, Inspetor de Agricultura, intitulado *‘os japoneses em São Paulo’*, concluindo *“que a raça era ‘muito diferente, mas não é inferior’”*, alertando para que não se fizessem *‘juízos temerários a respeito da ação do japonês no trabalho nacional’*. Esse cenário mostra como ficara a primeira impressão e o impacto da chegada deles ao Brasil e o que a figura do estrangeiro japonês causara no país. Tensão semelhante devem ter sentido os japoneses, em relação aos brasileiros, quando de sua chegada ao Japão.

Lesser (2001:161), referiu-se a um artigo de Sobral, no *Correio Paulistano*, o qual ficara impressionado com o desembarque dos japoneses *“com o fato*

⁶² Situação também confirmada na mencionada experiência de repórteres, citados acima.

⁶³ Parágrafo citado na dissertação de Mestrado, página 33.

de que quase 70% dos colonos eram alfabetizados e ‘contrastando flagrantemente com... nossos operários’”, não aparentavam ser pobres. Os imigrantes japoneses trajavam roupas européias, confeccionadas e compradas no Japão, tinham os cabelos ‘penteados com cuidado, perfeitamente em harmonia com a gravata’, que todos usavam.

Outro estudioso (Barros, 1992: 13-14) colocou que *“ultrapassado o primeiro espanto provocado pela diversidade de costumes, o trato interpessoal entre nipônicos e brasileiros se afinava por uma simpatia recíproca”*. Assim, a aproximação de ambas as partes foi ocasionando *“a fusão étnico-cultural nipo-brasileira”*, com o passar dos tempos. E o abasileiramento dos japoneses *“não implicou o abandono das tradicionais virtudes nipônicas de apreço pela educação, letras e arte, de senso hierárquico”* e outras qualidades *“que os imigrantes legaram a seus descendentes”* (APÊNDICE C).

A vivência de japoneses no Brasil em suas ‘colônias’ rurais, isolados e confinados com seus pares, manteve seus costumes e valores congelados no tempo. E, mesmo após a criação de suas associações, que eram inicialmente limitadas a japoneses, foram tachados de formadores de quistos sociais, com o uso da língua, padrões de comportamento e símbolos particulares, o que os afastava de outras etnias (Vieira, 1973: 165)⁶⁴.

As agruras da vida num mundo distante de sua terra de origem, a falta de perspectivas concretas de êxito ou de progresso material, a imensa dificuldade de comunicar-se com pessoas de etnias ocidentais, brasileiras ou não, tudo isso isolava os imigrantes japoneses do restante da população (Saliba, 2006: D5).

⁶⁴ Trecho constante na dissertação de Mestrado, página 40.

Essa situação ocasionou, nos primeiros tempos, a dificuldade de integração com os brasileiros e a aprendizagem da língua e costumes. Por outro lado, os imigrantes conseguiram manter vários costumes, valores e conhecimentos japoneses por anos num país alienígena ao de sua origem.

Já os brasileiros no Japão tiveram comunicação e contatos diretos com japoneses no trabalho e na vida cotidiana, vivenciando a cultura material e imaterial logo que chegaram, aprendendo forçosamente a língua, linguagens e costumes. Mas suas experiências sociais foram em geral positivas, com impactos culturais sustentáveis, a não ser quando se tratou de certos preconceitos étnico-raciais, citados mais de uma vez, sendo vistos ou considerados como sub-raça, pertencentes a uma civilização inferior ou evitados como '*diferentes*'.

Portanto, a imagem que fica na memória é a de experiências vividas positivas, que se acentuam mais, mesmo tendo passado por eventuais situações negativas, pois estas servem como lições de vida, tanto para os entrevistados como também para os cinco repórteres⁶⁵ da referida reportagem. Assim, vale o retorno para novas experiências, como as de alguns dos potenciais entrevistados (pois freqüentam o CIATE)⁶⁶. Além disso, em um certo sentido a situação procede, pois é preferível trabalhar duro, numa estrutura social mais organizada e segura, e ser mais valorizado em termos monetários, além de experimentar um novo desafio, em um país desenvolvido, do que o contrário.

⁶⁵ Embora esses tenham permanecido no Japão por 3 meses, enquanto os entrevistados do presente trabalho tiveram permanência no mínimo de 01 a mais de 12 anos.

⁶⁶ Mesmo um dos repórteres acidentados retorna ao Japão para nova experiência.

4.2 COSTUMES

Os brasileiros foram para o Japão, país com infra-estrutura melhor que a oferecida pelo Brasil para os primeiros imigrantes japoneses⁶⁷, que vieram em navios a partir de 1908 até 1973, principalmente, sendo encaminhados para áreas ainda a desbravar, em clima tropical, sem a mínima infra-estrutura de moradia, saúde e alimentação, enquanto os migrantes brasileiros passaram a procurar o Japão para trabalhar, principalmente na década de 1980, com intensificação a partir de 1988⁶⁸, e se fixaram, em geral, em áreas já urbanizadas, próximas às facilidades e comodidades possíveis de ser conquistadas, embora com os devidos sacrifícios e adaptações. Os tempos e a situação são outros, mas o desejo de bem-estar move as pessoas para o atendimento das necessidades aprendidas, a que estão acostumadas, valorizadas no contexto social ao qual pertencem e que posteriormente vão aceitando, assimilando, acrescentando, adaptando e/ou modificando conforme suas escolhas e opções de valorações internalizadas, no novo espaço de vida.

Em relação à alimentação, os imigrantes japoneses no Brasil tiveram muitas dificuldades de adaptação, conforme item Dificuldades, no APÊNDICE C: No início, chegaram mesmo a contrair moléstias gastro-intestinais e dermatológicas (Nogueira, 1984: 161). Isso se devia à dificuldade de adaptação aos hábitos alimentares brasileiros, à falta de produtos aos quais estavam acostumados e também à precariedade da assistência médica. Com o tempo, foram fazendo adaptações, como a substituição do arroz, que era raro e muito caro, “*por bolinhos de fubá, farinha de milho, mandioca ou*

⁶⁷ Em 1973 chegam os últimos navios trazendo imigrantes japoneses ao Brasil. São os navios Brasil-Marú e Nippon-Marú, encerrando a imigração por navios (Nakasumi e Yamashiro, 1992: 434). A partir dessa data, a natureza da imigração se modifica. A aceitação de imigrantes pelo governo brasileiro se torna severa, entre 1979 e 1980, e “*14 pedidos de entrada de imigrantes tecno-industriais apresentados pelo governo japonês*” (Nakasumi e Yamashiro, 1992: 419) são recusados com alegação de que não preenchiam requisitos necessários. Mas a causa principal era, na verdade, o “*aumento do desemprego em consequência da recessão econômica brasileira*” (Nakasumi e Yamashiro, 1992: 419).

⁶⁸ Ishigaki, (1992: 21), vide 3.2 Breve relato circunstancial do movimento migratório de brasileiros para o Japão.

batata-doce”. Em vista da abundância do café e do açúcar podiam consumi-los “sem restrição”, conforme Nogueira (1984: 157).

4.2.1 Valores Culturais

Estes são alguns valores expressos pelos entrevistados para o seguinte questionamento:

Você e seus familiares praticam costumes dos imigrantes japoneses como: reconhecer e retribuir favores recebidos dos outros, e/ou a honestidade, e/ou a disciplina oriental, e/ou não faltar ao trabalho ou aos estudos, e/ou desenvolver o espírito de cooperação e o de união, e/ou de dar valor aos estudos? Existe função ou tarefa por ser irmão mais velho ou caçula da família ou por ser filho homem ou mulher?

O questionamento foi feito para observar quais valores e costumes os sujeitos da amostra receberam de seus familiares ou da comunidade da qual faziam parte antes de partirem para o Japão, e se estão próximos daqueles que os imigrantes japoneses trouxeram.

Apenas 15% disseram que não receberam esse tipo de educação informal japonesa, mas aprenderam o que se deve e não se deve fazer, como qualquer cidadão, ter o diálogo como resolução de problemas e retribuir, quando necessário, de maneira abrandada, simples e espontânea. 40% dos entrevistados concordaram plenamente, com repetição das idéias mencionadas acima, além de acrescentar: rigorosa educação, desde a infância, com aquisição de todos os costumes, como educação

ancestral do Japão, com o lema '*mewakuo-kakeruna*'⁶⁹, como parte da vida cotidiana.

O restante concordou em parte, e alguns acrescentaram o que aprenderam no Japão:

- Aprendeu a cooperar com o grupo e a retribuir favores.
- Sentiu que os costumes e valores no Japão modificaram até a língua e linguagem.
- Quando alguém se casava e/ou morria mandava dinheiro para familiares.
- No Japão aprendeu a dar uma 'lembrancinha' (presentinho) para a vizinhança por ocasião da mudança no prédio. Essa maneira de trocar palavras permitiu ter amizade com uma vizinha, que deu apoio e explicações quando recebia recados em japonês e não entendia direito do que se tratava (um costume comum no Japão, quando se chega a uma nova residência é fazer visita de cordialidade e de apresentação).
- Há ainda o respeito ao horário, e rigorosa hierarquia entre veteranos e novatos.
- Aprendeu a respeitar e a cuidar dos mais velhos.
- Por ser filha mulher sofreu para estudar e fazer a faculdade.
- Aprendeu alguns costumes como não entrar de sapatos numa casa.
- Cumprimentar à moda japonesa.

⁶⁹*Meiwakuo-kakeruna*: não dar trabalho aos outros, nem desonrar o nome da família.

- Sentiu no Japão regras estabelecidas e formais.

Essas citações mostram que a grande parte dos sujeitos da amostra conhece valores e costumes aceitos pelos japoneses e por vezes alguns perceberam ter sido educados com antigos costumes e valores. Essa característica foi resultado do estilo de vida dos primeiros imigrantes e daqueles que tinham intenção de preservar os valores culturais recebidos, como já descrito no estudo no mestrado (APÊNDICE C), do qual seguem alguns trechos abaixo.

Os imigrantes estavam “*confinados no âmbito de uma sociedade cultural e economicamente diferente de sua origem, tinham na vida familiar e no lar seu único mundo*”. Esse fato se refletia no “*desejo de manter, sob estrito controle, a família, que é seu mundo único e exclusivo*”. E, por meio do ensino de língua japonesa, tentavam criar a base de comunicação de seus valores e costumes entre seus pares, conforme Tsukamoto (1973: 26-27). Porém, percebeu-se que a língua e a linguagem cristalizaram-se no Brasil, não acompanhando a evolução natural delas como no país de origem, o Japão.

Dentro desses tradicionais valores japoneses, de família e de parentesco existia uma “*determinação do status de classe de cada um dos membros da família*”, indicando quem deveria imigrar do Japão para o Brasil. Esse mesmo valor aparecia para selecionar quem deveria trabalhar em casa e quem deveria estudar fora, determinando o status de classe dos membros de uma família, estudados por Maeyama (1973: 258). Esse valor demonstra por que uma das entrevistadas sofreu para poder estudar.

Havia nos imigrantes uma forte relação hierárquica familiar. Assim, a hierarquia se sucedia como uma *cascata*, do pai ao filho mais velho, ao filho menor,

passando pelas mulheres e chegando ao mais humilde dos criados, se por acaso eles os tivessem. Eram valores de submissão que sustentavam a posição de cada indivíduo numa família e numa sociedade. A virtude estava em reconhecer e retribuir eternamente o débito para com os superiores (desde o Imperador) até aos pais, patrões e demais benfeitores, segundo Cardoso (1995: 105).

As pessoas hierarquicamente superiores eram sempre benfeitoras daquelas que estavam abaixo delas, o que as fazia merecedoras de um tratamento especial das credoras, desse dever que se chama *on*. Além disso, a lealdade devia estar sempre presente, o que implicava retribuir favores importantes, conforme Cardoso (1995: 105).

A “*natureza absoluta desses deveres impostos pela posição hierárquica é que fundamenta o respeito filial oriental*”, colocando os pais em uma posição estratégica de autoridade sobre os filhos, expressa em termos de uma dívida, em que os filhos são devedores e se esforçam por retribuir eternamente o débito que têm com os superiores (Cardoso, 1995: 105-106). Em seguida, são devedores a seus mestres e aos chefes de trabalho, e assim por diante, se deles receberam favores, como, por exemplo: de aprendizagem, de orientação, de suporte psicológico, de monetário, de posição hierárquica e outros.

Isso explica a razão do respeito hierárquico existente nas relações familiares, empresariais, e demais instituições, assim como a lealdade recomendável de subordinados para com a empresa. Esse pensamento ratifica o exemplo do entrevistado que perdeu o emprego por ter comprado carro de outra empresa e não daquela para a qual estava trabalhando (vide item de vivência positiva e negativa, retro). Assim também ocorre com relação ao respeito pelos mais velhos, pois os mais jovens dependeram deles para chegar à posição onde se encontram hoje. Dessa forma, a relação

entre veteranos e novatos é de suma importância na sociedade japonesa, pois os novatos têm débito eterno para com os veteranos, que devem zelar e cuidar deles, da mesma forma. Todas essas categorias de respeito, hierarquia e procedimentos tornam o país pleno de regras formais aos olhos dos migrantes.

E muitos desses costumes, hábitos e atitudes passaram dos imigrantes para seus filhos por meio da educação informal.

4.2.2 Alimentação

Costumava comprar algum produto brasileiro no Japão? Qual? Sentiu saudade de alguma comida brasileira? Chegou a fazer adaptação de alguma receita brasileira? Qual a comida japonesa que você logo aceitou no seu cotidiano?

Segundo Klein (2005:108), uma das características do bem-estar, de satisfação e de prazer físico está na apreciação gastronômica. *“A alimentação é indispensável para a vida, mas é simultaneamente um dos prazeres mais básicos”*. Conforme o autor, trata-se de um prazer sensorial, tendo como entrada a boca, dotada de cerca de três mil papilas gustativas, com maior concentração sobre a língua, composta de células sensoriais, que respondem às ‘mais sutis variedades do sabor’.

Observaram-se, em relação a essa necessidade básica, as dificuldades de adaptação dos brasileiros, acostumados com outros produtos alimentares, assim como ocorreu com os primeiros imigrantes japoneses no Brasil. Alguns pratos da culinária brasileira passaram a ser feitos com ingredientes japoneses adaptados, reinventados para matar a saudade. Assimilaram-se pratos japoneses, e também receitas brasileiras foram introduzidas no Japão, numa tentativa de tornar a nova vida mais amena.

As informações obtidas mostram que brasileiros procuram os produtos brasileiros no Japão, assim como os primeiros imigrantes japoneses fizeram no Brasil. Dentre os produtos alimentares e refeições prontas mais citados na compra ou de que sentiam saudade, em primeiro lugar estava o feijão (55% dos entrevistados) tendo 15% mencionado a feijoada e 15%, coxinha e pastel.

Os primeiros imigrantes japoneses no Brasil tentaram adaptar o feijão brasileiro para elaborar doce, pois estavam acostumados a consumir doce de feijão no Japão, embora de espécie diferente. Contrariamente, os brasileiros no Japão tentam adaptar o feijão japonês de fazer doces para o preparo do caldo de feijão, como é feito no Brasil, para consumi-lo com o arroz.

Um dos entrevistados disse que pela saudade do feijão, principalmente do feijão preto, chegou a preparar o prato com outro feijão, mas não ficara muito bom, enquanto outro gostara, experimentando o prato preparado por outra pessoa, pois não cozinhava. Uma delas preparou-o no *denki-gama*⁷⁰, pois não encontrou panela de pressão. Isso ocorreu na época, em que ainda não havia feijão importado do Brasil.

Vejamos, em sequência, um parágrafo retirado do item Alimentação (APÊNDICE C): Segundo Handa (1987: 541-544), no Brasil “o feijão, desde os primeiros tempos, foi preparado à moda brasileira”, mas às vezes cozinhavam com açúcar ou então faziam pasta doce, pois estaria substituindo o feijão *azuki*, enquanto o “feijão branco talvez fosse o único” que continuava a ser feito à japonesa, produzindo-se com ele o doce de *amanattô* e o *kinton*. Com a farinha de mandioca misturada à de trigo ou ao fubá preparavam-se os bolinhos ou *dangos*, que às vezes eram recheados com doce de feijão *azuki* e cozidos a vapor. Da mandioca fazia-se algo semelhante a

⁷⁰ *Denki-gama*: Panela elétrica automática para fazer arroz.

*mochi*⁷¹, ou, depois de cozida, amassada, seca ao sol em finas fatias e frita, fazia-se com ela a bolacha chamada *okinawa senbei*, servida como lanche para as crianças.

Conforme Nogueira (1984: 158), a alimentação do imigrante japonês no Brasil, na primeira fase, era constituída quase inteiramente de elementos locais, porém, a partir de 1918, ele consegue fazer alguns pratos japoneses em razão da melhoria de suas condições econômicas e também por causa do aparecimento da indústria e do comércio de produtos japoneses. Somente após 1925, na terceira fase, a dieta “*enriquece-se sobremaneira, em razão da dualidade de elementos brasileiros e japoneses nas refeições*” (APÊNDICE C).

Hoje, no Japão encontra-se de tudo, pois existe venda de produtos brasileiros em lojas especializadas e lojas ambulantes em *vans* e caminhões, que rodam nos lugares com grande afluência de brasileiros. Também há churrascarias e feijoada, em várias cidades brasileiras, por exemplo, em Hammatsu (Nunomura, 2002: E8), que faz sucesso mesmo entre japoneses, com suas peças de carne grande, com corte diferente dos vendidos em supermercados japoneses.

Em São Paulo (ano 2006), o bairro oriental da Liberdade é referência turística e de procura de povos de várias origens, principalmente de orientais para a aquisição de produtos de consumo alimentar. Em sua origem os comerciantes japoneses vendiam produtos como o arroz, base de alimentação e principal produto de comércio, hoje multiplicado para infinidades de outros tantos produtos importados de países como a China, Japão, Coréia e outros, além de produtos da industrialização nacional de origem japonesa, coreana e chinesa, como o molho de *shoyu*, *aji-no-moto*, *curry*, chá etc.

⁷¹*Mochi*: Bolinho de arroz.

Viver no Brasil sendo japonês, ou no Japão sendo brasileiro não é mais empecilho em relação aos produtos alimentícios e demais itens arrolados pelos migrantes.

Com o aumento do número de brasileiros no Japão, passou-se a vender feijão, pó de café, verduras e legumes como chuchu, abobrinha, couve-manteiga, beterraba etc., mas, parece que a jabuticaba ainda não fazia parte dos produtos importados no Japão, pois uma entrevistada disse que sentia saudade dessa fruta. Alguns fazem pedido pelo telefone e depois de dois a três dias recebem em casa.

25% dos brasileiros da amostra disseram que costumavam comprar carne importada do Brasil, no açougue de brasileiro, ou fazendo pedido pelo telefone, pois o corte da carne é diferente daquela dos açougues japoneses, principalmente para fazer churrasco. Mas também compravam picanha ou contra-filé⁷². 10% dos entrevistados disseram que costumavam comprar café em pó, para preparar e tomar café coado e feito na hora, pois o café do Japão é aguado, e seu preparo é diferente. Também a massa de tomate da marca 'Pomarola' é procurada por seu sabor, pois os molhos japoneses são em geral adocicados (10%). E, em relação ao prato feito e composto por arroz, feijão, batata e bife acebolado, foi lembrado por 10% dos entrevistados, pois um deles disse que sentia falta daquela comida caseira brasileira.

O prazer e a apreciação da comida japonesa são fundamentados em um rito, uma vez que ela é elaborada com ingredientes cortados e combinada ao estilo oriental, de acordo com as estações do ano, e decorados apropriadamente em recipientes adequados. Esse ritual, porém, foi modificado, pois não havia ingredientes, nem recipientes para seu preparo e tiveram que fazer adaptações, conforme partes de trechos

⁷² No estudo efetuado por Yanaze (2002: 129), sobre "Mercado 'Dekassegui' brasileiro no Japão", in: *Encontros culturais Portugal-Japão-Brasil*, são citados o feijão e a carne como "*itens de inegável importância na alimentação do 'dekassegui' brasileiro*".

abaixo (APÊNDICE D).

O tipo do arroz que é o catete não era ainda encontrado no Brasil, havendo só o tipo agulha. Era considerado um luxo poder comer arroz fofo todos os dias. E uma das grandes alegrias dos primeiros imigrantes japoneses era, após um ano de boa colheita, conseguir comprar um pouco de arroz de algum produtor, conforme Handa (1987: 535-536). Essa base de sua alimentação nem sempre estava ao alcance de todos, cozinhando-se então, “*o meio arroz ou a canjica*”, mas sem óleo e tempero. Às vezes cozinhavam com mandioca, batata picada ou ervilha. E tinham dificuldade de dar gosto à comida à moda brasileira, levando muito tempo para aprender a cozinhar. No entanto, em relação à vestimenta e à moradia, conseguiram acostumar-se logo (HANDA, 1987: 108-109).

O arroz à moda japonesa era feito somente com água, pois, dessa maneira, podia-se degustar seu verdadeiro sabor e, se consumido juntamente com *tsukemono*⁷³ ou com peixe, quando possível, o sabor era idêntico ao do arroz do Japão. Como na época não era fácil a aquisição de peixe *in natura*, eles consumiam o chamado bacalhau seco. O arroz catete passou a ser consumido a partir de 1930, com a fixação dos imigrantes na cidade de São Paulo, quando houve o aumento dos assalariados e pequenos varejistas japoneses.

Com o tempo, algumas famílias que já se haviam acostumado à comida, passaram a elaborar “*um padrão alimentar duplo: almoço à brasileira e, dentro do possível, jantar à japonesa*”. Combinavam arroz branco, feijão, bife, salada ou *tsukemono*, e às vezes, *missôshiru*⁷⁴ no jantar. Muitos imigrantes não ficavam sossegados enquanto não degustassem, após a comida ocidental, um pouco de arroz

⁷³ *Tsukemono* é espécie de pickles à moda japonesa.

⁷⁴ *Missoshiru* é a sopa feita de missô, com acréscimo de ingredientes variados, conforme o gosto da pessoa.

branco, em forma de *ochazuke* ou arroz branco regado com chá verde, conforme Handa (1987: 538).

Esse prazer da comida japonesa passou a ser possível depois da Primeira Grande Guerra, após o plantio de soja com sementes trazidas do Japão, segundo Handa (1987: 537), quando, com base na soja, tornou-se possível a produção de *shoyu*, *tôfu* e *missô*⁷⁵. Ainda, no ano de 1913 ou 1914, Eitaro Kanda, um dos primeiros imigrantes japoneses, começou a produzir *shôyu* em Santos. Assim, nas mercearias da rua Conde de Sarzedas, no bairro da Liberdade (São Paulo), esse produto já era vendido e logo foram aparecendo as casas de *tôfu* e de *udon* (macarrão específico), tornando possível a oferta de refeições japonesas nas pensões (HANDA, 1987: 171).

Já os brasileiros no Japão adquirem produtos de sua terra natal com maior facilidade ao sentir saudade, pois 5% deles disseram que compravam: farofa, arroz brasileiro, vinagre, polenta, farinha de trigo, maisena, *curry*⁷⁶ brasileiro, leite condensado, pacote de salgadinhos brasileiros, lãmen *Miojo* brasileiro, creme de leite, macarrão, carne seca, doces brasileiros, azeite de oliva. Enfim, têm acesso a uma infinidade de produtos alimentícios industrializados, com exceção de farofa, polenta e carne seca. Muitos dos produtos citados acima têm o equivalente no mercado japonês, porém os brasileiros preferem comprar os importados do Brasil.

O *lãmem*, macarrão instantâneo, acondicionado em pacotes unitários, para uma porção individual, é uma invenção dos japoneses para preparar refeição rápida de macarrão ensopado, que se propagou tanto no Japão como no Brasil. Mesmo assim, o

⁷⁵ *Shoyu*, *tôfu* e *missô* são todos produtos à base de soja, matéria-prima para a elaboração da culinária japonesa. *Shôyu* é molho condimento, *tôfu* é o queijo de soja e *missô* é uma pasta fermentada de soja, é comumente utilizada para fazer sopa, o *missoshiru*. Mas também serve para fazer pickles japoneses, deixando pedaços de verduras como nabo, chuchu, cenoura e outros ingredientes, em conserva.

⁷⁶ *Curry* é um condimento de origem indiana, feito com a mistura de vários cheiros e aromas, muito apreciado pelos japoneses, que é também produzido no Japão.

macarrão da marca '*Miojo*', preparado e vendido no Brasil, adaptado ao sabor voltado para o público brasileiro, é o preferido de brasileiros no Japão, e não o sabor original voltado para o público japonês.

Com relação ao macarrão, os brasileiros estão acostumados a consumir à moda italiana, com molho de tomate. No Japão há vários tipos de macarrão, feitos com ingredientes diversos, cada qual servido e preparado conforme a culinária e a receita, mas os imigrantes japoneses no Brasil tentaram adaptar o macarrão tipo espaguete para fazer o preparo do *udon*⁷⁷, um outro tipo de macarrão em caldo. Os brasileiros ainda desconheciam o macarrão *soba*, feito de trigo sarraceno, que os japoneses apreciam e consomem quente no inverno e frio no verão.

Em relação às hortaliças, que os japoneses tanto apreciavam, fizeram uma série de adaptações no Brasil, como citado no APÊNDICE C, em detalhes. Mas, dentre essas adaptações, a grande descoberta dos imigrantes japoneses no Brasil foi a de usar o fubá como substituto do farelo de arroz, chamado de *nuka missô*, para preparar o *tsukemono* ou pickles japoneses, cuja receita até hoje é adotada, por causa do cheiro desagradável do verdadeiro *nuka missô*.

Como se observa, eram muitas as substituições e adaptações feitas pelos japoneses no Brasil. Hoje encontramos, nos restaurantes de 'quilo' brasileiros, pratos da culinária japonesa, adaptados ao gosto de brasileiros, como, por exemplo, o *makizushi*, tipo de *sushi*; em forma de rocambole, e alguns restaurantes têm como ingredientes maionese, alface, pedaços de salsicha, tornando o *sushi* brasileiro.

Alguns dos brasileiros entrevistados não cozinhavam, comiam nos restaurantes e alojamentos; assim, podiam escolher qualquer tipo de comida, até a típica brasileira, no cotidiano. Um dentre eles passou a adotar comida pronta vendida nas lojas

⁷⁷ *Udon*: Macarrão feito de farinha de trigo, mas diferente do espaguete.

de conveniência e/ou nos supermercados, por ser mais prática, e o outro, ainda, descobriu que certas lojas ofereciam produtos prontos como suco de cenoura, que costumava consumir.

Uma das entrevistadas disse que a cozinheira da casa onde morava era brasileira e fazia de vez em quando a feijoada em lata importada do Brasil; fazia-se também o combinado feijão, arroz, batata e bife à moda brasileira e torta de bacalhau adaptada, utilizando o salmão defumado do Japão. Uma outra brasileira adaptou a massa para *guioza*⁷⁸, recheando-a como se fosse pastel à moda brasileira e fritando-a, quando a receita original é preparada com massa e recheio diferente daquele do pastel, e cozida em banho ‘maria’ ou a vapor, podendo, depois, ser frita em pouco óleo. Costumavam fazer pizza, na frigideira, no fogão a gás, pois não havia forno, colocando molho de tomate e queijo derretido por cima.

Uma pessoa disse que preparava bolo com farinha de trigo brasileira, pois a japonesa era diferente; assim conseguia preparar bolos, como o de nozes e outros, num mini-forno, para vender em pedaços para os colegas de trabalho japoneses que os compravam por serem diferentes e apreciados.

15% dos sujeitos da amostra disseram não ter tido dificuldade de adaptação à comida japonesa, e um deles não sentia tanta saudade da comida brasileira, pois mesmo no Brasil⁷⁹ estava acostumado a comer pratos da culinária japonesa (arroz branco, *onishime*⁸⁰, tomar *missoshiru* e outras iguarias). Um dos entrevistados afirmou que não costumava comprar nenhum produto brasileiro. Outros compraram inicialmente

⁷⁸ *Guioza*: pastel, tipo chinês, com preparo de massa diferente da do pastel brasileiro.

⁷⁹ Cf. artigo “Japão planeja certificação oficial de restaurantes japoneses no exterior”. *São Paulo Shimbun*, 08/11/2006. p6. Hoje existem cerca de 300 estabelecimentos especializados em cozinha japonesa no Brasil, com cerca de 20.000 fora do Japão, sem contar com restaurante ‘self-service’ e ‘quilo’, que oferecem pratos japoneses no cardápio. O Ministério da Agricultura do Japão vai começar a fixar diretrizes para distinguir a ‘verdadeira’ comida japonesa da ‘falsa’ ou abaixo dos padrões.

⁸⁰ *Onishime*: iguaria de cozido de verduras, massa de peixe e carne.

produtos como massa de tomate, tipo ‘Pomarola’, na loja de brasileiros, até se acostumarem com o sabor japonês. E, com o correr dos tempos, alguns deles passaram a comprar nas lojas japonesas e preferir a comida japonesa.

Os pratos preferidos e adotados pelos brasileiros no Japão eram: *onigiri*⁸¹, *lâmen*; alguns acharam mais prático o *cup-lamen* no cotidiano. Apreciavam também o *curry rice*, *niku-man*⁸², *sushi*, *udon* e *sashimi*, estes últimos pratos, muitas vezes com ingredientes de peixe cru, entraram no gosto de brasileiros. O *missoshiru*, que é uma sopa à base de soja, típica da alimentação japonesa, sempre acompanhando o arroz branco, passou a ser adotado por 25% de brasileiros, como se fosse o correspondente ao arroz e feijão. Enquanto alguns não conseguiram encarar o *natto*, que é feito também de soja, mas fermentado, outros se acostumaram a comprar pão feito no Japão, mas do tipo pão de forma ou pão doce com recheio variado, salgado ou doce, diferente do pão do Brasil.

A partir de 1988, com a intensificação da entrada de brasileiros no Japão, já decorridos dez anos do seu início, adquirem-se e vendem-se produtos do Brasil, como consta na revista publicada em 1998, existem mordomias em bairros onde há maior número de brasileiros, como supermercados, lojas vans, locadoras de CD e vídeos, danceterias etc⁸³.

Os primeiros imigrantes japoneses também sofreram para adaptar-se à culinária brasileira, pois as refeições japonesas são mais leves. Naturalmente, os pratos eram adaptados ao clima tropical brasileiro e o trabalho físico duro, sem grandes mecanizações e tecnologias, exigia uma alimentação mais rica, e era difícil, na época,

⁸¹ Bolinho de arroz.

⁸² Niku-man é um bolinho recheado com carne moída de boi, frango ou de porco (receita de origem chinesa).

⁸³ Cf. Emi e Ferreira, no artigo “Brasileiros não sofrem no Japão. Tem o que querem”. *Made in Japan*, edição especial, n.09, ano 01.

pelas condições precárias em que eles viviam, no Brasil, a elaboração da culinária à moda japonesa ou à brasileira. Os brasileiros, por sua vez, pelas condições e facilidades apresentadas no Japão, puderam usufruir todos os produtos, tanto brasileiros como japoneses.

Mas essa situação está levando os brasileiros a serem acometidos de doenças de nosso século, pois foi constatada entre eles a presença de alto índice de colesterol e problemas de obesidade, conforme a pesquisadora Schwingel⁸⁴.

E, se os brasileiros estão consumindo a comida brasileira no Japão, considerada mais forte e gordurosa e/ou cardápio com mais carne, sem o consumo de verduras, não se dedicando também às atividades físicas, em um país com facilidades em qualquer parte, sem ter que andar muito, isso, logicamente vai levar ao aumento do índice de obesidade e colesterol alto, que se tornam mais graves ainda, se somados ao estresse do trabalho repetitivo.

Os brasileiros foram para locais já urbanizados ou próximos a grandes centros citadinos do Japão com suas facilidades, enquanto os imigrantes japoneses ficaram confinados em áreas rurais, distantes uns dos outros, constituindo comunidades fechadas ou mesmo formando os chamados quistos sociais, permanecendo fiéis e homogêneos em seus costumes e hábitos tradicionais trazidos do Japão, e tentando elaborar seus pratos prediletos adaptados com ingredientes possíveis, por longo tempo. Só após a Primeira Guerra Mundial, quando passaram a intercambiar com a cidade de São Paulo, no bairro da Liberdade, mais precisamente na área da rua Conde de Sarzedas, começaram a obter com maior facilidade subprodutos da soja, produzidos artesanalmente, que, com o tempo, foram sendo aperfeiçoados, além de ter havido a

⁸⁴ Palestra proferida por Andiar Schwingel, na Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, no dia 15 de Abril de 2005, com o tema “Brasileiro no Japão: saúde e estilo de vida”.

introdução de produtos importados, que hoje não deixa nada a dever em relação a produtos e restaurantes que oferecem comida japonesa.

E, embora, a questão fosse ligada à alimentação, alguns entrevistados, cerca de 10%, comentaram que adquiriam revistas e livros, pela necessidade de saber o que estava ocorrendo no Brasil e manter contato com a língua. Essa preocupação dos entrevistados retornados ao Brasil é ratificada, em Yanaze (2002: 140), que diz: *“manter-se informado sobre os assuntos relevantes estabelece vínculos de participação e engajamento com a realidade do país de origem”*.

Enfim, os brasileiros no Japão sentiram os diferenciais alimentares, como ocorreu com os imigrantes japoneses no Brasil. Os japoneses adaptaram-se ao tipo de habitação e de vestimenta brasileiros⁸⁵, assim como os brasileiros, sentiram diferenças no vestuário, tipo de corte, modelagem e senso da moda japonesa, embora em menor proporção que a alimentação, ratificando a similitude nos modos de adaptação.

4.2.3 Religião e crença

Você é praticante de alguma religião? Se sim, qual?

50% dos entrevistados não eram praticantes de nenhuma religião. Dos outros 50 %, 25% eram praticantes da religião católica e os outros 25%, praticantes de “*seicho-no-ie*” (neo xintoísta), “*tenrikyo*” (tendência xintoísta) e Igreja Universal do Reino de Deus (protestante).

Dos católicos praticantes, alguns freqüentaram a igreja e outros só não o fizeram por não se encontrarem próximos a uma igreja católica, mas uma entrevistada

⁸⁵Lazer e tempo livre da comunidade nikkei na região metropolitana de São Paulo (Ikari, 2002: 91).

revelou que fora crismada no Japão. A conversão de imigrantes japoneses iniciou-se no Brasil (APÊNDICE C), em 1919, com o padre alemão Lourenço Fützbauer, de acordo com o padre Shigeo Takeuchi (Igreja São Gonçalo). Em 1921, houve o primeiro batismo de um grupo de japoneses. Assim, a conversão ao catolicismo teve início, primeiramente, “*com a criançada das imediações da rua Conde de Sarzedas, que se reunia em torno do padre Guido Del Toro, da Igreja São Gonçalo*”, no bairro da Liberdade (SP). Mais tarde, os pais se convertiam, para acompanhar seus filhos para atividades religiosas, impulsionando a propagação do catolicismo (HANDA, 1987: 734).

Conforme o autor retro, “*nem o catolicismo e nem o protestantismo foram religiões representativas dos imigrantes japoneses radicados no Brasil. A religião só se tornou mais próspera entre os imigrantes japoneses depois da Segunda Guerra*”, nos idos de 1950, “*quando os primeiros nisseis⁸⁶ já tinham atingido a idade adulta*”. Era também um período que refletia o desenvolvimento econômico, substituindo a veneração ao imperador pela religião. A conversão ao cristianismo se acentuou à medida que os descendentes dos imigrantes foram-se abasileirando, principalmente nos centros urbanos, onde havia um contato maior com a sociedade brasileira, conforme Handa (1987: 735-736).

Embora muitos descendentes jovens de japoneses estivessem batizados no catolicismo, em seus lares continuavam praticando o culto tradicional doméstico, em particular o culto aos antepassados, de origem budista. Muitos se convertiam ao catolicismo para poder participar da formatura do curso ginásial, hoje intitulado de ensino fundamental. Os pais interpretavam essa conversão como uma questão burocrática e social, enquanto, para os filhos estudantes, era um meio para

⁸⁶ Nisseis são filhos de isseis. Os isseis constituem a primeira geração de imigrantes japoneses, fora do Japão.

conseguir fazer parte do grupo de iguais, não sendo considerado como rito de passagem. Segundo Maeyama (1973: 251-252), esse fenômeno é interpretado mais como “*acomodação, identificação e estratégia, do que em termos de aculturação e assimilação*”.

E, para os jovens convertidos, o culto aos antepassados significava um assunto do *ie* ou de família. Enquanto permaneciam na casa dos pais, eram praticamente obrigados a participar dessas práticas do culto aos antepassados em suas vidas domésticas, mantendo a prática dualista de religião. Mais tarde, quando se tornavam independentes, podiam optar pela continuação dessa prática dualista ou não, a não ser que o jovem fosse o filho sucessor da família ou *ie*, quando então podia até ter uma certa reação contra a conversão ao catolicismo.

Esse modo de encarar as dualidades espirituais, separando as funções de uma divindade das da outra vem da coexistência do *Kami*, divindade xintoísta e do *Hotoke*, divindade budista, desde os tempos remotos do Japão, sendo comuns suas práticas ritualísticas na vida cotidiana e comum dos japoneses (NAKAMAKI, 1983: 65-86).

Dos entrevistados restantes 25%, 10% eram praticantes do *tenrikyo* e 10%, da *seicho-no-ie*, enquanto os outros 5% freqüentavam tanto a igreja Universal do Reino de Deus como o *secho-no-ie*, pois sentiam grande necessidade de rezar. Uma das adeptas disse que fez questão de conhecer o templo no Japão, adquirindo CD, livro, sutra sagrada e *omamori*⁸⁷, enquanto outra, embora adepta do *seicho-no-ie*, não pôde freqüentá-lo pela inexistência do templo nas proximidades do lugar onde morava.

⁸⁷ *Omamori*: talismã ou amuleto, que pode ser um texto acondicionado em um saquinho de tecido para proteção individual.

Verifica-se, portanto, que a religiosidade inicialmente introduzida pelos imigrantes japoneses no Brasil sofreu mudanças, pois, na amostra⁸⁸, 50% dos sujeitos disseram não praticar nenhuma religião e os outros 50% ficaram subdivididos entre o catolicismo (25%), religião oficial do Brasil, que foi adotada principalmente por aqueles que passaram a viver na cidade de São Paulo, e religiões de origem japonesa (25%), tentando manter a religiosidade herdada de seus descendentes do Japão. Nenhum deles revelou que se convertera ou se tornara adepto de alguma religião no Japão.

Os imigrantes japoneses no Brasil praticavam a religiosidade aprendida e herdada de seus antepassados, pois, embora o Japão não possua nenhuma religião oficial, os preceitos do xintoísmo e budismo estão presentes no cotidiano da população, nas festividades ou *matsuri*, por meio de ritos cerimoniais de passagem, de agradecimento, pedidos de afastamentos de males e de fertilidade, nos calendários e eventos anuais, numa relação simbiótica do xintoísmo e do budismo, cada qual desenvolvendo sua função, como explicitado acima.

Conforme Pereira (s/d:510-511), estudioso das religiões japonesas, o xintoísmo está ligado aos ritos de nascimento, matrimônio ou inauguração de edifícios, enquanto o budismo exerce funções para ritos fúnebres e cultos aos antepassados. Assim, os japoneses veneram divindades diferentes sem constrangimentos no mesmo espaço sagrado, ou um sacerdote pode conduzir cerimônia de outra religião. Dessa forma, indiretamente os japoneses cultuam a religião, embora não freqüentem com assiduidade determinados templos e santuários.

Se os brasileiros convivem nesse contexto religioso e participam de ritos e eventos religiosos (*matsuri*), alguns previstos no calendário dos japoneses,

⁸⁸ Apenas para lembrar, que são constituídos de descendentes de japoneses e mestiços.

embora se considerem como não praticantes de nenhuma religião, praticam essa religiosidade dos nativos, de maneira indireta, à moda japonesa.

4.2.3.1 Crença

Você carrega amuleto ou santinho de proteção? Se sim, qual?

Nada menos que 60% das pessoas disseram que sim. Isso vem confirmar de certa forma a crença no sobrenatural, ao pedir ou sentir proteção de Deus, de algum santo ou confiar no talismã da sorte. Uma delas disse carregar dois (um do *seicho-no-ie* e outro do mestre Nagao). Outros amuletos ou santos citados foram: crucifixo, talismã com Deus, ou do *seicho-no-ie*, ou do *tenri-kyo*, santos ocidentais, específico ganho da avó, tricotado pela namorada e também a moeda de 5 yen, para não faltar dinheiro, além de outros amuletos de sorte. No entanto, 40% dos entrevistados disseram não carregar nenhum amuleto ou santinho.

Os japoneses, embora não sejam convertidos à religião, são muito supersticiosos (APÊNDICE C), e, em geral, carregam algum amuleto de proteção, os *omamoris*, contra doenças, acidentes, desgrças e maus fluidos. Acreditam também que alguns talismãs, chamados de *enguimono*, trazem boa sorte a seus usuários, sendo o mais conhecido, o *maneki-neko*⁸⁹. Existe também o *ofudá*, trazido de determinados templos xintoístas para atendimento de pedidos específicos, que é colocado nos altares familiares ou na porta de entrada das residências. Portanto, os brasileiros passaram a adotar essas crenças em suas vidas, carregando cada qual um ou mais amuletos de proteção.

⁸⁹ Gato com a patinha fazendo sinal convidativo para chamar freguês, atraindo sorte no empreendimento e dinheiro, que por essa razão, é colocado à vista dos clientes estrategicamente, e encontrado comumente nos restaurantes.

A respeito de amuletos, Pellegrini (1991: 13) faz um estudo paralelo com os existentes no Brasil, como *“os nossos famosos patuás, escapulários, breves, cujo uso não se limita apenas a praticantes de religiões afro-brasileiras”*. E *“muitos povos têm amuletos, às vezes disfarçados em adornos”*.

E os brasileiros levaram ao Japão elementos religiosos de suas crenças, que faziam parte de suas vidas no Brasil, e adotaram outros no Japão, ocasionando um sincretismo religioso.

4.2.4 Língua e linguagem

Conte uma experiência de mau entendimento por causa da dificuldade da língua e diferença da linguagem no Japão

Nessa questão, 40% dos sujeitos da amostra não tiveram dificuldades com relação à língua falada ou entendimento da linguagem e alguns não conseguiam lembrar de nenhuma ocorrência de mau entendimento lingüístico, enquanto 10% sentiram que o objeto da fala ou do referente não estava na mesma sintonia, pois o contexto social referido é diferente, situações de não correspondência dos elementos de comunicação, sentidas e observadas em suas vivências cotidianas. Segundo Wurman (1991: 110), as palavras podem ter significados diversos entre pessoas, pois os contextos sociais vivenciados são diferentes e cada um faz em sua mente a imagem que lhe aprouver, relacionada às palavras, não havendo correspondência exata entre elas. Portanto, a dificuldade de comunicação ocorre entre pessoas que desconhecem o contexto social vivenciado pelo outro, que não se assemelha com o seu.

Dessa forma, 50% das pessoas tiveram ou tinham alguma dificuldade de língua ou haviam experimentado diferenciais na comunicação da linguagem. E o

estudo dessa dificuldade mostrou que ela não estava longe daquela dos imigrantes japoneses no Brasil. Vejamos como era essa dificuldade entre imigrantes japoneses no Brasil (APÊNDICE C):

A comunicação lingüística era um dos principais problemas da coletividade japonesa. Além de o idioma não ter nenhuma afinidade com a língua falada no Brasil, o japonês não tinha a facilidade e a espontaneidade que outros povos tinham para entrar em contato com os brasileiros. Assim, seu mundo era limitado a seu grupo e isolado em relação ao restante do meio social onde vivia, pois seu trabalho se concentrava nos afazeres agrícolas, conforme Izumi (1973: 375).

O mal-estar causado por falta de conhecimento maior da língua no Brasil era grande até a década de 1930. Os imigrantes se queixavam por não conseguirem expor seus pensamentos fluentemente e discutir com os brasileiros, conforme Handa (1987: 143), além das freqüentes confusões causadas pelo não entendimento correto da língua.

Já, os brasileiros da amostra citaram as seguintes confusões ocorridas no Japão em vista do desconhecimento da língua e linguagens:

- Por não conhecer a panela de fazer arroz em japonês, o *denki-gama*, que, literalmente, significa panela elétrica, traduziu como “gohan-nabe”, que significa panela de arroz, o que causou muitos risos.
- A palavra *pessoa* em japonês pronuncia-se *ninguen*, e em português é muito próxima da palavra *ninguém*, que significa exatamente a inexistência da pessoa, o que gerou muita confusão.
- Foi buscar a placa da moto, o que é gratuito, mas há imposto

sobre emplacamento, ou seja, de licenciamento para o uso do veículo na localidade, e sendo assim, criou discussão, tendo de pagar imposto.

- O idioma aprendido pelos pais utilizava termos muito antiquados, e algumas expressões já não eram mais correntes no Japão; sendo assim, o brasileiro compreendia o que se falava pelo contexto, mas os japoneses não entendiam, quando ele falava.
- Quando ia ao McDonalds e pedia *mcfish* vinha outro tipo de *hamburger*, ou, quando pedia Coca-cola vinha bebida, do tipo “Fanta”, pois sua pronúncia era diferente da pronúncia corrente entre os japoneses.
- Quando não conseguia explicar em japonês, tentava se comunicar por meio da mímica.
- Haver dificuldade em identificar as linhas de metrô e entender as direções a tomar para chegar ao destino, e, por não conseguir entender as explicações dadas pelos transeuntes, muitas vezes a pessoa se perdia.
- Às vezes queria comprar alguns produtos, mas tinha dificuldade em explicar o que queria e acabava não comprando.
- Foi para a ilha de Okinawa, e lá se fala o dialeto, assim teve muita dificuldade em entender a fala das populações locais.
- Sentia diferença na maneira de se expressar dos japoneses, pois os brasileiros falam com mais emoção e envolvimento.

Por outro lado, no Brasil, era freqüente os filhos mais desembaraçados, ou amigos atuarem como intérpretes (APÊNDICE C). Muitos *isseis* não conseguiam se familiarizar com o uso do português, enquanto seus filhos falavam o português fora de casa e, voltando para o lar, eram obrigados a falar em língua japonesa, uma língua já repleta de vocábulos em português, cada vez mais distante da língua de origem, de acordo com Izumi (1973:375). Essa adoção da língua portuguesa, gestos e posturas dos filhos de japoneses foi alterando a fisionomia antes grave e muda para expressões mais abertas e expansivas como as dos demais brasileiros, até na maneira de contar as piadas, diz Saito (1977:21-23) ou (APÊNDICE C).

No entanto, no Japão, segundo Fukasawa (2002:166-167), há casos de crianças brasileiras que aprendem rapidamente o idioma e exigem que seus pais passem a falar em japonês com elas. E Kawamura (s/d: 152) coloca que “*alguns filhos passam até a se envergonhar dos pais por sua linguagem e conduta divergentes, tal a sua integração na cultura escolar*” japonesa, distanciando-se deles, que permanecem falando português e agindo conforme os padrões de conduta de brasileiros. Situação semelhante ocorreu com os japoneses no Brasil, quando seus descendentes pediam aos pais que falassem em português, pelo menos na frente de seus colegas brasileiros.

Em vista dessas dificuldades de aprendizagem e da cultura japonesa, iniciativas inovadoras começam a aparecer, como a do governo da província de Gunma, em parceria com a ONG “*Instituto de Pesquisas para a Educação Multilingüe*” direcionada aos pais e filhos que estudam na mesma sala de aula. Assim, podem tirar dúvidas sobre as escolas japonesas, que têm regras diferentes daquelas do Brasil (Hayama, 2006: 74).

Língua e linguagens têm a sua dinâmica de evolução nos países de origem, mas nos países que imigrantes tiveram como destino ficaram aprisionadas em seu grupo ou nas comunidades, preservadas em sua essência pelos praticantes, motivo pelo qual os brasileiros nikkeis no Japão foram tachados de possuir linguagens antiquadas. Não basta uma tradução literal, mas contextualizá-la no sistema cultural do país, para a aproximação maior de entendimento do significado e utilização das linguagens, pois o natural das pessoas é a transferência dos significados embutidos dentro de seu sistema cultural, o que resulta em muitas confusões, pois o objeto ou situações ou seres não têm a mesma correspondência no país de destino e no de origem.

Para exemplificar os efeitos da dinamicidade da língua e linguagens no próprio país, destacou-se de um artigo de jornal a falta de entendimento das linguagens utilizadas entre diferentes gerações no Japão. Com a entrada de muitos estrangeiros, somada aos efeitos da globalização, vêm-se multiplicando termos anglófonos, no Japão, utilizados principalmente pelos jovens. Assim, o Conselho para a Língua Japonesa, órgão equivalente à *Académie Française*, vai analisar os novos vocábulos recém-chegados ao país, dando aconselhamento ao governo e à mídia para evitar os que consideram indesejáveis ou que possam causar confusões, pois muitas pessoas simplesmente não entendem o que estão falando ou cantando as novas gerações, além de não entenderem os pratos constantes no menu de restaurantes, que utilizam termos estrangeiros escritos em *katakana* (French, 2002: A-27). Se nem os japoneses natos entendem o que os jovens estão falando e cantando, ou mesmo os cardápios com estrangeirismos, fica ainda mais difícil, para o estrangeiro, pois a pronúncia desses termos importados do exterior possui sotaque japonês.

Da mesma maneira, verifica-se que muitos vocábulos da língua japonesa começam a aparecer no dicionário português como *sushi*, *shoyu*, *saquê*, *karaokê*, *sumô*, *judô* etc., com empréstimos da língua japonesa no português do Brasil. Ocorrências são observadas no contingente de brasileiros do Japão, onde começam a aparecer “*mesclados no texto em japonês*” palavras como: “*churrasco, feijão, farinha, feijoada, couve, rodízio*” e outros (KONO, 2002:197-207).

Portanto, tanto os brasileiros no Japão como os japoneses no Brasil enfrentaram e ainda enfrentam situações análogas de dificuldades no entendimento da língua e linguagem.

4.2.5 Lazer no tempo livre⁹⁰

O que fazia no seu tempo livre como lazer? Chegou a praticar *pachinko*? O que você sugere como lazer para melhorar o bem estar e a integração entre brasileiros e japoneses no Japão? Essa questão utilizará informações do APÊNDICE D.

A essa questão muitos responderam com mais de uma atividade de lazer, e passeio, visita e/ou viagem foram os mais citados (55%) da amostra de 100%, que coincide com a questão vivenciar. Muitos passearam quando possível, enquanto outros aproveitaram bastante, participando dos piqueniques promovido pela chefia nos finais de semana e também fazendo acampamento. Foram para parques, pois no Japão há muitos deles. Passearam com colegas brasileiros e permaneciam na região onde

⁹⁰ Para aqueles interessados em conhecer “Lazer do imigrante japonês no Brasil”, um dos sub-capítulos do Mestrado da autora, apresentado resumidamente, junto à ABEJ, na Fundação Japão, foi publicado em *Estudos Japoneses*, n.25 – 2005, p.71a 80.

trabalharam, mas iam uma vez ou outra para grandes centros urbanos a fim de conhecê-los. Alguns viajaram com os que tinham carro, nas folgas do trabalho e quando podiam.

35% dos entrevistados se dedicaram às atividades de encontros com amigos em barzinhos ou saíam à noite para o centro da cidade, pedindo informações; algumas vezes, para danceterias e conversa com o povo em geral, tentando participar do lazer cotidiano dos japoneses ou saíam para ouvir música tocada ou mesmo iam ao karaokê, para ouvir e cantar. Uma das entrevistadas gostava de sambar e ensinou a dança aos japoneses, apresentando também “show” para velhinhos em um asilo, em seus dias de folga.

20% dos sujeitos da amostra aproveitaram o tempo livre para o aprimoramento da língua japonesa em ‘escolinha’ de língua japonesa voltada para estrangeiros, promovida pelos japoneses; uma delas estudou, visitou escolas e participou de atividades desenvolvidas entre a escola e as universidades, como teatro, música, culinária, dança.

Uma das entrevistadas fez cursos de aperfeiçoamento de massagem, técnicas e tratamento de fisioterapia e estagiou em um hospital, nos horários de folga e quando possível, pois o trabalho dela era cuidar de um doente paraplégico.

Somente 20% praticaram atividades físicas ou esportivas como jogar futebol, boliche, andar de patins ou ir para praia tomar sol, o que confirma pouca participação em atividades físicas, enquanto 10% preferiram preencher o tempo livre para comer uma comida diversa daquela a que estavam habituados, em restaurante japonês ou italiano, e 5% passaram o tempo indo para *department store*, o correspondente ao ‘shopping center’ brasileiro, ou para a igreja.

Em relação ao *pachinko*⁹¹, apenas 5% disseram que chegaram a praticá-lo e quase se viciaram, mas depois nunca mais voltaram, portanto, a quase totalidade de entrevistados não praticou esse tipo de jogo de azar eletrônico, aberto ao público dia e noite, livremente praticado pelos japoneses, em todo o país, para preencher o tempo livre.

Pelo estudo das entrevistas condensadas, verificou-se que os brasileiros trabalhavam, mas souberam como aproveitar parte do tempo livre para o lazer, principalmente para conhecer o país por meio de passeios e viagens⁹², quando possível. Também parte deles tentou conhecer o outro, participando de eventos sociais, e alguns poucos participaram de práticas esportivas, conforme foi anteriormente colocado.

Em relação às atividades de que público da amostra participa hoje (capítulo 3), verifica-se que quase 50% se dedicam às atividades e eventos culturais, tendo como os 5 preferidos os seguintes, por ordem de preferência: ir ao cinema, estudo de língua estrangeira, teatro, culinária e música, enquanto quase 39% se dedicam às atividades sociais como: encontro com amigos (1º lugar), voluntariado (2º), passeio e festas (3º), karaokê (4º), bailes e shows (5º). Já as atividades e eventos esportivos ficaram com apenas 11%, ratificando a pouca prática da atividade física, no Japão, e mesmo após o seu retorno (vide cap.3).

Essas práticas e participações têm exercido como função principal ‘favorecer a amizade’, o que se comprova pelos relatos das entrevistas, que revelam um constante contato espontâneo com colegas e amigos brasileiros, ou incentivado por eventos promovidos pelas empresas, denotando, de maneira indireta, a função social.

⁹¹ *Pachinko*: jogo eletrônico de azar.

⁹² Cf. Yanaze (2002:136) no seu estudo, 35% dos entrevistados faziam viagem 1 vez por mês, tendo como destinos preferidos os locais próximos de residência, para “*lazer e turismo cultural, visitas a brasileiros e parentes japoneses e compras*”.

Essas informações, somadas às já citadas nos parágrafos acima, acabam por constituir a rede de relações sociais ou de capital social.

Portanto, pertencer a um grupo com os mesmos anseios, problemas e objetivos na vida é um fato importante de aproximação, de troca de informações e de idéias, de identificação dos mesmos anseios, preocupações e objetivos de vida, de mimeses e mimetismos, que facilita as vivências.

Uma atividade de lazer considerada prazerosa pelos imigrantes japoneses que viviam na área rural era passear pelo bairro da Liberdade, encontrar ‘outros rostos japoneses’, conversar em japonês, pois eram momentos de identidade com pessoas em situações semelhantes, e meios de não se sentirem sós na mesma empreitada. Degustar a comida japonesa nos restaurantes, e vez ou outra pegar um cinema⁹³, assistir a um filme de *mocinho e bandido*, de fácil entendimento, mesmo para aqueles com dificuldades de entendimento da língua portuguesa, eram considerados programas agradáveis. No aniversário do imperador organizavam festas em homenagem ao aniversariante, com competição de *sumô*, espetáculos teatrais, *undôkai*⁹⁴ e comes e bebes, assim como a passagem do Ano Novo, comemorado como momento de descanso, após duro trabalho anual, tendo adotado também a festa junina, como festa de inverno. Só muito tempo depois, alguns passaram a praticar o *ikebana*⁹⁵ e o cerimonial do chá (APÊNDICE D).

⁹³ No Brasil, em São Paulo, mais precisamente no bairro da Liberdade, já na década de 1950, começam a aparecer cinemas, que passavam filmes japoneses, legendados em português como os cines Niterói, Tóquio, este último que se transforma no Jóia e Nippon, que eram motivos para juntarem japoneses e seus descendentes, nos finais de semana, no bairro. Mas, já no final da década de 1960 começam a fechar suas portas, encerrando, em 1988, a cinelândia do bairro. Hoje, foram substituídos pelos vídeos e DVD, especializados em filmes japoneses nas locadoras localizadas, onde há maior afluência de japoneses e seus descendentes (*Guia da Cultura japonesa*, s/d: 182-183).

⁹⁴ *Undôkai*: gincana poliesportiva.

⁹⁵ *Ikebana*: Arte de florir.

Assim, o lazer dos imigrantes japoneses no Brasil (APÊNDICE D) era incipiente, pois a situação e as condições naturais, culturais e sociais eram totalmente diversas das do Japão, em relação às várias conquistas já efetuadas ao longo da história em seu país. Tiveram que deixar de lado o *modus vivendi* e o senso estético comuns em suas vidas e adaptar-se, mudando seus costumes e hábitos. Introduziram aos poucos alguns produtos alimentares, aos quais estavam acostumados, plantando-os, como a soja para o preparo de subprodutos típicos de sua alimentação, o arroz catete e plantação intercalar de verduras, entre cafezais e culturas independentes, às quais se dedicavam como um passatempo.

Nas noites de sábado ou nos domingos à tarde, os imigrantes japoneses veteranos (*senpai*) e novatos (*kôohai*) costumavam se reunir para conversar, contar vantagens e queixar-se da vida, comendo iguarias como feijão cozido no açúcar, café bem doce e ou pinga com peixe seco dessalgado na brasa, preparados pelas mulheres. Introduziram o banho de *furo* ou *ofurô*, improvisados em tambores de pinga vazios, onde podiam lavar todo o cansaço do dia, além de promover a higiene física. Alguns mais inspirados escreviam poemas, em *tankas*, exprimindo seus sentimentos acerca da vida que levavam. Portanto, eram encontros de amigos, que se identificavam entre si, em situação de semelhança, como a de se encontrarem num mesmo barco.

Criaram-se associações com várias finalidades, como a de oferecer aulas de língua japonesa a fim de preparar os filhos, para quando retornassem ao Japão, e a resolução de problemas sociais de seu grupo de imigração. Algumas dessas associações, com o tempo foram se transformando em espaços recreativos e culturais, e dentro delas passaram a praticar gincana poliesportiva, os *undôkai*, festas de confraternização, de casamentos, esportes como *sumô*, beisebol ou sessões de oratória,

e, nos *seinen-kais* ou associações de jovens, podiam trocar idéias com seus pares, ler desenhos em quadrinhos, os *mangas*, em língua japonesa.

Eles criaram essas associações justamente para fortalecer o espírito de aproximação grupal dos semelhantes, criar alicerces para preparação de seus filhos como futuros cidadãos, assim como solucionar problemas, o que pode ser verificado no item Associação, do APÊNDICE C, e que será abordado mais especificamente no capítulo 5, sobre cultura solidária.

Hoje, em São Paulo, verificam-se várias comunidades com sua diversidade cultural, nos mais variados aspectos como: alimentação, folclore, costumes, datas comemorativas, divulgados com participação de todos os que se interessam. No Japão já acontecem alguns eventos brasileiros abertos a todos e, se não ocorrerem graves conflitos entre diferentes comunidades migratórias, integrar-se-ão à sociedade local, enriquecendo o cenário, que também caminha para a multiculturalidade.

Na revista de circulação entre Brasil e Japão do mês de julho de 2006⁹⁶ foram divulgadas duas iniciativas brasileiras, no Japão: uma de mostra de Cinema Brasileiro e outra de Show de Mágicas. Estas exemplificam o contato de brasileiros com a cultura verde-amarela. Foram 16 filmes, desde produção infantil a produções dramáticas, financiadas por um banco brasileiro, gratuitamente, para um público de cerca de 3000 espectadores, grande parte constituída de crianças. Os filmes foram apresentados em cinco cidades de maior concentração de brasileiros, como Hamamatsu (município de Shizuoka), Oizumi (município de Gumma), Komaki (município de Aichi), Ina (município de Nagano) e Iga (município de Mie). Algumas crianças tiveram oportunidade de ver filmes falados em português, passando por uma

⁹⁶Cf. Hayama e Souza, “A descoberta do cinema” (p.44-45) e Kojima, “Mágica no Japão” (48-49), *Made in Japan*, n.106, ano 9.

nova experiência, pois os filmes nos cinemas do Japão apresentam-se em língua japonesa ou inglesa. Pelo sucesso alcançado, já está programado um novo evento para 2007.

Por sua vez, o grupo “The Oriental Magic Show” do Brasil percorreu as cidades de Oizumi, Isesaki, Hekinan, Ichinomiya e Hamamatsu com 6 apresentações, para cerca de 4 mil espectadores, incluindo japoneses, que prestigiaram o evento. Em Oizumi tiveram que acomodar cadeiras nos corredores, pois havia somente 800 lugares, e cerca de 900 crianças na platéia. Já há um outro evento agendado para outubro de 2006, e assim deixaram 80 quilos em equipamentos, no total de cerca de uma tonelada.

Esses exemplos mostram que tanto brasileiros no Japão como japoneses no Brasil organizam suas vidas entre trabalho e lazer⁹⁷, ocasionando mudanças no cenário local de destino.

4.3 INTEGRAÇÃO ENTRE BRASILEIROS E JAPONESES

O que você sugere como lazer para melhorar o bem estar e a integração entre brasileiros e japoneses no Japão?

A essa questão, houve apenas 15% de respostas com comentários de que muitos estão cansados de trabalhar e não querem fazer mais nada, que é difícil encontrar pessoas de mesma afinidade entre brasileiros e japoneses e de que cada pessoa vai se adaptando aos costumes e à vida japonesa. Acrescentou-se ainda que os japoneses não participam de atividades para as quais não são convidados, e que muitos já conhecem o estilo de vida dos brasileiros e “*não há necessidade de forçar integração*”.

⁹⁷ Cf. Yanaze (2002:137) “*há crescente oferta de espetáculos com artistas brasileiros*”.

Outros 30% comentaram que a integração depende da pessoa, pois algumas se entrosam facilmente com japoneses, enquanto outras não o fazem. Foi citado o exemplo de uma brasileira que mora há mais de 10 anos no Japão e tem mais amizade com japoneses do que com brasileiros, pois não pretende mais voltar para o Brasil, portanto, mudou o foco de interesse para poder se integrar aos costumes japoneses. Isso depende também do local de trabalho dos brasileiros, pois há setores nas empresas só para empregados brasileiros, enquanto em outras há pessoas latinas, como peruanos e dominicanos.

Afirmou um entrevistado que, na época, há 10 anos, sentia a barreira entre brasileiros e japoneses, pois tinham interesses diferentes e lembra que, ao lado do restaurante brasileiro que freqüentava, havia um campo em que o dono promovia futebol, mas só se juntavam brasileiros e ninguém se preocupava com isso. Hoje, seu irmão não pretende mais voltar ao Brasil, então, está tentando integrar-se à sociedade japonesa, participando mais ativamente da vida social com japoneses nas atividades que são oferecidas na comunidade ou bairro, para ser incluído no grupo como membro.

Essa preocupação vislumbrou-se também entre com os imigrantes japoneses, quando resolveram permanecer e fixar-se no Brasil, com a derrota do Japão após a Segunda Guerra Mundial⁹⁸.

Não há separação como antigamente, entre brasileiros e japoneses, a ponto de se sentarem no refeitório separadamente. Isso foi coisa do passado, conforme outro entrevistado. Uma opinião contrária dada por outro entrevistado, como exemplo

⁹⁸ Os imigrantes japoneses transferem o foco da lealdade para com o Japão e seu imperador, transferindo a atenção para o Brasil, conforme Saito (1980:87), país que eles adotam para filhos e netos, substituindo o plano inicial de retorno para o país de origem pelo de permanência definitiva. Assim, mudam a atitude e comportamento, preocupando-se com a educação e preparação dos filhos para a vida no Brasil, melhorando o conforto no lar, tentando atingir o mesmo status da sociedade local em bens materiais, participação positiva na sociedade local, ingresso nas associações, clubes e intervenção política, e conseqüente busca pela cidadania brasileira e naturalização (Ikari, 2002:35).

de vivência negativa, citada anteriormente, mostrou que há diversidade na estrutura organizacional das fábricas e no tratamento ao trabalhador estrangeiro.

Os outros sujeitos da amostra, 55%, são favoráveis a uma série de iniciativas para minimizar impactos diferenciais entre brasileiros e japoneses no Japão, como, por exemplo, abrir um espaço para a comunidade latina com atividades culturais e artísticas, promover eventos esportivos e de jogos, ou eventos culturais diversos que aproximem pessoas interessadas, tanto japonesas como outras, para melhor conhecimento mútuo de seus valores culturais e individuais, pois essa aproximação pode criar ambientes mais amenos, diminuindo distâncias sociais e, conseqüentemente, ocasionando menor impacto. Há muitos japoneses de boa vontade e voluntários, que estão dispostos a organizar e participar de atividades em conjunto, e, para que haja maior integração, é necessário desenvolver atividades conjuntas, não só de brincadeiras. Nesse aspecto o esporte ajudaria a maior integração, tendo outro tipo de motivação em comum, pois eles conhecem jogadores brasileiros e isso facilitaria a convivência de brasileiros e japoneses.

Há exemplos de empresas japonesas que bancam, de vez em quando, churrasco, em locais abertos, justamente para a integração dos japoneses e brasileiros, o que é muito bom, mas essas atividades não podem ser organizadas de maneira muito formal, e sim prezando a espontaneidade, facilitando a aproximação e respeitando as diferenças.

Uma maneira de se integrar à sociedade japonesa é passar a fazer parte de associações de bairro, tornando-se membro, com pagamento de uma taxa que vai custear os eventos, participando de reuniões e recebendo comunicados para várias atividades de bairro, tanto para adultos como para crianças, colaborando em sua organização. Como essas organizações têm canais de comunicação social com outras

associações em rede, cria-se uma oportunidade de ampla relação de capital social e de amizade.

Atualmente existem muitas atividades e eventos brasileiros no Japão, como os do bairro da Liberdade, no Brasil, com a comunidade japonesa, simpatizantes e interessados na cultura brasileira. No Japão, em Utsunomiya, na cidade chamada Moka, a prefeitura promove festa das nações. Em Tochigi-ken, entre os meses de junho/julho há festa junina todos os anos, com quadrilha, aberta para a comunidade japonesa e outras.

Assim, os migrantes brasileiros no Japão apreenderam a digerir rapidamente as facilidades e conveniências do país, criando e recriando os novos espaços em contato com várias etnias, mudando a paisagem cultural em nível sustentável de convivência, em diálogo intercultural, como é visto em várias aglomerações urbanas de brasileiros, no Japão. Situação semelhante ocorreu com imigrantes japoneses no Brasil, quando vieram de suas colônias de imigração para as áreas urbanas paulistanas, introduzindo particularidades culturais, onde se identificam por características de seu povo de origem, estabelecidos em alguns bairros de cidades brasileiras, tendo como exemplo típico o bairro da Liberdade.

Assim, há eventos, embora poucos, que dão oportunidade a brasileiros e japoneses de se integrarem, com participações bilaterais, que levam uns à compreensão da cultura dos outros. Isso depende de cada um procurar participar e da ‘cabeça’ e interesse de cada um, como foi colocado por um entrevistado, ao tentar conhecer as atividades e eventos oferecidos pela comunidade e/ou localidade. É preciso ter mente aberta e não ser preconceituoso, e ter vontade de aprender a língua e os costumes do país.

Por outro lado, os brasileiros deveriam não somente mostrar a dança “axé”, mas outros tantos aspectos culturais do Brasil e se esforçar também para compreender, apreender valores japoneses e adaptar-se ao país, adquirindo costumes locais, e sendo mais acessíveis, em um país diverso do seu.

É necessário checar também o quanto de conhecimento os brasileiros têm a respeito dos japoneses e do país, assim como quanto os japoneses sabem a respeito dos brasileiros e do Brasil. Essa tentativa de intercâmbio é muito boa, uma vez que há muitos japoneses querendo aprender a língua portuguesa, alguns outros jovens interessados em participar de bailes brasileiros, carnaval, churrasco e festas; então os brasileiros poderiam fazer uma troca de aprendizagem.

Por outro lado, a mãe que teve filhos e participou de eventos promovidos pela escola no Japão disse, com orgulho, que não só participava de atividades de culinária, mas também de limpeza dos ‘matinhos’ da escola e do *hanami*⁹⁹. Tudo isso ajudou sua integração e a de seus filhos na vida cotidiana japonesa. Seu filho mais velho foi escolhido como representante para falar em nome de sua classe com 45 alunos, onde havia 3 estrangeiros: um brasileiro, uma chilena e um peruano, no final do semestre letivo.

Uma outra mãe disse que costumava encontrar-se com amigos brasileiros e algumas vezes os japoneses participavam, quando havia eventos conjuntos. Sua filha freqüentou uma creche japonesa, até completar 7 anos de idade, quando, então, ela resolveu matriculá-la na escola brasileira, para prepará-la para retornar ao

⁹⁹ *Hanami*: apreciação da florada de cerejeira, geralmente com piquenique.

Brasil. Agora, pretende retornar ao Japão com sua filha já com 11 anos de idade, pretendendo matriculá-la na escola japonesa, pois a escola brasileira¹⁰⁰ ficaria mais cara.

Enfim, as pessoas vão construindo e reconstruindo suas vidas de acordo com as circunstâncias, às vezes numa seqüência de ensaio e erro, até acertar, decidindo-se pela fixação em um dos países, mas, em alguns casos, a demora na escolha deixa os filhos em situação de impasse, muitas vezes perdidos e sem saber o que vai acontecer com suas vidas e a de seus próprios pais. Nakagawara (2001) estudou e descreveu com muita perspicácia dificuldades de crianças envolvidas no movimento migratório, relatando problemas decorridos, tanto no país de origem, como no de adoção.

Todos esses depoimentos dos migrantes levam, de certa forma, a um respeito pelas diferenças, sejam individuais ou comunitárias, como experiência humana enriquecedora, de aprendizagem, de intercâmbio intercultural, na diversidade cultural.

A *“integração é o processo gradual que transforma os novos residentes em participantes ativos da vida econômica, cívica, cultural e espiritual de sua nova sociedade”* (COLL, 2002:103), num diálogo onde o sistema de valores e regras de um não seja imposto ao outro, reconstruindo a sociedade em sua dinâmica, baseada na solidariedade e no respeito diferencial do outro. É o *“não só aceitar uma diversidade de folclore, línguas, costumes ou ‘produções culturais’, mas também de culturas econômicas, políticas, sociais, científicas, educativas, espaciais etc.”*, como colocado por Coll (2002:42), portanto, de responsabilidade social de todos.

¹⁰⁰ Atualmente, existem cerca de 23 escolas particulares brasileiras no Japão, reconhecidas pelo Ministério de Educação e Cultura (MEC), com validade no território brasileiro, enquanto outras estão ainda em processo de reconhecimento, segundo *Guia Japão para brasileiros*. Também, a partir de 1999 são realizados exames supletivos de ensino fundamental e médio, uma vez ao ano, pelo MEC (Yoshioka, s/d).

Sobre esse assunto, Hashizume (2005: 3A), ao externar a opinião do diretor da Divisão de Assuntos Internacionais de Hamamatsu sobre a idéia de *guest worker* diz que *‘a integração não interessa só àqueles que vêm de fora. É uma questão candente para a própria sociedade nipônica’*, pois, trabalhadores estrangeiros cumprem deveres, pagam impostos, não devendo encontrar barreiras para desfrutar seus direitos. E frisa a importância do termo *“tabunkakyousei (integração e sinergia multicultural)”*, para o entendimento dos impactos naturais de convívio com estrangeiros. Esse assunto deu origem ao debate em Iwata (Shizuoka), com professores da Universidade, enfatizando a *“necessidade de fortalecer o intercâmbio triangular entre a comunidade japonesa, a estrangeira e o conjunto de instituições públicas e empresas privadas locais”*. Conforme o levantamento do Prof. Ikegami, 90% dos estrangeiros têm interesse *“em se relacionar mais com os japoneses”*, o que se constata ao verificar que a reclamação de falta de comunicação entre japoneses e estrangeiros foi maior do que a do aumento da violência.

4.4 RELAÇÕES DE AMIZADE E FORMAÇÃO DO CAPITAL SOCIAL

Conseguiu fazer amizade com colegas japoneses? Existia alguma atividade de exercícios físicos e/ ou outras atividades culturais ou de lazer, onde você trabalhava?

70% dos sujeitos da amostra fizeram amizade com colegas japoneses na empresa ou nas fábricas, onde trabalharam. Uma entrevistada disse que a chefia se preocupava com a melhoria da integração dos trabalhadores, organizando piqueniques nos fins de semana e era amiga dos empregados. Assim, conseguia encontrar colegas e amigos, e ouvir música, além de aprimorar a língua japonesa. Alguns tinham pouco

tempo livre, então iam para “shopping”, mas no inverno, iam para a estação de esqui com eles. Por ser comunicativa, a entrevistada freqüentava festas dos japoneses, e até hoje recebe cartas desses amigos, enquanto outros, após o retorno ao Brasil, perderam contato com aquele povo. Alguns continuam a se encontrar com outros brasileiros que retornaram do Japão, mantendo amizade. Uma das mulheres disse que mantém amizade, principalmente com chefes do pessoal do Japão, até hoje.

Um dos entrevistados afirmou que, no início, sentia que os japoneses não aceitavam os estrangeiros em seu grupo, dando-lhes tratamento diferenciado. Somente depois de algum tempo sentiu-se incluído no grupo, quando passou a receber o mesmo tratamento dado aos japoneses. Fez amizades e saía com eles. Portanto, alguns conseguiram fazer muitas amizades, enquanto outros, poucas fizeram.

Os que afirmaram que não fizeram amizade com japoneses disseram o seguinte: na fábrica onde trabalhavam sentiam a distância dos colegas japoneses, a falta de afinidade e a dificuldade de aproximação, uma vez que eles se sentavam à mesa de um lado, enquanto os brasileiros se sentavam do outro lado, para almoçar.

Outro entrevistado relatou que não fez amizade com japoneses, porque trabalhava no setor constituído somente de trabalhadores brasileiros, em número de 40, na fábrica com 680 brasileiros, e o único japonês que era seu chefe, não tratava bem seus funcionários. Um outro disse não saber se chegou a fazer amizade, mas conseguia jogar bola no campo da escola, aos sábados. Inicialmente, perguntaram se podiam jogar, e assim combinaram jogar com um grupo de japoneses, mas, na fábrica, sentia a separação entre brasileiros e japoneses. Os brasileiros precisaram adaptar-se aos valores dos japoneses, conciliando lazer e trabalho, não adiantava fazer só o que gostavam de fazer, como festa e churrasco. Um deles manifestou categoricamente não ter feito amizade com japoneses. Outro sentiu distanciamento até de parentes, pois eles não o

reconheceram como japonês, consideraram-no como estrangeiro, acrescentando, “*a gente tem a cara de japonês, mas não é japonês*”.

Quanto aos exercícios físicos, 50% disseram haver exercícios físicos na empresa onde trabalhavam, enquanto 45% não se manifestaram em relação a essa prática e 5% disseram que não tinham essa atividade.

Aqueles que participaram de atividade física oferecida pela empresa, o *radio-taïssô*¹⁰¹, disseram que ajudou a relaxar ou dar maior disposição. Uma entrevistada disse que empresas grandes fazem exercícios físicos, festas de confraternização, geralmente em locais fora da fábrica e/ou da empresa e há maior preocupação em relação ao entrosamento entre funcionários, o que é muito positivo. Uma outra disse que, no primeiro *obento-ya*¹⁰² onde trabalhou, era trabalho direto, mas havia exercícios físicos, enquanto no outro emprego, também de *obentoya*, já não existia essa prática.

Uma das entrevistadas disse que havia exercícios físicos no início e após o expediente do dia, o *taïssô*, que fazia meio obrigada, mas era o momento de contato com todas as pessoas da fábrica, pois esses exercícios físicos são feitos nos pátios grandes, e, em geral, todos participam. Numa outra empresa, somente empregados efetivos na fábrica participavam de exercícios físicos, enquanto as pessoas contratadas por meio de empreiteiras não o faziam, ficando, portanto, os brasileiros, fora dessa atividade. Uma outra entrevistada fazia os exercícios físicos de alongamento todos os dias, por conta própria, com meia hora de bicicleta, pois trabalhava como fisioterapeuta e cuidava de um doente.

¹⁰¹ *Radio-taïssô*: Exercícios físicos, sob a voz de comando, por meio da emissão via rádio, em determinados horários do dia..

¹⁰² *Obento-ya*: empresa que prepara e vende refeições prontas.

A situação apresentada mostrou que empresas de maior porte têm maior preocupação com seus empregados, com seu bem-estar e saúde, mas as pequenas não têm condições de oferecer tais benefícios. Porém, há trabalhadores que não gostam dessas práticas ou exercícios físicos, enquanto outros os vêem positivamente, gostam e se sentem bem, e assim, tentam fazer, mesmo sozinhos.

Em relação à amizade e outras atividades culturais ou de lazer, poucos se manifestaram, ficando claro que somente as empresas de grande porte organizam atividades, que integram os trabalhadores, sejam japoneses ou migrantes estrangeiros, mas, essa prática por ser organizada pelos subordinados japoneses, não deixa os estrangeiros muito à vontade, e eles acabam por incluir o *radio-taissô* como parte do trabalho, conforme aconteceu com algumas das entrevistadas. Esse tempo, na realidade, corresponde ao tempo liberado do trabalho.

4.5 VALORES INDIVIDUAIS: TER OU VIVENCIAR

Você prefere obter novidades à venda ou conhecer lugares, pessoas e passar momentos inesquecíveis no Japão?

Essa questão foi formulada por certa curiosidade, pois de antemão se sabia da ida de brasileiros em busca de trabalho por questões financeiras e econômicas, ou para obter ganhos monetários mais valorizados no mercado mundial com o *yen* japonês. Mas, será que eles teriam vivenciado uma experiência que trouxesse alguns outros benefícios?

25% demonstraram interesse em ter e obter produtos, mas, desses, 10% tinham interesse também em adquirir novas experiências e fazer turismo para

conhecer castelos, por exemplo, no Japão. Os 15% restantes, disseram que gostavam de conhecer novidades tecnológicas ou novos produtos no supermercado para adquirir.

No entanto, 75% mostraram preferência por passear, viajar ou vivenciar o país. Passear nos parques para apreciar a natureza, *hana-mi* ou a floração da cerejeira ou *sakura*, da tulipa, do *fuji-no-hana*, de acordo com as estações do ano ou mesmo nos locais típicos japoneses foi prazeroso para alguns. Outros preferiram viajar nos arredores do local onde viveram ou nas cidades vizinhas àquela onde moraram, ir aos templos e tirar fotos. Disseram que foram ao Japão para trabalhar, mas também para viajar, conhecer pessoas, lugares, obter novas experiências, e tirar o stress. Uma entrevistada disse que deixava de comprar as coisas para poder viajar e só comprou as coisas que realmente queria comprar no momento do retorno. Para uma outra, viajar no Japão não era muito caro, assim conheceu o Monte Fuji, Shizuoka, Nagano, Gunma e Tóquio.

Uma outra gostava de encontrar-se com amigos nos barzinhos e karaokê, enquanto outra, como havia se casado no Japão, não podia gastar muito dinheiro, deixando de participar de encontros com brasileiros, churrasco e karaokê, mas, se pudesse, teria viajado. Outra, ainda, como trabalhava no Japão com o marido e tinham filhos pequenos, preferia participar de todas as atividades propostas na escola de seus filhos, que deixaram somente boas lembranças.

Portanto, vivenciar e conhecer o outro lado do planeta foi uma boa e grande aventura para a maioria dos sujeitos da amostra. O fator financeiro em sua vida permanece, mas não é o único¹⁰³. Além disso, os brasileiros não deixam de gastar parte dos seus ganhos no Japão para atividades de lazer e desfrutar esses momentos preciosos

¹⁰³ Cf. estudos publicados pela SEBRAE, *Dekassegui empreendedor*, citando pesquisa efetuada por Okabayashi, os principais objetivos da ida ao Japão estão: 56,3% (1º lugar), o financeiro, 30% (2º lugar), conhecer o Japão e 23,6% (3º lugar), aventura. Com base nesses dados, se somarmos o 2º e 3º lugares, teremos, conhecer o Japão e aventura, em destaque, tanto quanto o objetivo financeiro.

para o equilíbrio e bem-estar, o que beneficia e movimenta também as atividades econômicas japonesas.

4.6 ADOÇÃO DA BRASILIDADE PELOS JAPONESES

Você observou algum costume brasileiro que foi adotado por algum japonês?

Com base nessa questão tentou-se verificar, sob a ótica dos sujeitos da amostra, que tipos de adoções já ocorreram, entre os japoneses. Constatou -se, que:

Alguns japoneses gostam de novidades, e então vão aos restaurantes brasileiros e, quando simpatizam, vão procurar lojas de conveniência de brasileiros e passam a adquirir produtos e a adotá-los. Segundo uma entrevistada, seus amigos japoneses passaram a apreciar a caipirinha. Também foi observado no refeitório da fábrica que muitos japoneses optavam pela comida brasileira oferecida no almoço, como feijão e arroz, que a cozinheira japonesa preparava. Alguns ainda passaram a gostar do churrasco, quando brasileiros o preparavam, e outros aprenderam a consumir salada de almeirão, feijoada, frango assado, pão de queijo, pastéis, quibe, coxinha, que os brasileiros estão vendendo nas lanchonetes. Isso mostra que em termos de gastronomia os brasileiros vêm introduzindo quitutes, considerados mais baratos, fáceis de preparar e mais saborosos¹⁰⁴.

Em termos de churrascaria, o restaurante “Bacana” em Tóquio, é muito freqüentado pelos japoneses, enquanto o “Barbacoa”, também em Tóquio, é procurado tanto por brasileiros como por japoneses. Isso demonstra a

¹⁰⁴ Cf. Yanaze (2002:138) os japoneses compravam “*alguns produtos brasileiros como biscoito de polvilho, goiabada, paçoca, Maria-mole, queijadinha, guaraná Antártica, cerveja Brahma etc.*”.

internacionalização da comida brasileira, o modo de servir e há certo número de simpatizantes.

Em relação a outros produtos brasileiros, verificou-se que japoneses gostam de comprar os “jeans” confeccionados no Brasil, pois os modelos são diferentes, além de o corte da calça valorizar o tipo de anatomia das brasileiras. Os modelos de lingerie também são procurados pelas japonesas e até as migrantes dominicanas passaram a encomendá-los, por intermédio das colegas brasileiras. Como nas lojas os produtos são mais caros, alguns brasileiros pedem para seus parentes os enviarem, para que sejam revendidos. Até camisetas “Hering” são revendidas, demonstrando que o paradigma da mulher brasileira tem seu espaço de vaidade e atrai os olhares tanto das jovens japonesas como de outras.

Em termos de relações sociais, alguns japoneses aprenderam aquele *jeitinho* do brasileiro de fazer amizade, com *tapinha* nas costas e gestos de camaradagem para cumprimentar de maneira mais informal, dando a mão. Outros copiaram os trejeitos típicos dos brasileiros, como gestos para falar e expressar-se, quando agradecem ou pedem desculpas, por meio do jogo de futebol e da seleção brasileira, conforme a observação de um entrevistado. E aprenderam ainda a escovar os dentes após as refeições, pois não havia esse costume entre eles.

Outra característica do brasileiro é seu modo espontâneo de comemorar o aniversário de colegas no trabalho, cantando ‘*parabéns a você*’, o que deixava alguns japoneses emocionados, pois são mais fechados e retraídos. Conforme um outro entrevistado, ele passou a conversar com mais facilidade, por ser espontâneo e comunicativo. As japonesas falam menos num grupo entre homens e mulheres, mas com a influência dos brasileiros passaram a agir de igual para igual, com maior

liberdade. Alguns japoneses estão aprendendo a capoeira e outros querem participar de bailes brasileiros.

Um entrevistado disse ter conseguido mudar uma regra na empresa, pois, quando havia problema de defeito na produção, o chefe costumava chamar a atenção na frente de todos, colocando-os em situação vexatória. Como os brasileiros são espontâneos e não gostavam dessa atitude do chefe japonês, foram falar com ele e conseguiram fazer que somente os envolvidos fossem chamados à parte.

Foi notado por uma entrevistada que alguns japoneses colegas de trabalho gostavam de estar com os brasileiros, participando de festas, interessados em tudo, desde a comida que eles faziam, tentando entender e imitar seus gestos.

Esses relatos demonstram a importância da presença de brasileiros para a contribuição cultural e por ocasionar mudanças no cenário japonês, até então constituído de cultura mais homogênea. Quanto a contribuições dos imigrantes japoneses no Brasil, são muitas e em todos os aspectos, tendo enriquecido o país com características de diversidade cultural, acrescidas às já existentes, uma vez que o país acusava recebimento de imigrantes de várias partes do mundo desde o século XIX.

O diálogo intercultural no Brasil com os imigrantes japoneses ocorreu de maneira natural, sem conflito e imposição de valores de um ou de outro, nesses quase 100 anos de sua existência. Como vai ser daqui para frente a sociedade multicultural, na diversidade, no Japão, que iniciou a jornada de desenvolvimento, só o futuro poderá responder.

4.7 RETORNO AO BRASIL: READAPTAÇÃO

Você encontrou alguma dificuldade de adaptação após o seu retorno ao Brasil?

Nessa questão, alguns fizeram mais de um comentário.

“Nunca se planeja o retorno”, disse um entrevistado, assim, foi difícil recomeçar a partir do momento em que havia deixado o Brasil. Achou o retorno sofrido, pois seus amigos já haviam terminado a faculdade, muitos já tinham se casado ou estavam já havia algum tempo no mercado de trabalho. E assim, 15% dos retornados tiveram dificuldade para arrumar emprego. Um deles disse que voltou para continuar a estudar numa faculdade, mas, por ter ficado muito tempo fora do país, perdeu o contato com as pessoas e sente dificuldade para entrar no mercado de trabalho brasileiro. E sentiu que a experiência adquirida no Japão foi um tempo perdido, pois ninguém a valorizou, quando retornou.

No entanto, 30% disseram que não tiveram nenhuma dificuldade de readaptação, enquanto 20% tiveram dificuldade com o retorno ao Brasil, pela falta de segurança pessoal, em decorrência do alto índice de criminalidade e sentem medo de viver no país. Um deles afirmou que tomou muito cuidado com o dinheiro que havia juntado, pois no Japão comentava-se sobre os perigos de assaltos e roubos no Brasil. Uma entrevistada disse que tem saudade do Japão, pois lá não ocorrem tantos assaltos e as ruas são mais tranquilas. Seu filho falava o japonês melhor do que ela, porque a escola japonesa oferecia boa base de conhecimentos, principalmente de Matemática. 20% dos entrevistados também acharam muito sujas as ruas, com lixo espalhado e jogado em todos os lados, no Brasil.

Um dos sujeitos sentiu grande impacto ao voltar, pois passou a notar coisas que não havia percebido quando vivera no Brasil. Por exemplo, 10% perceberam que brasileiros falam muito alto e que as crianças são muito inquietas, e 10% observaram diferença em relação à atitude de atendimento personalizado e polido dos atendentes japoneses nas lojas, pois lá os clientes são muito considerados.

Outro voltou mais ‘frio’ com as experiências e atitudes adquiridas no Japão, mas sentiu grandes diferenças sociais e educacionais entre os brasileiros, com pobreza estampada nos rostos. E achou as filas para atendimento bancário terríveis. Uma das entrevistadas disse que teve atrito com os pais ao retornar, pois partira para o Japão ao terminar o curso colegial, e eles a consideravam ainda uma criança.

Esse panorama mostra quais dos costumes e hábitos do cotidiano japonês passaram a fazer parte do cotidiano dos brasileiros, que os assimilaram e adotaram e, ao retornar, sentiram outro impacto, passando a criticar e comentar, como se fossem japoneses, pois as diferenças saltam aos olhos: lixo nas ruas, filas para transporte e sistemas de bancos, crianças e adultos falando muito alto, música em alto volume, e outros problemas urbanos não resolvidos. Portanto, eles aderiram rapidamente às facilidades materiais e sistemas de organização logística do funcionamento da estrutura social japonesa.

4.8 SÍNTESE DAS PRINCIPAIS IDÉIAS

40% dos sujeitos da amostra permaneceram no Japão de um a três anos. Mas se adicionarmos essa porcentagem à dos que permaneceram de 3 a 6 anos (25%), obteremos 65%, o que corresponde a pouco mais da metade da amostra. A média de permanência citada pela SEBRAE¹⁰⁵ é de cinco anos.

As experiências positivas, de enriquecimento cultural, aprendizagem da língua e linguagens, e/ou de desenvolvimento e crescimento como pessoa foram as que mais marcaram vivências de brasileiros no Japão. Portanto, para a grande maioria

¹⁰⁵ Cf. Sebrae de 01/11/2001, p.02.

de brasileiros da amostra, valeu a experiência vivida no Japão, apesar de, muitas vezes, terem passado dificuldades.

Parece que os japoneses não olham com bons olhos os migrantes brasileiros que se transferem ao Japão para ganhar a vida, mas se esquecem de que os primeiros imigrantes conterrâneos seus procuraram o Brasil, numa época difícil de vida no Japão, e também passaram por muitas dificuldades no Brasil, seja na comunicação ou nos costumes, pois queriam manter os padrões de comportamento, crenças e religiões, e seu *modus-vivendi*, como aventado na dissertação de mestrado (2002: 34). Criaram escolas de língua japonesa para preparar seus filhos para o retorno ao Japão, assim como estão fazendo brasileiros no Japão, com a criação de escolas brasileiras e manutenção de seus padrões de valores para quando retornarem ao Brasil, o que, talvez, nunca aconteça. Situação semelhante ocorreu com muitos japoneses e seus descendentes, que se fixaram definitivamente no Brasil.

Percebeu-se também que os descendentes japoneses no Brasil adquiriram e preservaram de maneira mais intensa os valores culturais, a ponto de muitos deles serem tachados de '*japoneses antigo*', pelos costumes, linguajar, maneira de ser e uso de vocábulos ultrapassados, como foi observado nas entrevistas. Essa ocorrência se explica pelo isolamento do seu grupo, fechado em suas colônias, em quistos sociais. Parece que o inverso não ocorreu para os brasileiros retornados, porém sentem na pele a falta de segurança, em vista das notícias e fatos veiculados e ocorridos sobre roubos, assaltos, seqüestros e outros crimes.

Em relação à alimentação, tanto para brasileiros no Japão como para japoneses no Brasil houve impactos. Os primeiros imigrantes japoneses sentiram a falta de produtos à base de soja, do arroz catete cozido sem sal e do feijão para fazer seus doces. A alimentação deles era mais leve em relação à culinária brasileira, de países

tropicais, quentes na maior parte do ano, e eles vieram para trabalhar em suas colônias de imigração para labutar nas áreas rurais, sem mecanização agrícola, onde tiveram que dar duro no trabalho braçal, com muito suor. Portanto, a alimentação mais salgada e forte do brasileiro tinha a sua razão de ser. Assim, foram muitos os primeiros imigrantes a sofrer de doenças gastrointestinais e dermatológicas, por se alimentarem de maneira inadequada para o clima, pelo tipo do trabalho e falta de adaptação à culinária brasileira, pois não se alimentavam nem como os brasileiros nem como os japoneses.

Já os brasileiros no Japão foram trabalhar em geral nas áreas urbanas, com maior facilidade de obter ingredientes variados, produtos semi-acabados ou mesmo pratos prontos, mas não deixaram de sentir impactos diferenciais na alimentação, tentando solucionar com maior rapidez esse problema, com a importação de vários produtos do Brasil.

Então, tanto os primeiros imigrantes japoneses no Brasil, na primeira metade do século XX, como os contemporâneos brasileiros no Japão foram buscar produtos alimentícios de seu cotidiano, a que estavam acostumados em seu país, para, posteriormente, procurar produtos idênticos ou que pudessem substituí-los a fim de elaborar sua culinária adaptada, além de buscar produtos de higiene pessoal original ou semelhante aos de seu país.

Os primeiros imigrantes japoneses obtiveram sementes de vários produtos e passaram a plantá-las no Brasil. Com isso, introduziram no país, uma grande gama de produtos, assim como os brasileiros estão, atualmente, fazendo no Japão, mostrando que, de algum modo, os costumes e a cultura brasileira estão sendo exportados, em seu conjunto.

Portanto, nossa memória grava as experiências vividas fisicamente, como a da aprendizagem gustativa e a do sabor, agregadas a valores culturais

aprendidos, que não são esquecidos. Assim, as pessoas sentem saudade daquela comida caseira, pois faz lembrar os momentos vividos, reportando sensações guardadas na memória com o contexto social conhecido e vivenciado, buscando a satisfação de desejos.

Isso explica a existência e resistência do bairro da Liberdade (SP), onde começou a fixação urbana de migrantes japoneses, onde foram construídos seus valores, bairro que faz lembrar e relembra suas raízes culturais, e os leva a retornar várias vezes. Esse bairro com comércio contínuo, com inúmeros restaurantes japoneses, aos quais atualmente se somam alguns de outras origens orientais, como os chineses e coreanos, ratifica e reforça o local característico de sua origem. E há público ávido pela satisfação de seus desejos gustativos, num misto de curiosidades das pessoas, que se apinham onde há maior aglomeração humana. Muitas pessoas se deslocam de locais longínquos do Brasil, ou mesmo de outros países, atraídas pelo local, de que ouviram falar como o bairro oriental, a exemplo do que ocorre em Los Angeles e Nova Iorque, para satisfazer seus desejos gustativos, ou simplesmente para conhecê-lo. Portanto, em que pese o fator ‘tempo’, situações análogas ocorrem em alguns locais mundiais, para a aproximação de pessoas que se identificam pelos traços culturais.

Essa busca de prazer físico e sensorial que conduz as pessoas ao bem-estar e satisfação é o que também leva os brasileiros a exportarem e introduzirem produtos de sua cultura no Japão, construindo e reelaborando novos olhares e sentidos, com outras etnias, que também procuram o país para trabalho. Passam a dar um novo significado ao espaço social de integração e de construção com os demais elementos culturais de diferentes povos.

Os produtos importados brasileiros e revendidos no Japão ficam mais baratos, pois a moeda japonesa, o *yen*, tem maior cotação no mercado internacional, assim como os produtos japoneses importados ficam mais caros para brasileiros.

Quanto à religiosidade, em vista da maneira como o povo japonês a encara, os brasileiros não tiveram que passar pela experiência ocorrida com os filhos de imigrantes japoneses no Brasil, que se converteram ao catolicismo para participar de formatura e/ou mais tarde, para o momento do casamento, para participação da cerimônia na igreja católica. E, por adesão a eles, os próprios pais se tornaram católicos. Assim, 25% dos sujeitos continuaram no catolicismo, mas 50% não eram praticantes de nenhuma religião, pois não há religião oficial no Japão. Os japoneses costumam seguir rituais de passagem como nascimento, crescimento, casamento e morte, costume que pode estar ocasionando a adesão dos brasileiros a esse ritmo de vida, aceitando as funções sociais estabelecidas pelo xintoísmo e budismo.

No entanto, os brasileiros adotam e adotaram, pelo visto, os *omamori* e talismãs da sorte, pois, indiretamente, querem ser amparados ou socorridos nos momentos de dificuldade e acreditam na proteção divina.

O mesmo não pode ser dito em relação à língua e linguagens, que afetam bastante o entendimento e a comunicação, tendo os próprios brasileiros reconhecido que ainda há muito, o que aprender. Metade dos entrevistados teve tantas dificuldades quanto os primeiros imigrantes no Brasil, e as confusões ocorridas eram significativas, em virtude da diferença do sentido e de significado da palavra contextualizada no meio social, necessitando eles, muitas vezes da ajuda de seus filhos. Isso também ocorreu com imigrantes japoneses no Brasil, situações em que os filhos sentiam constrangimento em relação aos pais que não falavam ou falavam o português muito mal. Da mesma forma, os filhos de brasileiros no Japão não gostam da atitude de

seus pais, que não conseguem aprender a língua e linguagem japonesas. Portanto, a dificuldade encontrada pelos brasileiros é muito semelhante à que os japoneses vivenciaram no Brasil.

Por sua vez, a cultura que é transmitida, preservada e reproduzida, se encontra em constante mudança, mesmo em seu contexto social, pois é característica própria do ser humano, que é dinâmico, sujeito a mudanças. Assim, nota-se a defasagem cultural natural ocasionada com o passar dos tempos, com aquisições de novos valores, desuso de outros, adaptações e assimilações de alguns outros. Nesse contexto, a presença da educação informal tem papel fundamental, pois fornece parâmetros, por meio de atitudes comportamentais, escolhas, opções e decisões tomadas pelas pessoas na transmissão, manutenção, construção e renovação de traços culturais, que acontecem normalmente, nos tempos liberados, livres, e de lazer.

Grande parte dos sujeitos da amostra demonstrou conhecimento dos costumes e valores recebidos dos pais, parentes e/ou comunidade a que pertenceu ou que freqüentou. Portanto, instruções e valores recebidos por meio da educação informal permanecem e são internalizados nas pessoas, facilitando a compreensão e apreensão de algumas regras sociais aceitas e bem recebidas na sociedade japonesa. E, ao retornar ao Brasil, os brasileiros passam a criticar características culturais de sua origem, como se fossem japoneses, pois passaram a ver, aceitar e praticar esses costumes.

Quanto ao lazer, embora os entrevistados tenham dado mais de uma resposta, verificou-se que pouco mais da metade apresentou aproveitamento do tempo para viajar ou passear no Japão. Como eles costumam participar dessa atividade com colegas e grupos de amigos, essa situação mostra que, além do conhecimento dos lugares, existe a função de reforçar a rede de capital social, momentos importantes para conhecimento de situações de emprego de outros brasileiros, e mesmo para sondar um

emprego melhor, como foi mostrado na pesquisa do CNPq de Guimarães et alii (2000, no capítulo 3). Essa atividade, somada a outras atividades sociais de lazer, reforça os encontros com amigos, bate-papos, conhecimento do outro, ratificando e reforçando a rede de capital social. Portanto, o lazer tem função social importante na vida dos sujeitos da amostra, mesmo após seu retorno ao Brasil, e, quando bem dirigido, permite o relaxamento das tensões, e/ou divertimento, e/ou aperfeiçoamento da personalidade, e/ou relações de amizade ou da formação do capital social, e/ou de realização e felicidade, como demonstrado no questionário.

As questões deste capítulo sobre integração social, amizade e exercícios físicos praticados em conjunto, ter ou vivenciar, brasilidade adotada pelos japoneses, não foram feitas em forma de diálogo cultural por não terem sido trabalhadas na dissertação de mestrado, porém deram indicações interessantes para a formação do capital social com japoneses.

Conforme depoimento das pessoas que permaneceram por maior tempo no Japão, há tendência de fixação definitiva de algumas, como aconteceu com os japoneses e seus descendentes no Brasil. Assim, os que têm essa intenção passam a participar de várias atividades e associações de bairros, juntamente com populações autóctones, para sua melhor integração, bem como a de sua família na comunidade local, tentando criar raízes e reforçar a rede de capital social.

A grande surpresa foi que considerável parte dos entrevistados, que migrara para ganhar a vida, passou a valorizar a vivência, em detrimento de obter ou adquirir mais produtos. E em relação à integração, um pouco mais da metade deles foi favorável à prática de variadas atividades e eventos que permitissem maior aproximação entre japoneses e brasileiros, para minimizar impactos sociais negativos. Assim, foi feliz

e acertado o exemplo da mãe e filhos que participaram de todas as atividades escolares, pois se sentiram mais bem integrados.

Foi interessante notar também a brasilidade adotada pelos japoneses, pois, assim como no Brasil algumas pessoas têm interesse pela cultura japonesa, os brasileiros têm chamado a atenção de alguns japoneses, que se interessam pela moda, comida, vocábulos, gestos, danças etc., num jogo de diálogo intercultural, sem grandes conflitos de valores.

Assim, no plano concreto, as paisagens vão sendo construídas e renovadas naturalmente, com introdução, maturação e adaptação de produtos e situações das pessoas que vão enfraquecendo o paradigma original, acrescentando e formatando novas leituras na construção dinâmica de um mesmo evento. E, ao mesmo tempo em que vários eventos de origem japonesa acontecem no bairro da Liberdade, estão ocorrendo no Japão a festa junina e o carnaval. Dessa maneira, temos a comemoração de um Ano Novo diferenciado em várias partes do mundo em tempo, espaço e comunidades diferentes, em que cada um deles festeja o mesmo evento, de acordo com seus valores e costumes culturais, muitas vezes misturados com outros costumes e adoções de migrantes de outros países, e/ou dos povos endógenos, criando e recriando, com outros olhares. Isso vem ratificar o poder dos fatos, que transpõem tempo e espaço, a razão do estudo sincrônico de dois espaços diferentes (Japão e Brasil), em tempos diversos, que se repetem pela similitude dos acontecimentos.

Segundo os entrevistados, observou-se a necessidade de mudanças para adaptação e crescimento pessoal como consequência das vivências, que medeiam aproximações dos desiguais, trazendo como resultado a tolerância diante das diversidades culturais. Portanto, o contato em si é saudável, o que prejudica é a falta de conhecimento, a falta de comunicação e divulgação, o desinteresse e a falta de

consideração e respeito pelo diferente, o que implica a não aceitação do conjunto dos traços culturais do outro.

As pessoas permanecem e procuram a aproximação com seus pares, de locais para atendimento de suas necessidades básicas, e para poder recorrer em casos de necessidade, principalmente quando da permanência prolongada em espaços alienígenas. Dessa maneira, a rede de relações sociais de amizade apontada no lazer reforça e ratifica o poder da função social como de suma importância. Ora, essa situação ocorria com os primeiros imigrantes japoneses no Brasil, que formaram suas associações (APÊNDICE C), com o intuito de assegurar seus canais de rede de comunicação tanto horizontal como verticalmente para dar apoio a seu grupo, no processo de integração e adaptação, conforme Saito (1980:88).

Portanto, o que Canclini¹⁰⁶ (1998) chama de hibridação, que vem sucedendo nesses quase 100 anos de imigração japonesa no Brasil, agora está ocorrendo também com os brasileiros no Japão, onde há maiores aglomerações dessas populações, formando bairros e cidades com características ecléticas, próprias do fenômeno intercultural. Nesses lugares, com suas lojas e produtos, propagandas misturadas a restaurantes típicos, brasileiros se juntam para encontros de eventos típicos de seu povo e país, com um novo olhar, modificando as paisagens antes homogêneas das cidades japonesas e a relação da cultura hegemônica do país referente à cultura subalterna dos migrantes, que se soma à de outras etnias, transformando-a em diversidade cultural e multicultural.

E, apesar das dificuldades, problemas e diferenças culturais, os brasileiros conseguem sobreviver, com perspicácia, coragem e muito esforço, navegando na sociedade japonesa, tentando encontrar caminhos e soluções, como

¹⁰⁶ Estudiosos argentino do fenômeno intercultural nos países latino-americanos.

fizeram os imigrantes japoneses no Brasil, extraindo das experiências e aprendizagens vivenciadas, novas potencialidades pessoais para superação de futuros desafios.

O capítulo seguinte vai tentar desvendar os caminhos trilhados pelos imigrantes japoneses no Brasil, baseados na cultura solidária, por meio da criação de suas associações, onde o lúdico e o lazer se conciliam, para desvencilhar dificuldades.

5 CULTURA SOLIDÁRIA, LAZER E TRAÇOS CULTURAIS ÉTNICOS

Este capítulo tem o propósito de abordar de que forma a cultura solidária, com suas características étnico-culturais, se desenvolveu na comunidade nikkei, por meio da educação informal, tendo o mutirão como exemplo inicial. Versa também sobre a multiplicação de associações de cunho solidário e de lazer nessa comunidade, assunto já citado na dissertação de mestrado. O capítulo termina exemplificando ações e projetos voltados para o atendimento do público brasileiro em seus movimentos migratórios.

5.1 CULTURA SOLIDÁRIA

Depreende-se, do texto de Oliveira (2001), que cultura solidária provém das interações solidárias entre pessoas que se influenciam reciprocamente, em clima de fraternidade e de amizade, num ambiente de não exploração econômica, social e cultural do outro.

A prática dessas interações faz coexistirem a competição e a cooperação, sempre presentes nas sociedades, mas num *“singelo jogo entre amigos”*, aproximando-os pela camaradagem, participação e solidariedade, em prol de um trabalho coletivo, compartilhado mutuamente, em bases igualitárias. As responsabilidades e os direitos *“são construídos, acertados e cultivados”* e auto-regulados no seu cotidiano, para que *“todos possam crescer na solidariedade”*, e não

“à custa da servidão, ainda que voluntária, nem do abafamento ou da exclusão do outro” (OLIVEIRA, 2001: 16).

Nesse contexto social, o universo lúdico pode colaborar, mediante interações sociais, para o desenvolvimento da cultura solidária nas sociedades marcadas pela discriminação, fragmentação, individualismo e competição, em que o sucesso de uns é a exclusão de outros.

Oliveira (2001: 19 e 20) lembra, ainda, que a cultura solidária e as dimensões lúdicas estavam presentes no movimento cooperativista da Grã-Bretanha, no século XVIII, quando os operários se reuniam para elaborar suas reivindicações profissionais, assim como para cuidar de enfermos e enterros, reuniões essas que terminavam sempre em alegres tardes regadas a cerveja. Essa cultura solidária entre os indivíduos levou a almejar a construção de um projeto comum de transformação do grupo social, pois, nesse meio, eles aprendiam a trabalhar suas diferenças individuais, as divergências conflituosas, o respeito mútuo, por meio da ação coletiva do fazer fazendo, educando e reeducando a si próprios e a outros, democraticamente.

Nesse sentido, cita o “mutirão” como exemplo de trabalho coletivo solidário, que se desenvolve com a atividade lúdica.

5.2 MUTIRÃO: UM EXEMPLO DE CULTURA E LAZER SOLIDÁRIOS

Conforme Cascudo (2002: 408-409), o mutirão é encontrado em várias partes do mundo. No Brasil é tido como *“trabalho coletivo entre populações rurais”*, desenvolvendo, entre outras atividades: capina de plantações, reparos em paredões de açudes e cobertura de casas de palha.

Cândido (2001: 209-227) destaca-o nas áreas rurais no final do ciclo bandeirista, no século XVIII, com a fixação do homem na terra, que deu origem ao caipira brasileiro. Observam-se, nessa gente, como características culturais, as *“formas de sociabilidade e de subsistência”* apoiadas em soluções de vida suficientes para mantê-las coesas em seus bairros. Eram sitiantes, posseiros e agregados, que efetuavam suas tarefas em ajuda mútua, conjugando trabalho, alimento e festa. Portanto, o lúdico se achava integrado ao trabalho, não havendo oposição entre tempo de lazer e tempo de trabalho, como comumente vem ocorrendo em sociedades modernas e industriais.

Como afirma Cascudo (2002: 409), o mutirão *“é uma instituição social espontânea que atenua os efeitos individualistas que a economia latifundiária imprimiu à vida rural brasileira, corrigindo-os”*. Os vizinhos são convidados por um beneficiário, cada um levando seus utensílios de trabalho, como *“foices, enxadas, machados, cordas”*, para a feitura do trabalho em conjunto. Findo o trabalho, comemoram, à noite, com uma festa, música, aguardente, e no terreiro da casa acontecem danças regionais. As atividades dessa gente giram em torno de lavoura e de indústrias domésticas, concretizadas, sempre que possível, com a ajuda de seus pares, em épocas de maior produção. É *“a unificação de esforços no sentido econômico”*.

Portanto, o beneficiário que tem melhores condições econômicas oferece alimento e festa. Muitas vezes, o beneficiário não convoca, porque não tem nada para oferecer, mas pode contar com a cooperação dos membros de seu grupo. Geralmente, esse trabalho em conjunto é rápido, conduzido de forma espontânea e coletiva, e ocupa um dia para cada grupo de vizinhos de um bairro, uma vez que não se pode tomar e prender por muito tempo as pessoas, que têm seus afazeres cotidianos. Além disso, há a urgência do término do trabalho, para que não sejam pegos de surpresa por repentinas mudanças climáticas. Assim, eventualmente as mesmas tarefas são

repetidas em dias seguidos para completar o trabalho de toda a vizinhança, muitas vezes de forma encadeada (CÂNDIDO, 2001: 209-227).

Essa atividade social vicinal se torna sincrética quando o lúdico recreativo se mistura à atividade religiosa. Em algumas ocasiões, as liturgias movimentam todas as pessoas do bairro. Algumas pessoas vão de casa em casa para obter espécies como galinhas, leitoas, farinha, ovos, como ajudatórios para leiloar, e também para pedir contribuições para gastos do festeiro. Quando algo sobra, o patrimônio fica para o santo, a cargo do zelador da igreja, conforme Cândido (2001: 212-214). Até hoje, algumas igrejas fazem seus bazares, quermesses e festas aos santos padroeiros, arrecadando fundos para várias finalidades necessárias para a sua entidade e a comunidade.

Para Freire (2006: 75), é a participação ou colaboração por meio dos ‘*mutirões*’ em que se reparam “*escolas, creches, ou se limpam ruas ou praças*”.

A cultura solidária leva, portanto, à cooperação recíproca de seus membros, com ajuda mútua e divisão de tarefas, ficando os interesses grupais acima dos individuais. Além disso, conforme Cascudo (2002: 409), como cada grupo social se organiza “*segundo seus hábitos ou tendências peculiares, em consonância com o ambiente*”, constitui uma “*instituição universal*”, respeitando, portanto, as características culturais peculiares de cada grupo étnico.

Semelhante fato é descrito na história da imigração japonesa¹⁰⁷ no Brasil. Uma história regional conta que, em um núcleo de colonização da alta Mojiana, hoje cidade de Miguelópolis, por volta de 1916 e 1917, foi necessário um mutirão para a

¹⁰⁷ Relembrando que a primeira leva de imigrantes japoneses chega ao porto de Santos (SP) a 18 de junho de 1908, portanto, antes da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), que ocasiona mudanças estruturais em todos os sentidos, na vida das pessoas.

construção de “*uma enorme canoa batizada de Hayabusa-Marú*”¹⁰⁸, cujo lançamento foi condignamente comemorado com *mochi*¹⁰⁹ e seis litros de pinga”. Essa canoa permitiria vencer os 220 metros que separavam o núcleo japonês da Ilha Grande, atravessando o Rio Grande. Como naquela época não havia meio de transporte regular, os japoneses tiveram que fazer sua própria canoa, do tipo piroga, segundo Handa (1987: 380 – 381). Sendo assim, um costume muito comum entre os japoneses era a celebração festiva, após a concretização do trabalho coletivo. Para melhor explicitação do funcionamento do mutirão entre imigrantes foram tomadas as principais idéias contidas no texto de Handa (1987: 559 a 562).

Na fase pioneira da imigração japonesa essa ajuda mútua era chamada de *kassei* (auxílio), que consistia em trabalho coletivo para “*a construção de uma casa, a queimada ou o roçado, a colheita ou a ajuda para recuperar um atraso causado, por exemplo, por uma doença*” (HANDA, 1987: 560). Esse autor (1987: 559-560) coloca que:

*no Japão, parece que era denominado Yui*¹¹⁰. Dizem que no Brasil o mutirão não visava unicamente ao auxílio mútuo, acumulando também funções sociais. No entanto, parece-me que hoje em dia este tipo de iniciativa está começando a desaparecer, com o advento do capitalismo.

Havia, portanto, nas fazendas pioneiras de núcleos de colonização japonesa, o correspondente ao mutirão brasileiro. “*O mutirão era o auxílio recíproco que prestavam os lavradores, finalizando a noite num animado baile*”. Esse procedimento de ajuda era “*comum em todos os núcleos de colonização nos seus*

¹⁰⁸ *Hayabusa*: falcão; *Maru*: código utilizado para identificar embarcação.

¹⁰⁹ *Mochi*: bolinho de arroz consumido nas ocasiões festivas, pois nessa época era difícil a obtenção do arroz específico para a sua confecção.

¹¹⁰ *Yui*: “costume popular observado entre famílias agrícolas de certas regiões, muito semelhante ao mutirão brasileiro no ponto principal, que é auxílio gratuito que prestam os lavradores da vizinhança em proveito de um só. Esse auxílio se presta ordinariamente para se fazer o plantio, colheita ou algumas obras que requerem ajuda. O beneficiado agasalha os assistentes com comida e bebida e não paga com dinheiro, mas retribui com trabalho ...” (Noda, 1966: 1157) *Dicionário Japonês-português*.

primeiros quatro ou cinco anos”, quando chefes de famílias ou jovens conduziam o trabalho, enquanto as mulheres se encarregavam da cozinha, com o mesmo espírito de trabalho coletivo do mutirão, preparando o banquete em festas de casamento, segundo Handa (1987: 560). Posteriormente, observou-se esse trabalho nos bazares beneficentes e festas de confraternização nas associações e clubes contemporâneos da comunidade nipo-brasileira (vide APÊNDICE C).

Havia também outros tipos de contribuições, de acordo com as circunstâncias dos acontecimentos. Por ocasião de casamentos,

contribuía-se com uma galinha, nos enterros com dois quilos de arroz, nos aniversários com tantos quilos de mochigome¹¹¹ e, se fosse em dinheiro, dois ou cinco mil-réis, e assim por diante. Ainda, mesmo na questão da comida, havia os cardápios-padrões preestabelecidos pelas mulheres, conforme a ocasião, (HANDA, 1987: 560).

Até hoje, no Japão, é costume dar contribuições em forma de dinheiro por ocasião da morte de entes queridos ou parentes. Esse costume continua existindo no Brasil, entre as pessoas de formação educacional formal japonesa, à moda antiga.

Os imigrantes japoneses, independentemente da posição social no Japão, eram considerados no Brasil em pé de igualdade. Sendo assim, sentiam responsabilidade em não prejudicar seus conterrâneos, por isso “*consultavam-se mutuamente para chegar a um consenso*”, conforme Handa (1987: 560). Dessa maneira funcionava o sentido de solidariedade.

Se alguém ficasse em apuros, em consequência de alguma situação incontrolável, os demais membros tentariam socorrê-lo, como se o problema fosse da responsabilidade de todo o grupo. Em compensação, neste tipo de sociedade, não se podia(sic) admitir discordâncias. A linha de conduta seria determinada pela maioria (HANDA: 1987: 560).

¹¹¹ *Mochigome*: tipo específico de arroz para fazer bolinho de arroz.

Então, se a maioria das pessoas fosse oriunda de *Kiushu*, região ao sul do Japão, sua conduta seria à moda *Kiushu*. Da mesma forma, se houvesse predominância de imigrantes provindos da região de Tohoku (nordeste do Japão), o clima reinante teria características e condutas dessa região. E, se alguém precisasse pedir dinheiro emprestado, não se exigiriam promissórias, por ser uma ofensa, pois se acreditava na devolução dele, ainda que fossem precisos muitos anos para fazê-lo (HANDA: 1987: 560).

Ocorriam também muitas permutas entre os pares, desde as de objetos, verduras, até de carnes, quando se abatiam porcos. E, quando a pescaria era farta, havia distribuição de peixes, acompanhada de histórias das façanhas do pescador, muitas vezes com o convite aos mais íntimos para beber. Tal circunstância levava, às vezes, a situações constrangedoras para aqueles que tinham intenção de adquirir algum produto pagando, pois não se podia ir até o vizinho para ‘comprar’, o que não acontecia com relação aos que não faziam parte do mesmo grupo social, pois podiam levar espécimes desejados, pagando por eles. A atitude era de ‘negócio é negócio’. Se transferirmos a idéia de ‘Nós’ e ‘Eles’ de Hoggart (1973: 87-122), teremos, ‘Nós’ (os imigrantes), e ‘Eles’ (outros, que não os imigrantes), com clara distinção social. Observa-se idêntica situação em relação ao estudo sobre interações sociais, em Magnani (1998: 138), ao analisar a formação da rede de capital social de bairros em grupos urbanos familiares, vizinhos e de amigos, que se iam constituindo, e estabelecendo passagens para o círculo mais próximo, até chegar a uma sociedade mais ampla, em complexo sistema de mediações entre “*as instituições e valores sociais dominantes e o plano do concreto vivido*”, fazendo-os sentir-se ou não como parte integrante do ‘pedaço’ social, onde ocorriam e se concretizavam suas interações.

5.3 CULTURA SOLIDÁRIA E O LAZER NA FORMAÇÃO DAS ASSOCIAÇÕES DA COMUNIDADE NIKKEI (VIDE APÊNDICE C)

Os primeiros imigrantes japoneses que aqui chegaram sentiram grande impacto cultural e isolamento em relação ao restante da sociedade brasileira; assim, trataram de criar suas associações nos núcleos coloniais, onde se concentrava um certo número de famílias. Logo depois, fundavam nelas a escola, em torno da qual toda a vida comunitária passava a girar. Essa era uma característica muito comum na vida dos primeiros imigrantes.

Essas entidades japonesas “tinham o objetivo de promover a confraternização e cooperação entre os associados e enfrentar problemas comuns pela união de forças”, aspecto estudado por Hoggart (1973: 87-122), que analisa o sentido genérico de grupo partilhado pelos membros de sua classe, com a idéia de que a ‘união faz a força’, pelo fato de se tornarem íntimos, considerando seus membros como semelhantes e com poucas diferenciações futuras. Com o passar do tempo foram se multiplicando, dando origem a associações de senhoras, de moços, de moças, e assim por diante. Praticavam-se, nessas associações, atividades coletivas lúdicas, que foram desenvolvendo atividades diversas de lazer como o undokai¹¹², engeikai¹¹³, bon-odori¹¹⁴, introduzidos e desenvolvidos pelos isseis¹¹⁵ (NAKASUMI E YAMASHIRO, 1992: 412).

Essas centenas de associações japonesas dos núcleos de colonização foram se estruturando em uma rede, “tanto em termos horizontais (no espaço) como em termos verticais (hierarquizados)”, assegurando “ao grupo étnico os canais de

¹¹² Undôkai: Gincana poliesportiva muito popular entre os japoneses, que, hoje, conta com a participação de população não nikkei.

¹¹³ Engeikai: Festa lítero-musical com apresentação de canto dança e teatro amador.

¹¹⁴ Bon-odori: Dança folclórica em homenagem aos mortos.

¹¹⁵ Relembrando que isseis são imigrantes japoneses (primeira geração no Brasil).

comunicação acionáveis em casos de necessidade” (SAITO, 1980: 88), além de se filiarem ao órgão centralizador, sediado em São Paulo, e, também, serem congregadas em federações. Segundo esse autor, “as funções assumidas por essas formas associativas são mais no sentido de dar cobertura e oferecer pontos de apoio aos japoneses e descendentes em seu processo de adaptação e integração na sociedade adotiva”.

Esse fato deu origem a bairros paulistanos com maior afluência de japoneses e seus descendentes, como a Liberdade, Aclimação, Jabaquara e outros, com várias lojas de comestíveis e de serviços, assim como no Japão há cidades com grandes aglomerações de brasileiros¹¹⁶ como Hamamatsu (Shizuoka), Oizumi (Gunma), Nagoya (Aichi) e Kani e Minokano (Guifu), com lojas comerciais e de serviços voltadas para brasileiros.

As associações constituídas eram locais de interação social solidária com as atividades de lazer presentes, mas fechadas para os seus pares. Assim, também elas foram alvo de inúmeras críticas pela exclusão de outras etnias em razão de a filiação ser limitada aos japoneses, criando quistos sociais, pelo uso da língua japonesa, dos padrões de comportamento e dos símbolos particulares, como foi mencionado anteriormente. Isso parece explicar-se pelo *gap* existente entre valores e culturas muito diferentes, o que dificultava a assimilação, aculturação e integração na medida certa da época. Essa situação é idêntica à dos brasileiros que se encontram hoje no Japão, sentindo na pele, como principal problema, a dificuldade encontrada em comunicação, pela falta de entendimento da língua e de códigos sociais, das diferenças culturais, e de maior participação em organizações e associações de japoneses.

¹¹⁶ Cf. Yoshinaga. “No pólo brazuca”, *Made in Japan*, n.104, ano 9, p. 74

Com a gradual diminuição de isseis, a direção dessas associações brasileiras foi passando aos poucos para as mãos de nisseis¹¹⁷, e as atividades foram substituídas, centralizando-se em assuntos culturais e esportivos, adquirindo características de clube (NAKASUMI E YAMASHIRO, 1992: 411).

Esses clubes agiam “*permitindo e valorizando condutas outrora vedadas ao nissei, como: dançar, participar de festas ocidentais, concursos de beleza etc*”. Ofereciam “*aos nisseis oportunidades para se adaptarem a seus papéis ocidentais*”, além de ajudar a formar opiniões e valorizar certos aspectos de conduta ligados ao abasileiramento, tais como o uso da língua portuguesa, namoro e casamento não arranjado, criando condições para que isso se realizasse de maneira normal. Essa nova situação permitiria também introduzir mudanças em certos costumes a fim de facilitar a ascensão social (CARDOSO, 1973: 331-334).

Portanto, mediante a prática de atividades lúdicas, que se ampliaram em várias formas de lazer, foram acontecendo assimilações, aculturações, auxiliando na integração dos imigrantes e seus descendentes, na aquisição, entendimento e adoção de novos costumes e valores culturais. Nesse ponto, a pesquisa de Lewin (2001: 197-208) explica a aceitação de um novo sistema de valores, onde a reeducação tem a função de mudar valores culturais, pois, quando há participação ativa do envolvido, de livre e espontânea vontade, ocorre mudança de condutas de efeito duradouro, porque ele passa a fazer parte do chamado *in group*, no grupo solidário, cujos membros têm consciência de a ele pertencer.

Segundo Saito (1977: 21), “*os japoneses têm como tradição os padrões coletivistas de comportamento*”, possuindo “*a consciência de we-group*”, que “*constitui uma base psicossocial de coesão em diferentes níveis de unidades sociais*”. A

¹¹⁷ Nisseis: filhos de isseis ou de imigrantes japoneses.

“associação japonesa representava uma viga-mestra na teia de relações sociais intragrupo”, em nível local e global (federada).

Os primeiros imigrantes tinham em comum o trabalho em mutirão, cujo universo lúdico contribuiu para amenizar, ajudar e dar alegria na superação das dificuldades e dos problemas, servindo de viga mestra para a integração em seu seio social. Isso vem ratificar a importância do papel representado pelas atividades lúdicas e de lazer na vida das pessoas. Também reforça a validade do trabalho coletivo solidário e compartilhado para o bem comum, o que permitiu à minoria étnica se sentir incluída na difícil tarefa de assimilação, aculturação e integração numa sociedade com grande diversidade de língua, linguagem, costumes e valores culturais em relação a seu país de origem.

E esses imigrantes japoneses, embora passando por circunstâncias adversas, em vista do fosso cultural entre seu grupo social e a sociedade local, conseguiram superar obstáculos de difícil interação sociocultural e econômica, com a presença do universo lúdico, pela união de forças obtida por meio de associações, criadas com o intuito de colaboração, contribuição e humanização mútua, e que se foram multiplicando. Algumas delas, à medida que foram transpondo problemas, evoluíram em espaços de lazer, ao longo de sua trajetória histórica, cada qual elaborando ajustes de acordo com as necessidades e interesses de seu grupo social, e moldaram características e feições próprias, o que ratifica o poder do trabalho e/ou atividade grupal com base na cultura solidária, enriquecida pelo lúdico.

O estudo faz refletir sobre a forma pela qual as pessoas simples tentaram buscar soluções entre seus pares para vencer problemas, baseadas na cooperação mútua solidária e no lazer, exemplo esse característico do limiar do século passado entre as comunidades caipiras e imigrantes japoneses, em áreas rurais, na

conquista do espaço para a sobrevivência. Esse cenário se encontra esquecido e/ou banido nos tempos atuais, consumidos pelo sistema capitalista, que leva ao individualismo, à alta produtividade e ao desejo de grandes lucros, embora, ao longo da conquista do espaço pelos migrantes japoneses no Brasil, a cultura solidária tenha estado presente, tentando desenvolver como sendo de sua responsabilidade social, no seio de suas entidades, atividades que pudessem facilitar ou atenuar seus próprios problemas.

Com o desenrolar dos tempos e mudanças políticas e econômicas ocorridas nos dois países, intensificou-se o movimento migratório do Brasil para o Japão, principalmente a partir da década de 1980, como já aventado anteriormente. Conseqüentemente, surgiram outros tantos problemas, que deram origem a ações e projetos de cultura solidária na comunidade nikkei, como tentativas paliativas de solução, no processo de continuidade da trajetória de conquistas espaciais de sobrevivência entre essas duas nações.

5.4 AÇÕES E PROJETOS DE CULTURA SOLIDÁRIA ENTRE JAPONESES E BRASILEIROS

Para o melhor entendimento do funcionamento de entidades solidárias foram feitas visitas “*in loco*” a algumas ONG/NPO em andamento, que atuam no desenvolvimento de projetos brasileiros, oferecendo lazer social nas entidades metropolitanas paulistas como: Projeto “Escola da Família” nas escolas da periferia da zona sul (EE Vicente Rao, EE Martins Pena, EE Juventina Patrícia Santana, EE

México e EE Luiz Simioni Sobrinho), e outros, como “Monte Azul”¹¹⁸, “Meninos de Morumbi”¹¹⁹, “Associação Nacional de Assistência à Criança Santamarense”¹²⁰ e estudo dos projetos “Faça Parte – Instituto Brasil Voluntário”¹²¹. Observaram-se exemplos de desenvolvimento solidário, onde aspectos culturais, educacionais e de lazer se encontram imbricados, com seus diferenciais, com intenção de dar complementação educacional diferenciada. Portanto, trata-se de educação não formal, com características citadas no capítulo 2, pois essas entidades dependem da clientela assistida, comunidades onde estão inseridas, dos equipamentos de que dispõem e criatividade e empenho dos envolvidos, tanto por parte dos que atuam com real vontade de transformação, como também do público receptor.

Esses exemplos podem servir como base de soluções paliativas para jovens naturalmente adaptados às peculiaridades do Japão, recomendando atividades e ações voltadas para o lazer variado, ofertadas de maneira informal e não impositiva, desenvolvidas em conjunto, com a participação de pais, escolas particulares e públicas, autoridades, mídia, associações e comunidades.

Assim como os primeiros imigrantes criaram associações para solucionar seus problemas, organizar encontros, cursos de capacitação e preparação mais adequados, confraternizações etc., já existem, no atual contexto da comunidade

¹¹⁸ Experiências de como se iniciou o projeto, com aplicação da pedagogia Waldorf, pela Professora Ute Craemer com menores carentes, a partir de 1975, podem ser compreendidas no livro *Crianças: entre luz e sombras*. São Paulo: Associação Comunitária Monte Azul. E aqueles que dominam a língua japonesa podem ler a experiência participativa do bolsista Onuki, no projeto: “Mimi o sumashite kiite goram”, Japan: Hon no ki 1990. 250p.

¹¹⁹ Experiências do projeto “Meninos do Morumbi” pode ser conhecido em Castro et alii. *Cultivando vida, desarmando violências: experiências em educação, cultura, lazer, esporte e cidadania com jovens em situações de pobreza*. Brasília: UNESCO, Brasil Telecom, Fundação Kellogg, Banco Interamericano de Desenvolvimento, 2000. p.386-398.

¹²⁰ Entidade que acolhe adolescentes e jovens de 14 até 19 anos de idade, praticantes de leves e médios delitos, vinculada ao ensino fundamental e médio da secretaria estadual de ensino, com atendimento em oficinas pedagógicas e profissionais, recebendo transporte, alimentação, trabalhando em conjunto com famílias, num período de 3 a 5 meses.

¹²¹ Experiências baseadas em relatos de escolas de todas as regiões brasileiras para o Selo Escola Solidária. Costa (org.). *Casos e Contos; viagem por um Brasil solidário*. São Paulo: Faça Parte – Instituto Brasil Voluntário. 2004. 61p.

nikkei, entidades com a finalidade de dar apoio aos migrantes brasileiros que pretendem ir ao Japão para trabalhar e aos que retornam ao Brasil. Temos assim o CIATE, Grupo Nikkei de Promoção Humana e o ISEC.

5.4.1 Centro de Informação e Apoio ao Trabalhador no Exterior (CIATE)¹²²

É uma sociedade civil sem fins lucrativos, financiada pelo governo japonês, registrada oficialmente no cartório de Títulos e Documentos, 27 de setembro de 1992, segundo Yoshioka (1995:113)¹²³. Em 1994 “*foi reconhecida pelo governo brasileiro como organização responsável pelo fornecimento de informações e apoio aos trabalhadores no Japão*”¹²⁴. Atende qualquer pessoa e comunidade, fornecendo informações gerais e orientações específicas aos brasileiros que pretendem trabalhar no Japão, como suporte para preenchimento de fichas, aulas de japonês e treinamentos, para a melhor preparação, organização e planejamento, principalmente antes de sua partida, sem nenhum tipo de ônus por parte dos frequentadores. No retorno do trabalhador ao Brasil, presta serviços também de restituição de imposto de renda pago no Japão, e esclarece demais dúvidas que tiver o ex-trabalhador.

O atendimento é personalizado para aqueles que procuram a entidade para obter informações e orientações gerais (seguro desemprego, leis trabalhistas, acidente de trabalho e outros), instruções de preenchimento correto de formulários para vários fins de trabalho no Japão, e indicação de algumas ofertas de emprego.

¹²² Centro de Informação e Apoio ao Trabalhador no Exterior, localizado no prédio do Bunkyo, 1º andar, na cidade de São Paulo. Tel: (11) 3207-9014. Site: www.ciate.org.br e e-mail: ciate@nethall.com.br

¹²³ Constituída por iniciativa da Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, Beneficência Nipo-Brasileira de São Paulo e Federação das Associações das Províncias do Japão no Brasil. Tem a finalidade de prestar informação, orientação e assistência aos trabalhadores no exterior, em busca de trabalho temporário, principalmente no Japão. Yoshioka foi colaborador junto à Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa na montagem e funcionamento do CIATE (Rossini, 1995: 13).

¹²⁴ Ninomiya (coord). *Trajetória do empreendimento de melhoria do ambiente de trabalho para os nikkeis*. 2004. 128p.

Atualmente, a entidade está interligada a agências públicas de empregos que atendem no Japão (cerca de 600 unidades), também sem qualquer ônus, em línguas portuguesa e espanhola, com a denominação de “Hello Work”, em Tóquio, Chiba, Utsunomiya, Ota, Nagoya, Hamamatsu e Osaka. E, conforme Yoshioka (1995:122-123), uma das atribuições do Ciate era fazer que se pudessem apresentar propostas de trabalho, sem agenciadores privados, por meio do “Hello Work”, com a inscrição das empresas japonesas interessadas em mão-de-obra temporária, em que os interessados se candidatariam com as devidas documentações e, se houvesse comum acordo, embarcariam, com contrato direto entre a empresa e o trabalhador no Brasil. Todavia, em vista de impedimentos legais e da crise econômica no Japão, desde 1992, o governo japonês não tem interesse em aumentar o número de trabalhadores estrangeiros no país.

Dessa forma, há muitos anúncios de jornais recrutando mão-de-obra por agenciadores, aliciadores da mão-de-obra, que cobram “um ágio de 150 a 200% sobre o preço da passagem” (YOSHIOKA, 1995:124), uma comissão cobrada dos futuros candidatos a trabalhadores no Japão, com exceção daqueles que já possuem contatos diretos com a empresa, utilizando a rede de relações sociais de parentes, amigos e outros, portanto, do capital social. Semelhante situação de descontentamento ocorreu com imigrantes japoneses trazidos para o Brasil pelas companhias da época, sob falsas promessas de ganhar dinheiro fácil, conforme foi relatado no trabalho de mestrado (2002:53).

Enquanto os futuros trabalhadores utilizarem esses serviços oferecidos por esses agenciadores, que custeiam a viagem, fornecem fiadores para a estada no Japão e facilidades de hospedagem e/ou outros serviços, e, empregadores de grandes

empresas também, os utilizarem pela facilidade de contratações, os intermediários continuarão a existir, conforme colocado por Mizukami (1998:28).

O programa dos cursos¹²⁵ variados cobre desde informações sobre documentação necessária ao trabalhador estrangeiro, no Japão, relações trabalhistas diretas com a empresa, ou indiretas (via empreiteira ou agência intermediária), seguro contra acidentes de trabalho, seguro desemprego, seguro nacional de saúde, regras básicas de leis trabalhistas para estrangeiros, seguro social e restituição de aposentadoria, usos e costumes do Japão, até imposto de renda no Brasil e no Japão, e outros. Também se organizam simpósios sobre temas e situações do movimento migratório e troca de informações, desde a criação da entidade, com estudiosos brasileiros e japoneses.

Os freqüentadores do CIATE representam mão-de-obra potencial, com a pretensão de ir pela primeira vez ou retornar ao Japão para trabalhar, pois assistem ao curso de japonês, e a palestras sobre aspectos gerais e informações necessárias ao bom convívio naquele Japão. Alguns comparecem ao curso para adquirir conhecimento, ou por curiosidade, e outros, para aprender ou praticar a língua japonesa.

5.4.2 Grupo Nikkei de Promoção Humana

É uma entidade constituída, em sua maioria, de nikkeis voluntários, com o intuito de dar apoio aos desempregados na cidade de São Paulo¹²⁶, empreendendo duas frentes de projetos: o primeiro, de 'movimento de combate ao desemprego', e o

¹²⁵ A entidade organiza e faz palestras bimestrais, aos sábados, das 14:00 às 17:00 horas, sobre a situação atual dos trabalhadores, aulas de japonês, duas vezes por semana, segundas e quintas feiras das 14:00 às 16:00 horas, cursos de assuntos variados, duas vezes por semana, terças e sextas-feiras, das 14:00 às 16:30 horas.

¹²⁶ Sede na Av. Liberdade, 365. São Paulo. Tel.33992404 3 3399-3754. site >www.gruponikkei.hpg.com.br<, email:gruponikkei@ig.com.br ou gnph@bol.com.br

outro, específico, voltado para o *ex-dekassegui*. Portanto, é procurada tanto pelos brasileiros em geral como pelos nikkeis, em busca de uma oportunidade de trabalho. Teve início em outubro de 1999 com um grupo sensibilizado com os desempregados, criou espaço de aproximação entre futuros empregados, cadastrando-os em 'Banco de Candidatos', e oferecendo uma relação de empresas à procura de empregados, em 'Banco de Vagas', para colocação e recolocação dos candidatos no mercado de trabalho, cada vez mais complexo e exíguo.

O Grupo trabalha sem nenhum custo ao candidato, como também a empregadores, captando e organizando as vagas e os respectivos cadastros de empregos e de candidatos em constante realimentação, com o fito de beneficiar ambas as partes, na colocação adequada do perfil apresentado pelo candidato ao pré-requisito do mercado de trabalho. Não há também nenhuma obrigatoriedade da empresa em contratá-lo por ter sido encaminhado pelo Grupo, como também do candidato em aceitar a oferta de trabalho.

A pré-inscrição é feita pelo candidato, que preenche a ficha na sede, anexando *curriculum-vitae* ou não, e participa da 'reunião de orientação a candidatos', que ocorre na última quinta-feira de cada mês. Nesse mesmo dia, além da palestra de orientação¹²⁷, os candidatos podem conversar, consultar a relação de vagas existentes e solicitar orientação dos voluntários sobre as vagas de trabalho, podendo ou não sair com a carta de indicação do Grupo para a empresa.

Para os *ex-dekassegui* brasileiros, após a palestra há uma dinâmica de atendimento específico em uma sala à parte, em vista do perfil apresentado no projeto

¹²⁷ O Grupo Nikkei de Promoção Humana editou um manual de orientação *Transição na Carreira*. São Paulo: Paulo's Comunicação e Artes Gráficas. 2004. 44p.

intitulado “*Tadaima*”¹²⁸, em que voluntários procuram dar orientação de apoio e melhoria da auto-estima a esse público, para reinserção social e profissional no retorno ao Brasil. É um espaço para se conhecerem, pois muitos trabalharam em locais e empresas diferentes no Japão, e esse contato permite a formação de uma rede de relações sociais entre eles, após seu retorno e início de uma nova perspectiva no Brasil. Inicia-se, assim, com a auto-apresentação de cada um, que expõe seus anseios e objetivos de vida. É também uma oportunidade de conhecimento de suas potencialidades e das de outros, de aprendizagem e de troca de experiências.

Posteriormente, durante a semana, voluntários cadastram os dados da ficha no ‘Banco de Dados’, válida por um ano, e os candidatos podem procurar a sede, de 2ª a 6ª feira, das 9:00 às 17 horas, para consulta no ‘Banco de Vagas’, até encontrar a vaga condizente com seu perfil, pois a relação é atualizada com a entrada e saída das vagas. Porém, a indicação não garante o emprego, pois o candidato deve agendar a sua própria entrevista com o empregador e ter sucesso na seleção.

Portanto, a entidade cuida de brasileiros desempregados ou que procuram um trabalho, após uma jornada de trabalho temporário no Japão.

5.4.3 Instituto de Solidariedade Educacional e Cultural (ISEC)¹²⁹

A entidade foi criada com o intuito de dar melhor informação e orientação às famílias que têm filhos e vão ao Japão a trabalho, bem como oferecer suporte educacional e cultural às crianças. Também pretende atuar em parceria com as NPO (Organizações sem Fins Lucrativos) japonesas, e órgãos brasileiros, para

¹²⁸ “*Tadaima*” tem o significado de retorno ou volta.

¹²⁹ Cf. folheto de informação do ISEC/2005. Bunkyo (Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa) constituiu uma Oscip (Organização da Sociedade Civil de Interesse Coletivo), em dezembro de 2003 para cuidar do assunto pertinente a educação, originando o ISEC, que se situa na R. São Joaquim, 381 – Liberdade, Cep: 01508-900. São Paulo –SP. Tel: (11) 3208-1755. email:isecbr@hotmail.com

desenvolver projetos de inserção dessa população nas escolas e na sociedade, conforme um dos fundadores, Reimei Yoshioka.

Tem o objetivo de atuar junto às crianças em situação de risco ou em condições adversas, filhos de brasileiros residentes no Japão, facilitando acesso à educação aos jovens e crianças que estão fora dos muros escolares. Alguns pais foram negligentes em relação à educação de seus filhos, supondo um dia retornar ao Brasil; assim, não se interessaram em colocá-los em escolas japonesas ou brasileiras, nem lhes deram uma ocupação. Pressupõe-se que esses jovens terão dificuldade em obter um emprego ou colocação, pois não sabem se expressar em japonês, e sentirão dificuldades de adaptação às escolas e à sociedade brasileira (KATSUDA, 2004:114-115). Se ao menos houvesse um acompanhamento contínuo dos pais em alguma atividade para o desenvolvimento de alguma habilidade ou potencialidade dos filhos, ou mesmo de inserção no mercado de trabalho, ser-lhes-iam propiciadas outras perspectivas de vida.

Dessa forma, é notório o registro do aumento do índice de criminalidade entre brasileiros na faixa etária dos 14 aos 18 anos, portanto, jovens¹³⁰. Em 2003, foram presos 322 brasileiros. Os delitos mais cometidos foram furtos e roubos, ficando o Brasil na 4ª posição entre os estrangeiros detidos no Japão, com 5,7%, atrás dos chineses, com 39,8%, coreanos, com 15,3% e filipinos, com 6,4%.

Conforme Mizukami, (1998: 29), foi observada a “*existência de jovens em ócio total` pois terminaram o ginásio*”, o correspondente ao ensino fundamental de 8 séries, nas áreas com “*população nipo-brasileira numerosa*”, e ficam “*numa espécie de limbo`, sem nada para fazer*”. Isso coincide com aumento do índice de criminalidade nessas áreas de “*estrangeiros de origem nipônica*”, como em Nagoya, Hamamatsu, Ota e Oizumi.

¹³⁰ Cf. “Crimes de dekassegus trazem japoneses a SP”. In: *O Estado de S.Paulo*, 10/01/2004. P.C3.

São, em geral, jovens fora da escola japonesa ou brasileira, com tempo ocioso, portanto, em situações de risco, que se aproximam pela identidade de suas situações para praticar delitos. São os que não se adaptaram ao ensino público japonês, e cujos pais também não têm condições de arcar com o ensino de escolas brasileiras no Japão, autorizadas a funcionar pelo Ministério de Educação e Cultura (MEC) do Brasil, no Japão.

Como uma solução paliativa, o MEC alterou até a data de aplicação de exames supletivos para 'feriados mais longos', em lugar de realizá-los em fins de semana comuns¹³¹. Já existem também 87 escolas reconhecidas pelo MEC do Brasil, dentre as quais, 19 de ensino médio¹³², pelo *Diário Oficial* do Japão, como equivalentes ao ensino médio, ministrado pelas escolas estrangeiras, o que permite a continuidade de estudos em nível universitário.

Assim, a entidade estuda maneiras diferenciadas para tentar atender esse grupo de jovens e crianças. Outra iniciativa da entidade foi a criação e publicação de um guia sobre o sistema escolar japonês, seus trâmites e documentações necessárias para a matrícula, transferência, frequência e acompanhamento da aprendizagem pelos pais.

A entidade também intermediou uma parcela de livros do PNLD – Programa Nacional de Livros Didáticos do MEC para crianças brasileiras no Japão, a fim de dotar as escolas brasileiras com o acervo de livros didáticos e paradidáticos. O grupo está elaborando cartilha adaptada à alfabetização de crianças residentes no Japão, sem contato com a língua, vocabulário e cultura brasileira, além de organizar encontros

¹³¹ Cf. "Brasileiros participam de simpósio sobre dekassegus no Japão". *São Paulo Shimbun*, 10/03/2004.P.05.

¹³² Cf. "Japão reconhece ensino de escolas brasileiras". *São Paulo Shimbun*. 24/01/2004. P.6. e "Educação de nikkeis é discutida no Japão". *São Paulo Shimbun*. 08/04/2006. P.05

e seminários para discutir problemas pertinentes aos migrantes brasileiros e sua educação.

Portanto, essas entidades estão tentando solucionar problemas de brasileiros migrantes dentro do foco que se incumbiram de tratar e cuidar, com preocupações voltadas para as responsabilidades sociais, em vista do contexto sócio-econômico e de trabalho não muito favorável perante os outros países, o que leva ao aparecimento e desenvolvimento de diversas organizações de culturas solidárias. Trata-se de uma iniciativa de grande valia, não só pelas experiências, mas pela real intenção e vontade política em ações concretas e em busca de uma sociedade que propicie melhor acesso e oportunidades a todos os migrantes retornados à sociedade brasileira, assim como para aos que partem para o Japão.

Os imigrantes japoneses no Brasil criaram suas associações para conhecer problemas e tentar soluções ou mesmo iniciativas de melhorias, para seu bem-estar entre membros do grupo com situação semelhante, não esquecendo o lado lúdico e o lazer. Estes serviram para amenizar, suavizar e dar alegria, promovendo aproximação pela identidade dos aspectos culturais na integração do grupo.

Da mesma forma que os imigrantes japoneses no Brasil encontraram soluções paliativas, constituindo, vertical e horizontalmente, sua rede organizada de associações, os brasileiros no Japão também estão tentando dar seus primeiros passos. Já existem várias cidades japonesas com aglomerações brasileiras¹³³, organizando eventos como festas juninas e carnaval e algumas atividades sociais pontuadas em vários locais, como exemplificado na seqüência.

Na cidade de Hamamatsu (Shizuoka) estão sendo ministrados cursos e desenvolvidas atividades de lazer nos edifícios públicos, para criar centros de

¹³³ *Guia Japão, International Press Japan Co. 2003.*

intercâmbio comunitário (Inoue, 1992: 75). Também nessa cidade formou-se o Grupo HOLS - *Hamamatsu Overseas Laborers Solidarity* (Grupo de Convivência com Trabalhadores Estrangeiros de Hamamatsu), composto de voluntários “*adeptos da religião cristã, membros do Sindicato de Trabalhadores da Japan Railway, advogados, professores, donas de casa etc.*”, iniciado com cerca de 60 membros, em maio de 1991 para atendimento de serviço social voltado para pessoas de 12 países, tendo cadastrado cerca de 500 casos de nikkeis num ano, incluindo consulta via telefone. Os casos são diversificados, contemplando desde direitos humanos, falta de pagamento de salários, vistos de permanência no país, internação e tratamento de doentes nos hospitais, hospedagens, empregos até mortes, divórcio, casamentos etc. (Ogawa, 1992:103-114).

Um outro exemplo é o do Centro Nipo-Brasileiro, que realiza o curso de português para aqueles que começam a esquecer a língua, e ministra aulas de pintura e violão na cidade de Oizumi, em Gunma-ken, conforme Fukasawa (2002: 133). Também foi observado por Yanaze (2002: 137) que há grupos ‘*não oficiais*’ como “*associações que congregam trabalhadores de determinada empresa, grupo de karaokê, associações de pais em escolas primárias voltadas aos ‘dekasseguis’*”, de esportes, de interessados em viagens, festas, bailes etc., que se juntam informalmente.

São características típicas de japoneses, semelhantes às que os imigrantes japoneses introduziram no Brasil para constituir suas inúmeras associações, denotando formação inicial de associações muito semelhantes às encontradas no Brasil, mas de iniciativas da comunidade japonesa principalmente, e de que os brasileiros passaram a participar.

Há que se considerar também o trabalho dos brasileiros no exterior¹³⁴, pois cerca de “2,5 milhões de brasileiros que moram no exterior transferiram US\$ 5,824 bilhões de dólares para o país, em 2004”. É uma soma “superior à exportação brasileira de soja em grão no mesmo ano, de US\$ 5,4 bilhões de dólares”. Um contingente de brasileiros que trabalham como mão-de-obra barata nos países alóctone, mandam grandes somas de sua poupança¹³⁵ para o seu país. Todos os anos chegam ao Brasil cerca de US\$ 2,2 bilhões de dólares (aproximadamente 5 bilhões de reais), vindos do Japão, e 2,6 bilhões de dólares (cerca de 5,9 bilhões de reais), remetidos dos Estados Unidos.

No entanto, embora os lucros financeiros desse montante possam ser considerados fabulosos, não há nenhum mecanismo de retorno por parte do governo brasileiro em relação à área social, e, no Japão, as iniciativas locais são ainda tímidas em relação aos benefícios para esses trabalhadores. Os lucros bancários dos depósitos em poupança, da mesma forma, não beneficiam a área social dos correntistas brasileiros que trabalham no Japão. A rigor, falta legislação pertinente que atenda a interesses e necessidades de trabalhadores brasileiros no exterior.

¹³⁴ Cf. Mello e Chade. “Emigração rende US\$ 5,8 bilhões ao País”. *O Estado de S.Paulo*, Economia, 13/03/2005. P.B6.

¹³⁵ Cf. Sebrae/SP de 13/06/2006.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo exposto, verificaram-se, no presente estudo, evidências que sustentam a validade das hipóteses enunciadas na introdução do trabalho, utilizando-se do diálogo étnico-cultural entre brasileiros no Japão e imigrantes japoneses no Brasil, apontando os traços culturais característicos transmitidos e processados no meio social pela educação informal, que marcam sua presença nos espaços brasileiros e japoneses em momentos de tempo livre e de lazer ou de tempo liberado.

Dessa forma, o universo de lazer na vida de brasileiros no Japão é uma realidade, sustentando a validade da primeira hipótese, com os benefícios das funções do lazer apontados pela amostra, colaborando e contribuindo para facilitar o desenvolvimento das relações sociais, amizade e formação do capital social. Além de relaxar, dar equilíbrio e bem-estar, divertir, desenvolver potencialidades e aperfeiçoar a personalidade, elevando a auto-estima e a felicidade, o lazer pode também trabalhar em conjunto com a educação não formal com o objetivo de ampliar o desenvolvimento das habilidades ocultas e melhorar a utilização do tempo liberado do desemprego, abrindo novas perspectivas e horizontes em ocupações remuneradas ou não.

O lazer serviu para amenizar, suavizar e dar alegria aos imigrantes japoneses no Brasil, promovendo sua aproximação do grupo dos iguais e também dos demais grupos étnicos. Já os brasileiros, no Japão, aproveitaram sua estada, principalmente para conhecer o país, valorizando, porém o desenvolvimento das atividades sociais, do encontro com outros brasileiros na mesma situação, das relações sociais de amizade, e da formação do capital social. Intensificaram a aproximação com os japoneses, principalmente quando decidiram permanecer no país, interessando-se pela participação conjunta de atividades diversas, nos momentos de lazer.

Os brasileiros no Japão, assim como os japoneses no Brasil, passaram a fazer parte da sociedade de destino, ocasionando, não só mudanças positivas, com o enriquecimento e contribuições culturais, mas também, impactos negativos, decorrentes do contato intercultural, em razão das diferenças entre a cultura hegemônica do país e a cultura subalterna dos migrantes. São fluxos e refluxos dos contingentes populacionais, que tentam dialogar e negociar a diversidade multicultural no limite sustentável, dando origem a sociedades híbridas. Por esse motivo, torna-se importante o conhecimento desses traços étnico-culturais em sua ação dinâmica, para formatar e reformatar novas paisagens e cenários.

Esses valores permanecerão para sempre como legado, na dinâmica da formação do povo, estampados na miscigenação e registrados nos diferenciais dos traços culturais dos lugares por onde eles passam e passaram, validando a segunda hipótese levantada no trabalho. Assim, as paisagens japonesas estão mudando com as contribuições brasileiras, no país, antes homogêneo culturalmente, da mesma forma que ocorreu no Brasil, com a chegada dos imigrantes japoneses, tudo isso resultado da educação informal, que diferencia um grupo étnico de outro.

Portanto, essas contribuições desenvolvem, não só as habilidades ocultas e potencialidades individuais por meio de atividades em tempo de lazer, como também dos traços étnico-culturais característicos de cada comunidade, nos países de destino. Dessa forma, ratifica-se a importância da educação informal como de responsabilidade social de todos, não só de familiares, constituindo conjuntos culturais e criações inteligentes para contornar dificuldades e problemas, a fim de encontrar soluções.

Assim como houve mudanças e adoções dos costumes em geral, crenças, religiosidade, lazer, ampliação do vocabulário etc., no contato entre os

imigrantes japoneses e os brasileiros no Brasil, também no Japão os brasileiros e japoneses elaboram diálogo e negociações culturais, ratificando a validade da hipótese citada, por meio das contribuições dadas pelos brasileiros em solo japonês. Essas circunstâncias mostram a importância do conhecimento do outro, do diferencial cultural existente, para a melhor compreensão, respeito sustentável e limites aceitáveis entre ambas as populações. Verificou-se, também, que as necessidades básicas dos seres humanos são idênticas, independentemente do fator tempo.

Mas esses contatos nem sempre acontecem de maneira pacífica, ocasionando sérios problemas de conflitos étnico-raciais e religiosos. Tanto no Brasil como no Japão, não se detectaram conflitos de grande monta, como os observados em Nova Iorque, Londres e Madri, no entanto preconceitos étnico-raciais em relação às pessoas de outras origens foram observados no Japão, sinalizando necessidade de cuidados para que não se agravem essas feridas.

Nos estudos do mestrado verificou-se que algumas associações nipo-brasileiras, à medida que foram transpondo problemas, evoluíram em espaços de lazer, ao longo de sua trajetória histórica, cada qual elaborando ajustes de acordo com as necessidades e interesses de seu grupo social, fato este, ratificado no presente tema.

Os imigrantes japoneses e seus descendentes desenvolveram o sentido da cultura solidária nos quase 100 anos de imigração no Brasil, em inúmeras redes sociais de suas associações, estruturadas horizontal e verticalmente. Não se pode exigir de brasileiros, a mesma atuação de estrutura organizacional associativa, pois eles passaram a migrar para o Japão principalmente a partir de 1980, portanto, decorrido menos de um terço do tempo da imigração japonesa no Brasil. Mas a sociedade nipo-brasileira se mobiliza, constituindo suas associações, exemplificadas no presente

trabalho como o CIATE, Grupo Nikkei de Promoção Humana e Instituto de Solidariedade Educacional e Cultural, com finalidades solidárias.

Nota-se, porém, que há muito a fazer e concretizar para transpor dificuldades de brasileiros no Japão, que têm recebido apoios pontuados e localizados, nas cidades de maior aglomeração de brasileiros, evidenciando a importância e tendência de aperfeiçoamento dessas associações, o que confirma a validade da terceira hipótese, pois a rede de relações sociais, de amizade ou do capital social foi evidenciada em vários aspectos de vivências brasileiras no Japão e no retorno ao Brasil.

Os brasileiros de todas as etnias estão moldando traços e feições culturais próprias, enriquecidas pelo lúdico, o que leva a recomendar a criação e multiplicação de espaços de lazer, no Japão, para que os brasileiros se sintam à vontade entre os iguais, e promovam atividades e eventos em conjunto com os japoneses, da mesma forma que ocorreu com os japoneses e seus descendentes no Brasil, permitindo a integração em benefício de ambas as populações, nos tempos liberados e livres de lazer. Do mesmo modo, recomenda-se aos jovens e adolescentes brasileiros à margem da educação formal no Japão, privados de outras alternativas, a oferta de espaços diferenciais de atividades nas áreas de esportes, artes, música e demais opções culturais. Tal iniciativa permitiria dar subsídios para a formação desses adolescentes em situação de risco, de modo que pudessem se descobrir ou ser descobertos, com conseqüente elevação da auto-estima.

Portanto, o tema procede, pois o lazer, a educação informal e traços culturais se acham imbricados na formação do perfil dos sujeitos da amostra, brasileiros que permaneceram temporariamente no Japão. Situação semelhante também foi observada entre os imigrantes japoneses no Brasil, evidenciando a validade da última hipótese citada na Introdução. São traços culturais que foram adaptados, assimilados e

adotados, não por imposição, mas por meio do diálogo cultural entre as pessoas, de maneira natural e informal, processados nas sociedades endógenas e exógenas. Tais características também se observam em diversas comunidades étnicas e bairros típicos de grandes centros urbanos internacionais e são resultado das contribuições dos migrantes, que chegam e vão construindo e reproduzindo informalmente a cultura que conhecem, valorizam e com que se identificam.

Essas semelhanças levam a refletir sobre as necessidades dos seres humanos, que se aproximam e se identificam, em tempo e espaço diversos, que têm como denominador comum costumes e valores, que englobam alimentação, vestuário, lazer, linguagem, crenças, relações sociais de amizade, com a finalidade de encontrar no outro, ideais e parceria no compartilhamento solidário.

Ficaram, pois patentes, as vivências positivas do conhecimento, da experiência, da amizade, da aceitação do outro, dos diferenciais, além do valor material, no contato intercultural. Embora ainda haja um longo caminho a percorrer em aprendizagem, entendimento, compreensão e cooperação de ambas as partes, permanece um saldo benéfico de desafio como superação das vicissitudes da vida.

Não se exclui, afinal, que o conjunto de ações e projetos favoreça, complemente e enriqueça a educação como um todo, colaborando para a formação integral, principalmente do jovem brasileiro, de modo que ele possa estar preparado para viver, eventualmente, em qualquer outro país.

Dessa forma, espera-se que o estudo leve a outras elucubrações, acrescentando, cruzando e enriquecendo as informações já existentes, para o melhor entendimento da dinâmica social dos migrantes e suas interferências nas sociedades alóctones e autóctones, que traga como consequência o desenvolvimento de ações e

projetos para o bem-estar das pessoas envolvidas nos movimentos migratórios entre Brasil e Japão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANAIS do Seminário de capacitação humana para decasségui*. São Paulo: CIATE; Topan-Press, 2004. 179p.
- ANAIS do simpósio 15 anos do movimento Dekassegui: Desafios e perspectivas*. São Paulo: Paulo's Comunicação e Artes Gráficas, 2001. 150p.
- ANAIS do simpósio internacional do 10º Aniversário do CIATE*. São Paulo: Topan-Press, 2003. 137p.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, *NBR 14724*; informação e documentação – trabalhos acadêmicos – apresentação. Rio de Janeiro, 2002.
- “AVENTURA de ser pai”. *Veja São Paulo*, Ano 39, n.31. 09/08/2006.
- BARROS, Benedicto Ferri de. A saga nipo-brasileira. In: COMISSÃO de elaboração da história dos 80 anos da imigração japonesa no Brasil. *Uma epopéia moderna, 80 anos da imigração japonesa no Brasil*. São Paulo: Hucitec/Sociedade de Cultura Japonesa, 1992. p.11-14.
- “BONS amigos ajudam a viver mais”. *O Estado de S.Paulo*. 17/06/2005. p.A27.
- BOURDIEU, Pierre “*Le capital social*”. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*. n. 31, 1980. p. 2-3.
- “BRASILEIROS participam de simpósio sobre *dekassegui* no Japão”. *São Paulo Shimbun*, 10/03/2004. p.5
- BRITO, Agnaldo. “Desemprego vira drama para jovens até 24 anos”. *O Estado de S.Paulo*. 10/07/2006. B5.
- CAMPOS, Maria Christina Siqueira de Souza. *Educação: agentes formais e informais*. São Paulo: EPU. 1985. 109p.(Temas básicos da educação e ensino).
- CANÇADO, Patrícia. “Filho dos Schurmanns cria negócio alternativo”. *O Estado de S.Paulo*. 6/11/2006, B11.
- CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP. 1998. 385p.
- CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do rio Bonito*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34. 2001. 372p. “As formas de solidariedade” (p.209-217) e “O caipira e sua cultura” (p.219-227).
- CARDOSO, Adalberto Moreira; COMIN, Álvaro & GUIMARÃES, Nadya Araújo “Os deserdados da indústria: reestruturação produtiva e trajetórias intersetoriais de trabalhadores demitidos da indústria brasileira”. *Revista Latinoamericana de Estudios Del Trabajo*, Buenos Aires, ALAST, ano 7, n.13, 2001. p.17-51.
- CARDOSO, Ruth Correa Leite. *Estrutura familiar e mobilidade social. Estudo dos japoneses no Estado de São Paulo*. São Paulo: Primus Comunicação. 1995. 196p.
- _____. “O papel das associações juvenis na aculturação dos japoneses”. In: SAITO, Hiroshi; MAEYAMA, Takashi. *Assimilação e integração dos japoneses no Brasil*. São Paulo: Vozes, 1973. p. 317-345.

- CASCUDO, Luis da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. São Paulo: Global, 2002. P.408-409.
- CASTRO, Mary et alii. *Cultivando vida, desarmando violências: experiências em educação, cultura, lazer e esporte e cidadania com jovens em situações de pobreza*. Brasília: UNESCO, Brasil Telecom, Fundação Kellog, Banco Interamericano de Desenvolvimento, 2001. p.386-398.
- COLL, Augustí Nicolau. *Propostas para uma diversidade cultural intercultural na era da globalização*. São Paulo, Instituto Pólis, 2002. 124 p. (Cadernos de Proposições para o século XXI).
- COLLET, Heloísa Gouvêa. *Educação Permanente: uma abordagem metodológica*. Rio de Janeiro:SESC, 1976. 111p.
- COSTA, Antonio Carlos Gomes da. *Casos e Contos: Viagem por um Brasil solidário*. São Paulo: Faça Parte-Instituto Brasil Voluntário, 2004. 61p.
- COSTA, Sérgio Francisco. “Receita para pesquisa: será que isso existe?”. In: *Revista Brasileira de Ciência & Movimento*. São Caetano do Sul, SP, 1993, v.07, n.01, 03, 04. p.57-70.
- CRAEMER, Ute. *Crianças entre luz e sombras*. São Paulo: Associação Comunitária Monte Azul, (s/d). 127p.
- “CRIMES de dekasseguis trazem japoneses a São Paulo”. *O Estado de S.Paulo*. 20/01/2004. p.C3.
- DEMAZIÈRE, Didier. “Sortir du chômage”, in: *La sociologie du chômage*, Paris, *La Découverte*, cap.III, 1995. p.46-64.
- _____. “Sortir du chômage”, in: *La sociologie du chômage*, Paris, *La Découverte*, cap. IV, 1995. p.90-115.
- DENCKER, Ada de Freitas Maneti. *Métodos e técnicas de pesquisa em turismo*. 5ª edição. São Paulo: Futura. 2001. 286 p.
- “DEKASSEGUIS querem se tornar japoneses”. *São Paulo Shimbun*. 06/03/2004. p.5
- “DESEMPREGO”. *São Paulo-Shimbun*. 28/06/2003. p.5.
- DEZEM, Rogério. *Matizes do ‘amarelo’: A gênese dos discursos sobre os imigrantes japoneses no Brasil (1878-1908)*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2003. 241p. (Dissertação de mestrado).
- DOW JONES Newswires e Reuters. “Desemprego nos EUA é o maior em 9 anos”. *O Estado de São Paulo*. 04/07/2003. p.B16.
- DUMAZEDIER, Joffre. “Trabalho e lazer”. In: FRIEDMANN, George e NAVILLE, Pierre. *Tratado de sociologia do trabalho*. São Paulo: Cultrix, 1973. p.397-427.
- _____. *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectiva, 1976. 333p.
- _____. *Sociologia empírica do lazer*. São Paulo: Perspectiva: SESC, 1999. 244p. (Debates; 164).
- _____. *Vers une civilisation du loisir?* France: *Points Civilisation*, 1972. p. 26-28.
- “EDUCAÇÃO de nikkeis é discutida no Japão”. *São Paulo Shimbun*. 08/04/2006. p.5.

- EMI, Cláudia; FERREIRA, Andréia. “Brasileiros não sofrem no Japão. Tem o que querem”. *Made in Japan*. JBC, n. 09, ano 01. p.34-35.
- “ESCRITORA vê racismo na ‘importação’ de nikkeis”. *Folha de S.Paulo*, 10/08/2003. p.A22.
- FAÇA parte – Instituto Brasil Voluntário. Construindo um projeto de voluntariado (16p.), Voluntariado educativo (27p.), Planejando a participação voluntária (22p.), Jovem voluntário: escola solidária (38p.), Jovens e participação(25p.). (Cadernos)
- FEATHERSTONE, Mike. *O desmanche da cultura: globalização, pós-modernismo e identidade*. São Paulo: Studio Nobel: SESC, 1997. 239p. (Coleção Megalópolis).
- FRANCO, Luiz Antonio de Carvalho. *A escola do trabalho e o trabalho da escola*. São Paulo: Cortez /Autores associados, 1988. 87p.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez, 1984. 96p.
- _____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra. 30ª ed., 1996. 148p.
- _____. *A educação na cidade*. São Paulo: Cortez, 2006. 144p.
- FRENCH, Howard W. “Avós não conseguem entender a língua dos jovens no Japão”. *O Estado de S. Paulo*. 2/11/2002. p.A27.
- FRIEDMANN, George. *7 Estudos sobre o homem e a técnica*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1968. 162p.
- FRIEDMANN, George. *O trabalho em migalhas*. São Paulo: Perspectiva, 1972. 287p.
- FRIEDMANN, George; NAVILLE, Pierre. *Tratado de Sociologia do trabalho*. São Paulo: Cultrix, 1973. v-I, 493 p. e v-II, 494p.
- FUKAZAWA, Masayuki. *Um mundo pararelo*. São Paulo: Topbooks, 2002. 214p.
- FURTER, Pierre. *Educação permanente e desenvolvimento cultural*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1975. 222p.
- GALLIE, Duncan; MARSH, Cathérine; VOGLER, Carolyn. *Social Change and the Experience of Unemployment*. Cap. 1 “The experience of unemployment” e Cap. 3 “Unemployment and work histories”. Avon, Oxford University Press, 1994. p.229-335.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989. 321p.
- GELPI, Ettore. *Lazer e educação permanente: tempos, espaços, políticas e atividades de educação permanente e do lazer*. São Paulo: SESC, 1983. 155p. (Biblioteca Científica, Série Lazer, 5).
- GIANNETTI, Eduardo. *Felicidade: diálogos sobre o bem-estar na civilização*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. 226p.
- GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 1991. 159p.
- GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 1994. 207p.
- GONN, Maria da Glória. *Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor*. São Paulo: Cortez, 1999. 120p.

- “GRANDES empresas entram na onda bilionária do bem-estar”. *O Estado de S.Paulo*. 09/10/2006. p.B10. (Negócios).
- GRANOVETTER, Mark S. “Introduction”. *Getting a Job – a study on contacts and careers*. Cambridge, Havard University Press, 1973. p.3-22
- GUIA da cultura japonesa. São Paulo: JBC. (s/d). 610p.
- GUIA Japão para brasileiros: Sudameris. São Paulo: JBC Editora. (s/d). 104p.
- GUIA Japão. Japan International Press Japan Co., 2003. 197p.
- GUIA para trabalhadores Nikkeis. Tokyo-Japan: Edições Centro de Estabilização do Emprego nas Indústrias, 2001. 206p.
- GUIMARÃES, Nadya Araújo et alii. Cap.4 “Vivendo a recorrência do desemprego: trajetórias e biografias de desempregados na Região Metropolitana de São Paulo”. *Desemprego: Aspectos institucional e biográfico. Uma comparação Brasil, França, Japão*. Relatório Científico – Auxílio Pesquisa 469792/00-0 – Edital CNPq 01/2000. p.71-138.
- GUIMARÃES, Nadya Araújo. Cap. 6 “O destino dos demitidos: a contribuição das análises longitudinais ao estudo das mudanças no trabalho no Brasil”. *Caminhos cruzados: estratégias de empresas e trajetórias de trabalhadores*. Departamento de Sociologia - Universidade de São Paulo, 2002. (tese de livre-docência). p.191-227.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. 102 p.
- HANDA, Tomoo. *O imigrante japonês*. História de sua vida no Brasil. São Paulo: T.A Queiroz, 1987. 828p.
- HASHIZUME, Maurício. “Keidaren quer ‘Ministério dos Estrangeiros’”. *Jornal Nippo-Brasil*. 6 a 12/04/2005. p.3A. (Comunidade).
- HAYAMA. Neide; SOUZA, Livia Ma. “A descoberta do cinema”. *Made in Japan*. JBC, n. 106, ano 9. p.44-45.
- _____. “Pais e filhos juntos na escola”. *Made in Japan*. JBC, n. 111, ano 10. p.74.
- HIATT, Fred. “População do Japão está encolhendo”. *O Estado de S.Paulo*. 26/11/2006. p.A35
- HINATA, Noemia. *Além das palavras: um aspecto do choque cultural entre brasileiros e japoneses*. Japan: Seronjihosha, 1995. 231p.
- HOGGART, Richard. *As utilizações da cultura*. Lisboa: Editorial Presença, 1973. 219p.
- HORIKAWA, Helder. “ONU defende mais estrangeiros para Japão retomar crescimento”. *Jornal Nippo-Brasil*. 27/08/2003. p.5A.
- HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens*. São Paulo: Perspectiva, 2001. 236 p.
- IKARI, Luci Tiho. “Lazer e tempo livre da comunidade nikkei na Região Metropolitana de São Paulo”. ECA/USP, 2002. 171p.(Dissertação de Mestrado).
- _____, et alii. “Stress e desemprego”. Paper/Pós-Graduação. Faculdade de Psicologia da USP. Junho/2004. 37p.

- _____. “Lazer do imigrante japonês”. *Estudos Japoneses*. São Paulo: FFLCH/Centro de Estudos Japoneses da Universidade de São Paulo, 2005. N.25. p.71-80.
- INOUE, Ryuzaburo. “Prestação de serviços aos *dekassegui* pela municipalidade – caso da cidade de *Hamamatsu*”. In: NINOMIYA, Masato (org.). *Dekassegui*. São Paulo: Estação Liberdade: Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, 1992. p. 67-77.
- ISHIGAKI, Yasuji. “Discurso de abertura dos trabalhos do simpósio sobre o fenômeno chamado *dekassegui*”, In: NINOMIYA, Masato (org.). *Dekassegui*. São Paulo: Estação Liberdade: Sociedade Brasileira de Cultura Brasileira. 1992. p.21-30.
- IZUMI, Seiichi. “A estrutura psicológica da colônia japonesa no Brasil”. In: SAITO, Hiroshi; MAEYAMA, Takashi. *Assimilação e integração dos japoneses no Brasil*. São Paulo: Vozes, 1973. p.361-385.
- JAPAN Immigration Association. *Statistics on the Foreigners Registered in Japan*. Heisei 15 (2003).
- “JAPÃO exige mais de *dekassegui*”. *São Paulo Shimbun*. 29/03/2006. p.5
- “JAPÃO planeja certificação oficial de restaurantes japoneses no exterior”. *São Paulo Shimbun*. 08/11/2006. p.6.
- “JAPÃO reconhece ensino de escolas brasileiras”. *São Paulo Shimbun*. 24/01/2004. p.6.
- “JOVEM e desempregado”. *O Estado de S.Paulo*. 24/12/2006. p.A3.
- KATSUDA, Tomoaki. “Sobre o futuro do trabalho dos nikkeis”. In: NINOMIYA, Masato (org.). *Trajetórias do empreendimento de melhoria do ambiente de trabalho para os nikkeis*. São Paulo: Topan Press, 2004. p.110-116.
- KAWAMURA, Lili. “Estratégias de sobrevivência: trabalhadores brasileiros no Japão ou trabalhadores brasileiros no Japão: estratégias de sobrevivência”. (s/d). 211p.
- KENKO, Yoshida. *A arte de transformar tempo fútil em tempo útil*: Coletânea de pensamentos para viver melhor no dia-a-dia. São Paulo: Landy, 2001. 140p.
- KLEIN, Stefan. *A fórmula da felicidade*. Rio de Janeiro: Sextante, 2005. 255p.
- KOJIMA, Eliana. “Mágica no Japão”. *Made in Japan*. JBC, n. 106, ano 9. p.48-49.
- KONO, Akira. “Empréstimos lingüísticos como reflexo do fenômeno ‘*Dekassegui*’”. In: PELLEGRINI FILHO, Américo; YANAZE, Mitsuru Higuchi (Coord.). *Encontros culturais Portugal-Japão-Brasil*. Barueri, SP: Manole, 2002. p.197-207.
- KURZ, Robert. “A ditadura do tempo abstrato”. In: *Lazer numa sociedade globalizada*. São Paulo: SESC/WLRA, 2000. p.39-46.
- LACAN, Jacques. *Os complexos familiares na formação do indivíduo*: ensaio de análise de uma função em psicologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. 92p.
- LAZER numa sociedade globalizada*. São Paulo: SESC/WLRA, 2000. 628p.
- LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional*. São Paulo: UNESP, 2001. 344p.
- LEWIN, Kurt. “Conduta, conhecimento e aceitação de novos valores” In: Paulo de Salles de Oliveira (org.). *O Lúdico na Cultura Solidária*, São Paulo: Hucitec, 2001. p.97-208. (Paidéia; 6)

- LIMA, Lauro de Oliveira. *Mutações em educação segundo McLuhan*. Rio de Janeiro: Vozes, 1971. 63p.
- MAEYAMA, Takashi. “Religião, parentesco e as classes médias dos japoneses no Brasil urbano”. In: SAITO e MAEYAMA. *Assimilação e integração dos japoneses no Brasil*. São Paulo: Vozes, 1973. p.240-272.
- MAFFESOLI, Michel. *A contemplação do mundo*. Porto Alegre RS: Artes e Ofícios, 1995. 168p.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. 2ª ed. São Paulo: HUCITEC/UNESP, 1998. 166p.
- MAISONNAVE, Fabiano. “*dekassegui* vive crise de identidade no Japão”. *Folha de S.Paulo*. 10/08/2003. p.A22.
- MARCUSE, Herbert. “As novas formas de controle”. In: OLIVEIRA, Paulo de Salles. *O lúdico na cultura solidária*. São Paulo: Hucitec, 2001 (Paidéia; 6). p. 139-151.
- MATTOSO, Jorge. *O Brasil desempregado*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999. 47p.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de história oral*. São Paulo: Loyola, 2002. 4ª ed. 246p.
- MELLO, Patrícia Campos: CHADE, Jamil. “Emigração rende US\$ 5,8 bilhões ao País”. *O Estado de S.Paulo*. 13/03/2005. p.B6. (Economia).
- MIZUKAMI, Mário. “*Dekassegui*”: 10 anos de história e suas perspectivas futuras. In: *Simpósio Comemorativo do 5º Aniversário do Centro de Informação e Apoio ao Trabalhador no Exterior*. São Paulo: CIATE, 1998. p.27-31
- MONTAGNER, Paula e BRANDÃO, Sandra Márcia Chagas. “Desemprego e exclusão social”. In: *Mudanças econômicas e desemprego: São Paulo em perspectiva*. São Paulo: Fundação SEADE. Vol. 10, n.1, JAN-MAR, 1996, p.36-45.
- MORI, Koichi. “Transição dos *dekassegui* provenientes do Brasil e considerações sobre alguns dos problemas”. In: NINOMIYA, Masato (org.). *Dekassegui*. São Paulo: Estação Liberdade: Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, 1992. p.135-160.
- NAKAGAWA, Kyoko Yanagida. *Crianças Envolvidas no Movimento Dekassegui*. São Paulo. Pontífica Universidade Católica de São Paulo, 2001. (Dissertação de Mestrado).
- NAKAMAKI, Hirochika. “*The ‘separate’ coexistence of Kami and Hotoke – A look at Yorishiro*” – *Japanese Journal of Religious Studies*. March, 1983. V.10.n.1. 86p.
- _____. “Participação cultural dos imigrantes japoneses no Brasil”. In: PELLEGRINI FILHO, Américo; YANAZE, Mitsuru Higuchi (Coord.). *Encontros culturais Portugal-Japão-Brasil*. Barueri, SP: Manole, 2002. p.45-56.
- NAKASUMI, Tetsuo e YAMASHIRO, José. “O fim da era de imigração e a consolidação da nova colônia nikkei”. In: COMISSÃO de elaboração da história dos 80 anos da imigração japonesa no Brasil. *Uma epopéia moderna, 80 anos da imigração japonesa no Brasil*. São Paulo: Hucitec /Sociedade de Cultura Japonesa, 1992. p.417-458.
- NAKASUMI, Tetsuo e YAMASHIRO, José. “Período do pós-guerra”. In: COMISSÃO de elaboração da história dos 80 anos da imigração japonesa no Brasil. *Uma epopéia*

- moderna, 80 anos da imigração japonesa no Brasil*. São Paulo: Hucitec/Sociedade de Cultura Japonesa, 1992. p.381-416.
- NINOMIYA, Masato (org.). *Dekassegui*. São Paulo: Estação Liberdade: Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, 1992. 247p.
- NINOMIYA, Masato. *Resultado de questionário sobre dekassegus*. São Paulo: CIATE. Dez. 1999. 22p.
- _____. (org.). *Trajetória do empreendimento de melhoria do ambiente de trabalho para os nikkeis*. São Paulo: Topan Press, 2004. 128p.
- NODA, Ryoji (org.). *Dicionário japonês português*. Yuhikaku: Tokio, Japan. Vol.I (1963) e Vol. II (1966).
- NOGUEIRA, Arlinda Rocha. *Imigração Japonesa na História contemporânea no Brasil*. São Paulo: Centro de Estudos Nipo-brasileiros/Massao Ohno, 1984. 190p.
- NUNOMURA, Eduardo. “Churrasco e feijoada viram moda no Japão”. *O Estado de S.Paulo*. 20/06/2002. p.E8.
- OGAWA, Tadao. “Atividades do Grupo HOLS – Voluntários a serviço dos Dekassegui”. In: NINOMIYA, Masato (org.). *Dekassegui*. São Paulo: Estação Liberdade: Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, 1992. p.103-114.
- OGYÚ, Chikasato. *A cultura japonesa não compreendida pelos ocidentais*. São Paulo: Centro de Estudos Japoneses da USP, 1992. v.12, p.5-13.
- OHKUMA, Hirofumi. “Sobre a criminalidade de brasileiros no Japão”. In: *Anais do Seminário de capacitação humana para Decasségus*. São Paulo: Topan-Press, 2004. p.59-82.
- OKAWA, Ryuho. *O ponto de partida da felicidade*. São Paulo: Cultrix, 2006. 119p.
- OKUBARO, Jorge J. *O Súdito*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2006. 542p.
- OLIVEIRA, Paulo de Salles (org.). *O lúdico na cultura solidária*. São Paulo: Hucitec, 2001. 239 p. (Paidéia; 6).
- _____. “Cultura solidária, feições lúdicas”, in Paulo de Salles de Oliveira (org.). *O Lúdico na Cultura Solidária*, São Paulo: Hucitec, 2001. p.15-29. (Paidéia; 6),
- “ONU destaca problema de racismo no Japão”. *São Paulo Shimbun*. 26/07/2005. p.5
- “ONU: Japão precisará de mais imigrantes”. *O Estado de S.Paulo*. 25/07/2003. p.A15.
- ONUKI, Daisuke. “*Mimi o sumashite kiite-goran*” Tokyo, Japan: *Hon-no-ki (sekai o mitsumeru shupan-sha)*, 1991. 256p.
- OZAKI, Masatoshi. “*Sangyo-richi to nikkei burajiru-jin rodôsha no jikyu-kankei ni tsuite – Mie-ken ni daikibo-richi shita Sharp no keiken o fumaete*” (Procura e oferta de trabalho por brasileiros nikkeis em relação à localização da indústria – Experiência baseada na província de Mie em relação à instalação industrial “Sharp” de grande porte). *Tiken Nenpô. Japan: Mie Tanki Daigaku Chiiki Mondai Sôgô Tyosa Kenkyu-shitsu. Nukizuri*, n. 10, março de 2005. 109-124p.
- PADILHA, Valquíria. *Tempo livre e capitalismo: um par imperfeito*. Campinas,SP: Editora Alínea, 2000. 111p.

- PASTORE, José. “O desemprego dos jovens”. *O Estado de São Paulo*. 08/08/2006. p.B2.
- PELLEGRINI FILHO, Américo. “Meiji fotografada”. *Portal*. São Paulo, março/1991. p.12-13.
- PELLEGRINI FILHO, Américo;YANAZE, Mitsuru Higuchi (coord.). *Encontros culturais Portugal-Japão-Brasil*. Barueri, SP: Manole, 2002. 215p.
- PEREIRA, Ronan Alves. “Religião”. In: OI, Célia Abe. *Cultura Japonesa, São Paulo. Rio de Janeiro e Curitiba*. São Paulo: Aliança Cultural Brasil-Japão, (s/d). p.435-440.
- PIAGET, Jean. *A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação*. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos, 1990. 370p.
- POCHMANN, Márcio. *O emprego na globalização*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2001. 139p.
- POCHMANN, Márcio. *O trabalho sob fogo cruzado*. São Paulo: Contexto, 2000. 205p.
- “POPULAÇÃO tem pior crescimento”. *São Paulo Shimbun*. 28/07/2005. p.5.
- REJOWSKI, Mirian. *Turismo e pesquisa científica*. Campinas, SP: Papyrus, 1996. 167p. (Coleção Turismo).
- RIESMAN, David. *A multidão solitária*. São Paulo: Perspectiva, 1995. 390p.
- Rio de Janeiro: Ediouro, 1986. 444p.
- RODRIGUES, Adyr B. *Turismo e Espaço*. São Paulo: Hucitec, 1997. 158p.
- “RUMO ao Japão”. *Made in Japan*. JBC, n. 110, ano10. p.18-24
- RUSSELL, Bertrand. *A conquista da felicidade*. São Paulo: Nacional, 1956. 231p.
- RUSSELL, Bertrand. *O elogio ao ócio*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002. 183p.
- SADER, Emir. “Trabalho, desemprego e tempo livre”. In: *Lazer numa sociedade globalizada*. SESC/WLRA: São Paulo, 2000. p.191-208
- SAITO, Hiroshi (org.). *A presença japonesa no Brasil*. São Paulo. T.A. Queiroz: USP, 1980. 236p.
- SAITO, Hiroshi. *A integração e participação de japoneses e descendentes na sociedade brasileira*. São Paulo: Centro de Estudos Nipo-brasileiros, 1977. Série A n.1, 25p.
- SALIBA, Elias Thomé. “Mérito da narrativa é revelar tudo”. *O Estado de S.Paulo*. 25/11/2006. P.D5.
- SANTOS, Antonio Raimundo dos. *Metodologia Científica: a construção do conhecimento*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.166p.
- SEBRAE. *Dekassegui, empreendedor e cidadão*. Sebrae/ABD de São Paulo, 2005. 73p.
- SEBRAE. “Pesquisa revela o perfil dos dekassegus do país”. 13/06/2006.
- SEN XV, Soshitsu. *Vivência e sabedoria do chá*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1981. 93p.
- SHIGUTI, Aldo. “Pesquisa revela perfil dos dekassegus”. *Jornal do Nikkey*. 9/04/2003. p.2.

- SIMPÓSIO Comemorativo do 5º Aniversário do CIATE. 'Dekassegui': 10 anos de história e suas perspectivas futuras.* São Paulo: CIATE e Centro de Estabilização de Emprego nas Indústrias, 1998. 67p.
- SINGER, Paul. "Desemprego e exclusão social". In: *Mudanças econômicas e desemprego. São Paulo em perspectiva.* São Paulo: Fundação SEADE. V.10, n.1, JAN-MAR, 1996. 3-12p.
- SINGER, Paul. *Globalização e desemprego.* São Paulo: Contexto, 2001. 139p.
- SUGUITA, Kurumi. Cap.8 "Emprego atípico e desemprego na sociedade Japonesa". *Desemprego: Aspectos institucional e biográfico. Uma comparação Brasil, França, Japão.* Relatório Científico – Auxílio Pesquisa 469792/00-0 – Edital CNPq 01/2000. P. 319-364.
- TSÉ. Lao. *Tao te king: o livro do sentido e da vida.* Curitiba, PR: Hemus, 2002. 181p.
- TSUKAMOTO, Tetsundo. "Sociologia do imigrante". In: SAITO, Hiroshi; MAEYAMA, Takashi. *Assimilação e integração dos japoneses no Brasil.* São Paulo: Vozes, 1973. p.13-31.
- VEBLÉN, Thorstein. *A teoria da classe ociosa.* São Paulo: Abril Cultural, 1983. 181p.
- "VEREADORES iniciam movimento de manutenção do visto para nikkei". *São Paulo Shimbun.* 07/11/2006. p.05
- VIEIRA, Francisca Isabel Schurig. *O japonês na frente de expansão paulista.* São Paulo: Pioneira/USP, 1973. 270p.
- VIGOTSKI, Lev Semenovich. *Psicologia Pedagógica.* São Paulo: Martins Fontes, 2001a. 558p.
- VIGOTSKI, Lev Semenovich; LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV, Aléxis N. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.* São Paulo: Ícone, 2001b. 228p.
- WURMAN, Richard Saul. *Ansiedade de informação: como transformar informação em compreensão.* São Paulo: Cultura Editores Associados, 1991. p.110-127.
- YANAZE, Mitsuru Higuchi. "Mercado 'Dekassegui' brasileiro no Japão". In: PELLEGRINI FILHO e YANAZE, Mitsuru Higuchi (org.). *Encontros culturais Portugal-Japão-Brasil.* Barueri, SP: Manole, 2002. p.123-142.
- YAMAGUCHI, Momoo; KOJIMA, Setsuko. *A cultural dictionary of Japan.* Tokyo, Japan: *The Japan Times*, 1990. (bilíngüe english/japanese).
- YOSHINAGA, Gilberto. "No pólo brazuca". *Made in Japan.* JBC, n. 104, ano 9. p.74.
- _____. "Casa própria". *Made in Japan.* JBC, n. 105, ano 9. p.74.
- YOSHIOKA, Reimei. *Por que migramos do e para o Japão.* São Paulo: Massao Ohno, 1995. 180p.
- _____. *Questões relacionadas à educação de filhos de trabalhadores brasileiros no Japão.* Paper, s/d, 10p.
- YUTANG, Lin. *A importância de viver.* São Paulo: Globo. 11ª ed., 1997. 360p.
- ZAOUAL, Hassan. *Globalização e diversidade cultural.* São Paulo: Cortez, 2003. 120p. (Coleção questões da nossa época; v. 106).

APÊNDICES

APÊNDICE A – Questionário

APÊNDICE B – Roteiro da entrevista

APÊNDICE C – Características e dificuldades

**APÊNDICE D – Atividades de lazer do imigrante
japonês no Brasil**

QUESTIONÁRIO

FINALIDADE: Doutorado – ECA/USP Data:___/___/___ Código:_____

LOCALIDADE:_____

1 - SEXO: M() F() Idade:_____

2 .1- Escolaridade:

a - Ensino Fundamental ou 1º Grau (antigo primário e ginásio):

() Completo () Incompleto () Cursando

b - Ensino Médio ou 2º Grau:

() Completo () Incompleto () Cursando

c - Ensino Superior ou 3º Grau

() Completo () Incompleto () Cursando

d - Outros: _____

() Completo () Incompleto () Cursando

2. 2 – Alguém da sua família acompanha e/ou acompanhava seus estudos, lazer, suas amizades, e dá e/ou dava conselhos ao seu comportamento? a () Sim b () Não

2.2.1 Se respondeu **NÃO**, comente como é ou era sua relação com seus familiares:

3 – Você costuma participar em atividades e/ou eventos esportivos, culturais ou sociais?

3.1 () Sim. Então, **PASSE UM TRAÇO** para a atividade ou o evento abaixo.

(ex: judô; **NO MÁXIMO TRÊS**):

- **esportivo:** futebol, ping-pong, skate, natação, judô, ginástica, volei, beisebol, basquete;
- **cultural:** estudo de outra língua, cinema, teatro, música, dança, culinária, visita cultural, artesanato;
- **social:** encontro com amigos, festas, bailes, karaokê, show, passeio, voluntariado;
- **outros:** _____

3.2 () Não. Prefere assistir, ver e/ou torcer.

4 – Marque (X) nos BENEFÍCIOS que as atividades e/ou eventos acima referidos traz a você.
Assinale em **UMA OU ATÉ TRÊS AFIRMAÇÕES** com as quais você concorda.

a () favorecem a amizade,

b () divertem e/ou entretém,

c () melhoram seu relacionamento familiar,

d () relaxam ou descansam das tensões do dia a dia,

e () fazem descobrir habilidades e/ou capacidades que desconhecia em você,

f () fazem você se sentir realizado e feliz,

g () melhoram o seu estado de espírito,

h () permitem sair da rotina e da mesmice,

i () Outros: _____

OBRIGADA PELA COLABORAÇÃO!

Roteiro da entrevista

FINALIDADE: Doutorado – ECA/USP

- 1 – Quanto tempo permaneceu no Japão? Relate uma experiência que foi positiva e/ou negativa no Japão.
- 2 – Em relação aos costumes:
 - 2.1 – Costumava comprar algum produto brasileiro no Japão? Qual? Sentiu saudade de alguma comida brasileira? Chegou a fazer adaptação de alguma receita brasileira? Qual a comida japonesa que você logo aceitou no seu cotidiano?
 - 2.2 – Você é praticante de alguma religião? Se sim, qual?
 - 2.3 – Você carrega amuleto ou santinho de proteção? Qual?
 - 2.4 – Conte uma experiência de mau entendimento por causa da dificuldade da língua e diferença da linguagem no Japão.
 - 2.5 – Você e seus familiares praticam costumes dos imigrantes japoneses como: reconhecer e retribuir favores recebidos dos outros, e/ou a honestidade, e/ou a disciplina oriental, e/ou não faltar ao trabalho ou aos estudos, e/ou desenvolver o espírito de cooperação e o de união, e/ou de dar valor aos estudos? Existe função ou tarefa por ser irmão mais velho ou caçula da família ou por ser filho homem ou mulher?
 - 2.6 – Você observou algum costume brasileiro que foi adotado por algum japonês?
- 3 - Você prefere obter novidades à venda ou conhecer lugares, pessoas e passar momentos inesquecíveis no Japão?
- 4 - Conseguiu fazer amizade com colegas japoneses? Existia alguma atividade de exercícios físicos e/ ou outras atividades culturais ou de lazer, onde você trabalhava?
- 5 - O que fazia no seu tempo livre de lazer? Chegou a praticar “pachinko”? O que você sugere como lazer para melhorar o seu bem estar e/ou integração entre brasileiros e japoneses no Japão?
- 6 - Você encontrou alguma dificuldade de adaptação após o seu retorno ao Brasil?

3.1.2 Características e dificuldades

Neste item serão tratadas as características e dificuldades encontradas pelos primeiros imigrantes.

3.1.2.1 Formação das associações:

Uma das principais características dos imigrantes é a formação das associações. Enquanto no Brasil Colônia os jesuítas portugueses construíam igrejas, os japoneses constituíam primeiro as associações, fundando, logo depois, a escola em torno da qual toda a vida comunitária passava a girar.

Quando chegavam ao Brasil, constituíam núcleos coloniais, chamados de *shokuminchi*, de várias maneiras: através da formação de grupos espontâneos, pela aquisição particular e individual de terras ou de capital privado, ou de capital federal do governo ou, ainda, através de arrendamento (Yamashiro e Kiyotani, 1992: 85-88). De qualquer forma, configurava-se a colônia: “*quando certo número de famílias japonesas*” se concentrava numa área (Yamashiro e Kiyotani, 1992: 91), construindo “*uma estrutura intergrupar étnico-social própria, distinta da estrutura administrativa e política da sociedade global*” (Saito, 1980: 88), reproduzindo a organização de *buraku* ou *mura* (aldeia ou povoado), onde todos, os assuntos de interesse coletivo “*como festas de aniversário, casamentos ou cerimônias fúnebres seguiam o modelo adotado pela mura no Japão*”. E, “*graças a esse relacionamento (...) estabelecia-se uma ordem social entre os colonos*” (Yamashiro e Kiyotani, 1992: 91-92).

Nessas colônias era eleito um líder e eram criados cargos de “*tesoureiro, assuntos educacionais, reparação de estradas, pontes, etc. da colônia*”. Cada uma delas recebia uma denominação, como: Juqueri, Cotia, Vai-Bem, *Asahi* (sol

nascente), *Tôyô* (oriental), *Kibô* (esperança), e outros (Yamashiro e Kiyotani, 1992: 92). Logo surgiram associações chamadas *nihonjin-kai* dentro de cada uma das colônias. As associações foram se multiplicando, dando origem às associações de senhoras, de moços, de moças e assim por diante. Inicialmente, como eles não tinham a intenção de permanecer no país, tinham grande preocupação em dar uma educação a seus filhos. Assim, tão logo fosse possível todo e qualquer núcleo de colonização japonesa tratava de fundar sua escola. Quando não havia uma escola brasileira, a comunidade japonesa a construía e a oferecia ao governo do Estado, para que este mandasse uma professora para escola elementar. O ensino da língua japonesa funcionava junto à escola brasileira (Yamashiro e Kiyotani, 1992: 97).

Essas associações japonesas “*tinham o objetivo de promover a confraternização e cooperação entre os associados e enfrentar problemas comuns pela união de forças*”, porém seu objetivo maior era o ensino da língua e da cultura, para que quando os japoneses regressassem com seus filhos ao Japão, estes não passassem vexame por não saberem falar e nem entender o idioma (Yamashiro e Kiyotani, 1992: 99).

O ensino, portanto, era bilíngüe, e os valores e costumes japoneses também eram transmitidos. Essa idéia de voltar a seu país permaneceu nos imigrantes japoneses até o momento da derrota do Japão na Segunda Guerra Mundial, quando, mudaram de idéia e decidiram permanecer no Brasil. Passaram a aprimorar e fundar suas entidades, procurando os iguais, com as mesmas dificuldades de língua, costumes e de entendimento das diferenças culturais, para facilitar suas vidas. Preocuparam-se em passar seus valores culturais e dar aos filhos uma educação escolar digna, na esperança de um futuro melhor do que aquele que haviam tido. Surgiram, também, “*escolas de corte e costura para jovens do sexo feminino*” que aparecem em quase todas as

colônias, ensinando-se, em algumas delas, inclusive o português e o japonês, além de outras matérias de conhecimento geral, sendo, por isso, conhecidas como “*escolas de noivas*” (Yamashiro e Kiyotani, 1973: 131).

Mas, essas associações dos primeiros imigrantes criaram exclusão de outras etnias devido ao fato de a filiação a associações ser limitada aos japoneses, criando quistos sociais, pelo uso da língua japonesa, dos padrões de comportamento e dos símbolos particulares. Isto os afastava de outras etnias e favorecia a manutenção da exclusividade étnica com normas, valores e um sistema de status específico (Vieira, 1973: 165).

Os imigrantes se destacaram como *maníacos* do associativismo. Em 1932 havia 223 associações e, em 1940, já eram 480. “*Quando existiam muitas associações de japoneses numa zona, nascia naturalmente uma federação*”. Em 1938, surgiu, na cidade de São Paulo, a Associação Central de Japoneses do Brasil, que se dissolveu “*em menos de dois anos de fundação, por falta de apoio justamente da Associação de Japoneses da Cidade de São Paulo*” (Yamashiro et alii, 1992: 205, 209-210).

Em 1939 foi construído o hospital nipo-brasileiro, Sociedade Beneficência Santa Cruz, pelo projeto da associação de 29 sócios mantenedores, chamados *Dojinkai*¹ (Yamashiro et alii, 1992: 215).

Essas centenas de associações japonesas dos núcleos de colonização foram se estruturando em uma rede “*tanto em termos horizontais (no espaço) como em termos verticais (hierarquizados)*”, assegurando “*ao grupo étnico os canais de comunicação acionáveis em casos de necessidade*” (Saito, 1980: 88), além de se

¹ Reconhecido pelo governo brasileiro em 1926, com o subsídio do Ministério do Interior do Japão, para dar assistência médico-sanitária aos imigrantes.

filiarem ao órgão centralizador, sediado em São Paulo, e, também, serem congregadas em federações. Segundo esse autor, “*as funções assumidas por essas formas associativas são mais no sentido de dar cobertura e oferecer pontos de apoio aos japoneses e descendentes em seu processo de adaptação e integração na sociedade adotiva*”.

“*Já em 1934, com o aumento de estudantes filhos de japoneses, incluindo normalistas, secundaristas, contabilistas, etc., é criada a Liga Estudantina Nipo-Brasileira*” (Yamashiro et alii, 1992: 215).

Portanto, a existência dos *seinen-kai* ou agrupamentos de jovens deve-se aos pais, que patrocinavam e, inicialmente, controlavam o desenvolvimento de várias atividades, seja de cunho cultural, esportivo ou artístico (Cardoso, 1973: 329), gerando dois tipos de associação:

- clube recreativo-cultural ou esportivo, com sede central e grande número de sócios, em geral conhecido na colônia, e
- pequenos grêmios, em grande parte suburbanos, que congregavam um grupo de vizinhos, sendo em geral controlados pelos *isseis* ou seja de pais japoneses.

Esses pequenos grêmios representavam “*áreas de população japonesa*”, enquanto clubes maiores, reuniam jovens de toda a cidade de São Paulo e recém-vindos do interior, com um quadro social bastante diversificado e não restrito a uma área geográfica delimitada (Cardoso, 1973: 328).

Com o tempo, o controle dessas entidades foi passando para seus descendentes, que, para enfrentarem a sobrevivência econômica das mesmas, desenvolveram atividades para angariar fundos, como “*bailes, concursos de beleza,*

jogos de futebol ou beisebol". Até hoje, algumas atividades são praticadas com essa finalidade. Mais tarde, alguns *seinen-kai* foram transformados em clubes recreativos (Cardoso, 1973: 329).

Esses clubes agiam "*permitindo e valorizando condutas outrora vedadas ao nissei, como: dançar, participar de festas ocidentais, concursos de beleza, etc*". Ofereciam "*aos nisseis oportunidades para se adaptarem a seus papéis ocidentais*", além de ajudar a formar opiniões e valorizar certos aspectos de conduta ligados ao abasileiramento, tais como o uso da língua portuguesa, namoro e casamento não arranjado, criando condições para que isso se realizasse de uma maneira normal. Essa nova situação permitiria também a introduzir mudanças em certos costumes a fim de facilitar a ascensão social (Cardoso, 1973: 331-334).

"*No centro de todas essas associações está uma entidade que, teoricamente, representaria a coletividade junto à sociedade nacional*", assim como à sociedade japonesa, que é a Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa. Esta, como uma instituição global, teve a capacidade de acionar as outras associações japonesas, após longas e frustradas tentativas de união da coletividade nipônica, finalmente concretizada por ocasião da organização das festividades do IV Centenário da cidade de São Paulo. Com esse evento a comissão organizadora havia criado estrutura suficiente para a fundação da Sociedade Paulista de Cultura Japonesa, que deveria tornar-se a entidade central da colônia japonesa no Brasil, o que aconteceu em 1955 (Handa, 1987: 762).

Assim, quando havia uma ação conjunta que abrangia grande número de entidades da comunidade, a referida Sociedade tomava a iniciativa para solicitar a colaboração das entidades regionais. Algumas das quais tornaram-se filiadas à ela, como sócias (Nakasumi e Yamashiro, 1992: 411).

Tal entidade passou a funcionar como integradora da comunidade nikkei, “*desempenhando efetivamente o papel de um centro cultural*”. Em 1968 teve seu nome alterado para Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, mais onhecida como “*Bunkyô*”, evoluindo como um órgão centralizador e integrador das associações de japoneses, de sociedades culturais e de outras entidades similares existentes em muitas localidades brasileiras (Nakasumi e Yamashiro: 403).

Logo em seguida era fundada a Aliança Cultural Brasil-Japão, destinada a promover o intercâmbio e o desenvolvimento cultural entre o Brasil e o Japão, em 1956 (Nakasumi e Yamashiro, 1992: 403).

Nos anos 1950, organizaram-se sucessivamente associações correspondentes às províncias japonesas, que contavam com imigrantes no Brasil, os *kenjin-kai*. Inicialmente essas associações congregavam imigrantes originários que se reuniam para confraternização, dando acompanhamento também aos imigrantes após a chegada no Brasil. Com a redução dos imigrantes na década de 1970, as funções dessas entidades passaram a ser: enviar bolsistas, filhos de imigrantes, custeados e subsidiados pelas províncias ou *kens*; organizar viagens de co-provincianos ao Japão; acompanhar visitantes governamentais da província, das cidades, vilas e aldeias rurais, receber estudantes estagiários e publicar livros comemorativos e outras funções. Vários desses *kenjin-kai* no Brasil possuem sede própria tendo sido subsidiados pelos governos das respectivas províncias. O quadro social e as atividades desses *kenjin-kai* variam, sendo, na maioria, dirigidos por japoneses natos ou *isseis* (Nakasumi e Yamashiro, 1992: 408-409).

Em 1966 começou a funcionar a Federação das Associações de Províncias, conhecida como *Kenren*², criada para cuidar do direito dos imigrantes japoneses no Brasil, que anteriormente haviam emigrado do Japão para países da Ásia Oriental e repatriados após a guerra. Como repatriados, tinham o direito de receber auxílio do governo japonês. Atualmente a *Kenren* cuida “*por exemplo, da viagem ao Japão dos primeiros imigrantes que chegaram ao Brasil*” e da manutenção do Cenotáfio dos Imigrantes Pioneiros³, em memória dos imigrantes mortos anônimos, sem parentes no Brasil. (Nakasumi e Yamashiro, 1992: 409 - 410).

Dessa maneira havia mais de 500 entidades no Brasil, conforme Nakasumi e Yamashiro (1992: 411) com múltiplas finalidades, desde as associações de senhoras, as *fujin-kai*, até as de sociedade de cultura regionais filiados à *Bunkyo*. Essas sociedades de cultura, embora de diferentes dimensões tinham objetivos mais ou menos padronizados: confraternização entre associados, ajuda mútua, atividades culturais, ensino de idioma japonês, atividades esportivas etc”. Muitas delas conseguiam construir ou comprar sedes próprias “*com condições de promover exposições, conferências, manifestações artísticas, festas de casamento etc*”. Até 1970,

com a gradual diminuição de isseis, sua direção passa aos poucos para as mãos de nisseis. Suas atividades ficam mais centralizadas em assuntos culturais e esportivos, adquirindo características de clube (Nakasumi e Yamashiro, 1992: 411).

Praticavam as atividades coletivas como o *undokai*⁴, *engeikai*⁵, *bon-odori*⁶, introduzidos e desenvolvidos pelos isseis⁷ (Nakasumi e Yamashiro, 1992: 412).

Existe também uma infinidade de entidades beneficentes e assistenciais, que atendem a idosos, crianças excepcionais, pessoas carentes e vítimas do

² Federação das Associações de Províncias Japonesas

³ Comemorado e visitado sempre a 18 de junho como rito oficial da comunidade *nikkei*.

⁴ Gincana poliesportiva muito popular entre os japoneses, que, hoje, conta com a participação de população não *nikkei*.

⁵ Festa litero-musical com apresentação de canto, dança e teatro amador.

⁶ Dança folclórica em homenagem aos mortos.

⁷ Isseis são imigrantes japoneses.

mal de Hansen. São entidades religiosas mantidas por organizações civis ou particulares, criadas para atender aos necessitados, geralmente enfrentando sérios problemas financeiros (Nakasumi e Yamashiro, 1992: 412).

Há, ainda, as associações educacionais e culturais, que englobam a Aliança Cultural Brasil-Japão, a Sociedade Amigos dos Estudantes de São Paulo, que mantém a Casa de Estudantes Harmonia⁸ (São Bernardo do Campo), a Associação de Ex-Estagários no Japão, o Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, a Associação Brasileira de Estudos Técnicos de Agricultura entre outros (Nakasumi e Yamashiro, 1992: 413).

Aparecem também outras entidades de amadores das artes em geral, artes cênicas, diversões e de *hobbies*, que constituem a Federação Nipo-Brasileira de Belas Artes, a Sociedade de Artistas e Artes Aplicadas, a Sociedade Brasileira de Música, a Sociedade Brasileira de Orquídeas, a Sociedade de Haijin do Brasil, o Clube de Fotografia da Liberdade, etc, além de outros grupos artísticos compostos com a participação de brasileiros não nikkei (Nakasumi e Yamashiro, 1992: 414). Surgem, também as Federações de *Kendô*, *Judô*, Beisebol, *Sumô*, Tênis de Campo, Tênis de mesa, *Karatê*, etc. Além de clubes como Anhanguera Nikkei Club, Nippon Country clube, Associação Cultural e Esportiva Piratininga entre outros (Nakasumi e Yamashiro, 1992: 414-415).

Inúmeras são as atividades de aprendizagem, aprimoramento e de entretenimento promovidos por tais entidades como culinária oriental, *go*, *shogi*, teatro, canções populares, declamação de poesia, danças, música, cerimonial do chá, *ikebana*, *haiku* ou *haikai*, e atividades esportivas.

Outras entidades como Associação de Imigrantes Jovens da Cotia, reúnem jovens imigrantes trazidos pela Cooperativa Agrícola de Cotia no pós-guerra;

⁸ Alojamento de estudantes colegiais e universitários.

Associação de imigrantes Industriais do Brasil, Associação Juvenil de Desenvolvimento Industrial, etc. *“Há ainda grupos que reúnem elementos vindos ao Brasil no mesmo navio; idem de naturais de mesma aldeia; dos que freqüentaram a mesma escola (colégio e universidade) e outros”* (Nakasumi/Yamashiro, 1992: 415). A grande maioria dessas entidades da colônia nikkei atua na própria comunidade nikkei, embora não se saiba como elas evoluirão com a dinamicidade da sociedade nikkei; aquelas que possuem características de fácil adaptação e integração à sociedade brasileira sobreviverão.

Portanto, segundo Saito (1977: 21), *“os japoneses têm como tradição os padrões coletivistas de comportamento”*, possuindo *“a consciência de we-group”* que *“constitui uma base psico-social de coesão em diferentes níveis de unidades sociais”*. Assim, nos primeiros anos de imigração *“era comum a presença de diversas formas associativas, segundo grupos de sexo e idade, que representavam a comunidade étnica em seu contato com a sociedade local”*. A *“associação japonesa representava uma viga-mestra na teia de relações sociais intragrupoais”*, em nível local e global (federada), mas, pela mobilidade espacial dessa população, vai-se tornando difícil a sustentação de algumas associações. Algumas permanecem, hoje transformadas em clubes e grêmios de estilo brasileiro, perdendo suas identificações étnicas e absorvidas pela sociedade local e nacional.

Nota-se, também, que esses clubes ou associações não são mais redutos somente de descendentes de japoneses, pois, a eles foram aderindo, naturalmente, várias etnias. E assim, várias entidades japonesas sobrevivem hoje com a participação cada vez maior da sociedade brasileira como um todo, não especificando ou exigindo mais ascendência de origem japonesa. Além disso, a mistura de vários grupos étnicos existentes no Brasil através de casamentos e outros interesses culturais,

artísticos, esportivos e sociais está aproximando as pessoas, levando-as a participar, integrar-se e fazer parte como associadas. Daqui a alguns anos, algumas entidades serão lembradas, apenas como sendo de origem japonesa.

Portanto, no interior dessas entidades estão sendo praticadas e ofertadas a todos, sem distinção racial, atividades diversas a quem tiver interesse em praticá-las.

3.1.2.2 Costumes e valores

Uma outra característica que chama nossa atenção é a relacionada aos costumes e valores dos imigrantes japoneses. Por estarem “*confinados no âmbito de uma sociedade cultural e economicamente diferente de sua origem, tinham na vida familiar e no lar seu único mundo*”. Esse fato se reflete no “*desejo de manter, sob estrito controle, a família, que é seu mundo único e exclusivo*”. Assim, através do ensino de língua japonesa tentavam passar seus valores e princípios morais (Tsukamoto, 1973: 26-27).

Dentro desses tradicionais valores japoneses, de família e de parentesco existia uma “*determinação do status de classe de cada um dos membros da família*”, indicando quem deveria imigrar do Japão para o Brasil. Este mesmo valor aparecia para selecionar quem deveria trabalhar em casa e quem deveria estudar fora, determinando o status de classe dos membros de uma família (Maeyama, 1973: 258).

Como em qualquer parte do mundo, existia a desvalorização das pessoas que lidavam com trabalho manual e maior prestígio daqueles que trabalhavam “*com a inteligência e conhecimento*”. Em vista disso, o imigrante japonês “*faz um desesperado esforço para enviar alguns de seus filhos para obterem educação escolar superior*”. Como não teria condições suficientes para fazer isso com todos os seus

filhos, pois perderia maior parte da *mão-de-obra*, definia quais poderiam estar seguindo o caminho da educação superior e, às vezes, as filhas se mostravam relativamente livres para isso, sendo encorajadas para estudos universitários a fim de trazer à família “*o prestígio social que faltava*”. Em geral os chefes do *ie* ou de família eram na sua maioria, homens (Maeyama, 1973: 265 - 266).

Havia nos imigrantes uma forte relação hierárquica familiar. Assim, a hierarquia sucedia como uma *cascata*, do pai ao filho mais velho, ao filho menor, passando pelas mulheres e chegando ao mais humilde dos criados, se por acaso eles os tivessem. Eram valores de submissão que sustentavam a posição de cada indivíduo numa família e numa sociedade. A virtude estava em reconhecer e retribuir eternamente o débito para com os superiores (desde o Imperador) até aos pais, patrões e demais benfeitores (Cardoso, 1995: 105).

As pessoas hierarquicamente superiores eram sempre benfeitoras daqueles que estavam abaixo delas, credoras desse dever que se chama *on*, o que as fazia merecedoras de um tratamento especial; além disso, a lealdade devia estar sempre presente, o que implicava em retribuir favores importantes (Cardoso, 1995: 105).

A “*natureza absoluta destes deveres impostos pela posição hierárquica é que fundamenta o respeito filial oriental*”, colocando os pais em uma posição estratégica de autoridade sobre os filhos, expressa em termos de uma dívida em que os filhos são devedores e se esforçam por retribuir eternamente o débito que têm com os superiores (Cardoso, 1995: 105-106). Em seguida, são devedores a seus mestres e aos chefes de trabalho, e assim por diante, se deles receberam favores. Portanto,

os japoneses recebem, desde o nascimento, uma herança de dívidas sociais e crescem sob um código de obrigações que não cessa de aumentar, à medida que eles se desenvolvem pessoal e socialmente (Barros, 1988: 20).

Dentro das famílias japonesas ou entre os imigrantes havia, também, uma hierarquia de funções. Mas, com o tempo ocorreu a perda parcial de funções nos padrões de comportamento antes existentes na relação entre o filho mais velho e o mais novo, entre as pessoas mais velhas e as mais novas, entre o mais antigo e o mais recente, entre patrão e camarada, intrafamiliar entre homem-mulher, padrinho e afilhado, numa tentativa de adaptação a moldes comportamentais da sociedade brasileira. Também, à medida que os descendentes foram encontrando seus espaços na sociedade brasileira, algumas associações perderam a frequência constante dos mesmos, mantendo as aparências do arcabouço das associações e enfraquecendo a coesão outrora existente como força social. E, com a passagem dos empreendimentos familiares às gerações seguintes, com a mudança da divisão de tarefas entre os membros da família e o enfraquecimento do sistema patriarcal, desapareceu, por completo, o funcionamento de *mura* ou sistema de aldeão (Saito, 1973: 210-213).

Todos os membros de uma família japonesa também tinham tarefas domésticas a cumprir. Assim, uma família menor tinha problemas na divisão das tarefas, pois mesmo as crianças e velhos tinham tarefas a cumprir. Essas tarefas eram subdivididas de acordo com as possibilidades e aptidões, seja dentro de casa ou na roça. Por exemplo, “*os velhos que já não podiam enfrentar o trabalho da roça recebiam incumbências menos pesadas que permitiam, entretanto, liberar a dona de casa para o trabalho assalariado*” (Cardoso, 1995: 117).

3.1.2.3 Alimentação

Uma das características que se destacam entre imigrantes japoneses é a sua alimentação. Após a rejeição inicial a vários produtos alimentares, eles os foram aceitando aos poucos, até pela falta de outros, e foram fazendo suas adaptações e

criando outras receitas. Segundo Handa (1987: 541-544), “*o feijão desde os primeiros tempos, foi preparado à moda brasileira*”, mas às vezes cozinhavam com açúcar ou então faziam pasta doce, pois estaria substituindo o feijão *azuki*, enquanto que o “*feijão branco talvez fosse o único*” que continuava a ser feito à japonesa, produzindo-se com ele o doce de *amanattô* e o *kinton*. Com a farinha de mandioca misturada à de trigo ou ao fubá preparavam-se os bolinhos ou *dangos*, que às vezes eram recheados com doce de feijão *azuki* e cozidos a vapor. Da mandioca fazia-se algo semelhante a *mochi* ou depois de cozida, amassada, seca ao sol em finas fatias e frita, fazia-se com ela a bolacha chamada de *okinawa senbei*, servida como lanche para crianças.

Uma grande descoberta dos imigrantes foi usar o fubá como substituto do farelo de arroz, chamado de *nuka missô*, para preparar o *tsukemono* ou pickles japoneses, cuja receita até hoje é adotada, por causa do cheiro desagradável do verdadeiro *nuka missô*. Também aprenderam a usar o espaguete para fazer *udon*, uma vez que o *soba*, macarrão feito de trigo sarraceno que os japoneses apreciavam era ainda desconhecido, na época, pelos brasileiros.

O gergelim, que também era utilizado pelos imigrantes árabes, fazia parte, como ingrediente, de muitos pratos japoneses. Esse produto e a soja são muito utilizados na cozinha brasileira, hoje. Alguns já faziam e apreciavam comer *tofu*, conhecido pelos brasileiros como queijo de soja, mas o *natto*, que também é um preparado à base de soja não tinha a mesma popularidade.

Dentre as hortaliças brasileiras apreciadas estavam a cebolinha e o quiabo, que eram utilizados para dar sabor às sopas de *missô*, chamado de *missôshiru*. O picão e as folhas de batata doce eram utilizados para fazer *ohitachi* (verdura fervida, torcida levemente para tirar a água e degustada com molho de *shoyu*) ou então faziam o

*tempurá*⁹. O caule da aboboreira era cozido e substituía o *fuki*, que é um tipo de verdura. Com o chuchu fazia-se *tsukemono* ou era picado para substituir o *kyûrimomi*¹⁰ ou cortado em pedacinhos colocados em *missôshiru*. O mamão verde também era muito utilizado para fazer *tsukemono*. O broto de samambaia e o broto de bambu também eram utilizados como para ingredientes vários pratos. As bardanas e *yomogi* (artemísia) não eram apreciados pelos brasileiros. O pêssego verde era usado para preparar o *umezuke*, que era outro estilo de pickles ou então faziam *umeshu* (licor). Com o cará ralado faziam *tororo*, misturando-o ao caldo preparado à base de molho de *shoyû*. Na falta de *hôrenso* substituíam-no pelo agrião no *sukiyaki*. Também apreciavam bastante os cogumelos encontrados nas pastagens.

Desta maneira, faziam uma série de substituições e adaptações, mas alguns produtos eram considerados insubstituíveis, como o sabor da enguia (*unagui*) japonesa e do cogumelo *matsutake*. No Brasil existe uma enguia chamada muçum, que não chegou a ser muito apreciada pelos japoneses por causa de seu sabor. O *sashimi*, que hoje é muito apreciado pelos brasileiros, inicialmente assustou-os. O ouriço do mar e a holotúria eram muito procurados pelos japoneses, mas, na época, não eram nem conhecidos no Brasil; hoje, porém, já são até apreciados por alguns brasileiros. Esses são alguns dos produtos e pratos que os imigrantes apreciavam e encontram-se no livro “O imigrante japonês”, de Handa (1987).

Assim, “na primeira fase, a alimentação do imigrante era constituída quase inteiramente de elementos locais”, porém, a partir de 1918, ele consegue fazer alguns pratos japoneses devido à melhoria de suas condições econômicas e também por causa do aparecimento da indústria e do comércio de produtos japoneses. Somente após

⁹ Empanado japonês preparado à base de farinha de trigo, ovo, verduras ou com mistura de pedaços de frango ou carne ou peixe ou camarão.

¹⁰ Preparado de pepino.

1925, na terceira fase, a dieta “*enriquece-se sobremaneira, em razão da dualidade de elementos brasileiros e japoneses nas refeições*” (Nogueira, 1984: 158).

2.1.2.4 Religião e crença

Em relação à religião, as crenças sempre estiveram presentes na vida dos japoneses. Ao estudar e analisar as várias atividades culturais, literárias ou esportivas desenvolvidas por eles verificou-se a existência de forte presença de crenças religiosas, no seu *background*, o que poderá ser observado no próximo sub-capítulo, sobre as atividades praticadas no tempo livre pelos japoneses. Assim, quando eles vieram para Brasil, trouxeram consigo o budismo e o Xintoísmo. Essas crenças com seus ensinamentos de auto-aperfeiçoamento individual através das práticas constantes de exercícios físicos e mentais interferiram profundamente na maneira de ser, agir e na formação do povo japonês, características essas desenvolvidas através dos tempos históricos e trazidas pelos imigrantes ao Brasil.

Hoje, um número considerável de seitas originárias do Xintoísmo e do budismo existentes no Japão tem também representação aqui, concentrando-se, principalmente, nas regiões Sudeste e Sul. E muitos adeptos dessas religiões orientais, que neles buscam o conforto espiritual, não são mais de descendência japonesa.

O Xintoísmo é a única religião nascida no Japão, sem preceitos doutrinários, que se desenvolveu através de ritos cerimoniais, de agradecimento ou afastamento dos males relativos à Natureza, o que podem ser observados nos festivais ou *matsuri*. Já o budismo e outras crenças existentes no país são de origem endógena. Os imigrantes, que receberam os ensinamentos tanto xintoístas quanto budistas desde o nascimento, quando chegam ao Brasil continuam com suas crenças e práticas. Assim,

eram também “virtualmente budistas”, e não deixavam de praticar o culto aos antepassados (Maeyama, 1973: 248).

Segundo Handa (1987: 730), as atividades religiosas dos imigrantes só começam vinte anos após sua chegada ao Brasil, quando o sonho de regressar ao Japão é destruído. Assim, os oratórios que normalmente aparecem nas casas de alguns dos primeiros imigrantes, encomendados aos marceneiros e executados nas horas vagas, apareceriam “*mais de dez anos após terem pisado no Brasil pela primeira vez*”, quando o café já estava começando a vingar. Alguns japoneses costumavam colocar no interior de suas residências, numa convivência simbiótica, símbolos budistas e xintoístas.

Embora eles não freqüentassem templos na época, muitos hábitos e costumes da vida cotidiana eram práticas imbuídas de religiosidade. Assim, viam-se oferendas ou *ossonae* e saquê sagrado ou *omiki* aos deuses nos oratórios, muitas vezes substituídos por pinga. No aniversário de morte de entes queridos preparavam comida especialmente elaborada para a ocasião, chamada de *shôjin-ryôri* e nas cerimônias de colocação da armação da casa – *jôtôshiki* -, colocavam o *mochi* e, antes e depois das refeições, em sinal de agradecimento aos deuses diziam *itadakimassu* (antes de se servir) e *gochissôssama* (após a refeição) (Handa, 1987: 930).

Os pais isseis costumavam dar formação educacional baseados em muitos ensinamentos budistas, como evitar o desperdício e praticar boas ações, sem a consciência de religiosidade em tais atos (Handa, 1987: 730). Os imigrantes tinham, também, “*o costume de preparar um ihai, isto é, um tablete de madeira, sem pintura, diante do qual prestavam suas homenagens aos mortos*”. Era colocado nele “*o nome em ideograma japonês, data da morte e a idade*” (Nogueira, 1984: 162-163).

Uma outra característica dos japoneses é que eles são muito supersticiosos e assim, por onde quer que andem, costumam sempre carregar seus

amuletos de proteção, chamados de *omamori* contra as doenças, desgraças e os maus fluidos. Existe, também, o *ofudá* trazido de determinados templos xintoístas para atendimento de pedidos específicos, que são colocados nos altares familiares ou na porta de entrada das residências. Acreditam, também, que alguns talismãs, chamados de *enguimono* trazem boa sorte aos seus usuários. Um dos mais conhecidos é o *maneki-neko*¹¹. *Darumá* é outro amuleto ou talismã muito utilizado e popular que consiste em um pequeno boneco pintado de vermelho, sem braço e pernas, redondo e com o rosto também redondo, com dois olhos em branco, que deverão ser preenchidos, pintando-se um deles ao fazer um pedido e pintando o outro quando o pedido for concretizado. Em geral esses amuletos são vendidos próximo aos templos xintoístas, no Japão (Oi, s/d: 271). No Brasil esses produtos são vendidos em muitas lojas ou na feira de artesanato, aos domingos, no bairro da Liberdade.

Quanto à conversão dos imigrantes ao catolicismo, iniciou-se em 1919, com o padre alemão Lourenço Fützbauer, de acordo com o padre Shigeo Takeuchi (Igreja São Gonçalo). Em 1921, houve o primeiro batismo de um grupo de japoneses e em 1923, através da intermediação do padre Fützbauer, veio para o Brasil o padre japonês Chohachi Nakamura. Assim, a conversão ao catolicismo teve início, primeiramente “*com a criançada das imediações da rua Conde de Sarzedas, que se reunia em torno do padre Guido Del Toro, da Igreja São Gonçalo*”, no bairro da Liberdade (SP). Mais tarde, os pais se convertiam, impulsionando a propagação do catolicismo (Handa, 1987: 734).

A religião só se tornou mais próspera entre os imigrantes japoneses depois da Segunda Guerra, nos idos de 1950, “*quando os primeiros nisseis já tinham*

¹¹ Gato com a patinha, fazendo sinal convidativo, para chamar pessoas. Colocado à vista dos clientes estrategicamente, para atrair fregueses, é comumente encontrado nos restaurantes.

atingido a idade adulta”. Era também um período que refletia o desenvolvimento econômico, substituindo a veneração ao imperador pela religião. E foi aumentando à medida que os descendentes dos imigrantes foram-se abasileirando, principalmente nos centros urbanos, onde havia um contato maior com a sociedade brasileira (Handa, 1987: 735-736).

Embora muitos descendentes jovens de japoneses estivessem batizados no catolicismo, em seus lares eles continuavam praticando o culto tradicional doméstico, em particular, o culto aos antepassados. Muitos se convertiam ao catolicismo para poder participar da formatura do curso ginásial, hoje intitulado de ensino fundamental. Os pais interpretavam essa conversão como uma questão burocrática e social, enquanto que para os filhos estudantes era um meio para conseguir fazer parte do grupo de iguais, não sendo considerada como rito de passagem. Segundo Maeyama (1973: 251-252), este fenômeno é interpretado como *“acomodação, identificação e estratégia, do que em termos de aculturação e assimilação”*. E para os jovens convertidos, o culto aos antepassados significava um assunto do *ie* ou de família. Enquanto eles permaneciam na casa dos pais eram praticamente obrigados a participar dessas práticas do culto aos antepassados em suas vidas domésticas, mantendo a prática dualista de religião. Mais tarde, quando se tornavam independentes, podiam optar pela continuação dessa prática dualista ou não, a não ser que o jovem fosse o filho sucessor da família ou *ie*, quando então podia até ter uma certa reação contra a conversão ao catolicismo.

Assim, os ritos de passagem como casamento, nascimento, morte e outros como dia dos Finados, Natal e festa budista eram e são realizados até hoje pela igreja católica e templos budistas (Mori, 1992: 598).

3.1.2.5 Língua e linguagem

Em relação à língua, apesar da insistência dos pais na preservação do conhecimento da língua japonesa, seus filhos adotam definitivamente o idioma luso-brasileiro. Com a adoção da língua, gestos e posturas, a fisionomia antes grave e muda de algumas pessoas vai sendo substituída pelas expressões mais abertas e expansivas do brasileiro e até pela maneira brasileira de contar piadas. A integração e assimilação ocorrem, primeiramente, nas áreas metropolitanas de São Paulo, para, em seguida, se concretizarem nas cidades do interior de São Paulo e outros Estados e, posteriormente, nas comunidades rurais (Saito, 1977: 21-23).

A comunicação lingüística era um dos principais problemas da coletividade japonesa. Além de o idioma não ter nenhuma afinidade com a língua falada no Brasil, o japonês não tinha a facilidade e a espontaneidade que outros povos tinham para entrar em contato com os brasileiros. Assim, seu mundo era limitado a seu grupo e isolado em relação ao restante do meio social onde vivia, pois seu trabalho se concentrava nos afazeres agrícolas (Izumi, 1973: 375).

O mal-estar causado por falta de conhecimento maior da língua era grande até a década de 1930, entre os imigrantes, que se queixavam por não conseguirem expor seus pensamentos fluentemente e discutir com os brasileiros (Handa, 1987: 143), além das freqüentes confusões causadas pelo não entendimento correto da língua.

Em alguns casos de necessidade, seus filhos, mais desembaraçados, ou amigos da cidade atuavam como intérpretes. Muitos *isseis* não conseguiam se familiarizar com o uso do português, enquanto que seus filhos falavam o português fora de casa e, voltando para o lar, eram obrigados a falar em língua japonesa, uma língua já

repleta de vocábulos em português, cada vez mais distante da língua de origem (Izumi,1973:375).

Em relação à linguagem, nota-se, no desenvolvimento das atividades artísticas, literárias ou esportivas, uma busca estética na eterna repetição das coisas mundanas, redescobrimdo sempre novas formas de olhar e sentir, quando o japonês se extasia “*com a inconfundível diferença que distingue cada pôr-de-sol e cada uma das flores da cerejeira. Belo é o pequeno, o infinitamente pequeno que o espírito é capaz de descobrir*” (Barros, 1988: 99). Essa característica demonstra a singularidade na maneira de ver, sentir, ser e agir do japonês. Alguns estudiosos tentam explicar essas percepções em função da linguagem japonesa, que desenvolve a lateralização das funções mentais, não se tratando, portanto, de diferenças raciais, mas da diferença provocada pelo exercício de sua linguagem (Barros, 1988: 95-96).

Embora a língua e a linguagem tenham ocasionado algumas dificuldades e algumas vantagens na sua prática, com o passar dos anos vem ocorrendo a natural diminuição de imigrantes *isseis* e a conseqüente substituição de muitas funções, antes exercidas por eles, aumentando o grupo de descendentes que não lêem jornais escritos em língua japonesa. Os jornais da comunidade vêm mantendo páginas em língua portuguesa para atrair leitores de novas gerações. Mas os nisseis (filhos de imigrantes japoneses) e sanseis (filhos de nisseis) dispõem de outros veículos de comunicação brasileiros, além da internet, programações via satélite, não dependendo das páginas em português de jornais da colônia. De acordo com Nakasumi e Yamashiro (1992: 457-458), quando os imigrantes *isseis* desaparecerem ou diminuirão consideravelmente neste país, “*os jornais que normalmente acompanham o destino dos mesmos*” vão perder a base de sustentação, fenômeno ocorrido com os imigrantes japoneses nos Estados Unidos (Havaí e Los Angeles), Peru e Argentina.

3.1.2.6 Dificuldades

Foram inúmeras as dificuldades que os imigrantes tiveram que enfrentar, algumas já mencionadas. Entre as principais causas dos conflitos, atritos e desentendimentos estavam: as más condições de alimentação e de habitação, a barreira da língua no entendimento entre imigrantes e a administração da fazenda (exigência do horário, proibições, limitações e fiscalizações), diferença nos costumes e valores, colheita escassa, em relação ao esperado¹², rebaixamento do complexo de superioridade de imigrantes, que vinham de um país com vitórias contra guerras travadas com a China (1894-95) e Rússia (1904-05), e o descontentamento com a companhia que os trouxera sob falsas promessas de ganhar dinheiro fácil (Yamashiro e Kiyotani, 1992: 70-71).

Esse obstáculo à integração dos imigrantes japoneses ocorria em vista da extrema diferença entre os mesmos e o povo brasileiro, em relação aos valores culturais, língua e maneira de viver. Essas diferenças faziam com que eles se tornassem muito unidos entre si, constituindo grupos sociais de vida comunitária, muitas vezes muito fechados.

Em relação à alimentação, os imigrantes japoneses tiveram, no início, muitos problemas, chegando, mesmo, a contrair moléstias gastro-intestinais e dermatológicas (Nogueira, 1984: 161). Isso se devia à dificuldade de adaptação aos hábitos alimentares brasileiros, à falta de produtos aos quais estavam acostumados e também à precariedade da assistência médica. Com o tempo, foram fazendo adaptações como a substituição do arroz, que era raro e muito caro “*por bolinhos de fubá, farinha de milho, mandioca ou batata-doce*”. Em vista da abundância do café e do açúcar, podiam consumi-los “*sem restrição*” (Nogueira, 1984: 157).

¹² Áreas de cafeicultura envelhecida.

Passados dez anos após a Segunda Guerra Mundial, portanto em 1955, os novos imigrantes que aqui chegaram sentiram uma grande defasagem em todos os sentidos em relação à vida dos antigos imigrantes aqui estabelecidos, intitulando-os de “*Brasil-bôke*”. Afinal, já se haviam passado 47 anos desde 1908, quando os primeiros imigrantes vieram para cá (Handa, 1987: 715).

Os imigrantes de pós-guerra logo que chegaram às regiões afastadas de centros urbanos, sofreram, também, com o *gap* de civilização. Alguns imigrantes sofriam “*ameaças, invasões, roubos*” dos habitantes locais, que os consideravam intrusos. “*Quase sempre o relacionamento entre moradores antigos de uma localidade e novos elementos*” dependia muito da boa vontade, uma boa dose de compreensão e tato de ambas as partes (Nakasumi e Yamashiro, 1992: 453).

Porém, “*ultrapassado o primeiro espanto provocado pela diversidade de costumes, o trato interpessoal entre nipônicos e brasileiros se afinava por uma simpatia recíproca*”. Assim, a aproximação de ambas as partes foi ocasionando “*a fusão étnico-cultural nipo-brasileira*”. O abasileiramento dos japoneses “*não implicou no abandono das tradicionais virtudes nipônicas de apreço pela educação, letras e arte, de senso hierárquico*” e outras qualidades “*que os imigrantes legaram aos seus descendentes*” (Barros, 1992: 13-14).

3.2.2 Atividades de lazer do imigrante japonês no Brasil

O lazer e o tempo livre dos primeiros imigrantes ainda era incipiente, em relação às várias conquistas já efetuadas ao longo da história no Japão. Segundo Handa (1973: 397), os primeiros imigrantes não conseguiam tornar suas vidas mais agradáveis, “*seja dando um toque de alegria na casa, seja usando uma roupa mais fina nos descansos domingueiros, seja ainda tomando refeições em conjunto, apreciando e se deleitando com os pratos*”. O choque cultural era tão grande que “*não havia condições para tal, em face da diversidade radical dos modos de vida*”.

Lendo e analisando os relatos de estudiosos e historiadores, e tentando relembrar alguns depoimentos de pessoas da comunidade nikkei, talvez a palavra adequada para a vida desses primeiros imigrantes seja a de sobrevivência naquele momento. Isto porque, de acordo com a teoria das necessidades de Maslow, já citada, os imigrantes tentavam atender primeiramente às necessidades fisiológicas, pois, num meio totalmente diferente daquele a que estavam acostumados, havia diferenças de clima, língua, alimentação, costumes e valores.

Inicialmente eles procuravam, então, satisfazer suas necessidades básicas, fazendo adaptações e deixando de lado seu senso estético e os padrões até então considerados comuns e normais em suas vidas. Desde a sua chegada, tiveram “*que morar numa casa sem tatami* (estrado de junco com que se forra o chão), *tirar o quimono, jogar fora a tigela e o hashi, beber café ao invés de chá*”. Ainda, foram tachados de povo inassimilável, e obrigados “*a se desfazer de quase tudo do ‘modus vivendi’ japonês*” (Handa, 1973: 400). Assim, os primeiros imigrantes tinham perdido o parâmetro do senso estético para “*embelezarem suas moradias, escolherem vestimentas de bom gosto ou prepararem belas refeições*”. Somente depois de muito tempo após a

chegada ao Brasil é que os imigrantes japoneses começaram a tentar embelezar o interior de suas casas ou a usar roupas que correspondessem ao seu gosto (Handa, 1973: 386-388).

O tempo liberado do trabalho e o tempo livre eram restritos. Para se ter uma idéia, segundo Handa (1987: 86), o sino substituí o relógio. O primeiro sino tocava às quatro horas da madrugada. Era o toque para acordar, embora a hora não fosse “*igual em todas as fazendas, variando cerca de uma hora, do inverno (época da colheita do café) para o verão (época da capinação)*”. A hora da saída era dada pelo sino das seis, quando já estava claro o dia. O almoço frugal, constituído de arroz agulha já frio e bacalhau seco (Handa, 1987: 90), no cafezal, ocorria entre nove e dez horas, conforme a buzina tocada pelo fiscal. Às duas da tarde era o intervalo para o café e o jantar, às cinco ou seis horas da tarde, finalizando com o sinal de encerramento ao pôr-do-sol. As mulheres podiam retornar a seus lares mais cedo para os preparativos do jantar. Alguns tinham intervalo de descanso às 4 horas da tarde, quando se comia algo (Handa, 1987: 91). O que para eles constituía prazer ou permitia a satisfação de suas necessidades?

Um dos grandes prazeres da vida de um ser humano é comer. Para o imigrante, o ato de cozinhar e comer são, de fato, uma arte, com uma estética toda especial para apreciar uma comida. Basta olhar a maneira como é apresentado um *teishoku* (refeição simples ou um mais requintado) em um restaurante japonês. É fácil comprovar que os japoneses *comem com os olhos*. As iguarias, além de serem bem elaboradas e saborosas, devem ser cortadas com estilo, combinando os tipos da comida conforme as estações do ano e decorando-as apropriadamente em recipientes adequados.

Mas esse prazer ficou limitado, pois não havia ingredientes e nem recipientes suficientes para o seu preparo. O tipo do arroz que é o catete não era encontrado, havendo só o tipo agulha. Era considerado um luxo poder comer arroz fofo todos os dias. E uma das grandes alegrias dos primeiros imigrantes era, após um ano de boa colheita, conseguir comprar um pouco de arroz de algum produtor (Handa, 1987: 535-536). Essa base de sua alimentação nem sempre estava ao alcance de todos, cozinhando-se então, “*o meio arroz ou a canjica*”, mas sem óleo e tempero. Às vezes cozinhavam com mandioca, batata picada ou ervilha. E tinham dificuldade de dar gosto à comida à moda brasileira, levando muito tempo para aprender a cozinhar. No entanto, em relação à vestimenta e à moradia, conseguiram acostumar-se logo (Handa, 1987: 108-109).

O arroz à moda japonesa era feito somente com água, pois, desta maneira, podia-se degustar seu verdadeiro sabor e, se consumido juntamente com *tsukemono* ou com peixe, quando possível, o sabor era idêntico ao do arroz do Japão. Como na época não era fácil a aquisição de peixe *in natura*, eles consumiam o chamado bacalhau seco. O arroz catete passou a ser consumido a partir de 1930, com a fixação dos imigrantes na cidade de São Paulo, quando houve o aumento dos assalariados e pequenos varejistas japoneses.

Com o tempo, algumas famílias que já se haviam acostumado à comida, passaram a elaborar “*um padrão alimentar duplo: almoço à brasileira e, dentro do possível, jantar à japonesa*”. Combinavam arroz branco, feijão, bife, salada ou *tsukemono*, e, às vezes, *missôshiru* no jantar. Muitos imigrantes não ficavam sossegados enquanto não degustassem, após a comida ocidental, um pouco de arroz branco, em forma de *ochazuke* ou arroz branco regado com chá verde (Handa, 1987: 538).

Esse prazer da comida japonesa passou a ser possível depois da Primeira Grande Guerra, após o plantio de soja com sementes trazidas do Japão (Handa, 1987: 537), quando, a partir da soja, tornou-se possível a produção de *shoyu*, *tôfu* e *missô*. Ainda, no ano de 1913 ou 1914, Eitaro Kanda, um dos primeiros imigrantes japoneses, começou a produzir *shôyu* em Santos. Assim, nas mercearias da rua Conde de Sarzedas esse produto já era vendido e logo foram aparecendo as casas de *tôfu* e de *udon* (macarrão específico), tornando possível a oferta de refeições japonesas nas pensões (Handa, 1987: 171).

Quando os imigrantes entraram em suas colônias, os brasileiros não tinham o costume de comer saladas, assim eles passaram a plantar verduras entre os cafezais e era comum encontrarem-se mostardeiras plantadas por alguém. Nessas plantações *intercalares* via-se a vagem verde do feijão que servia como ingrediente da sopa. Com a permissão do capataz, podia-se cultivar a roça *independente*, onde se costumava cultivar o nabo. Quando não havia nenhuma verdura, apanhava-se mamão verde para preparar pickles. Apreciavam também caruru e os picões. Consumiam também os *kikurage* (fungos), que cresciam em cortes apodrecidos de árvores derrubadas (Handa, 1987: 110).

Nos cafezais, cresciam bastante os maxixes, parecidos com pepinos, que às vezes tinham o “*tamanho de um ovo de galinha, recobertos de espinhos, e tinham sementes duras*” e que os brasileiros comiam fritos. Para os japoneses, que estavam acostumados a comer verdura crua, era estranho o hábito de comer pepinos fritos (Handa, 1987: 110). Portanto, cuidar das plantas e culturas *independentes*, apreciando o seu crescimento, era como um *hobby* ou um passatempo para eles.

A maior alegria do colono era, então, ver crescer sua própria plantação. Quando chovia, principalmente no verão, podia-se descansar sem aviso,

enquanto não soava “*o corno anunciando o retorno ao trabalho*”. Então, os imigrantes corriam para fiscalizar suas culturas independentes (Handa, 1987: 101-103). Também durante a semana, quando o trabalho do cafezal estava em ordem, podiam, pedindo permissão ao capataz, dedicar-se à plantação independente, além de cuidar das plantações intercalares. Como os japoneses costumavam dedicar-se à cultura independente, trabalhavam também nos domingos e feriados, ocasionando espanto dos brasileiros, que achavam que eles não respeitavam o dia santo (Handa, 1987: 104). Mas, para o imigrante, a prática dessa cultura sem pressão e obrigatoriedade, era feita com prazer, contentamento e alegria.

Nos intervalos das plantações, portanto no tempo liberado do trabalho, alguns aprenderam a consumir fumo de corda ou picado, pois “*os cigarros não estavam ao alcance dos colonos*”. Como a caixa de fósforos custava 100 réis, para economizar usavam-se bingas¹³. Era um tubo pequeno de latão, deixando o chamuscado de algodão na parte superior, onde se encostava a pederneira e “*lançavam-se as fagulhas produzidas com um pedaço de esmeril velho*”. Os camaradas diaristas que trabalhavam em terreiros fumavam, “*sem que os fiscais implicassem com isso*”. Depois de duas ou três baforadas, o fogo se apagava, então deixavam o fumo enrolado sobre a orelha e voltavam ao trabalho. Essa operação levava cerca de 10 a 15 minutos, em pé. Para o imigrante recém-chegado e ainda não acostumado com esta cena, tudo parecia uma caminhada preguiçosa e lenta e ele custava a assimilar esse modo de agir (Handa, 1987: 91-92).

Segundo Handa (1987: 535), o primeiro desejo dos imigrantes era comer arroz e o segundo tomar banho de *furô* ou *ofurô*. Como inicialmente eles não tinham condições de instalar *ofurô*, após o retorno cansativo do trabalho, depois de lavar

¹³ O uso da binga não era exclusivo dos brasileiros, pois também era usada por imigrantes europeus.

o rosto e as mãos, os homens costumavam tomar um gole de alguma coisa. Como a pinga, além de forte, era cara para o imigrante, adicionava-se açúcar, como se fosse quentão, tornando-a suportável. Tomavam-na em “*duas ou três doses, mastigando o pedaço de bacalhau*” que restara da marmita. No jantar tomavam um caldo salgado e quente de melancia verde e então sentiam “*um certo relaxamento*”. Às 9 horas da noite soava o sino anunciando a hora de dormir. Mas não havia livro e à luz da lamparina não se podia ler, então se deitava logo em seguida (Handa, 1987: 92-94). Era essa a rotina do imigrante.

Tão logo eles podiam, adquiriam “*um quinto ou um tambor vazio de pinga*” para banho de *furô*. Assim, podiam tomar banho todos os dias quando a água também era fácil de ser conseguida. Eram instalados ao ar livre e protegidos apenas com simples cercas. Nem todos podiam dispor de *furôs* logo no início da vida de colonização, e por isso, alguns pediam licença para usá-lo emprestado. Esse hábito resultou em um dos grandes prazeres e passatempos da vida monótona dos núcleos. Após o banho, “*fazia-se um convite para um cafezinho, que se estendia em longas conversas sem grandes conseqüências, entremeadas de amendoim e pipoca*”. Essa atividade desenvolvia o relacionamento social com a vizinhança e permitia conhecer melhor outros imigrantes. Gostavam do banho de *furô* porque tirava o cansaço do dia e “*trazia uma sensação gostosa, indescritível*”, que “*dava vontade de cantarolar imersos*” na água quente. “*Acima da higiene, o que se buscava era o prazer*” (Handa, 1987: 539-540).

Mas, por ser o chuveiro mais prático, tal costume foi sendo substituído com o passar dos tempos, principalmente nos centros urbanos, pelas crianças, pois no verão brasileiro a transpiração aumentava. Apesar disso, eles tinham preferência por banho de *furô* de madeira, em estilo japonês, e algumas pessoas mandavam fazê-lo de

madeira, quando podiam, tendo duplicidade no hábito de tomar banho (Handa, 1987: 540). Hoje, essa prática está sendo utilizada em alguns *spas* como terapia de relaxamento.

Quanto ao divertimento das crianças, elas costumavam brincar livremente no mato e pelos campos. Apanhavam frutinhas do mato, e passarinhos com alçapão. Como não tinham elásticos para fazer estilingues, faziam bodoques, como os que os índios utilizavam. Onde não havia pedregulhos, fabricavam as pedrinhas com barro posto a secar ao sol. Pegavam mel de abelhas e procuravam ovos de galinha no mato (Handa, 1987: 113). Essas eram as diversões possíveis e praticadas na época.

Aos sábados trabalhava-se “*normalmente, apenas na parte da manhã, mas alguns imigrantes só podiam descansar após o café das 14 horas*”. A tarde era “*reservada para serviços de limpeza ao redor da casa, rachar lenha, consertar o chiqueiro, matar porco para consumo doméstico, fazer pão, tratar da roça independente*”. Construíam e cuidavam dos chiqueiros de porcos e faziam criação de aves à maneira brasileira, instalando um conjunto de prateleiras largas fixadas à parede da casa (Handa, 1987: 94-95). Nas noites de sábado, os imigrantes veteranos e novatos costumavam se reunir na casa de um deles, no seu tempo livre, para conversar, contar vantagens ou se queixar da vida (Handa, 1987: 97). Eram oferecidos pinga e bacalhau dessalgado na brasa e servia-se também café açucarado e, às vezes, até bolo de fubá e feijão cozido com açúcar (Handa, 1987: 94).

Nas tardes de domingo, as mulheres dos imigrantes costumavam preparar uma iguaria à moda japonesa, cozinhando o feijão com açúcar e bastante água, onde eram colocados bolinhos de farinha de trigo. O gosto do feijão era considerado forte, mas, recozido, melhorava. Nas condições em que eles viviam na fazenda, isso representava “*um fino manjar japonês*” (Handa, 1987: 96). O imigrante também

aproveitava o dia para pescar ou caçar. Ele “*ainda não tinha disposição e espírito capaz de permitir-lhe planejar a melhor maneira de passar um domingo feliz*”, Handa (1987: 100).

Dizia-se que, quando três japoneses se reuniam, fundavam uma associação. Assim, os japoneses construíam uma escola, onde se reuniam também, para tratar dos problemas da comunidade ou para beber e comer. Também criaram as associações de jovens. Estes ajudavam na preparação e limpeza dos *undôkai* ou gincana poliesportiva, comumente praticada entre os japoneses e na organização de encontros para confraternização. Era, também, uma maneira de integrar a chamada *família composta*. Os moços dessas famílias não passavam de irmãos mais novos ou primos de chefes de famílias ou de mulheres que vieram juntos no momento da imigração e estavam subordinados, desta maneira, aos chefes de famílias. Trabalhavam nos domingos e dias santos como camaradas ou arrendavam terras para produzir e ter também dinheiro para as despesas da associação. Surgiram depois as associações de moças e de senhoras (Handa, 1987: 282-284).

Mas, uma vez construída a sede dessas associações, a realidade era que pouca gente se reunia, pois, os jovens muitas vezes não tinham dinheiro para formar um time de beisebol ou para prover o local de reunião de mesas e cadeiras. Além disso, alguns deixavam de comparecer porque os chefes de famílias proibiam a saída dos moços, arranjando desculpas. Assim, “*essas associações de jovens dos primeiros imigrantes, com predominância dos chefes de família, não iam bem*”. Entretanto, quando havia competições de oratória ou de beisebol entre diferentes núcleos de colonizações, como entrava em jogo a fama do núcleo, os jovens se esforçavam para fazer parte (Handa, 1987: 282-284).

Nas associações de jovens, a liderança era invariavelmente assumida pelos imigrantes recém chegados e educados no Japão. Os nisseis não tinham a idéia de como funcionava o aprendizado em grupo nas escolas do Japão e as poucas atividades grupais que conheciam eram realizadas nas associações de jovens e nos jogos de beisebol (Handa, 1987: 521). Alguns nisseis falavam bem o japonês e tinham herdado a consciência de pertencerem à etnia japonesa, inculcada pelos pais e professores.

Com quatorze ou quinze anos os jovens já eram considerados adultos como mão-de-obra. Eram ainda considerados obedientes e trabalhadores, mas viviam isolados de um contexto social mais amplo, pois os únicos brasileiros com quem se relacionavam eram os outros membros da Colônia ou camaradas. Às vezes iam até a cidade para fazer compras ou tomar sorvete, ou mesmo para ir aos cinemas, que eram poucos. “*Embora seu português fosse suficiente para se comunicarem com colonos e camaradas*”, não era tão bom a ponto de levá-los ao mundo da leitura, que possibilitasse o aprimoramento de seu nível cultural. Os pais liam jornais em japonês, publicados em São Paulo, cujas páginas traziam basicamente notícias recentes do Japão. Já os jovens liam revistas infanto-juvenis japonesas, mas dependiam de que os ideogramas mais difíceis fossem acompanhados de caracteres simplificados que facilitassem sua leitura, ou liam histórias em quadrinhos com ilustrações nas revistas populares enviadas do Japão, ansiosamente aguardadas (Handa, 1987: 515-516).

Desse modo, a associação de moços e do esporte tinham papel importante para os jovens, pois, quando concluíam a escola primária, os adolescentes passavam a representar força de trabalho e não podiam ser mantidos além da escola primária. Não podiam se dar *ao luxo* de permanecer estudando para sempre. Assim, os *seinen-kais*, ou associações de jovens, eram os únicos espaços onde os mesmos

poderiam ampliar seus conhecimentos e aprofundar sua cultura e, em geral, os jovens eram separados por sexo (Kiyotani e Yamashiro, 1992:129).

Nessas associações funcionava uma Seção de Cultura, à qual cabia, além de promover os cursos noturnos e dominicais, fazer, com seus próprios recursos, assinaturas de revistas japonesas de diversas categorias, desde as de assuntos de conhecimento geral, comentários, diversões, até as femininas, de moços e moças, de meninos e meninas. As revistas, que eram adquiridas nas livrarias da capital, que as importavam do Japão, ficavam à disposição dos interessados, em sistema de rodízio, para leitura. As tendências ideológicas divulgadas nas matérias publicadas nas revistas influíram poderosamente na formação da mentalidade e dos sentimentos da juventude “nipônica” da época¹⁴. Também interferiam na divulgação e promoção de muitas modalidades esportivas entre os jovens (Kiyotani e Yamashiro, 1992: 130).

Iniciaram-se muitas competições com as colônias vizinhas, incluindo outros estados e às vezes todo o Brasil, o que estimulou as relações entre organizações juvenis (Kiyotani e Yamashiro, 1992: 130-131). Os objetivos das associações juvenis passaram a incluir sessões oratórias, beisebol, atletismo, e outras. (Kiyotani e Wakisaka, 1992: 211). “*O corte-e-costura era uma educação imprescindível às moças do Japão*”, idéia esta que fez surgirem, mais tarde, uma escola de corte-e-costura em cada uma das aglomerações de imigrantes (Handa, 1973: 388), já referido anteriormente.

Mesmo nas áreas urbanas, o lazer era limitado para os imigrantes devido à dificuldade de entendimento da língua, “*o estilo de vida e hobbies alienígenas*”. Eles não sabiam como se divertir num país onde as raízes culturais eram por demais diferentes. Assim, alguns imigrantes que se viam solitários numa cidade

¹⁴ Idéias que chegaram “a influir na crença de invencibilidade do Japão”, interferindo na formação de idéias ultranacionalistas e militaristas dos moços da época (Kiyotani e Yamashiro, 1992: 130).

grande distraíam-se bebendo ou jogando (Handa, 1987: 194). O cinema ainda não era popular e a diversão da população era o teatro de operetas (Handa, 1987: 165).

Em 1916 foi organizado o primeiro clube, Nippon Club (Clube Japonês) na região alta da rua Conde de Sarzedas, constituído de um grupo de pessoas consideradas intelectuais (Handa, 1987: 165-166). Por volta de 1925 o clube já havia criado um campo de tênis no terreno baldio entre as ruas Conde de Sarzedas e dos Estudantes (Handa, 1987: 179).

Nessa época o único evento capaz de reunir imigrantes na cidade de São Paulo era o aniversário do imperador do Japão (*tenchôssetsu*), que passou a ser *patrocinado* pelo Consulado geral do Japão e complementado com doações de japoneses com maior projeção sócio-econômica. Era realizado no Parque Antártica, situado no final da avenida Água Branca, em frente às indústrias Matarazzo (Handa, 1987: 180).

Com o tempo, os japoneses residentes na cidade de São Paulo passaram a festejar esse evento no Parque da Aclimação. Armavam-se barracas e palanques, onde eram proferidos discursos retóricos de pessoas importantes, eram tocados os hinos nacionais do Japão e do Brasil e bradavam-se três *banzais* ou vivas em homenagem ao aniversariante, o Imperador. Depois havia comes e bebes e *undôkai* ou gincana poliesportiva (Handa, 1987: 180-181).

Na época, o bairro da Liberdade era ponto de encontro das pessoas que vinham do interior; assim, havia hospedarias, que serviam também como ponto de apoio aos que estavam à procura de emprego em São Paulo. Para muitos era prazeroso “encontrar outros rostos japoneses, conversar em japonês e comer comida japonesa”. O programa dos rapazes solteiros, que trabalhavam temporariamente, por exemplo, como garçons ou copeiros ou em serviços domésticos gerais, no tempo livre, era dormir

até quanto podiam pela manhã, acordar apostando no *bicho*, comprar bilhetes de loteria, e à noite jogar “frontão” (jogo de pelota), pegar cinema ou perambular pelas ruas das *zonas*. Estes eram os lazeres (Handa, 1987: 171-172).

Quando o dinheiro acabava, saíam para procurar outro bico. “*Para aqueles que, no interior, trabalhavam com suor e lágrimas, este tipo de vida representava uma decadência intolerável*”. Chamavam esses rapazes da cidade de “*vagabundos*” (Handa, 1987: 172).

Havia, também, bilhar, e, a partir de 1916, o beisebol foi ganhando espaço e contribuindo para disciplinar os hábitos sociais dos rapazes. Na parte baixa da ladeira, próximo à Rua Conde de Sarzedas (centro da cidade de São Paulo) havia um terreno baldio, chamado “*Campo da Sudan*”, pertencente à fábrica de cigarros Sudan, vizinho da referida fábrica, que deu início ao beisebol paulista, formando o clube Mikado, constituído de rapazes da Conde (Handa, 1987: 178).

Em 1908, quando os imigrantes japoneses pisaram terras brasileiras, a maioria dos lares brasileiros ainda utilizava o lampião, e o bonde havia começado a funcionar apenas há alguns anos. Por isso, o cinema só passou a ser a principal atividade de lazer da população após a Primeira Guerra Mundial. Os *westerns* norte-americanos tornaram-se populares, e o público deliciava-se, apesar de não conseguir ler os letreiros, pois “*os inconfundíveis mocinho e bandido eram compreensíveis até mesmo para o mais recente imigrante japonês*” (Handa, 1987: 187-189). Os filmes japoneses foram exibidos pela primeira vez em 1929, “*numa sessão de cinema itinerante, com a fundação da Companhia Nipo-Brasileira de Cinema, na cidade de Bauru*”. Esses *cinemas ambulantes* tornaram-se importantes formas de entretenimento dos japoneses que moravam no interior e amenizavam a vida dura que levavam (Handa, 1987: 190).

Com o passar dos tempos alguns imigrantes conseguiram independência na lavoura e passaram a praticar o canto como passatempo. Assim, para alguns, beber e cantar passaram a ser a melhor das diversões. Outros que sabiam tocar o *shamisen* ou *Jamissen* como os *Okinawanos* (imigrantes da ilha japonesa, de Okinawa) sobressaíam-se por tocarem muito bem esse instrumento. Alguns, ainda, tocavam o *shakuhatchi* (instrumento de sopro ou flauta de bambu). Por vezes dançavam animadamente as danças folclóricas, individualmente, enquanto os *Okinawanos* “*praticavam mais a dança coletiva*” (Handa, 1973: 387 e 388).

Os dias de festas principais eram o aniversário do imperador e o Ano Novo. O Natal não tinha muito significado para os imigrantes, que não eram cristãos, enquanto que a passagem do ano e o Ano Novo eram importantes dias de descanso. Era, também, o momento de encontro dos imigrantes velhos e novos, de juntarem-se e beberem. No Ano Novo, no Japão, era costume ir de casa em casa para as saudações, mas, no Brasil, as pessoas cumprimentavam-se mutuamente com *omedetô gozaimassu* (feliz Ano Novo) e, ao invés de tomar o costumeiro café, deliciavam-se com o *tosso e ozôni*. *Tosso* é o saque aquecido e *ozôni* é uma sopa feita com caldo de galinha e peixe seco, bolinhos de arroz, *mitsuba* (folha verde, que dá sabor à comida), *shiitake* (tipo de cogumelo) e tiras de galinha. Porém, como não havia *mochi-gome* (tipo de arroz especial para fazer bolinhos), estes eram feitos à base de farinha. Não se podia sonhar em obter o *konbu* ou *kazu-no-ko*. O *konbu* é a alga marinha seca e o *kazu-no-ko* a ova de peixe (Handa, 1987: 114 e 241).

Algumas pessoas mais hábeis preparavam *soda-manjû*, que é um doce feito de farinha de trigo com recheio de feijão *azuki*. Dependendo das famílias e das colônias, as iguarias variavam desde o frango à moda japonesa, o refogado de bardana, salada de nabo com peixe, vegetal temperado com *missô* até conserva de mamão e

omelete. Havia feijão cozido doce, *yokan* (tipo de doce de feijão), doce de batata-doce e a gelatina vermelha, que faziam parte da mesa do ano novo. Faziam o melhor que podiam (Handa, 1987: 241).

Na noite de 31 de dezembro festejavam com cozido de carne de galinha com batatas e cebolas, pinga e vinho. A pinga era para os homens e o vinho para as mulheres. Mas, para aquelas que não conseguiam beber vinho puro, esta bebida era misturada a água açucarada. Com os nabos fazia-se o *namassu* e, ao invés de *sushi*, fazia-se *nigirimeshi*, com arroz agulha, apesar de não dar o mesmo efeito, em vista de esse arroz ser mais solto. E *quando a pinga subia à cabeça*, alguns começavam a cantar os cantos aprendidos no Japão ou no navio que os trouxera, ou então cantavam canções inventadas por eles mesmos. Por vezes havia até acompanhamento de *shamisen* (Handa, 1987: 114).

No *tenchô-setsu* ou aniversário do Imperador, “*era freqüente a promoção de espetáculos teatrais, que não passavam de imitações do teatro clássico kabuki*” (Handa, 1973:388). Era comum o *undôkai* no *tenchô-setsu*. Nestas festas as famílias levavam seus lanches à moda japonesa, como *onigiri* (bolinhos de arroz) *seki-han* (arroz cozido com *azuki*, que dá tonalidade avermelhada do feijão), *tsuke-mono* e omeletes. Tomavam lanches em conjunto com outras famílias, elogiando reciprocamente as habilidades no seu preparo. Em alguns núcleos de colonização, por ocasião do *tenchossetsu*, além do *undokai*, faziam representações teatrais e a competição de *sumô* (Handa, 1987: 245). Este último era uma atividade que não exigia instalação muito especial para sua prática. Já em 1914, portanto seis anos após a entrada dos imigrantes no Brasil, se tem notícia de um torneio de *sumô* para celebrar o aniversário do Imperador (Kiyotani e Wakisaka, 1992: 553).

Havia também cantores profissionais, que

visitavam as concentrações de japoneses, uma ou duas vezes por ano, para cantarem a Naniwa-bushi, que consistia num recitativo feito em tom baixo, com esforço desenvolvido na parte inferior do ventre, sobre temas épicos (Handa, 1973: 388).

Esse canto se assemelhava a gemido ou uivos, e ocasionava chacota dos moleques brasileiros. Isso deixava os jovens nisseis se sentirem envergonhados quando começava essa cantoria na presença de brasileiros, que desconheciam essa cultura. Os nisseis se aborreciam, intitulado-a “*canta bravo*” ou “*canto bravo*”. Assim, esses cantos foram sendo deixados de lado, dando lugar às danças folclóricas com elaborados vestidos japoneses.

O mês de junho era uma época de muito trabalho devido à colheita do café, mas também de muitas festas:

- O dia 13 era a festa preferida das moças por ser o dia de Santo Antônio (santo casamenteiro), quando algumas faziam votos como, por exemplo, com o chamado “Felipe”, dois grãos de café grudados. Como significava boa sina recebê-los de presente, eram “*trocados entre os jovens*” e quem os recebesse era costume retribuir, com algum presente.
- Dia 24, no dia de São João soltavam-se balões, fazia-se fogueira e dançava-se ao som de sanfonas e violões. Erguia-se mastro ou pau-de-sebo no centro e as pessoas se divertiam com os que tentavam alcançar o topo subindo-o, e caíam escorregando. Assavam-se mandiocas e batatas-doces e faziam-se muitas brincadeiras adivinhatórias.
- O dia 29 era dedicado a São Pedro.

“*Os imigrantes japoneses, no começo, não se entusiasmavam com essas festas*”. No máximo, assistiam à alegre festa tomando o quentão. Mas, com o

tempo e decisão de permanecer no país, passaram a festejar, nos seus agrupamentos, o São João e São Pedro “*como festas das noites de inverno*” (Handa, 1987: 136-137).

Eles se divertiam muito nas festas de casamento, ocasião em que se verificava a presença quase total dos convidados, mais do que nas cerimônias. Eram ocasiões para demonstrar as *habilidades ocultas (kaku-shi-guei)*¹⁵, que constituíam a diversão da festa (Handa, 1973: 389).

Os cantos e as danças eram praticados tanto nas zonas rurais como nas cidades, ao contrário do *ikebana* ou do *cha-no-yu* (cerimonial do chá), que eram praticados na cidade. O cerimonial do chá passou a ser desenvolvido após a Segunda guerra. Mais tarde o *ikebana* passou a ser desenvolvido também na zona rural. Os *haikai* ou o *tanka*, por serem atividades para as quais bastava ter uma folha de papel e um lápis para escrever foram das mais antigas manifestações criativas literárias dos imigrantes. “*Além de suas motivações de inspirações serem enfocadas na natureza*”, tocavam a “*sensibilidade dos habitantes das zonas rurais*”. Os jornais da época davam o devido valor, publicando-os em suas colunas literárias, o que não deixava de ser motivação “*para captação dos leitores*”. Praticavam, também, o *go* e *shogui* (tanto um como outro são tipos de jogo de salão) como diversões e passatempos. Hoje, são poucos os que sabem e continuam jogando. Nos esportes passam a ser praticados cada vez mais o *sumô* e o beisebol (Handa, 1973: 390).

Com o passar dos tempos e a relativa conquista da estabilidade financeira aumentou o número de praticantes de *ikebana*, bailado japonês, o canto e o *shamisen*. A culinária foi sendo divulgada como arte, a jardinagem e o *bonsai* vão aos poucos se mesclando à vida brasileira, com introdução estética de novos olhares e com a colaboração dos jovens arquitetos nisseis brasileiros (Handa, 1973: 412- 413).

¹⁵ Eram momentos para mostrar suas habilidades para cantar, dançar ou representar.

A imprensa e os jornais da época desempenhavam importante papel para os imigrantes, não só para informar os principais acontecimentos como também para a divulgação dos poemas como a *tanka*, *haikai* ou *haiku* (Handa, 1987: 602). O papel que estas poesias desempenharam é de suma importância, pois impediu que se “*deteriorasse de vez a cultura das sociedades agrícolas, perpetuando o gosto que os imigrantes japoneses tanto apreciavam*”. A coluna literária era um espaço para jovens intelectuais se consolarem e externarem “*seus sentimentos e paixões suscitadas pela vida rotineira, mecânica, seca e árdua do interior*” (Handa, 1987: 611). Divulgou, estimulou, orientou, criticou a vida cultural, em relação aos *hobbies*, lazeres, literatura, ideologia, religião, esporte, belas-artes e introduziu ao mundo artístico de atores, cantores e bailarinos de modo geral (Handa, 1987: 606).

Portanto, o lazer e tempo livre dos primeiros imigrantes se resumiam ao banho de *furô* ou *ofurô* para o seu relaxamento, ao prazer do arroz à japonesa ou outro prato de sua preferência, à pinga para desafogar, às conversas sem fim com seus pares e à dedicação dos homens à cultura independente, que proporcionava a alegria do crescimento de suas plantas. As mulheres se dedicavam ao aprimoramento da arte culinária e corte e costura. O desenvolvimento espiritual e cultural era dado com a prática e criação dos seus flashes poéticos do *haikai* e *tanka*, que davam vazão aos seus sentimentos e pensamentos acerca da vida no Brasil.

Crianças sabiam brincar como qualquer criança da roça, criando e entretendo-se com suas brincadeiras. Os jovens, além dos estudos e afazeres nas escolas e associações criadas por seus pais, deliciavam-se com histórias dos desenhos em quadrinhos e alguns ainda praticavam o *sumô* e, mais tarde, formaram times de beisebol.

As atividades, como o cerimonial do chá ou *ikebana*, eram praticadas, principalmente na área urbana. Posteriormente, o *ikebana* passou a ser praticado nas áreas de aglomeração rural da comunidade.

As festas e eventos davam alegria, entretenimento e diversão com suas danças, cantos, música e representações teatrais. Eram, também, momento de encontros sociais, de conhecer o outro, de troca de idéias, de expor e mostrar suas habilidades artísticas (*kakushigui*).

Com a melhoria das condições de vida e aumentado o tempo livre, cresceu o interesse pela procura e dedicação às atividades diversificadas nas associações ou clubes ou eventos da própria comunidade e outros da sociedade brasileira em geral, ampliando o leque de suas necessidades, subindo na escala piramidal de Maslow, para satisfação e aprimoramento de suas potencialidades ou por puro entretenimento e lazer ou relaxamento de suas tensões.

ANEXOS

This document was created with Win2PDF available at <http://www.daneprairie.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.

I- CARACTERÍSTICAS DOS SUJEITOS POR GÊNERO, IDADE, ESCOLARIDADE, EDUCAÇÃO INFORMAL E LAZER

Número de ordem	Nome/Código	Data da aplicação	Local da aplicação	Gênero	Idade	Escolaridade	Educação Informal	Lazer Ativo	Lazer Passivo
1	Antonio	18/09/2004	CIATE	M	42	Médio Incompleto	S	X	
2	Everson	18/09/2004	CIATE	M	27	Mestrado cursando	N	X	
3	Manabu	11/10/2004	CIATE	M	36	Superior completo	S	X	
4	André	11/10/2004	CIATE	M	25	Médio completo	S	X	
5	Akemi	29/10/2004	CIATE	F	62	Médio completo	N		X
6	Samantha	29/10/2004	CIATE	F	28	Médio completo	S	X	
7	Cássio	05/11/2004	CIATE	M	27	Superior completo	S	X	
8	Daniel	05/11/2004	CIATE	M	22	Médio completo	S	X	
9	Akemi	09/11/2004	Escola Municipal	F	46	Médio cursando	S	X	
10	Clarice	09/11/2004	Escola Municipal	F	44	Superior incompleto	S	X	
11	Erica	01/12/2004	Particular	F	33	Médio completo	S	X	
12	Márcia	01/12/2004	Particular	F	22	Superior incompleto	S	X	
13	Massae	10/12/2004	CIATE	F	60	Médio completo	S		X
14	Massashi	10/12/2004	CIATE	M	62	Fundamental incompleto	S		X
15	Elza	14/12/2004	CIATE	F	41	Médio completo	S	X	
16	Eliana	17/12/2004	Bunkyo	F	38	Médio completo	N	X	
17	Regina	17/12/2004	Bunkyo	F	26	Superior incompleto	S	X	
18	Márcia	29/01/2005	CIATE	F	36	Médio completo	N	X	
19	Ronaldo	29/01/2005	CIATE	M	28	Superior completo	N	X	
20	Yoko	19/03/2005	Particular	F	58	Superior completo	S	X	
21 *	S/Nome 1	08/10/2004	CIATE	M	57	Superior completo	S	X	
22 *	S/Nome 2	08/10/2004	CIATE	F	55	Médio completo	N	X	
23 *	S/Nome 3	08/10/2004	CIATE	F	45	Superior incompleto	S	X	
24 *	Erica	29/01/2005	CIATE	F	32	Superior completo	S	X	

Obs.: * Sujeitos que apenas preencheram o formulário e não participaram da entrevista

II - ATIVIDADES E EVENTOS ESPORTIVOS, CULTURAIS E SOCIAIS

Nome/Código		Atividades e eventos esportivos					Atividades e eventos culturais								Atividades e eventos sociais								Lazer	Gênero	
		Futebol	Volei	Ginástica	Aikidô	Total	Estudo de Língua Estrangeira	Cinema	Música	Teatro	Dança	Culinária	Artesanato	Visita Cultural	Total	Encontro c/ amigos	Karaokê	Festas	Passeio	Baile	Show	Voluntariado	Total	S/N	M/F
1	Antonio						X								1			X	X				2	S	M
2	Everson				X	1											X					X	2	S	M
3	Manabu	X				1		X		X					2									S	M
4	André	X				1		X	X						2									S	M
5	Akemi																							N	F
6	Samantha			X		1		X			X				2									S	F
7	Cássio						X								1							X	1	S	M
8	Daniel						X			X					2						X		1	S	M
9	Akemi											X			1			X				X	2	S	F
10	Clarice										X				1	X			X				2	S	F
11	Erica							X		X			X		3									S	F
12	Márcia			X		1	X								1			X					1	S	F
13	Massae																							N	F
14	Massashi																							N	M
15	Elza															X		X	X				3	S	F
16	Eliana						X	X							2	X							1	S	F
17	Regina							X							1	X						X	2	S	F
18	Márcia		X			1										X			X				2	S	F
19	Ronaldo						X	X						X	3									S	M
20	Yoko			X		1		X							1					X			1	S	F
21	s/nome (1)						X	X	X						3									S	M
22	s/nome (2)																					X	1	S	F
23	s/nome (3)						X	X							2									S	F
24	Erica						X								1	X	X						2	S	F
Total		2	1	3	1	7	9	10	2	3	1	2	1	1	29	6	2	4	4	1	1	5	23		

III - ATIVIDADES E EVENTOS - SEUS BENEFÍCIOS

	Nome/Código	a) Favorecem a amizade	b) Divertem e/ou entretém	c) Melhoram seu relacionamento familiar	d) Relaxam ou descansam	e) Fazem descobrir habilidades e/ou capacidades	f) Fazem você se sentir realizado e feliz	g) Melhoram o seu estado de espírito	h) Permitem sair da rotina e da mesmice	i) Outros: Fazem bem socialmente	j) Outros: Fornecem informações
1	Antonio	X		X				X			
2	Everson		X		X	X					
3	Manabu						X	X	X		
4	André	X			X				X		
5	Akemi	X			X				X		
6	Samantha				X		X		X		
7	Cássio	X					X		X		
8	Daniel		X	X				X			
9	Akemi	X			X		X				
10	Clarice	X		X		X					
11	Erica				X	X		X			
12	Márcia				X	X			X		
13	Massae		X							X	
14	Massashi		X		X			X			
15	Elza	X	X				X				
16	Eliana	X			X						
17	Regina				X	X	X				
18	Márcia	X	X					X			
19	Ronaldo							X			
20	Yoko	X		X			X				
21	s/nome (1)		X			X					
22	s/nome (2)					X	X				X
23	s/nome (3)	X				X	X				
24	Erica	X	X						X		
Total		12	8	4	10	8	9	7	7	1	1

This document was created with Win2PDF available at <http://www.daneprairie.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.